ISAAC ASIMOV

Enigmas dos Viúvos Negros

À memória de Linwood V. Carter (1930-1988) e John D. ("Doc") Clark (1907-1988) que serviram de inspiração para Mario Gonzalo e James Drake, respectivamente.

<u>Sumário</u>

INTRODUÇÃO

Minha primeira história dos Viúvos Negros, "The Acquisitive Chuckle", foi escrita em 1971 e publicada na edição de janeiro de 1972 do Ellery Queen's Mystery Magazine. Minha intenção era a de parar por aí, mas Frederic Dannay (um dos dois autores que eram Ellery Queen) achou que a história poderia se trans formar numa boa série. Assim, resolvi prosseguir e até agora já escrevi nada menos do que sessenta dessas histórias, que agrupei em coletâneas de doze contos cada uma. A presente coletânea, Enigmas dos Viúvos Negros, é a de número cinco.

Entre a primeira e a sexagésima histórias, porém, dezessete anos se passaram, o que significa que muita coisa mudou. Por exemplo, acho que estou no mínimo três ou quatro anos mais velho do que era há dezessete anos, mas pode ser que isto não passe de uma manifestação do meu pessimismo nato. Outra mudança muito mais séria foi a morte de Fred Dannay em 1982, uma grande perda para todos os escritores de histórias de mistérios.

Muita coisa mudou, também, no clube em que tais histórias se passam. Em coletâneas anteriores, expliquei que na vida real há uma organização chamada "The Trap-Door Spiders" ("Aranhas de Alçapão"), que existe há mais de quarenta anos e em muito se assemelha ao Clube dos Viúvos Negros. Para ser franco, não tive o menor escrúpulo em copiar da primeira a forma que dei à segunda.

Usei seis dos "Spiders" como modelos para os meus Viúvos Negros, escolhendo-os mais ou menos ao acaso e me certificando de eles estavam de acorda Usei-os apenas como modelos para o aspecto físico de meus personagens e para algumas de suas características discursivas (por exemplo, a mania de Emmanuel Rubin de opinar em tudo, o "pavio curto" de Thomas Trumbull, o pedantismo ocasional, mas adorável, de Geoffrey Avalon, entre outras).

Registro aqui os nomes das pessoas verdadeiras que estão por trás dos meus Viúvos Negros:

Lester del Rey – Emmanuel Rubin
L. Sprague de Camp – Geoffrey Avalon
Don Bensen – Roger Halsted
Lin Carter – Mario Gonzalo
Gilbert Cant – Thomas Trumbull
John D. Clark – James Drake

Passados dezessete anos, o clube dos “Trap-Door Spiders” ainda existe e está se fortalecendo mas é claro que houve mudanças no seu quadro de membros. Alguns dos antigos membros já faleceram e novos membros foram eleitos.

Assim, para o meu pesar, três daqueles que transformei em alter-egos dos Viúvos Negros passaram para o Perpétuo Banquete do céu. São eles Gilbert Cant, falecido em 1982, Lin Carter e John D. Clark, ambos falecidos em 1988.

Não obstante, seus alter-egos continuam Viúvos Negros e continuarão a sê-lo enquanto eu ocupar este corpo que envelhece. E nenhum deles vai ficar velho, doente ou inválido. Dentro das histórias dos Viúvos Negros, o tempo não existe e os enigmas continuarão indefinidamente.

Devo acrescentar uma vez mais que Henry não foi concebido a partir de um modelo real. Ele é criação minha (apesar de mais de uma pessoa ter achado que eu tinha em mente o “Jeeves” da P. G. Wodehouse ao criá-lo; e como sou um idólatra de PGW, é bem possível que tenha sido isso mesmo). Também Henry jamais envelhecerá e – fiquem tranqüilos – jamais se verá num beco sem saída. Enquanto eu viver, ele continuará a resolver cada enigma à medida em que aparecerem.

O QUARTO HOMÔNIMO

– Homônimos! – disse Nicholas Brant, convidado de Thomas Trumbull no jantar mensal dos Viúvos Negros. Brant era um homem bem alto com olhos empapuçados, que se evidenciavam mais por sua aparência jovem. O rosto era magro e bem barbeado e os cabelos castanhos não apresentavam até agora qualquer sinal de estar ficando grisalhos. – Homônimos – disse ele.

– O quê? – perguntou Mario Gonzalo, sem entender.

– Essas palavras que você chama de "palavras de mesma pronúncia"... O nome adequado para elas é "homônimos".

– É mesmo? – disse Gonzalo. – Como se soletra isto?

Brant soletrou.

Emmanuel Rubin fitou Brant com seus olhinhos de coruja através das grossas lentes dos óculos e disse:

– O senhor terá de perdoar Mario, Sr. Brant. Ele não conhece a nossa língua.

Gonzalo bateu com a mão na manga da jaqueta para tirar o pó e disse:

– Manny está se corroendo de inveja porque eu inventei um jogo de palavras. Ele conhece bem as palavras, mas não possui um lampejo sequer de criatividade, e isto o mortifica.

– O Sr. Rubin certamente não sofre de falta de criatividade – disse Brant calmamente. – Tive a oportunidade de ler alguns de seus livros.

– Bem, eu *sustento* o que disse – confirmou Gonzalo. – De qualquer forma, acho que vou dar ao meu jogo o nome de "homônimos" em vez de "palavras de mesma pronúncia". Trata-se de solucionar uma pequena situação-problema, sintetizando-a em duas palavras de mesma pronúncia, em dois homônimos. Vou dar um exemplo: se o céu está perfeitamente claro, é fácil decidir sair para fazer um piquenique ao ar livre. Se estiver cho-

vendo a cântaros, é fácil decidir não sair para fazer um piquenique. Mas digamos que o tempo esteja nublado e exista uma previsão de pancadas de chuva; só que no céu há pontos de azul aqui e ali, de tal sorte que você não consegue decidir-se sobre o piquenique. Que nome daria a essa história?

– Uma história estúpida – disse Trumbull num tom áspero, passando a mão em seus cabelos grisalhos ondulados.

– Ora, vamos lá – disse Gonzalo –, vamos jogar. A resposta está em duas palavras de mesma pronúncia.

Fez-se um silêncio geral e Gonzalo disse:

– A resposta é *whether weather*[*]. É o tipo de tempo (weather) diante do qual você considera se (whether) vai sair para o piquenique ou não. "*Whether weather*", pegaram?

James Drake apagou o cigarro e disse:

– Pegar nós pegamos, o problema é saber como nos livrar dessa tolice.

Roger Halsted, com sua voz suave, observou:

– Não ligue, Mario. É um jogo de salão bastante razoável, exceto pelo fato de que não parece haver muitas combinações que se possam usar.

Geoffrey Avalon olhou com seriedade do alto de seus quase 1,90 metro e disse:

– Mais do que você imagina. Suponha que você tivesse um carneiro castrado que fosse brincalhão nos dias de sol e extremamente triste nos dias chuvosos. Se o tempo estivesse apenas nublado, você ficaria imaginando se o seu carneiro castrado ficaria feliz ou triste. E neste caso, a resposta seria "*whether wether weather*".

Ouviu-se um coro de Ahs! indignados.

Ponderadamente, Avalon explicou:

– A primeira palavra é w-h-e-t-h-e-r, que significa "se". A última é w-e-a-t-h-e-r, que diz respeito às condições atmosféri-

---

[*] Em inglês, whether – conjunção "se" e "wheather" – "condição atmosférica"

cas. A palavra do meio é w-e-t-h-e-r, que significa um carneiro castra do. Procurem no dicionário, se não acreditam em mim.

– Não se dêem a esse trabalho – disse Rubin. – Ele está certo.

– Repito que este é um jogo estúpido – resmungou Trumbull.

– Isto não é necessariamente um jogo – disse Brant. – Os advogados conhecem muito bem as ambigüidades embutidas na linguagem, e os homônimos podem causar problemas.

Por alguma alquimia peculiar a seu organismo, a voz suave de Henry, aquele garçom insubstituível, fez-se ouvir por sobre a algazarra.

– Cavalheiros – disse ele –, desculpem-me por ter de interromper esta discussão tão calorosa, mas o jantar está servido.

– Ouçam esta outra – disse Gonzalo – debruçando-se sobre a truta fumegante. Alguém escreveu num papel todos os números e com todos, exceto um, desenhou uma carinha muito simpática. Uma criança assiste a tudo deleitada, mas fica insatisfeita porque faltou completar o jogo. O que ela diz?

Halsted, que derramava delicadamente um molho de rábano picante sobre a sua truta, disse:

– A criança diz "Do that to two, too"[*]

– Você já tinha ouvido essa? – perguntou Gonzalo um tanto desapontado.

– Não – respondeu Halsted –, mas é um exemplo matemático do jogo. E de que vale ensinar matemática no 1º grau, se não sou capaz de resolver problemas que envolvam o número 2?

Gonzalo franziu as sobrancelhas.

– Você está tentando ser engraçado, não é, Roger?

– Quem? Eu?

Trumbull interveio:

– Como anfitrião da noite, gostaria de sugerir que mudássemos de assunto.

Ninguém pareceu ouvir.

---

[*] Faça com os dois também

– Os homônimos são, em geral, acidentes de percurso na história da linguagem – disse Avalon. – Por exemplo a palavra “night”, com a qual me refiro ao antônimo de dia, é cognata do alemão “Nacht”, ao passo que “knight”, que significa um cavaleiro da Távola Redonda, é cognata do alemão “Knecht’ No inglês, as vogais sofreram uma alteração, e como a letra k é invariavelmente muda na inicial kn, o resultado são duas palavras de pronúncia idêntica.

– O k da inicial kn não é invariavelmente mudo – disse Rubin. – Há palavras que ainda não foram totalmente anglicizadas. Vejam este exemplo: um amigo meu, judeu, casou-se com uma jovem cristã. Ansiosa por agradar a seu novo marido ela resolveu comprar-lhe algumas especialidades judaicas, que exibiu com orgulho. Ao terminar de relacionar suas compras, disse: “E também comprei esse ‘nisch’ para você”, ficando muito embaraçada quando ele teve um ataque de riso.

– Não entendi – disse Drake.

Impaciente, Rubin explicou:

– A palavra é ‘knisch’ com um k bem pronunciado. É uma bola de massa fina, oca, recheada com batata amassada e temperada com ervas, ou então com outro recheio qualquer, que pode ser frita ou assada. Qualquer nova-iorquino sabe disso.

Trumbull suspirou e disse:

– Bem, se não dá para derrotar o inimigo, é melhor juntar-se a ele. Alguém poderia me dar um grupo de quatro homônimos, quatro palavras de mesma pronúncia com grafia e significado diferentes em cada caso? Vocês têm cinco minutos, durante os quais espero que se faça um silêncio sagrado.

Os cinco minutos até que foram bem suportáveis, e tudo o que se ouviu foi o estalar das cascas de lagostas martelando os tímpanos. Finalmente, Trumbull disse:

– Vou dar.lhes uma das palavras: “right”, que significa “direita”, o antônimo de esquerda. Quais são os outros três homônimos?

Com a boca cheia de lagosta, Halsted disse:

– Existe “wríte”, que significa ‘escrever” e “rite”, que significa “rito”, um procedimento religioso determinado. Não acredito que haja um quarto homônimo.

Avalon interveio:

– Existe, sim. É w-r-i-g-h-t, que significa “mecânico”.

– Este termo é arcaico – protestou Gonzalo.

– Não de todo – explicou Avalon. – Ainda dizemos “playwright” ao nos referirmos ao dramaturgo, àquele que escreve peças de teatro.

– Meu amigo Tom mencionou “right” como o antônimo de esquerda. – disse Brant. – Mas e “right” como o antônimo de errado e “right” significando o ângulo reto? Por acaso estes não seriam o quinto e o sexto homônimos?

– Não – respondeu Gonzalo – Para que as palavras sejam homônimas, é preciso que sua grafia seja diferente, pelo menos neste jogo que eu inventei.

– Nem sempre, Mario. – disse Avalon. – Duas palavras podem ter a mesma grafia mas significados e origens etimológicas diferentes. E neste caso elas seriam homônimas. Por exemplo: “bear” significando “urso” e o verbo “bear”, que significa “carregar”, têm a mesma grafia e a mesma pronúncia, mas origens diferentes. Assim, eu também as chamaria de homônimos, ao lado de “bare”, que significa “nu”, naturalmente. Os diferentes empregos de “right”, contudo, tal como em “right hand” (mão direita), “right answer” (resposta certa) e “right angle” (ângulo reto), todos vêm da mesma raiz de mesmo significado. Não são homônimos, portanto.

A conversa prosseguiu por mais quinze minutos, até que Trumbull achou que era hora de bater com a colher no copo de água para pôr um fim à conversa.

– Em nenhum outro jantar dos Viúvos Negros tive tanta satisfação em terminar uma conversa como agora. Como anfitrião, se eu tivesse poder absoluto, multaria Mario em cinco dólares por tê-la começado.

– Você também participou dela, Tom – disse Mario.

– Em defesa própria, e depois calei a boca – disse Trumbull – Gostaria de apresentar meu convidado, Nicholas Brant. Jeff, você parece civilizado, ainda que tenha "homonimizado" mais do que qualquer outro; portanto, faça as honras da casa e comece a rodada de perguntas.

Avalon ergueu as espessas sobrancelhas e disse:

– Não me parece que "homonimizado" seja um termo adequado à nossa língua, Tom. – Depois, virando-se para o convidado: – Sr. Brant, como o senhor justifica a sua existência?

Brant esboçou um sorriso amarelo:

– Como advogado, acho que não posso fazê-lo. Vocês talvez conheçam uma piada velha: quando Deus ameaçou processar Satã, este último respondeu: "E como você vai fazer isto, se tenho todos os advogados sob meu poder?" Em minha defesa, porém, não sou o tipo de advogado que usa de truques diante de um juiz e de um júri. Na maioria das vezes, sento-me em meu escritório e tento redigir documentos que realmente signifiquem o que se espera que signifiquem.

– Eu também sou advogado, por isso vou lhe fazer uma pergunta sem qualquer má intenção – disse Avalon. – O senhor nunca tenta redigi-los de maneira a que não signifiquem o que se espera que signifiquem? Em outras palavras, o senhor não tenta ser evasivo?

– É claro que procuro formular um documento que garanta ao meu cliente a maior liberdade de ação, e à outra parte a menor liberdade de ação possível – respondeu Brant. – Entretanto, a outra parte também tem um advogado que trabalha com afinco no sentido contrário e o resultado disso geralmente é um contrato razoavelmente bem amarrado em ambas as direções.

Avalon fez um pausa e acrescentou:

– Se bem me lembro, na discussão anterior, sobre os homônimos, o senhor disse que os homônimos são ambigüidades que podem causar problemas. Isso significa que na elaboração de algum contrato o senhor recorreu a um homônimo, intencional e profissionalmente, que lhe trouxe complicações inesperadas?

Brant ergueu ambas as mãos:

– Não, não, nada disso. O que eu tinha em mente quando fiz aquela afirmação não tem nada a ver com o assunto que estamos discutindo agora.

Avalon correu o dedo pela borda do copa

– Sr. Brant, procure entender. Isto aqui não é um exame da ordem dos advogados. Não há um assunto especial em discussão e nada é irrelevante. Eu insisto na minha pergunta.

Brant ficou em silêncio por algum tempo, depois disse:

– Foi algo que aconteceu há pouco mais de vinte anos. Algo em que tenho pensado ocasionalmente desde então. O jogo inventado pelo Sr. Gonzalo sobre os homônimos trouxe-me o caso de volta à lembrança, mas... não é nada. Não se trata de nenhuma questão legal nem qualquer tipo de complicação. É apenas... um enigma. Um problema insolúvel que não vale a pena discutir.

– É confidencial? – perguntou Gonzalo. – Porque se for...

– Não, nada de confidencial – respondeu Brant. – Nada que envolva segredo ou impressione... nada de interessante, portanto.

– Tudo o que é insolúvel é interessante. Você não concorda, Henry? – perguntou Gonzalo.

Henry, que enchia os cálices de brandy, disse:

– Concordo, desde que haja pelo menos espaço para especulações, Sr. Gonzalo.

– Muito bem, – começou Gonzalo. – Então, se...

Avalon interrompeu-o:

– Mario, deixe-me continuar, por favor. Sr. Brant, será que o senhor não poderia nos fornecer maiores detalhes sobre este seu enigma? Gostaríamos muito de ouvi-lo.

– Vocês vão ficar muito decepcionados.

– É um risco que corremos.

– Muito bem – disse Brant. – Deixem-me lembrar...

Apoiou o rosto nas mãos, pensativo, enquanto os seis Viúvos Negros o observavam, ansiosos. Como de costume, Henry tomou seu lugar ao lado do aparador.

– Deixem-me começar por Alfred Hunzinger – disse Brant. – Garoto pobre, filho de uma família de imigrantes, teve uma educação que nem vale a pena mencionar. Tenho certeza de que

nunca chegou a freqüentar o 2º grau. Aos quatorze anos já trabalhava. Eram os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, e a educação estava longe de ser considerada um direito nato, ou mesmo algo particularmente desejável para aqueles homens que se costumava chamar de operários. Mas Hunzinger não era o que vocês imaginam que seja um operário. Era incrivelmente esforçado e inteligente. Vocês sabem que a inteligência e a educação nem sempre caminham lado a lado.

Rubin concordou, decidido:

– De fato não. Eu mesmo conheço uns completos idiotas de esmerada educação.

– Hunzinger era o contrário – disse Brant. – Era um gênio dos negócios sem nenhuma formação. Tinha um dedo verde, por assim dizer, mas do verde das cédulas de dólar. Tudo em que tocava prosperava e ele construiu um maravilhoso império de negócios antes de morrer. Mas isto não lhe bastava. Sua falta de estudo sempre o incomodou muito, e ele acabou embarcando num programa de estudos por correspondência. A coisa não tinha muita continuidade, pois os negócios eram sua primeira preocupação, e havia épocas em que não tinha muito tempo. Além disso, tudo era muito irregular, pois ele lia sem qualquer critério e sem orientação de alguém de fora. Em suas conversas, revelava uma curiosa mistura de pedantismo e ingenuidade.

– O senhor o conheceu bem de perto, suponho – disse Avalon.

– Não muito bem. Não na intimidade – respondeu Brant.

– Fiz alguns trabalhos para ele, O principal deles foi a preparação de seu testamento. E isto, quando feito adequadamente, havendo complexos assuntos de negócios a considerar, leva muito tempo e o resultado é um extenso documento. Periodicamente, ele precisa ser atualizado ou revisto, e a redação reconsiderada com cuidado à luz das leis tributárias que se alteram com freqüência. Podem acreditar que foi um trabalho e tanto. Tive de passar muitas horas com ele, além de manter uma correspondência muito ativa. Mas foi uma relação muito limitada e especial. Cheguei a conhecer bem a natureza de suas finanças, mas não passei de um conhecimento superficial dele enquanto pessoa.

– Ele tinha filhos? – perguntou Halsted.

– Sim – respondeu Brant. – Casou-se tarde, aos quarenta e dois anos, se bem me lembra Sua esposa era consideravelmente mais jovem. O casamento, ainda que não fosse um mar de rosas, foi bem sucedido. Não houve divórcio, nem mesmo se chegou a cogitar sobre isso, e o Sr. Hunzinger faleceu há uns de cinco anos apenas, O casal teve quatro filhos, três meninos e uma menina. A jovem fez um bom casamento. Ainda vive, continua casada, tem filhos e continua muito bem de vida, como sempre esteve. Seu nome quase não figura no testamento. Ainda em vida, o Sr. Hunzinger passou alguns investimentos para o nome dela, e isto é tudo. Os negócios foram repartidos em três partes iguais, um terço para cada um dos filhos homens, que se chamam Frank, Mark e Luke.

– Nesta ordem de idade? – perguntou Drake.

– Sim, O mais velho, para citar sua assinatura oficial, é B. Franklin Hunzinger. O filho do meio é Mark David Hunzinger. O mais jovem chama-se Luke Lynn Hunzinger. É claro que alertei Hunzinger para o fato de que ele poderia vir a ter problemas, caso deixasse os negócios divididos em partes iguais para os três filhos. O patrimônio poderia ser dividido em partes iguais, mas o poder diretivo, o poder de tomar decisões teria de ser colocado nas mãos de um deles. Mas o velho Hunzinger era muito inflexível no que dizia respeito a essa questão. Dizia que criara seus filhos de acordo com os ideais da velha república romana; que eles lhe eram fiéis, a ele, o *paterfamilias* – e empregou efetivamente este termo, para minha total surpresa –, e a cada um mutuamente. Insistia em que não haveria qualquer problema. Tomei a liberdade de salientar que eles poderiam ser filhos ideais enquanto ele, Hunzinger, vivesse e assumisse a direção dos negócios com sua personalidade forte. Mas que depois de sua morte, rivalidades latentes poderiam vir à tona. Nunca, dizia ele, nunca. Julguei-o ingênuo e fiquei pensando em como uma pessoa tão viva para farejar de longe qualquer sinal de embuste em seus negócios, como uma pessoa tão realista em assuntos do

mundo podia ser um romântico tolo no que dizia respeito à sua família.

– Como se chamava a filha? – perguntou Drake.

– Claudia Jane – disse Brant. – Não me lembro de seu sobrenome de casada, no momento. Por que pergunta?

– Por simples curiosidade. Ela devia ter ambições também, não?

– Não acredito. Pelo menos não com respeito aos negócios. Ela deixou bem claro que não esperava nem queria qualquer parte deles. Seu marido era rico, tinha fortuna, posição social, essas coisas. A última coisa que ela queria era ser identificada com aquilo que era, por assim dizer, uma gigantesca loja de ferragens.

– Compreendo – disse Drake.

– Devo admitir que a família parecia viver em perfeita harmonia – disse Brant. – Eu encontrava os filhos de vez em quando, sozinhos ou em grupo, e eles me pareciam rapazes muito re finados, perfeitamente à vontade entre si e, obviamente, devotados a seu pai. Com uma coisa e outra, cheguei a um ponto do meu relacionamento com a família em que lhes pareceu apropriado me convidar para a festa dos oitenta anos do chefe da família. Foi nesse dia que Hunzinger teve o ataque do coração que acabou por levá-lo. Não foi uma coisa totalmente inesperada. Há anos ele vinha apresentando problemas cardíacos. A infelicidade foi o fato ter acontecido bem no dia do seu aniversário. A festa acabou por aí, é claro. Recostaram-no delicadamente no sofá mais próximo e chamaram os médicos. Passou a reinar na casa uma espécie de pandemônio. E a confusão foi tão grande, que acabei ficando por lá. Pode parecer mórbido, mas eu achava que tinha algo a fazer ali. Ele ainda não tinha apontado nenhum dos filhos para substituí-lo à frente da empresa. Era tarde demais para pensar em algo por escrito. Mas se pelo menos ele conseguisse dizer alguma coisa, isto poderia ser de alguma valia. Os filhos, suponho, não sabiam o que eu tinha em mente. Estavam todos lá, é claro. A mãe fora levada para outro lugar em estado de choque. Ninguém parecia notar minha presença. Inclinei-me

sobre o Sr. Hunzinger, aproximei-me de seu ouvido e disse: "Qual dos seus filhos deve ser o cabeça da empresa, Sr. Hunzinger?" Era tarde demais. Seus olhos estavam fechados e ele respirava com dificuldade. Fiquei pensando se ele tinha me ouvido. Um médico se aproximava e eu sabia que ele não iria permitir que eu continuasse, por isso rapidamente tentei de novo. Desta vez, as pálpebras do moribundo tremeram e seus lábios se moveram como se ele estivesse tentando dizer alguma coisa. Mas ele só conseguiu produzir um som. Parecia ser a palavra "to". Não ouvi nada mais além disso. Ele ficou deitado ali por mais uma hora, mas não disse nada. Morreu sem recobrar a consciência, no mesmo sofá em que o tinham colocado. E é tudo.

– E o que aconteceu aos negócios? – perguntou Gonzalo.

– Nada – respondeu Brant, num tom que denotava uma grande surpresa. – O velho estava certo. Os três filhos se dão maravilhosamente bem. Formam uma espécie de triunvirato. Quando é preciso tomar uma decisão, eles se reúnem e decidem logo. É realmente incrível! Se a moda pega, os advogados vão morrer de fome.

– Então não importa o que o velho disse, não é? – perguntou Gonzalo.

– Nem um pouco, exceto que por algum tempo aquilo aguçou minha curiosidade. O que ele estaria tentando dizer? Vocês compreendem a dificuldade, suponho?

– Claro – disse Drake, passando a mão em seu bigodinho grisalho. – Não dá para fazer muita coisa com a palavra "to".

– Pior do que isto – completou Brant. – Que homônimo poderia ser? Teria sido t-o ("para"), t-o-o ("também") ou t-w-o ("dois")? Há três "tos" na língua inglesa. Qual teria sido aquela ultima sentença, por escrito? As vezes fico tentando imaginar. Sim, porque você pode dizer três "tos" diferentes, pois todos os três têm a mesma pronúncia, mas ao escrevê-los tem de optar por um, pois cada homônimo tem uma grafia diferente.

– Eu diria o seguinte: há três palavras que se pronunciam como t-o-o – observou Avalon. – A vogal dobrada é o meio me-

nos ambíguo de indicar a pronúncia que as três compartilham, e você a soletra.

– Bem, de qualquer forma, ainda que tivesse sido t-o-o, isto não teria ajudado muito.

– Poderia não ter sido uma palavra, Nick? – disse Trumbull – Suponha que ele estivesse dizendo uma palavra maior, tal como "constituição". São quatro sílabas e ele só conseguiu proferir a terceira. Neste caso, tudo o que você teria ouvido seria o t-o-o.

– Pode ser – disse Brant. – Não posso provar que não tenha sido isto. Por outro lado, na época, tive a impressão de que era uma palavra, um dos três t-o-os que vocês querem descobrir como se escreve. Acho que estava tentando desesperadamente ler seus lábios e ele deve ter dito "a liderança para ("to") fulano de tal" e eu só ouvi o "to". O que não significa nada. Como disse, isto não importa. Os filhos estão indo muito bem. Pelo menos até agora...

Brant sacudiu a cabeça.

– Como advogado, incomoda-me ver que cheguei tão perto de fazer a coisa legalmente certa. Ainda que ele estivesse se recusando a escolher um dos filhos. Ainda que estivesse dizendo "para (" to") nenhum", ele estaria expressando seu último desejo e isto teria sido bem melhor do que optar por uma coisa pela falta de outra. Assim, por algum tempo fiquei pensando nisso. E agora vocês colocaram de novo essa pulga atrás da minha ore lha, de sorte que vou continuar pensando nisso por algum tempo. E sem chegar a lugar algum, porque não há um lugar a que se chegar.

Um silêncio pesado desceu sobre a mesa, um silêncio que foi finalmente quebrado por Gonzalo:

– Pelo menos é uma versão interessante do jogo dos homônimos. Qual dos homônimos teria sido?

– Que diferença faz? – disse Trumbull – Nenhum dos três nos ajudaria a decifrar o que o velho Hunzinger estava tentando dizer.

– Eu disse a vocês – lembrou Brant num tom sombrio. – É um problema sem solução. Simplesmente as informações não são suficientes.

– Nós não precisamos solucionar o problema – disse Halsted – já que não há uma crise a ser resolvida, nem um criminoso a quem tenhamos de punir. Tudo o que temos a fazer é encontrar uma saída razoável para aliviar esse peso da sua cabeça. Por exemplo, suponha que ele estivesse dizendo t-w-o (“dois”).

– Sim, vamos supor – disse Avalon.

– Neste caso, pode ser que ele estivesse dizendo qualquer coisa como “Ao filho número dois (“two”)”,

Brant sacudiu a cabeça e disse:

– A impressão que tive foi de que o t-o que ouvi estava no meio da mensagem. Seus lábios moveram-se antes e depois do t-o que eu ouvi.

– Acho que você não deveria se guiar por isto – disse Rubin. – Ele mal conseguia controlar os lábios. Parte do que você pensou ser um movimento poderia ter sido apenas um tremor.

– O que só piora as coisas – disse Brant.

– Agora espere um pouco – disse Halsted. – A minha idéia funciona mesmo com a palavra no meio da mensagem. Poderia ter sido qualquer coisa como “O filho número dois (“two”) fica com ela”.

– Charlie Chan teria dito isto, mas será que Hunzinger falaria assim? – resmungou Trumbull – Al, você alguma vez ouviu o homem referir-se a seus filhos por números?

– Não, acho que nunca ouvi – respondeu Brant.

– Muito bem... e por que cargas d’água ele começaria a fazê-lo justamente no leito de morte?

– Estou pensando... – disse Rubin. – Raciocinem comigo: seu segundo filho chamava-se Mark, que também é o nome do apóstolo que escreveu o segundo evangelho. Seu terceiro filho chamava-se Luke, que também é o nome do apóstolo que escreveu o terceiro evangelho. Aposto que se ele tivesse tido um quarto filho, seu nome teria sido John.

– E qual é a vantagem de se apostar nisso? – perguntou Gonzalo – A gente nunca vai saber quem ganhou a aposta.

– Então por que o nome do primeiro filho não era Matthew? – perguntou Avalon.

– Talvez o velho Hunzinger só tenha pensado nisso depois do nascimento do seu primeiro filho – disse Rubin. Talvez ele simplesmente não gostasse do nome “Matthew”. Seja como for, quer me parecer que se a palavra fosse t-w-o (“dois”) ela teria um duplo significado Poderia se referir ao segundo filho e ao segundo testamento, e em ambos os casos diria respeito a Mark.

– Você pode encontrar um milhão de razões pelas quais o número dois (“two”) apontasse para Mark; mas junte todas elas e ainda assim a probabilidade de elas o terem levado a dizer “meu filho número dois” não é maior do que a seguinte: por que ele simplesmente não teria dito “Mark” se quisesse referir-se a Mark?

– Bem, ele poderia ter dito “para (to) Mark”, e tudo o que eu ouvi foi a primeira palavra, – disse Brant.

– Sr. Brant, pergunto-me se alguma vez o senhor percebeu se o velho Sr. Hunzinger confiava num de seus filhos mais do que nos outros, ou então se apreciava mais a sagacidade nos negócios em um de seus filhos, ou mesmo se amava um deles mais do que os outros – disse Avalon.

Brant abaixou a cabeça, pensativo- Depois sacudiu-a negativamente:

– Não posso afirmar nada. Não tenho qualquer lembrança nesse sentido. Como disse, meu relacionamento com a família não era de uma amizade pessoal calorosa. Era uma relação de negócios, pura e simplesmente. O velho jamais me confiou assuntos familiares que fossem além do que era estritamente relevante para o testamento.

– Por que insistimos em falar sobre os filhos? – disse Gonzalo. – Como saber se o velho não estaria pensando em sua filha? Suponha que ele tenha deixado os negócios repartidos em três partes iguais para os filhos, mas quisesse sua filha à frente das decisões mais importantes. Ele poderia achar que ela tinha o melhor

senso para os negócios e que seria capaz de ser a manda-chuva, embora não quisesse estar diretamente ligada aos negócios.

– O que o faz pensar assim, Mano? – perguntou Avalon.

– Suponha que a palavra fosse t-o-o (“também”). Ele pode ria estar dizendo “Minha filha também (‘too”) deve ser beneficiada”. Ou qualquer coisa parecida.

– Não acho – disse Brant. – O Sr. Hunzinger jamais mencionou qualquer ligação de sua filha com os negócios. Não se esqueçam de que tais preconceitos remontam ao período anterior à Primeira Guerra Mundial, quando as mulheres não podiam sequer votar. Ele podia ser qualquer coisa, menos feminista. Sua esposa era uma pessoa estritamente do lar, e era assim que ele gostava. Cuidou para que sua filha se casasse com um homem rico, e, no que lhe dizia respeito aquele era o limite da responsabilidade dele para com ela. Pelo menos sou forçado a concluir isto quando penso em nossas muitas discussões sobre o testamento.

Novamente fez-se silêncio à mesa. Para quebrá-lo, Avalon disse num tom bem teatral:

– Não importam as hipóteses que formulemos. Não importa o quanto elas possam ser engenhosas e inteligentes, não há como provarmos que elas são verdadeiras. Acho que desta vez teremos de admitir que nosso convidado está certo e que o problema, por sua própria natureza, não tem solução.

– Não antes de consultarmos Henry – disse Gonzalo.

– Henry? – perguntou Brant, surpreso. E baixando o tom de voz quase ao ponto de um sussurro: – Você se refere ao garçom?

– Não precisa falar tão baixo, Nick. Ele é um membro do clube – disse Trumbull

– Então vou perguntar a ele – disse Gonzalo. – Henry, você tem alguma idéia que nos ajude a esclarecer este caso?

De seu lugar ao lado do aparador, Henry esboçou um sorriso e disse:

– Tenho de admitir, Sr. Gonzalo que estive pensando em qual seria o primeiro nome do filho mais velho.

– Frank, você não se lembra? – disse Gonzalo.

– Perdoe-me, Sr. Gonzalo, mas, se não me falha a memória, o nome do filho mais velho é B. Franklin Hunzinger. Estou pensando no nome que está por trás deste B.

Todos os olhares voltaram-se para Brant, que sacudiu os ombros e disse:

– Ele se identifica como B. Franklin até mesmo no testamento de seu pai. Esta é a sua assinatura oficial. Sempre achei, contudo que este B é a abreviatura de Benjamin.

– É uma suposição natural – disse Henry. – Ao que tudo indica, qualquer americano de nome B. Franklin seria relacionado a um Benjamin. Mas o senhor alguma vez escutou algum membro da família, ou qualquer outra pessoa, tratá-lo por Benjamin ou Ben?

Lentamente, Brant negou com a cabeça.

– Não me recordo de nada nesse sentido, mas isto já faz mais de vinte anos e eu não fazia parte do círculo da família.

– Ou então desde a morte do Sr. Hunzinger?

– Oh, bem, desde então eu quase não tive contato com eles, nem mesmo para tratar de assuntos legais.

– Mas por que tudo isto, Henry? – disse Trumbull.

– Porque ocorreu-me que há quatro homônimos, por assim dizer, de pronúncia igual a t-o-o.

Surpreso, Avalon perguntou:

– Quatro? Você quer dizer que um dos homônimos tem dois significados diferentes e origem não relacionada, como no caso do b-e.a-r, que citamos antes?

– Não, Sr Avalon, refiro-me a quatro homônimos grafados de quatro formas diferentes.

Avalon pensou um pouco e disse:

– Impossível, Henry. Manny, você se lembra de um quarto homônimo além de t-o, t-o-o e t-w-o?

– Não – respondeu Rubin, sem hesitar. – Não há um quarto homônimo.

– Eu usei a expressão “por assim dizer”. Tudo depende do primeiro nome de B. Franklin, – observou Henry.

– Henry, você está fazendo mistério e nos deixando confusos. Agora explique – disse Drake.

– Sim, Sr. Drake. O Sr. Brant disse que o velho Hunzinger fora um autodidata e mencionou que ele se interessava particularmente pela história da Roma antiga. Ele educou seus filhos dentro do que acreditava ser a tradição romana. Empregava termos como “*paterfamilias*”, etc., e deu a seus filhos nomes romanos tradicionais. À sua filha chamou Claudia; um filho chamou de Mark, do romano Marcus; outro chamou de Luke, do italiano Lucius.

– É bem possível que os nomes originais fossem de fato Marcus e Lucius, e que os filhos mais jovens tinham achado as formas de Mark e Luke mais agradáveis. Mas e se o mais velho tivesse também um nome romano que não tivesse uma forma corrente em nosso idioma? Ele simplesmente não o usaria, permanecendo apenas com Franklin, que se transforma em Frank, um nome bastante comum e aceitável.

– Um nome romano comum começando com B é Brutus, e este não possui uma forma comumente aceita em nossa língua.

– Ahá! – exclamou Rubin.

– Sim, Sr. Rubin – prosseguiu Henry. – Se o velho Sr. Hunzinger costumava colecionar trechos em latim, na certa devia conhecer também as últimas palavras de Júlio César, uma das mais famosas frases latinas. Ela contém a palavra “tu”, que é a forma latina para o nosso conhecido “você”, uma forma que é tão conhecida entre os falantes de nossa língua com boa formação – ainda que a conheçam apenas através desta frase –, que quase poderia ser considerada um homônimo.

– Quando lhe perguntaram qual dos seus três filhos deveria encabeçar a empresa, o moribundo pensou no mais velho, lembrou-se do nome que dera a ele quando nasceu, e deve ter dito qualquer coisa como “todos os meus filhos compartilham e tu, Brutus, lidera”. A frase “e tu, Brutus” parece-se muito com a exclamação murmurada por César “et tu, Brute”, e neste caso somente o “tu” foi audível.

– Deus meu – murmurou Brant. – Quem poderia pensar numa coisa dessas?

– Mas isto é realmente muito engenhoso – disse Avalon.

– Espero que você esteja certo, Henry. Eu detestaria ver todo esse raciocínio desperdiçado. Suponho que poderíamos ligar para Hunzinger e tentar convencê-lo a nos dizer o seu primeiro nome.

Empolgado, Gonzalo disse:

– Espere, Jeff, será que o nome dele não está na lista Who's Who in America? Em geral ela traz o nome de homens de negócios.

– É possível que eles só tenham a versão oficial de seu nome, B. Franklin Hunzinger – disse Avalon. – É claro que às vezes acrescentam o nome depois do ponto, entre parênteses, para indicar que ele existe mas não é usado.

– Vamos ver – disse Gonzalo. Pegou o primeiro volume e por algum tempo ouviu-se o ruído de páginas sendo viradas. Depois fez-se silêncio até que Gonzalo exclamou triunfante: Brutus Franklin Hunzinger, o r-u-t-u-s está entre parênteses.

Brant pôs a mão na cabeça.

– Durante vinte anos esta coisa me incomodou. Se pelo menos eu tivesse aberto o Who's Who... Mas, por que me ocorreria procurar este nome? – balançou a cabeça. – Preciso dizer isto a eles. Eles terão de saber.

Henry interveio:

– Não acho que esta seria uma atitude sábia, Sr. Brant. Eles se entendem muito bem agora, mas se descobrissem que seu pai teria escolhido um deles para liderar os negócios – uma coisa, aliás, sobre a qual não podemos ter certeza –, sentimentos mesquinhos poderiam vir à tona. Certamente não se deve tentar consertar algo que não está quebrado.

POSFÁCIO

Alguns de meus enigmas dos Viúvos Negros dependem das excentricidades da língua inglesa. Nada posso fazer quanto a isso, pois tenho grande interesse e admiração por ela.

Concordo, porém, que me causa certa apreensão saber que, quando muita coisa depende do inglês, coloco barreiras ao trabalho de tradutores, diminuindo, com isto, minhas chances de conseguir edições no exterior. Não é só pelo fato de que as edições no exterior trazem dinheiro (todo mundo sabe que tenho um caráter por demais refinado e nobre para me interessar por dinheiro), mas elas levam meu trabalho a um público que, de outra forma, não teria condições de ler o que escrevo. E ter um público abrangente de leitores, isto sim me interessa.

Devo admitir, contudo, que, quando um aspecto da linguagem me instiga a usá-lo como um artifício, exatamente como na história que vocês acabaram de ler, não consigo resistir.

Esta história foi publicada pela primeira vez na edição de março de 1985 do Ellery Queen's Mystery Magazine.

A SINGULARIDADE ESTÁ NOS OLHOS DE QUEM VË

Emmanuel Rubin teria preferido morrer a admitir que o sorriso em seu rosto era fátuo. Mas era. Por mais que tentasse, não conseguia esconder o orgulho na voz ou o brilho de satisfação nos olhos.

– Companheiros Viúvos – disse –, agora que até Tom Trumbull chegou, deixem-me apresentar-lhes meu convidado desta noite. Este é o meu sobrinho Horace Rubin, filho mais velho do meu irmão mais novo e um expoente dos mais brilhantes da nova geração

Horace esboçou um sorriso tímido ao ouvir isso. Era mais alto que seu tio, que lhe batia na altura dos ombros, e um pouco mais magro. Tinha cabelos escuros, bem ondulados, o nariz saliente, adunco, e a boca larga. Definitivamente não era um moço bonito, e Mano Gonzalo, o artista dos Viúvos Negros, esforçava- se muito para não exagerar as características. A acuidade fotográfica por si só já seria caricatura o bastante, O que não passava para o desenho, é claro, era o inequívoco brilho de uma inteligência sagaz que se percebia nos olhos do rapaz.

– Meu sobrinho – disse Rubin – está trabalhando muito para obter seu título de doutor na Universidade de Columbia. Em química. E está fazendo isto agora, Jim, não em 1900, como você fez.

James Drake, o único Viúvo Negro com um doutorado de verdade (embora as normas do clube outorgassem a todos o direito de serem tratados por “doutor”), disse:

– Bom para ele... meu título foi obtido pouco antes da guerra; da Segunda Guerra Mundial, quero dizer. – Sorriu absorto em recordações por trás de uma fina coluna de fumaça que subia de seu cigarro, formando caracóis.

Thomas Trumbull, que, como sempre, chegara ao coquetel anterior ao jantar com uma hora de atraso, lançou um olhar carrancudo para seu drinque e disse:

– Será que estou sonhando, Manny, ou a praxe não manda que se tragam à tona tais detalhes durante a sessão de perguntas depois do jantar? Por que você está começando antes da hora? – Afastou a fumaça do cigarro num gesto petulante e distanciou-se de Drake com seus passos inconfundíveis.

– Só estou preparando o terreno – disse Rubin num tom de indignação. – O que espero que seja o centro das perguntas que vocês farão a Horace é o tema da tese que ele vai defender. Não vejo por que os Viúvos Negros não possam aprender alguma coisa.

– Não nos faça rir, Manny – disse Gonzalo. – Você não está querendo dizer que entende o que o seu sobrinho faz no laboratório, não é?

A escassa barba de Rubin eriçou-se e ele disse:

– Entendo mais de química do que você pensa.

– Ah, quanto a isto não há dúvida. Afinal, como acho que seu grau de entendimento é zero, qualquer coisa que você entender é mais do que isto. – Gonzalo voltou-se para Roger Halsted e disse: – Fiquei sabendo por acaso que Manny tirou o diploma em cerâmica babilônica por algum curso de correspondência.

– Não é verdade – disse Rubin. – Mas pelo menos é um pouco melhor do que o seu diploma em cerveja e salgadinhos.

Geoffrey Avalon, que ouvia com desdém essa troca de elogios, pediu atenção e perguntou ao jovem estudante:

– Quantos anos o senhor tem, Sr. Rubin?

– O senhor pode me chamar de Horace – disse o jovem num surpreendente registro de barítono –, ou o tio Manny vai responder e eu nunca terei a chance de dizer nada.

Avalon sorriu com malícia.

– De fato, ele monopoliza as conversas quando o autorizamos a fazer isto. Mas quantos anos você tem, Horace?

– Vinte e dois, sir.

– E isso não é pouco para um candidato ao título de doutor, ou você está apenas começando?

– Não. Devo começar por estes dias a redação da minha tese e espero terminá-la dentro de seis meses. É verdade que sou jovem, mas isso não é uma coisa incomum. Robert Woodward, por exemplo, doutorou-se em química aos vinte anos. É claro que quase foi expulso da escola aos dezessete.

– Mas vinte e dois não está muito longe disso.

– Vou fazer vinte e três no mês que vem. E espero conseguir me doutorar com essa idade, ou então... nunca mais. – Meneou os ombros com um olhar de desânimo.

A voz suave de Henry, o eterno e insubstituível garçom de todos os jantares dos Viúvos Negros, fez-se ouvir:

– Cavalheiros, o jantar está servido. Hoje teremos carneiro ao molho curry. Sinto dizer, porém, que, segundo nosso chef, o curry está forte demais, de sorte que, se algum dos senhores preferir outra coisa mais leve, é melhor dizer-me agora para que eu possa providenciar o que seja do seu agrado.

– Se algum covarde preferir ovos mexidos, Henry – disse Halsted –, eu fico com a parte dele de carneiro ao curry. Não podemos desperdiçar nada.

– Mas também devemos ter cuidado com o excesso de peso, Roger – resmungou Trumbull – Todos nós vamos ficar com o curry, Henry, e traga também os condimentos que acompanham o prato, especialmente o molho picante e o coco. Eu mesmo quero temperar no meu prato.

– E deixe o bicarbonato bem à vista, Henry – disse Gonzalo. – Os olhos de Tom são mais otimistas do que as paredes do seu estômago.

Henry servia o brandy quando Rubin bateu com a colher no copo de água e disse:

– Ao trabalho, senhores, ao trabalho. Meu sobrinho, como pude observar, fez uma verdadeira devassa nos pratos servidos e agora é hora de o fazermos pagar por isso na sessão de perguntas. Jim, você seria por natureza o inquiridor oficial, já que é químico, ainda que sofrível. Mas eu não gostaria que você e Ho-

race entrassem numa discussão particular sobre detalhes da química. Roger, você que não passa de um simples matemático, o que é o bastante para deixá-lo fora do assunto, poderia fazer as honras?

– Com prazer – disse Halsted, bebericando lentamente o seu curaçao. – Jovem Rubin, ou Horace, como preferir, como você justifica sua existência?

Horace respondeu:

– Quando eu tiver meu grau de doutor e encontrar um emprego numa faculdade decente, estou certo de que o meu trabalho será uma boa justificativa. Do contrário... – e sacudiu os ombros.

– Você parece ter dúvidas, meu jovem. Você acha que terá dificuldades em encontrar um emprego?

– Não se pode ter certeza disso, sir, mas tenho feito algumas entrevistas aqui e ali e, se tudo correr bem, acho que alguma coisa interessante pode se concretizar.

– Se tudo correr bem, você diz. Há algum obstáculo na sua pesquisa?

– Não, de jeito nenhum. Tive bom senso o suficiente para escolher um problema que pudesse ser resolvido. Sim, não, ou talvez: com qualquer uma destas três respostas consigo o grau. Mas a resposta é sim, que é a melhor das alternativas, e acho que estou bem preparado.

Drake interveio:

– Para quem você está trabalhando, Horace?

– Para o Dr. Kendall, sir.

– O papa da cinética?

– Sim, sir. Trabalho na cinética da duplicação do DNA, um campo em que técnicas físico-químicas não vêm sendo aplicadas com rigor até o momento. Para se ter uma idéia, posso construir gráficos computadorizados do processo, que...

Halsted interrompeu-o.

– Nós chegaremos lá, Horace. Mais tarde. Por ora estou tentando descobrir o que o está perturbando. Você tem perspectivas de emprego. Sua pesquisa vai bem. E o seu curso?

– Nunca tive qualquer problema com o curso. Exceto...

Halsted prolongou a pausa por um momento e depois perguntou:

– Exceto o quê?

– Não fui um aluno exemplar nas minhas práticas de laboratório. Especialmente no laboratório de química orgânica. Não sou um... perito. Sou um teórico.

– Você foi reprovado?

– Não, claro que não. Só que não me cobri de glórias, só isso.

– Bem, então o que está perturbando você? Durante o jantar pude ouvir quando você disse ao Jeff que deverá conseguir seu grau de doutor aos vinte e três ou nunca mais. Por que nunca mais? Onde é que entra essa possibilidade?

O jovem hesitou.

– Não é o tipo de coisa...

Rubin, visivelmente confuso, franziu as sobrancelhas e disse:

– Horace, você nunca me disse que estava tendo problemas.

Horace olhou ao redor como se procurasse um buraco em que se enfiar.

– Bem, tio Manny, o senhor tem os seus problemas e não os traz até mim. Eu vou sair desta sozinho... ou não.

– Sair do quê? – perguntou Rubin, com a voz já um pouco alterada.

– Não é o tipo de coisa ... – recomeçou Horace.

– Em primeiro lugar – disse Rubin enfaticamente –, tudo o que você disser aqui é completa e absolutamente confidencial. Em segundo lugar, eu lhe avisei que durante a sessão de perguntas esperava-se que você respondesse a todas elas. Em terceiro, se você não parar de fazer mistério vou dar um pontapé no seu traseiro e ele vai ficar parecendo geléia de framboesa.

Horace suspirou.

– Está bem, tio Manny. Só quero dizer – olhou em volta da mesa – que ele me trata desse jeito desde quando eu tinha dois anos, mas nunca me relou um dedo. Minha mãe o teria matado se ele o tivesse feito.

– Sempre há uma primeira vez, e eu não tenho medo da sua mãe. Deixe-a comigo – disse Rubin.

– Sim, tio Manny. Muito bem, o meu problema é o Professor Richard Youngerlea.

– Uh-oh – disse Drake à meia voz.

– O senhor o conhece, Dr. Drake?

– Bem... sim.

– É amigo dele?

– Bem... não. Ele é um bom químico, mas, para dizer a verdade, não gosto dele.

O rosto sem graça de Horace abriu-se num largo sorriso:

– Então posso falar abertamente?

– Você poderia, mesmo que eu fosse amigo dele – disse Drake.

– Então vamos lá – disse Horace. – Tenho certeza de que Youngerlea fará parte da minha banca examinadora. Ele não perderia essa oportunidade por nada no mundo e é peso pesado o suficiente para estar lá, se quiser.

Com sua voz grave, Avalon disse:

– Presumo que você não simpatize com ele, Horace.

– Isso mesmo – disse Horace com toda a sinceridade.

– E imagino que ele não simpatiza com você.

– Temo que sim. Fiz o meu curso de laboratório em orgânica com ele e, como disse, não fui dos mais brilhantes.

– Imagino que muitos estudantes não chegam a brilhar – disse Avalon. – Ele não simpatiza com todos eles?

– Bem, digamos que ele é antipático com todos.

– Pelo que posso inferir, você suspeita de que ele quer participar da sua banca examinadora para reprová-lo. É assim que ele reage com todos os alunos que não são particularmente brilhantes nas suas aulas de laboratório?

– Bem, acho que ele realmente pensa que o trabalho no laboratório é tudo o que há de mais importante, bom e nobre na vida. No meu caso porém, não é só porque não fui um aluno brilhante.

– Bem, então estamos chegando lá – disse Halsted, retomando as perguntas. – Dou aulas numa escola primária e sei tudo sobre alunos chatos. Estou certo de que o professor achou você um chato. Em que sentido?

Horace franziu as sobrancelhas:

– Eu não sou chato. Youngerlea é que é. Olhe, ele é um tirano. Há sempre aqueles professores que tiram vantagem do fato de estarem numa posição inatacável. Criticam severamente os alunos, e chegam mesmo a ser brutos com eles verbalmente; ridicularizam-nos. E fazem isso mesmo sabendo muito bem que os alunos relutam em se defender porque têm medo de tirar uma nota baixa. Quem discutiria com Youngerlea para ganhar um C, ou, num caso desses, um D? Quem poderia querer discutir com ele, para depois ele chegar no conselho da faculdade, onde sua opinião tem bastante peso, e dizer que tal e tal estudante não reúne as características necessárias para ser um bom químico?

– Ele expôs você ao ridículo? – perguntou Halsted.

– Ele expõe todo mundo ao ridículo. Havia um rapaz inglês, coitado, que, ao se referir ao cloreto de alumínio, que é usado como catalisador na reação de Friedel, dizia cloreto de "aliumi niou", com acento tônico na terceira sílaba, o primeiro u pronunciado como "iu" e não como "u", e o ditongo final "io" aberto num hiato "i-ou". Tudo não passava do sotaque do inglês, mas mesmo assim Youngerlea acabou com o rapaz. Disse que toda aquela porcariada – expressão sua – só fazia aumentar desnecessariamente uma sílaba no nome do elemento, cinco em vez de quatro, etc-, que é estupidez aumentar a nomenclatura científica dos elementos químicos mais do que o necessário, etc. Não era nada, mas ainda assim ele humill-iou o pobre rapaz, que não ousou dizer uma só palavra em defesa própria. E todos os outros malditos puxa-sacos da classe ficaram rindo.

– E o que faz você pior do que os outros?

Horace corou, mas tinha um tom de orgulho na voz quando respondeu:

– É que eu respondo às criticas dele. Quando ele começa a me atacar, não fico ali parado só ouvindo. De fato, eu o inter-

rompi nesta história de “alumínio-aliuminiou”. Disse num tom alto e claro: “O nome de um elemento é uma convenção humana, professor, não uma lei da natureza”. Aquilo o fez parar, mas ele continuou com seu jeito de zombaria: E aí, Rubin, tem derrubado muitos béqueres ultimamente?

– E a classe toda riu, suponho – disse Halsted.

– É claro que riram, aqueles idiotas. Eu entornei o conteúdo de um béquer durante todo o curso. Um! E isto porque alguém esbarrou em mim. E depois, certa vez encontrei Youngerlea na biblioteca de química procurando algum compêndio do Belstein.

– Quem ou o que é Belstein? – perguntou Gonzalo

– É uma obra de referência composta por aproximadamente setenta e cinco volumes, onde estão relacionados muitos milhares de compostos orgânicos, com indicações do trabalho feito com cada um, todos eles listados em ordem, segundo algum sistema lógico, mas muito complicado. Youngerlea tinha alguns volumes sobre sua escrivaninha e folheava o primeiro, depois o segundo. Fiquei curioso e perguntei-lhe que volume ele estava procurando. Ele me disse e eu entrei em estado de verdadeiro êxtase ao ver que nenhum dos volumes que estavam com ele era o correto. Fui rapidamente até a estante em que estava o Belstein apanhei um volume, encontrei o composto que Youngerlea queria – e só precisei de trinta segundos para isto, voltei à mesa dele, coloquei o volume na frente dele e o abri na página certa.

– Suponho que ele não tenha agradecido a você – disse Drake.

– Não – disse Horace –, mas talvez tivesse agradecido, se eu não tivesse o maior sorriso do mundo estampado na cara. Naquele momento, porém, preferi minha vingança ao meu título de “Dr.” E acho que é assim que a coisa vai acabar.

– Nunca considerei você a pessoa mais diplomática do mundo, Horace – disse Rubin.

– Não, tio Manny – disse Horace, com ar de tristeza –, minha mãe diz que eu puxei ao senhor. Mas só diz isso quando está muito chateada comigo.

Até Avalon riu ao ouvir isto e Rubin murmurou qualquer coisa a meia voz.

– Bem, o que ele pode fazer a você? Se suas notas são boas, se a sua pesquisa é boa e se você vai bem nos exames, eles têm que aprová-lo, – disse Gonzalo.

– Não é assim tão fácil, sir – disse Horace. – Em primeiro lugar trata-se de um exame oral, e a tensão é enorme. Um sujeito como Youngerlea é um mestre em aumentar tensões; ele pode, por exemplo, insistir na incoerência do meu discurso, ou então me envolver num jogo furioso de termos técnicos com ele. De uma forma ou de outra, ele pode argumentar que não tenho a estabilidade emocional necessária a um bom químico. Ele é uma figura poderosa no departamento e pode persuadir a banca. Mesmo se eu passar e conseguir o meu título de doutor, ele tem influência o suficiente nos círculos químicos para impedir meu acesso a alguns lugares importantes.

Fez-se silêncio à mesa.

– O que você vai fazer? – perguntou Drake

– Bem... eu tentei fazer as pazes com aquele velho bastardo. Pensei, pensei e finalmente solicitei um encontro com ele para me humilhar. Disse que sabia que a gente não simpatizava muito um com o outro, mas que eu esperava que ele não pensasse que isto faria de mim um químico de má qualidade. Disse que a química era a minha vida, etc... bem, vocês sabem o que estou querendo dizer.

Drake concordou com a cabeça.

– E o que foi que ele disse?

– Ele se divertiu, pois conseguira que eu chegasse ao ponto em que queria. E me fez rastejar direitinho. Disse que eu era um garoto sabido com um gênio incontrolável e algumas outras coisas, tudo com o objetivo de me tirar do sério. Eu consegui me controlar, acho, e disse: “Sei que tenho minhas peculiaridades, mas o senhor realmente acha que elas fazem de mim um mau químico?” E ele respondeu: “Bem, vejamos se você é um bom químico. Estou pensando no nome de um elemento químico que é único. Diga-me que elemento é esse, porque é único e porque

eu pensei nele, e ai admitirei que você é um bom químico". Ao que eu respondi: "Mas o que isso tem a ver com o fato de eu ser ou não um bom químico?" E ele respondeu: "O fato de você não enxergar esta relação já é um ponto negativo contra você. Você deve ser capaz de achar a solução através do raciocínio, pois a razão é o instrumento primeiro do químico, ou de qual quer cientista. Uma pessoa como você, que fala em ser um cientista teórico e que, por conseguinte, faz pouco de coisas pequenas como habilidade manual, não teria qualquer problema em concordar com isso. Muito bem, use a sua razão e me diga em que elemento estou pensando. Você tem uma semana a contar de agora; digamos, cinco da tarde da próxima segunda-feira. Ah, e você só terá uma chance. Se o elemento que você escolher estiver errado, não haverá uma segunda oportunidade". Eu disse: "Professor Youngerlea, existem mais de cem elementos. O senhor não vai me dar nenhuma pista?" "Já dei", respondeu ele. "Eu disse a você que ele é único, e isto é tudo." E me devolveu o mesmo tipo de sorriso que eu lhe dera quando do incidente com o Belstein.

– Muito bem, meu rapaz, o que aconteceu na segunda-feira seguinte? Você matou a charada? – Avalon perguntou.

– É a segunda-feira que vem, sir. Daqui a três dias. E o pior é que não consigo ir adiante no meu raciocínio. Não há uma resposta possível. É um elemento de uma lista de cem, e a única pista que tenho é que ele é único.

– Este homem é mesmo honesto? – perguntou Trumbull. Sabendo que ele é uma pessoa tirânica e detestável, você acredita que ele realmente tem um elemento em mente e que aceitará uma resposta certa sua? Ele poderá dizer que você está errado, não importa o que você disser, não poderá? E então usará isto como arma contra você.

Horace fez uma cara de quem não sabia a resposta.

– Bem, não posso ler seus pensamentos, mas ele é o protótipo do cientista. É realmente um grande químico, e, pelo que sei, sua conduta ética na profissão tem sido verdadeiramente irrepreensível. Ademais, seus artigos são maravilhosamente bem escri-

tos, concisos e claros. Ele não emprega jargão, nunca usa uma palavra mais longa se puder substituí-la por uma mais curta, nunca formula uma sentença complicada, se no lugar dela puder empregar uma mais simples. Nesse ponto ele é digno de admiração. Portanto, se faz uma pergunta científica, acho que será honesto no exame da resposta.

– E você realmente empacou no ponto em que está? – perguntou Halsted. – Nada lhe ocorre?

– Ao contrário, uma quantidade enorme de respostas me ocorrem, mas neste caso ter muitas respostas é tão ruim quanto não ter nenhuma. Por exemplo, meu primeiro pensamento foi o de que o elemento teria de ser o hidrogênio. É o átomo mais simples, o mais leve, o de número atômico 1. É o único átomo que possui um núcleo que não contém nêutrons, e isto certamente faz dele um elemento único.

– Você está falando do hidrogênio-1 – disse Drake.

– Certo! – disse Horace. – O hidrogênio é encontrado na natureza em três variedades, ou isótopos: hidrogênio-1, hidrogênio-2 e hidrogênio-3. O núcleo do hidrogênio-1 é formado por um único próton mas o hidrogênio-2 tem um núcleo composto por um próton e um nêutron, e o hidrogênio-3 tem um núcleo composto por um próton e dois nêutrons. É claro que quase todos os átomos de hidrogênio são do tipo hidrogênio-l, mas Youngerlea pediu um elemento, não um isótopo, e se eu disser que o elemento hidrogênio é o único com um núcleo que não contém nêutrons estarei errado. Simplesmente errado.

– Ainda assim ele é o elemento mais leve e o mais simples – observou Drake.

– Sim, mas isto é óbvio demais. E há outras possibilidades. O hélio, por exemplo, que é o elemento de número atômico 2, é o mais inerte de todos os elementos. Possui o ponto de combustão mais baixo e não se solidifica mesmo ao zero absoluto. A temperaturas extremamente baixas, transforma-se em hélio-TI, com propriedades diferentes das de qualquer outra substância do universo.

– Ele pode ser encontrado em outras variedades? – perguntou Gonzalo.

– Há dois isótopos na natureza, o hélio-3 e o hélio-4, mas todas essas propriedades únicas valem para ambos.

– Não se esqueça – argumentou Drake – que o hélio foi o primeiro elemento a se descoberto no espaço, antes de ser descoberto na Terra.

– Sei disso, sir. Ele foi descoberto no Sol. O hélio pode ser considerado único sob uma série de aspectos, mas também é óbvio demais. Não acho que Youngerlea tivesse qualquer coisa tão óbvia em mente.

Depois de soprar no ar uma argola de fumaça, e apreciando-a com satisfação, Drake disse:

– Acho que, se você for inteligente o suficiente, poderá encontrar alguma característica singular para cada um dos elementos.

– Sem dúvida – disse Horace. – E acho que não tenho feito outra coisa. Por exemplo, o lítio, que é o elemento de número atômico 3, é o menos denso de todos os metais. O césio elemento número 55, é o mais ativo de todos os metais estáveis. O flúor, elemento de número atômico 9, é o mais ativo de todos os não metais. O carbono, elemento número 6, é a base de todas as moléculas orgânicas, inclusive das que formam os tecidos vivos. É provavelmente o único elemento capaz de desempenhar esse papel, de sorte que é o único elemento da vida.

– Parece-me – disse Avalon – que um elemento que é o único relacionado com a vida é único o suficiente...

– Não – replicou Horace enfaticamente. – Esta é a resposta menos provável. Youngerlea é químico orgânico, o que significa que só trabalha com compostos de carbono. Isto seria óbvio demais para ele. Depois vem o mercúrio, elemento número 80...

– Você conhece todos os elementos pelo número atômico? – perguntou Gonzalo.

– Não conhecia até antes de segunda-feira passada. Desde então tenho estudado minuciosamente a lista dos elementos. Vê?

– Tirou uma folha de papel do bolso da jaqueta. – Esta é a tabela periódica dos elementos. Já a sei quase de cor.

– Mas isto não ajuda, acho – disse Trumbull

– Não muito. Como dizia, o mercúrio, elemento de número atômico 80, possui o ponto de fusão mais baixo de todos os metais, de sorte que é o único metal líquido a temperaturas comuns. E isto certamente é uma característica única.

– O ouro é o mais bonito dos elementos, se você quiser entrar no terreno da estética, e o mais valioso – disse Rubin.

– O ouro é o elemento de número 79 – disse Horace. – É possível argumentar, porém, que ele não é nem o mais bonito nem mais valioso. Muitas pessoas concordariam em que um diamante bem lapidado é mais bonito do que o ouro, e, considerando a coisa pelo lado do peso, ele certamente seria mais valioso em termos de dinheiro. E o diamante é carbono puro. O metal mais denso é o ósmio, elemento número 76, e o metal menos ativo é o irídio, elemento número 77. O metal de ponto de fusão mais elevado é o tungstênio, elemento número 74, e o metal mais magnético é o ferro, elemento número 26. O tecnécio, de número 43 é o elemento mais leve que não possui isótopos estáveis. É radioativo em todas as suas variedades, e é o primeiro elemento a ser produzido em laboratório, O urânio elemento número 92, é o átomo mais complexo a ocorrer em quantidades substanciais na crosta terrestre, O iodo, elemento número é o mais complexo de todos os elementos essenciais à vida humana, ao passo que o bismuto, de número 83, é o mais complexo elemento a possuir pelo menos um isótopo estável e não radioativo... Eu poderia continuar indefinidamente, e, como disse o Dr. Drake, se for inteligente o suficiente, darei a cada elemento o rótulo de único por uma certa característica, O problema é que não há nada que diga em qual deles Youngerlea está pensando que tipo de singularidade é a singularidade dele... e se eu não acertar que coisa é esta, ele vai dizer que isto prova que não tenho capacidade de pensar com clareza.

– Se pusermos a cabeça para funcionar agora mesmo... – disse Drake.

– E será que isto seria correto? – interrompeu Trumbull – Se o rapaz conseguir a resposta através de outros...

– Quais são as regras do jogo, Horace? – perguntou Avalon. –. O Professor Youngerlea disse que você não poderia consultar ninguém?

Horace sacudiu a cabeça enfaticamente

– Ele não disse nada a esse respeito. Tenho usado esta tabela periódica. E livros de referência. Não vejo por que não possa consultar pessoas. Os livros são as palavras de pessoas, palavras cristalizadas em marcas tipográficas. Ademais, seja o que for que vocês sugerirem, eu é que terei de decidir se a sugestão é boa ou ruim, e assumir o risco com base na minha decisão. Será que vocês poderão me ajudar?

– Pode ser – disse Drake. – Se Youngerlea é um cientista honesto ele não daria a você um problema que não contivesse em si a possibilidade de ser solucionado. Deve haver alguma forma de se chegar a uma resposta através da razão. Afinal de contas, se você não conseguir resolver o problema, pode desafiá-lo a dar a você a resposta certa. Se ele não for capaz de fazê-lo, ou se fizer uso de uma linha de raciocínio obviamente ridícula, você poderá por a boca no trombone dentro da escola. *Eu* faria isto.

– Estou disposto a tentar, então. Há alguém aqui, além do Dr. Drake, que seja químico?

– Você não precisa ser um químico profissional com doutorado para saber alguma coisa sobre os elementos – disse Rubin.

– Certo tio Manny – disse Horace. – Então qual é a resposta?

– Pessoalmente fico com o carbono – disse Rubin. – Ele é o elemento químico da vida e, na forma do diamante, possui outra particularidade. Existe algum outro elemento que, na sua forma pura, tem um aspecto tão pouco comum...

– Alótropo é o nome que se dá para isto tio.

– Não fique esnobando o seu jargão comigo, seu pulha. Existe algum outro elemento que possua um alótropo tão diferente quanto o diamante?

– Não. E deixando de lado os julgamentos humanos concernentes à sua beleza e ao seu valor, o diamante vem a ser a substância mais dura que existe, sob condições normais.

– Bem, e então?

– Eu já disse que seria óbvio demais para um químico orgânico colocar o carbono como solução ao problema.

– É claro que é possível – replicou Rubin. – Ele escolhe o óbvio porque pensa que você vai descartar o óbvio porque é óbvio.

– Lá vem o escritor de mistério falando – resmungou Trumbull.

– Isto não muda nada. Continuo rejeitando a solução – disse Horace. – Vocês podem fazer sugestões, qualquer um de vocês, mas cabe a mim decidir se aceito ou não... Alguma outra idéia?

Fez-se um silêncio completo à mesa.

– Neste caso – disse Horace –, é melhor eu contar a vocês no que estive pensando. Estou ficando desesperado, como vocês podem ver. Youngerlea disse: "Estou pensando no nome de um elemento químico que é único". Ele não disse que estava pensando no elemento, mas no nome do elemento.

– Você tem certeza de que está se lembrando direitinho? – perguntou Avalon. – Você não gravou a conversa, e a memória pode nos pregar boas peças.

– Não, não. Lembro-me perfeitamente bem. Não tenho a menor dúvida, a menor que seja. Assim, ontem eu estava pensando que não são as propriedades físicas ou químicas que contam. Isto não passa de uma forma de despistar. É o nome que conta.

– Você conseguiu chegar a um nome que seja único? – perguntou Halsted.

– Infelizmente, não – disse Horace. – Os nomes nos fornecem informações em demasia, tanto quanto as propriedades dos elementos. Se a gente considerar uma listagem alfabética dos elementos, o actínio, elemento número 89, é o primeiro da lista e o zircônio, elemento de número atômico 40, é o último. O disprósio, elemento número 66, é o único cujo nome começa com a letra D. O urânio, o vanádio e o xenônio, elementos de números

92, 23 e 54, respectivamente, são os únicos elementos que começam por U, Vou X. Qual escolher dentre estes quatro? O U é a única vogal, mas isto parece ser um argumento fraco demais.

– Há alguma letra que não seja a inicial do nome de algum elemento? – perguntou Gonzalo.

– Cinco. Não há nenhum elemento que comece por J, K, Q, Y ou W Mas e daí? Você não pode sustentar que um elemento seja único só porque não existe. Você pode argumentar que há um número infinito de elementos que não existem.

– E se considerássemos o nome popular? – disse Drake – Veja uma particularidade: o mercúrio, por exemplo, tem uma denominação popular, *azougue*, cujas duas primeiras letras são a primeira e última letras do alfabeto.

– Sei, mas o mesmo ocorre com azoto, que é a denominação alternativa para o nitrogênio – disse Horace. – Mas voltando a questão das cinco letras: este argumento também não se sustenta. Em alemão, por exemplo, não se distinguem, nas formas impressas, o *I* e o *1*. O símbolo do iodo, por exemplo, é I, mas vi alguns escritos alemães impressos em escrita latina, nos quais o símbolo do elemento é apresentado como J.

– Falando de elementos químicos, há uma série de elementos cujos símbolo são uma única letra. Quase sempre a letra é a inicial do nome do elemento. Assim, o símbolo do carbono é C, do oxigênio, O, do nitrogênio, N, do argônio A, do flúor, F, e assim por diante. No entanto, o símbolo do potássio é K.

– Por quê? – perguntou Gonzalo.

– Porque é a inicial do nome alemão Kalium. Se o potássio fosse o único caso, eu bem que poderia considerá-lo. Mas o ítrio, por exemplo, tem o símbolo Y de Yttrium. Isto sem contar o S de Suiphur para enxofre, o P de Phosphorus para o fósforo e o W de Wolfram para o tungstênio, que, aliás, também possui o símbolo Tg. Se pelo menos este fosse um caso único de elemento com dois símbolos... Mas veja o exemplo do nióbio ou colômbio, cujos símbolos podem ser Nb ou Cb. Já o iodo tem um nome que começa por duas vogais, mas o mesmo ocorre com o einstênio, o európio e o ouro.

– Quanto à grafia dos nomes dos elementos, existe algo que seja comum a todos eles? – perguntou Gonzalo.

– Quase todos terminam em *o*, se considerarmos os elementos que terminam com a vogal *o* propriamente dita, como cloro, cromo, iodo e zinco, entre outros, e a última vogal das terminações *io* de bário, cálcio e berílio só para citar alguns, e *uto* de bismuto.

– É mesmo? – disse Gonzalo, estalando os dedos agoniado. – E o que você me diz do manganês? Ele não é o único que termina em ês?

– Bem lembrado... mas o que o senhor me diz do níquel e do flúor? Também eles são os únicos que terminam com ei e or, respectivamente. O que significa que o critério da terminação não nos leva a um elemento único, pois segundo esse critério são únicos o manganês, o flúor e o níquel. E isto não me ajuda em nada. Nada!

– E não obstante tem que haver alguma coisa! – disse Avalon.

– Então digam-me que coisa é esta. O rênio foi o último elemento estável a ser encontrado na natureza; o promécio é o único metal radioativo do grupo das terras raras; o gadolínio é o único elemento estável a ser nomeado a partir do nome de uma pessoa. Nada disso funciona! Nada convence!

Horace balançou a cabeça, desolado;

– Bem, isto não é o fim do mundo. Irei ter com Youngerlea com a suposição que julgar ser a melhor e, se ela estiver errada, ele que faça o que quiser. Se eu caprichar na elaboração da tese, ela pode ficar tão boa que eles não poderão me reprovar. E se Youngerlea me impedir de conseguir um emprego em algum centro de pesquisas tecnológicas importante, arranjo qualquer coisa em algum outro lugar e vou lutando sozinho para subir na vida. Não vou deixar que ele acabe comigo.

Drake concordou com a cabeça:

– Isto mesmo, filho.

Nesse momento, a voz suave de Henry se fez ouvir:

– Sr. Rubin?

– Sim, Henry – respondeu Rubin.

– Desculpe-me, sir. Eu me dirigia a seu sobrinho, o jovem Sr. Rubin.

Horace ergueu os olhos;

– Sim, garçom. Há alguma coisa ainda a ser servida?

– Não, sir. É que gostaria de participar da discussão sobre o elemento único.

Horace franziu as sobrancelhas e disse;

– Você é químico, garçom?

– Não, ele não é químico – disse Gonzalo –, mas é o velho Henry, e acho que você deveria ouvi-lo. Ele é mais inteligente do que qualquer um nesta sala.

– Sr. Gonzalo... – disse Henry, num tom de censura muito brando.

– É mesmo, Henry – insistiu Gonzalo. – Prossiga. O que você tem a dizer?

– Somente que, ponderando sobre uma questão que parece não ter resposta, penso que poderia ser útil considerar a pessoa que a formula. Talvez o Professor Youngerlea possua alguma marca pessoal que o leve a atribuir certa importância a uma particularidade que, para outros, dificilmente seria percebida como tal.

– Você quer dizer – perguntou Halsted – que a singularidade está nos olhos de quem vê?

– Exatamente – disse Henry. – Como ocorre com quase tudo o que permite algum julgamento humano. No caso do Professor Youngerlea, isto se aplica perfeitamente. Ele emprega a língua com cuidado e concisão. Não usa uma sentença complicada, se consegue o mesmo sentido com uma mais simples, nem uma palavra mais longa, se pode atingir seus objetivos com outra mais curta. E mais, ficou furioso com um estudante, só por que a interferência do seu idioma estrangeiro fez com que ele, ao o nome do elemento, lhe acrescentasse uma sílaba. Estou certo no que digo, Sr. Rubin?

– Sim – disse Horace. – Eu disse tudo isto.

– Muito bem, na estante de obras de consulta aqui do clube, há um Almanaque Universal que relaciona todos os elementos.

Temos também um bom dicionário, é evidente, que nos fornece a pronúncia e a divisão silábica das palavras. Tomei a liberdade de estudar o assunto durante a discussão que se desenrolava a-qui.

– E...?

– Ocorre-me que o praseodímio, que é o elemento de número atômico 59, é o único capaz de despertar a ira do Professor Youngerlea. O praseodímio é o único que possui cinco sílabas, isto se considerarmos o *io* final um ditongo crescente, e não um hiato. Mas mesmo que se considere o *io* como um hiato, ainda assim o praseodímio terá sempre uma sílaba a mais do que todos os outros elementos. Na certa, para o Professor Youngerlea, o praseodímio é provavelmente o único elemento cujo nome é insuportavelmente longo e desajeitado. O nome mais irritante de toda a tabela periódica e, portanto, único neste sentido. Se ele tivesse que usar este nome em seu trabalho provavelmente reclamaria bastante, e não poderia dizer que se tratasse de erro. Mas talvez ele não use este elemento, não é mesmo?

Os olhos de Horace brilhavam.

– Não, é um elemento das terras raras e duvido que Youngerlea, como químico orgânico, tenha tido algum dia oportunidade de se referir a ele. Esta poderia ser a única razão pela qual nunca ouvimos sua opinião a esse respeito. Mas você tem razão, Henry. A simples existência desse elemento seria motivo de constante irritação para ele. Aceito sua sugestão, e vou levá-la a ele na segunda-feira. Se estiver errada, paciência. Mas... – e de repente sua voz parecia cheia de júbilo – ...aposto que ela está certa. Aposto qualquer coisa como ela está certa!

– Se estiver errada – disse Henry –, confio em que o senhor manterá sua decisão de vencer por seu próprio esforço.

– Não se preocupe, vou manter. Mas o praseodímio é a resposta. Sei que é. Só que eu teria preferido chegar até ela sozinho, Henry. E quem chegou foi você.

– Isto é só um detalhe, sir – disse Henry com um sorriso paternal. – O senhor ponderava sobre vários nomes, e estou certo de que a singularidade do praseodímio teria chamado sua aten-

ção. Eu só consegui descobri-la primeiro, porque em seu trabalho o senhor já havia eliminado uma série de pistas falsas.

POSFÁCIO

"A singularidade está nos olhos de quem vê" e a história seguinte, "O amuleto", foram escritas, a pedido, para uma revista de pequenos contos de mistério. Por ambas as histórias pagou-se generosamente, e, como acontece às vezes no mundo editorial, alguma coisa deu errado e a revista nunca foi publicada.

Decidi, então, colocar "A singularidade está nos olhos de quem vê" numa coletânea que continha obras da minha ficção científica e meus ensaios científicos alternadamente (desta forma encorajando os leitores a lerem ambos e, no caso de eles estarem familiarizados com apenas uma das minhas encarnações, saírem correndo feito loucos para comprar a outra). "A singularidade está nos olhos de quem vê" era o único item realmente inédito no livro, intitulado The Edge of Tomorrow e publicado por Tor Books em 1985.

Trata-se de mais um desses casos, não tão raros, em que alguma coisa na história se baseia num evento que aconteceu de fato na minha vida. Quando estava no colégio, eu tinha um Professor bem parecido com Youngerlea, e a forma como eu reagia com ele era bem parecida com a de Horace Rubin. O incidente com o Belstein descrito na história, aconteceu exatamente da forma como foi descrito e eu realmente não perdi a oportunidade de humilhar o Professor, mesmo correndo o risco de prejudicar minhas notas. Achei que valia a pena correr o risco.

O AMULETO

– Sr. Silverstein – indagou Thomas Trumbull – como o senhor justifica a sua existência?

Albert Silverstein era o convidado de James Drake para o jantar mensal dos Viúvos Negros. De constituição franzina, Silverstein era um cavalheiro de aparência delicada, o rosto de expressão ao mesmo tempo bem-humorada e enigmática, o topo da cabeça calvo, de aspecto bronzeado, o sorriso calmo.

Sorria ao responder:

– Acho que o senhor pode dizer que contribuo para aumentar o sentimento de confiança de muitas pessoas.

– É mesmo? – perguntou Trumbull com ar de espanto, en quanto franzia a testa, também bronzeada. – De que forma?

– Bem – continuou Silverstein – sou dono de uma cadeia de lojas de curiosidades, objetos absolutamente inocentes, o senhor sabe, embora alguns de gosto duvidoso.

Mano Gonzalo endireitou o paletó de listras delicadas e disse, com um tom de sarcasmo:

– Ah, sei... como aquelas reproduções em argila de cocô de cachorro que a gente coloca, sem que ninguém perceba, sobre o carpete da sala de uma pessoa que nos convidou para uma visita, para a qual, é claro, levamos de companhia nosso cão de caça?

Silverstein sorriu.

– Não, esse tipo nunca tivemos. Mas um objeto muito popular na época do meu pai era o tinteiro tombado com uma mancha de tinta aparentemente derramada, feita de borracha dura, que você colocava sobre a melhor toalha de mesa do seu amigo. É claro que o advento da caneta esferográfica fez desaparecer os tinteiros e, junto com eles, essa curiosidade. Nosso negócio tem que acompanhar as mudanças tecnológicas.

– E onde é que entra o sentimento de confiança? – insistiu Trumbull com tenacidade.

– É que um dos nossos maiores sucessos é a venda de amuletos, como este. – Enfiou a mão no bolso do paletó e retirou um pequeno objeto quadrado de plástico. Nele estava embutido um trevo de quatro folhas. – Um dos nossos campeões de venda. Milhares por ano.

Geoffrey Avalon, sentado ao lado de Silverstein, pegou o objeto nas mãos e fitou-o. Na expressão de seu rosto, aristocrático e inflexível, havia um misto de perplexidade e desdém. Então comentou com desaprovação:

– O senhor está realmente querendo dizer que milhares de pessoas acreditam que a mutação de uma planta pode mudar o curso do universo a seu favor e que estão dispostas a pagar por uma coisa dessas?

– Isso mesmo – respondeu Silverstein animadamente. – São milhares todo ano, entra ano sai ano. Hoje em dia, é claro, as pessoas hesitam em admitir sua superstição. Dizem que compram para seus filhos, ou para dar de presente, ou como simples curiosidade, mas compram mesmo para pendurar nos carros ou no chaveiro. E isso custa por volta de cinco dólares.

– É revoltante – disse Trumbull. – O senhor ganha dinheiro com a ignorância das pessoas?

O sorriso de Silverstein desapareceu.

– Absolutamente – afirmou com seriedade. – O que eu vendo não é o objeto mas, como já disse, o sentimento de confiança. E isto sim é um artigo muito valioso, que vendo por muito menos do que ele vale. Enquanto alguém possuir este trevo de quatro folhas, será como se sua mente e sua alma estivessem livres do fardo do medo. Ela sentirá menos medo de atravessar a rua, de deparar com um ladrão, de receber más notícias. As pessoas que o possuem se preocupam menos com o que poderia acontecer se um gato preto lhes cruzasse o caminho, ou se passassem sem querer debaixo de uma escada.

– Mas esta sensação de confiança é falsa.

– Não é não, senhor. A sensação de confiança que experimentam é bastante real. A causa pode ser irreal, mas provoca o resultado desejada Considere, também, que a maioria dos medos que as pessoas sentem é irreal, no sentido de que não tendem a acontecer. Você não é roubado toda vez que vai dar um passeio. Você não recebe más notícias toda vez que recebe uma Carta. Você não quebra uma perna toda vez que leva um tombo. Os infortúnios acontecem, mas são bastante raros. Se os meus amuletos eliminam, ou pelo menos diminuem esses medos desnecessários, aliviando, assim, a carga de apreensões que cada um de nós carrega, então presto um serviço útil. O preço desse trevo de quatro folhas, que vai acalmá-lo durante o tempo em que você o possuir, pagaria cinco minutos, ou menos, de um psiquiatra.

Neste momento, Roger Halsted examinava o amuleto. Ao passá-lo para Emmanuel Rubin, comentou:

– Como o senhor faz para conseguir todos os anos milhares de trevos de quatro folhas? O senhor paga um exército de assistentes para vasculhar os campos de trevo do mundo?

– Claro que não – respondeu Silverstein. – Isso custaria alguns milhares de dólares. E duvido que alguém fosse supersticioso o bastante para se submeter a esse tipo de sacrifício financeira Esses trevos são... – Fez uma pausa e continuou: – Jim Drake me assegurou que tudo o que se disser nestes encontros ficará sob total sigilo.

– Completamente, Al – confirmou Drake com sua voz um tanto rouca pelo efeito do cigarro.

Os olhos de Silverstein moveram-se em direção ao garçom e Halsted interveio rapidamente:

– Nosso garçom Henry é um dos membros dos Viúvos Negros, senhor. E a sua boca é um túmulo para tudo o que ele ouve aqui.

– Nesse caso – continuou Silverstein –, quatro trevos de três folhas, que são tão comuns quanto grãos de areia, fazem três trevos de quatro folhas. Este que o senhor está segurando é um trevo de três folhas com uma folha adicional que se mantém fixa no lugar da quarta folha pela estrutura de plástico. Só com uma

lente de aumento alguém notará a emenda, mas nunca houve uma devolução por causa disso.

– E se alguém o fizesse? – perguntou Gonzalo.

– A explicação seria a de que uma folha teria se despregado no processo de embutimento na estrutura plástica. E devolveríamos o seu dinheiro.

– Mas isto é fraude – retrucou Trumbull violentamente. – O senhor não está lhes vendendo amuletos de verdade.

– Pense no que o senhor está falando, Sr. Trumbull – respondeu Silverstein. – Não existem amuletos fora da mente de quem os possui. Um trevo de quatro folhas não traz sorte, de fato. E um trevo de três folhas, com uma quarta folha adicional, não altera nada. Se quem o possuir acreditar que ele é um amuleto de sorte, isso é tudo o que importa.

– O mesmo podemos dizer de outros de nossos itens – continuou –, das ferraduras de alumínio, das patas de coelho feitas de pele de gato, das alianças da sorte no amor, famosas por assegurar a fidelidade do ser amada. Nunca garantimos nada, nem afirmamos que alguma coisa produzirá algum efeito. Mas nada nos impede de dizer que alguma coisa é famosa por produzir algum efeito, porque isto é verdade.

– Um artigo de sucesso na época do meu avô eram as moedas de latão com uma suástica gravada numa face e as palavras “Boa sorte” na outra. Como o senhor sabe, durante muito tempo, a suástica foi considerada um símbolo de boa sorte. Mas meu avô parou de vendê-las em 1928, por razões óbvias. A indústria também precisa acompanhar as mudanças sociais. Aliás, acho que a suástica jamais voltará a ser usada como símbolo de boa-sorte.

Por um momento fez-se silêncio na sala e a expressão de Silverstein, normalmente alegre, tornou-se séria e triste. Sacudiu os ombros e disse:

– Esperamos que algo semelhante jamais se repita. Estou me lembrando de um exemplo peculiar sobre a força de um amuleto de boa sorte. Não me refiro à sua força enquanto portador de boa sorte, e sim à sua força em inspirar confiança. Mas não posso

me esquecer de que estou num jogo de perguntas e respostas, e uma história longa, enfadonha, talvez não seja adequada para a ocasião.

– Um momento – interferiu Gonzalo, com inesperada insistência. – Quão peculiar é esse exemplo peculiar?

– Em minha opinião, bastante peculiar.

– Nesse caso o senhor poderia nos contar?

– Ah, pelo amor de Deus – disse Trumbull, fazendo careta. – Quero conhecer outros aspectos do negócio de curiosidades.

– Não – disse Gonzalo fazendo outra careta digna do próprio Trumbull. – Minha pergunta é legítima. Afinal, sou ou não sou um Viúvo Negro?

Drake olhou pensativamente através da fumaça de seu cigarro e, na condição de anfitrião, decidiu:

– Mario fez a pergunta e merece uma resposta. Fale-nos a respeito, Al. Também eu estou curioso.

– Com prazer – continuou Silverstein. – Isto aconteceu, deixe ver, há nove anos. Minha esposa e eu estávamos numa pequena estação de veraneio e ela havia saído para assistir a um show da temporada, que não me interessava nem um pouco. Felizmente, ela não se importou em ir sozinha, de modo que fiquei livre.

"Passei a tarde no salão de estar do hotel, com mais ou menos uma dúzia de pessoas que, como eu, não se sentiram obrigadas a assistir a uma peça de terceira categoria, só por assistir. Além de mim havia um casal com seu filho, que viriam a participar do que estava por acontecer. O homem era do tipo formal, reservado, sua esposa parecia passiva e quieta e o filho, de mais ou menos doze anos, bem comportado e nitidamente esperto. Eram os Winters. Havia ainda uma mulher, a quem minha esposa e eu, entre nós, chamávamos de Tagarela. Seu nome, se bem me lembro, era sra. Freed. Parecia uma mulher bem-humorada, muito ativa, mas o que mais chamava a atenção é que falava mais que a boca. Parecia que nunca ia parar de falar, e só parava quando alguém conseguia uma brecha na marra. Sua voz não era desagradável: nem grave, nem aguda ou agressiva. Poderia até

ser considerada agradável, se a ouvíssemos menos. Seu marido andava um tanto inclinado, lembro-me bem, como se lutasse contra o vento que vinha daquela corrente incessante de voz. Desnecessário dizer que ele raramente abria a boca. Havia seis outras pessoas, se bem me lembro, dois casais e dois homens desacompanhados, que ou eram solteiros ou, como eu, estavam sozinhos porque suas esposas tinham ido ao show. Não me recordo qual das duas hipóteses. A Tagarela tricotava com habilidade. Sentado, eu observava o ritmo de seus dedos sincronizado com o das palavras, e entre um e outro, fiquei hipnotizado num estado de semicoma não de todo desagradável. Periodicamente, ao puxar a lã, o grande novelo rolava pelo chão e ela se apressava em pegá-lo. Uma vez o novelo rolou na direção dos Winters, e o garoto saltou para apanhá-lo, devolvendo-o à senhora. Ela agradeceu efusivamente; deu-lhe um tapinha e sorriu. Naquele momento ocorreu-me que ela talvez não tivesse filhos, e que seu coração, ansiando por eles, via-os nos filhos dos outros. Num dado momento, ela pegou sua bolsa procurando por uma bala de menta (suponho que precisasse de alguma coisa que mantivesse sua língua sempre lubrificada), e o zíper fez um ruído estridente. Na verdade, foram vários ruídos, pois era uma bolsa com várias divisões e obviamente ela precisava descobrir em qual delas estavam as balas de menta. Uma das senhoras que estava com ela aproveitou a ocasião para tecer um elogio, e disse que achava a bolsa muito diferente. E de fato era, até porque parecia bem recheada. A Tagarela respondeu, se é que consigo reproduzir seu modo de falar: ‘Diferente mesmo porque comprei numa lojinha de Nova Orleans e agora a loja fechou e o fabricante saiu do negócio e de fato quando encontro algo que gosto param de fabricar de uma vez por todas e sabe esta bolsa tem sete zíperes e sete divisões e três dos zíperes são um pouco mais para dentro e posso ter divisões diferentes para meus batons e meu dinheiro e meus documentos e as cartas que tenho de colocar no correio e assim por diante eles são todos forrados de um material liso de modo que posso esvaziar cada um ou todos quando preciso e não esqueço nada quando troco de bolsa embora Deus saiba que

não quero trocar essa e vou mostrar a vocês vejam...’ Era assim que ela falava, sabem, sem qualquer pontuação. Então, esforçando-se por mostrar o funcionamento da bolsa, começou a abrir ruidosamente os zíperes outra vez, à procura de um compartimento que pudesse esvaziar sem criar maiores problemas para si própria, suponho. Quando finalmente se decidiu, virou a bolsa de cabeça para baixo, deu uma sacudida e dela caiu uma pequena chuva de moedas e bijuterias. ‘Não sobrou nada’, disse, triunfante, escancarando a abertura da bolsa e mostrando-a à senhora que tinha perguntado. Em seguida, colocou tudo de volta e mais uma vez ouviu-se o barulho de zíperes enquanto tentava decidir que outro compartimento esvaziar. Aparentemente desistiu, pois colocou a bolsa de lado e continuou conversando. Lembro-me bem desse incidente e contei-o a vocês para mostrar que no comércio de curiosidades temos de manter olhos e ouvidos bem abertos. Ouvindo-a falar sobre a bolsa, tive a idéia de criar uma novidade chamada ‘a bolsa sem fundos’. Era uma bolsa de verdade, com três zíperes em cima e outro escondido, em baixo. Dois zíperes de cima eram contínuos e abriam-se para dois compartimentos, mas eram feitos de modo a não se perceber que existiam. O zíper do meio, na parte superior, tinha um puxador de vidro colorido bem visível, em geral o único que a vítima da brincadeira veria. A dona da bolsa poderia encher esse terceiro compartimento com coisas de pouca importância e, numa festa, por exemplo, pedir a uma pessoa, homem ou mulher, dessas bem inocentes e fáceis de se ludibriar, se ela ou ele poderia fazer o favor de segurar a bolsa por alguns instantes. Algum tempo depois, a dona da bolsa pediria: ‘Por favor, você poderia pegar o meu pó de arroz? Está bem na parte de cima’ E claro que a vítima puxaria o zíper mais visível, que, por sua vez, acionaria o zíper oculto, embaixo. Com ambos os compartimentos abertos, tudo cairia da bolsa, para total perplexidade e mal-estar da vítima”.

– E mais uma velha amizade chegaria ao fim – comentou Avalon com desaprovação.

– De jeito nenhum – disse Silverstein. – Quando se esclarecesse a brincadeira, a vítima muito provavelmente riria mais do que todos, especialmente se ele ou ela tivessem o prazer de acompanhar, sentados, o trabalho do perpetrador em recolher tudo o que caiu.

“Colocamos esse artigo no mercado na primavera seguinte e seu desempenho foi muito bom. Não chegou a ser um campeão de vendas, mas foi muito bem. Era um artigo feminino, é claro, mas é um erro pensar que as mulheres não se interessam por curiosidades. Vocês têm de...”

– Era esse o acontecimento peculiar? Esvaziar a bolsa? – interrompeu-o Trumbull.

Silverstein pareceu ter levado um banho de água fria. Enrubesceu e depois riu, desconcertado.

– Bem, não. De fato, ainda não cheguei a essa parte. Receio possuir um pouco dessa ‘tagarela” em mim, principalmente quando o assunto é a minha profissão. Continuando, foi um pouco depois do incidente da bolsa que o garoto dos Winters me chamou a atenção. Ele ouvia e assistia a tudo com um ar de profundo interesse, mas subitamente pareceu preocupado. Por um momento hesitou, depois virou-se para seu pai e, em voz muito baixa, disse-lhe qualquer coisa rapidamente. À medida que ouvia, o pai ia ficando tenso e seu rosto pálido. Murmurou alguma coisa à sua esposa e, em seguida, os três começaram a examinar cuidadosamente o chão, a mover suas cadeiras e a procurar alguma coisa debaixo delas. Pareciam muito ansiosos, principalmente o pai. Fiz o que qualquer um faria. Perguntei: “Vocês perderam alguma coisa?” O pai ergueu os olhos. Por um momento parecia absorto em pensamentos. Depois, como se tivesse tomado uma difícil decisão, levantou-se e disse, num tom seco e pedante: “Receio que meu filho tenha perdido um amuleto de grande valor sentimental, embora, é claro de pouco valor intrínseco. Trata-se de algo parecido com uma moeda um tanto grande, com vários símbolos de boa sorte gravados de cada lada Deve ter rolado para algum lugar. Se alguém o vir...”

“Todos nos movemos pelo mesmo impulso de ser gentis, ou, se quisermos ser cínicos, cada um de nós achou que seria divertido procurar algo que havia sido perdido, sem estar particularmente agoniado com a perda. Seja como for, subitamente começou na sala uma busca intensa, assistemática, mas completa. Dois homens moveram o sofá, procuraram no meio da poeira acumulada embaixo, e depois recolocaram-no no lugar. Todo o material da lareira, que não estava sendo usada, foi vasculhado. O tapete foi erguido de todos os lados. Tudo em vão. Senti-me um tanto culpado. O amuleto descrito certamente não era dos nossos, mas por algum motivo senti-me culpado. Amavelmente, disse ao menino: ‘Sabe, filha esses amuletos não trazem sorte de verdade. Se ele não aparecer, isso não significa que você estará em apuros’. – O garoto me olhou com aquele seu jeito esperto e inteligente e respondeu: ‘Sei disso. Apenas detesto perder alguma coisa’.

“Mas ele parecia bem mais perturbado do que queria demonstrar. No nosso ramo de negócio existe uma máxima segundo a qual negar uma superstição não significa absolutamente nada. Os que negam são tão passíveis de acreditar nela quanto os que a admitem.

“Todos nós nos sentamos novamente. Então alguém disse ao garoto: ‘Talvez você o tenha perdido antes de entrar nesta sala, filhinho’.

O Sr. Winters voltou-se para o filho: Será possível, Maurice?’ Maurice parecia mais amedrontado do que nunca, mas sua voz aguda foi firme: ‘Não, pai. Eu estava com o amuleto quando entrei nesta sala. Tenho certeza’.

“Ficou claro que o Sr. Winters tinha aceitado sem contestar a palavra de seu filho. Pigarreou e disse, num misto de embaraçamento e determinação: ‘Senhoras e senhores. Pode ser que algum de vocês tenha encontrado esse objeto sem valor há algum tempo atrás e, numa atitude impensada, o tenha guardado, e agora está relutante em admitir o que fez. Por favor, não deixem que o embaraço lhes impeça de devolvê-lo. Isto significa muito para o meu pequeno Maurice’. Ninguém disse nada. Cada um olhou

de um lado para o outro como se esperasse que alguém devolvesse o amuleto e estivesse curioso para ver quem o faria. O Sr. Winters, vermelho de humilhação, deixou o olhar repousar por um momento na gorda bolsa da Tagarela. Ao fazer isso, não pude deixar de me lembrar das moedas que caíram da bolsa quando ela mostrou como esvaziá-la. A Tagarela participara da busca e desde então estava surpreendentemente quieta. Percebeu o olhar e não teve qualquer dificuldade para interpretá-lo. Seus lábios enrijeceram-se um pouca mas ela não demonstrou qual quer sinal de estar ofendida. Depois disse: ‘Bem, suponho que não seria convincente se eu dissesse que não estou com esse objeto dentro da minha bolsa e vocês iriam realmente querer ver com seus próprios olhos e por isso vamos esvaziar tudo sobre a mesa ‘agorinha mesmo’.

“Foi de fato uma atitude bastante impressionante e convincente. Ela colocou a bolsa sobre a mesa, à sua frente, e contou lentamente ‘Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete’. A cada número, ouvia-se o ruído de um zíper sendo aberto. Depois virou a bolsa de cabeça para baixo e uma cascata de coisas caiu sobre a mesa. Vocês não imaginam quantas coisas diferentes uma mulher pode carregar dentro da bolsa! Alguns artigos rolaram para fora da mesa, mas ela não tentou segurá-los. Sacudiu a bolsa para mostrar que não havia mais nada dentro dela, e depois jogou-a de lado. Calmamente, e sem qualquer traço de mau humor, disse: ‘Filhinho, você conhece o seu amuleto. Portanto dê uma busca agora mesmo em tudo o que está sobre a mesa e também no que caiu no chão. Vamos lá, pode olhar dentro da minha carteira e também dentro de qualquer envelope que encontrar. Sei que não pegará nada que não seja seu’. O garoto seguiu literalmente suas palavras. Vasculhou tudo muito bem, coisa por coisa, enquanto seu pai permanecia ao lado, assistindo a todo o processo. Finalmente, o garoto disse: ‘Pai, não está aqui’

“O Sr. Winters baixou a cabeça, acabrunhado, e a Tagarela começou a recolocar os objetos na bolsa, escolhendo cuidadosamente qual dos sete compartimentos era o correto para cada item, ao mesmo tempo que tecia breves comentários. O garoto

apanhou para ela os objetos que haviam caído no chão. Depois disso, obviamente, as outras duas senhoras presentes tiveram de fazer a mesma coisa. Esvaziaram suas bolsas, mas não com a mesma graça com que a Tagarela havia feito. Fui o primeiro homem a esvaziar os bolsos; a seguir, todos os demais fizeram o mesmo.

“O amuleto não foi encontrado em lugar algum, em nenhuma bolsa, em nenhum bolso. E os Winters continuavam ali, certamente não querendo desistir, mas incertos sobre qual seria o próximo passa Eu ainda me sentia um pouco responsável, mas também um pouco irritado, por isso disse: ‘Se isto o ajudar a sentir-se melhor, o senhor e eu podemos ir até a biblioteca, trancar a porta e descer as persianas. Eu vou me despir e o senhor poderá procurar por bolsos falsos e amuletos. Poderá verificar também se o objeto está colado na minha pele’. Em nenhum momento pensei que ele me levaria a sério, mas se por acaso levasse, azar o meu! Passei os cinco minutos mais embaraçosos e desconfortáveis da minha vida enquanto fiquei plantado ali, completamente nu, com ele examinando cuidadosamente aninhas roupas e analisando-me detidamente pela frente, pelos lados e por trás. Comecei a me preocupar com a hipótese de ele vir a sugerir a inspeção dos vários orifícios do meu corpo. Mas o amuleto era indubitavelmente grande demais para fazer deles esconderijos razoáveis. Um a um, todos os demais senhores seguiram o meu exemplo. Um deles fez menção de recusar, mas quando todos os olhares caíram sobre ele com ar de evidente desconfiança, ele se rendeu. Saiu furioso assim que a inspeção terminou. Talvez estivesse usando uma cueca suja. Quando tudo terminou, a Tagarela levantou-se e disse: ‘Muito bem, se a Sra. Winters quiser fazer as honras da casa, vou ficar bem quietinha para ela poder me revistar pois afinal pode ser que eu tenha enfiado o amuleto dentro do meu sutiã e há bastante espaço nele para isso e ele não apareceria através deste vestido por causa do jeito como estou usando meu xale. Saiu, depois voltou, e as outras duas senhoras tiveram de concordar em se deixar revistar:’

Silverstein fez uma pausa na história para tomar um gole do seu brandy, há algum tempo esquecido. Enquanto isso, Halsted comentou:

– Presumo que o amuleto não tenha sido encontrado com ninguém.

– Certo – respondeu Silverstein – não foi. Ao que parecia, porém, o Sr. Winters não era de desistir facilmente. Entrou em contato com o gerente do hotel e convenceu-o a destacar dois empregados para ajudá-los a procurar mais cuidadosamente no salão, para não dizer nos corredores adjacentes, nas áreas dos jardins externos próximas às janelas, etc. Pelo menos foi essa a história que contaram no dia seguinte.

– E encontraram o amuleto? – perguntou Halsted.

– Não – respondeu Silverstein. – No dia seguinte, os Winters estavam com uma cara de enterro e à noite partiram, certamente bem antes do que tinham planejado. Eu mesmo ouvi o gerente afiançar-lhes, exaltado, que tão logo o amuleto fosse encontrado, ele o enviaria à família.

– E foi encontrado depois?

– Não, não foi; Pelo menos não soubemos de nada até o momento em que minha esposa e eu deixamos o lugar, uma semana depois. Vocês percebem a peculiaridade do fato, não percebem?

– É claro! – respondeu Gonzalo – A coisa simplesmente evaporou!

– É claro que não – interveio Avalon rispidamente. – Em primeiro lugar, que evidências temos de que o amuleto realmente existia?. A história toda pode não ter passado de um embuste.

– Com que propósito? – perguntou Drake, fazendo uma careta.

– Para provar que o amuleto tinha desaparecido, é claro – disse Avalon.

– Mas por quê? – insistiu Drake. – Se se tratasse de alguma coisa de valor intrínseco, posso entender que os Winters estivessem preocupados em reunir provas para uma reivindicação junto

à companhia de seguros. Mas um amuleto desses vale quanto? Uns setenta e cinco cents?

– Não sei o motivo – disse Avalon, irritado – mas suponho que os Winters tivessem um. É claro que prefiro acreditar na existência de um motivo desconhecido do que no total desaparecimento de um objeto material.

Silverstein balançou a cabeça:

– Não creio que tenha sido um jogo, Sr. Avalon. Se o Sr. Winters estivesse pregando em todos uma peça muito bem bolada, sua esposa e seu filho teriam que estar envolvidos. Não posso afirmar nada quanto à esposa, mas o garoto Maurice, não estava representando. Em nenhum momento chego a duvidar que ele não estivesse realmente assustado. Ademais, se tudo não passava de uma representação, por que o Sr. Winters julgou necessário ir a tais extremos? Uma busca muito mais simples teria bastado para mostrar que o amuleto se perdera, se isso era tudo o que realmente se queria mostrar. Isto sim foi uma coisa peculiar, a meu ver. Por que os Winters teriam procurado com tamanha insistência e por que o jovem Maurice teria parecido assustado, em vez de simplesmente triste? Vocês não vêem a explicação? Ela me parece óbvia.

Por alguns momentos fez-se silêncio entre os Viúvos Negros. Então, Rubin disse:

– O senhor poderia nos dar a sua explicação, Sr. Silverstein, e então eu lhe diria se ela tem ou não fundamento.

Silverstein sorriu:

– Oh, vocês vão concordar comigo. Uma vez explicada, a história lhes parecerá tão óbvia quanto o é para mim. O amuleto que desaparecera não era do garoto, mas de seu pai. O Sr. Winters tinha deixado o filho ficar com ele por algum tempo e o garoto o perdeu. Estou certo de que o garoto sabia o quanto aquele amuleto era importante para seu pai, por isso parecia assustado, muito assustado, e não o culpo por isso. Somente quando a gente pensa que o Sr. Winters procurava o seu próprio amuleto é que dá para entender a natureza de sua busca.

– Mas ele insistiu em que o amuleto era de seu filho – disse Halsted.

– É claro! As pessoas são perfeitamente capazes de negar suas superstições, conforme já lhes falei, principalmente quando são inteligentes e educadas, sobretudo na presença de outras pessoas de boa formação, e mais ainda se o seu grau de superstição for patologicamente forte. São pessoas inteligentes o bastante para se sentir terrivelmente envergonhadas de sua loucura, mas são incapazes de se livrar dela. Sou um profissional nesses assuntos e posso garantir-lhes que é assim. Sem dúvida ele fingiria que o amuleto era de seu filho, e a princípio eu acreditei na sua história. Mas depois de observar melhor o Sr. Winters cheguei à conclusão de que suas emoções eram as de uma pessoa aterrorizada pela crença de ter perdido para sempre toda a sorte. Ele era tão vítima do desejo irresistível de recuperar aquela fé perdida quanto um toxicômano a quem falta a heroína.

– E não obstante o senhor ainda vende esse tipo de droga para as pessoas – disse Trumbull.

Silverstein sacudiu a cabeça:

– Uma porcentagem ínfima de pessoas é atingida a esse nível. Será que a fabricação de penicilina pode ser responsável pela morte de alguns poucos que desenvolveram uma sensibilidade fatal a esse medicamento? E então, Sr. Rubin, estou certo ou errado? – E sorriu confiante.

– Temo que esteja errado – respondeu Rubin. – Há um paradoxo nas suas considerações sobre o comportamento do Sr. Winters. Se ele estivesse tão dependente do poder desse amuleto, a ponto de se lançar numa busca psicoticamente intensa atrás dele, na certa nunca o teria entregue ao filho para brincar. Não, acho impossível acreditar na história do amuleto, tanto em relação ao pai quanto ao filho.

– Neste caso gostaria de ouvir uma outra explicação que fizesse sentido – disse Silverstein, num tom ofendido.

– Sem problemas – disse Rubin. – Eu sugeriria que o assim chamado amuleto da sorte era, de fato, uma peça valiosíssima.

– O senhor quer dizer que ele talvez fosse mesmo de ouro, ou que continha pedras verdadeiras ou mesmo que era uma obra de arte?– disse Silverstein, num tom quase sarcástico. – Neste caso, a objeção que o senhor levantou ainda se sustenta. Por que entregá-lo ao garoto para brincar? E, neste caso, por que chamá-lo de amuleto da sorte? Se o Sr. Winters tivesse mencionado o seu valor, teríamos procurado com mais afinco e reservado à busca uma maior atenção.

– Pode ser que o valor estivesse justamente em algo que não se pudesse mencionar – prosseguiu Rubin. – Vamos supor que fosse um dispositivo qualquer, ou que carregasse uma mensagem, um código gravado, ou então um microfilme guardado num minúsculo compartimento interno.

Silverstein franziu as sobrancelhas:

– Você está querendo dizer que o Sr. Winters era um espião?

– Considere isso uma hipótese – disse Rubin. – Achando que alguém estivesse no seu encalço para roubar-lhe o objeto o Sr. Winters entregou-o ao filho, pois acreditava que ninguém desconfiaria do garoto.

– Uma atitude um tanto covarde para um pai – retrucou Avalon com desaprovação.

– De jeito nenhum – disse Rubin. – O próprio Winters seria o alvo de ataque, se houvesse um perigo dessa natureza. Mas nesse caso não encontrariam o objeto com ele. Se ninguém suspeitasse que o objeto estaria com o garoto, ele não correria qualquer perigo. Pelo menos era isso o que ele provavelmente esperava. E se houvesse perigo para o menino, o Sr. Winters poderia ser daqueles que colocam a pátria e a missão acima de qualquer outra coisa. Quando deu pela falta do objeto, porém, a primeira coisa que lhe ocorreu deve ter sido a possibilidade de ele ter caído acidentalmente; depois, como o objeto não foi encontrado, deve ter chegado à terrível conclusão de que a coisa provavelmente teria sido roubada por um inimigo. Por isso levou a cabo uma tremenda busca, na esperança de que seu adversário fosse descoberto no mesmo momento em que o objeto fosse encontra-

do. É claro que teve de fingir que procurava algo insignificante. E como o objeto não foi encontrado, o Sr. Winters viu-se obrigado a partir, deixando para trás uma missão fracassada, sua identidade revelada e um inimigo a salvo. E não admira que seu filho estivesse assustado, pois, se é que era inteligente o bastante, teria uma vaga noção do que estava acontecendo.

Os Viúvos Negros não demonstraram qualquer entusiasmo especial pelo que tinham acabado de ouvir. Drake sacudiu a cabeça solenemente.

– O que lhe parece, Tom? Você é bom nisso – disse Rubin, indiferente.

Trumbull sacudiu os ombros:

– Não sei de tudo o que acontece. Você disse que isto se passou há nove anos, não é, Silverstein?

– Sim, senhor.

– Pode ser que na época houvesse qualquer coisa relacionada à África do Sul e suas tentativas de desenvolver uma bomba nuclear. De qualquer modo, o governo americano não estava envolvido nisso.

– Não precisaria tratar-se necessariamente de alguma coisa de que tivéssemos notícia – disse Rubin. – Mas acho, Tom, que minha interpretação é possível.

– Possível sim, mas eu não me arriscaria a ir além disso.

– Vocês todos estão se esquecendo de um ponto – disse Gonzalo. – Falam dos motivos pelos quais um menino estaria assustado ou das razões que teriam levado um sujeito a se lançar numa busca desenfreada. Ninguém parece realmente interessado no verdadeiro enigma. Que diferença faz se se tratava de um amuleto ou da chave para uma bomba nuclear? O que aconteceu com o objeto? Onde ele foi parar?

Lentamente, Avalon disse:

– Não vejo nenhum mistério nisso. Para começar, o único jeito de o objeto se evaporar seria não ter sido trazido para dentro da sala. Apesar de o garoto negar, ele deve ter perdido o objeto antes de entrar na sala e estava com medo de confessar. Isso se considerarmos que o objeto efetivamente existia. Afinal, inte-

ligente ou não, o garoto tinha doze anos. Ele não teria resistido à vontade de brincar com ele e deve tê-lo deixado cair em algum lugar de difícil acesso, Depois ficou com medo de dizer alguma coisa, porque sabia que o objeto era importante para seu pai. Mais tarde, no salão o pai lhe pergunta se o objeto está a salvo e ele tem de admitir que o objeto se perdeu, mas provavelmente não consegue dizer que o perdeu antes de entrar ali; não se atreve a confessá-la

– Não! – interveio Silverstein violentamente. – Ele não era esse tipo de garoto. Dava para notar que fora educado dentro de padrões rígidos. O pai não perguntou ao filho sobre o amuleto. O menino foi espontaneamente dizer-lhe que a coisa havia sumido. Se o tivesse perdido antes, teria contado ao pai antes, estou certo disso.

– Vamos supor que tenha sido uma perda acidental – argumentou Drake. – Ao tirar um lenço do bolso horas antes, por exemplo, o objeto teria vindo junto com o lenço e caído na grama, Ele não teria dado pela falta até o momento em que estivesse no salão do hotel.

– Não! – disse Silverstein novamente. – O garoto disse que trazia o amuleto quando entrou na sala e o pai acreditou nele sem hesitar. Ele conhecia o filho que tinha.

– Sr. Silverstein – interveio Avalon –, se o senhor insiste em que o objeto efetivamente existia e foi, de fato, perdido no salão, tem alguma idéia de onde ele foi parar?

– Não sei – disse Silverstein, encolhendo os ombros. – Talvez tenha caído no porão ao passar por uma fresta do assoalho. Talvez estivesse num lugar tão óbvio, que ninguém se preocupou em procurá-lo ali. Muitas vezes chego a vasculhar meu apartamento inteiro à procura de alguma coisa perdida e depois, quando a encontro, vejo que sempre esteve num lugar absolutamente visível.

– Sim, depois de tê-la encontrado – disse Avalon. – A coisa sempre acaba aparecendo, mesmo quando não se trata de uma busca tão prolongada e intensa quanto a do St Winters.

Por alguns instantes fez-se silêncio. Em seguida, Trumbull disse:

– Acho que estamos num impasse. O enigma é interessante, mas não creio que haja alguma possibilidade de solucioná-lo. Simplesmente falta.nos informação.

– Espere um pouco. Ainda não ouvimos Henry – disse Gonzalo.

– Não espere muito de Henry. Se um enigma é insolúvel, é insolúvel mesmo para Henry – disse Trumbul

– É mesmo? – insistiu Gonzalo. – Bem, gostaria de ouvir isto do próprio Henry. E então, Henry?

De seu lugar ao lado do aparador, Henry ouvira atenciosamente tudo o que se falara. Esboçou um sorriso leve, com uma expressão avuncular, e disse:

– Na verdade, Sr. Gonzalo, posso apenas sugerir uma possível solução. Não é preciso considerar o objeto como desaparecido misteriosamente.

Trumbull ergueu as sobrancelhas:

– É mesmo, Henry? E o que você sugere?

– Bem, sir, considere o comentário tecido pelo Sr. Silverstein com respeito à bolsa cheia de truques que ele inventou inspirado na da Sra. Freed, aquela senhora que falava sem parar.

Silverstein fitou-o de olhos arregalados.

– Você está querendo dizer que a Tagarela tinha uma dessas bolsas?

– Não, senhor Mas ocorreu-me que esses truques podiam perfeitamente ser feitos com uma bolsa normal que tenha sete zíperes e sete compartimentos.

– Explique-se melhor, Henry – disse Drake.

– Trata-se apenas de uma suposição, senhores – prosseguiu Henry, mas imaginem que a Sra. Freed falasse demais propositadamente. Alguém que tenha o apelido de Tagarela certamente parecerá tola a qualquer um menos perspicaz do que o Sr. Silverstein, e terá a certeza de não ser levada a sério o que é uma vantagem para um espião. Vamos supor que ela tivesse sido informada da existência do objeto e que, por alguma razão, suspei-

tasse de que o garoto, Maurice, estivesse de posse dele. O novelo de lã caiu várias vezes no chão e em pelo menos uma, segundo o relato do Sr. Silverstein, rolou em direção a Maurice. Ele saltou para ajudá-la; ela agradeceu com um tapinha e, dessa forma, distraiu-o ao tocá-lo. Um velho truque de batedores de carteira. No momento seguinte o objeto não estava mais no bolso de Maurice, mas nas mãos da Sra. Freed. Em seguida ela procurou uma bala de hortelã. Ao fazê-lo jogou o objeto num compartimento já aberto e vazio. Ela precisou abrir e fechar os zíperes à procura da bala e, quando terminou, todos os comparti mentos estavam fechados, inclusive o que continha o objeto. A seguir, fez uma demonstração da facilidade e da segurança com que a bolsa podia ser esvaziada, abrindo um compartimento e virando a bolsa de cabeça para baixo. Feita a demonstração, cujo objetivo era o de impressionar os presentes, ela movimentou os zíperes novamente, como se procurasse outro compartimento para continuar com sua demonstração, mas, ao que tudo indica, desistiu de fazê-lo. Ao terminar de abrir e fechar os zíperes, porém, todos os compartimentos estavam fechados, exceto o que continha o objeto. Este permaneceu aberto. Então ela só teve de esperar. Se ninguém desse pela falta, do objeto, muito bem. Se a falta fosse apontada, ela estava pronta. Bem, a falta foi apontada e os olhos do Sr. Winters caíram sobre sua bolsa. Sem pestanejar, ela resolveu esvaziá-la voluntariamente, contando em voz alta de um a sete enquanto puxava cada zíper. Quando terminou, os seis compartimentos que estavam fechados ficaram abertos e o compartimento que continha o objeto, e nada mais, estava fechado. Em seguida virou a bolsa de cabeça para baixo e dela caíram todas as coisas, exceto o objeto. E por ela ter representado muito bem seu papel de tagarela, por ter preparado bem o terreno e por ter respondido de bom grado à investigação, ninguém pensou em examinar a bolsa aparentemente vazia. Ao final, portanto, o objeto pareceu ter-se evaporado.

O Sr. Silverstein, de queixo caído enquanto Henry falava, fechou a boca com certa dificuldade e disse:

– Pode ser que tenha acontecido exatamente isso. Tudo parece encaixar-se perfeitamente ao que presenciei. E como recontei essa história tantas vezes nos últimos nove anos, não há possibilidade de eu ter esquecido o que vi. Seja como for, acho que nunca teremos certeza sobre o que aconteceu.

– Não – disse Trumbull –, mas aposto na versão de Henry e acho que de hoje em diante o pessoal daqui vai prestar mais atenção nas tagarelas inofensivas que usam bolsas complicadas.

– Só se elas tiverem zíperes, sir – disse Henry. – As bolsas com fecho de pressão abrem-se silenciosamente, mas produzem um grande ruído ao serem fechadas, ao passo que pelo som não se pode distinguir se um zíper está sendo aberto ou fechado.

POSFÁCIO

Conforme expliquei no posfácio anterior, "O amuleto" foi comprado e pago, mas a revista em que seria publicado jamais saiu. É a primeira vez, portanto, que esta história vem a público. Isto não me incomoda. Em cada um dos livros que integram minha série dos Viúvos Negros, procurei incluir algumas histórias inéditas. Considero isso uma recompensa àqueles que são generosos a ponto de comprar estes livros.

Vez por outra vejo-me diante da necessidade de eventual- mente incluir alguns detalhes pitorescos de alguma faceta da experiência humana como parte do pano de fundo dessas histórias. Em "O amuleto", por exemplo, discuto um pouco o ramo de negócio desses objetos curiosos. Você deve ter-se admirado com a superficialidade da minha pesquisa neste tema. Mas não se admire. Sou preguiçoso demais (e ocupado demais escrevendo outros milhares de coisas) para perder tempo em pesquisa. Quando preciso de detalhes sobre a venda de amuletos, por exemplo, invento-os a partir da minha imaginação em constante efervescência. Assim, se você atua no comércio desse tipo de produtos e acha que cometi algum erro, envie-me por escrito os devidos esclarecimentos.

TRIPLE DEVIL

Não era de se estranhar que, particularmente neste jantar dos Viúvos Negros, o assunto tenha sido homens que vencem na vida por esforço próprio.

Afinal, Mario Gonzalo, o anfitrião da noite, trazia como convidado o conhecido Benjamin Manfred, dono aposentado de uma rede de livrarias. Igualmente conhecido era, aliás, o fato de que, quando menino, há mais de cinqüenta anos, Manfred fora entregador de jornais e filho de pais pobres, mas honestos; muito honestos e muito, muito pobres.

E agora ali estava ele, não exatamente um Getty ou um Onassis, mas um homem muito bem de vida. Com quatro filhos e vários netos, todos envolvidos de uma forma ou de outra com seus negócios, ele certamente era o fundador de uma dinastia.

Visto que Manfred telefonara para avisar que chegaria um pouco atrasado, ainda que antes de o jantar propriamente dito começar, é natural que os coquetéis fossem servidos em sua ausência e que as conversas se desenrolassem livremente, sem a inibição produzida pela presença daquele que seria o objeto das discussões.

Tampouco era de se estranhar que justamente a voz de Emmanuel Rubin se sobrepusesse às outras na defesa de suas idéias.

– Não existe mais essa coisa de homem ou mulher, tanto faz, que vence na vida pelo próprio esforço – disse Rubin, empolgado. E quando estava empolgado, não havia outra alternativa senão ouvi-lo. Se sua estatura de aproximadamente 1,60 m fazia dele o mais baixo dos Viúvos Negros, sua voz era sem dúvida a que podia ir mais alto. Some-se a isto a aspereza de sua escassa barba grisalha e o brilho de seus olhos, que, por detrás das grossas lentes dos óculos, aumentavam de tamanho a ponto de meterem medo. Tudo isso fazia dele um homem que não passava desapercebido a ninguém.

– Ben Manfred é um homem que venceu pelo seu próprio esforço – disse Gonzalo, defendendo seu ponto de vista.

– Talvez seja – disse Rubin, relutante em abrir uma exceção à generalização que havia iniciado – mas ele se fez nas décadas de 1920 e 1930. Estou falando do aqui e agora, Estados Unidos da América de depois da Segunda Guerra Mundial, um país próspero e de mentalidade voltada para o bem-estar, onde as pessoas sempre acabam conseguindo ajuda para estudar, para vencer as dificuldades do desemprego, para começar, enfim. É claro que é possível vencer na vida, mas não sozinho, nunca sozinho. Há todo um sistema de apoio governamental a favor das pessoas.

– Talvez você tenha uma parcela de razão no que diz, Manny – disse Geoffrey Avalon, fitando o colega de cima para baixo com um certo ar de divertimento. Com mais ou menos 1,90 m de altura, ele era o mais alto dos Viúvos Negros. – Mas você não se consideraria um homem que venceu por si próprio? Que eu saiba, nunca herdou nenhuma fortuna, nem se casou com uma mulher rica. E não consigo vê-lo aceitando qualquer tipo de ajuda governamental.

– Bem, as coisas para mim nunca foram fáceis – disse Rubin –, mas não se pode ser alguém que venceu pelo próprio es forço até que se tenha vencido. Não tive um pai rico, não tenho uma esposa rica e tampouco sou rico. Posso me dar a alguns luxos, mas não sou rico. O que precisamos fazer é definir o que entendemos por alguém que tenha vencido pelo seu próprio esforço. O fato de uma pessoa não estar passando fome não é parâmetro para isto. Tampouco é suficiente que o sujeito esteja em melhor situação agora do que estava antes. Um homem que venceu por seu próprio esforço é aquele que começou pobre, sem dinheiro algum que não seja para a subsistência. Depois, sem receber ajuda externa na forma de grandes quantias de dinheiro, mas às custas de trabalho dum e de aguçada perspicácia nos negócios, ou então graças a um enorme talento, acaba se tornando milionário.

– E quanto à sorte? – resmungou Thomas Trumbull. – Suponha que alguém compre um bilhete de loteria e ganhe um mi-

lhão de dólares, ou então que alguém só aposte em vencedores numa pista de corrida.

– Você sabe que isto não vale – argumentou Rubin. – Neste caso a sorte seria a responsável pelo sucesso do sujeito. É como se você salvasse uma pessoa idosa das rodas de um carro e ela, além de invocar as bênçãos do céu sobre você, também lhe desse um milhão de dólares em agradecimento. E também não estou considerando as pessoas que enriquecem por meios ilícitos. Al Capone tendo começado praticamente do nada, ganhava sessenta milhões de dólares por ano antes de completar trinta anos, e isto numa época em que um dólar valia um dólar, e não vinte e dois cents. Também ele não pagava impostos pelo que ganhava. Você pode classificá-lo como alguém que tenha vencido pelo próprio esforço, mas não segundo minha definição.

– O problema com a sua definição, Manny – disse Roger Halsted – é que você quer restringir o termo a pessoas que passem pelo crivo da sua aprovação moral. Andrew Carnegie foi um homem que venceu sozinho, foi um grande filantropo depois de ter ajuntado seus milhões, e pelo que me consta nunca foi parar na cadeia. Não obstante, na sua escalada rumo ao poder, aposto como esteve envolvido em negócios de idoneidade duvidosa e que não hesitou em esmagar os pobres quando necessário.

– Tudo o que peço é que os parâmetros estejam dentro da lei – prosseguiu Rubin. – Não espero que as pessoas sejam santas.

– Manny, o que me diz do seu amigo Isaac Asimov? – perguntou Gonzalo com um ar de inocente que não convencia nem um pouco.

É claro que Rubin reagiu de imediato:

– Meu amigo? Só porque de vez em quando eu lhe empresto alguns dólares para ajudá-lo a pagar o aluguel, dinheiro, aliás, que não tenho a menor esperança de reaver, ele sai por aí dizendo para todo mundo que é meu amigo.

– Vamos lá, Manny. Ninguém vai acreditar numa coisa dessas. O homem está muito bem de vida. E, de acordo com sua autobiografia, começou do nada. Trabalhou na loja de doces do pai

e também foi entregador de jornal. Ê um homem que venceu pelo seu próprio esforço.

– É mesmo? – indagou Rubin. – Se ele é um homem que venceu na vida sozinho, tudo o que tenho a dizer é que na certa ele vive reverenciando seu criador.

É impossível prever por quanto tempo Rubin teria prosseguido na improvisação de variações sobre o tema, se neste momento Benjamin Manfred não tivesse chegado e a conversa não tivesse parado imediatamente para que Mario Gonzalo pudesse fazer as apresentações.

De estatura mediana, um pouco magro, Manfred tinha o rosto enrugado, mas de expressão bem-humorada. Seus cabelos eram grisalhos e escassos, a roupa bem-asseada, mas fora de moda: Usava colete, por exemplo, e era de se admirar que não possuísse um relógio de bolso com uma grande corrente que o atravessasse de um lado a outro. Mas, na falta de um relógio de bolso, usava um de pulso tão fora de moda, que precisava de corda para funcionar,

Manfred retribuiu às apresentações com um sorriso amável e, ao apertar a mão de Rubin, disse:

– Tenho muito prazer em conhecê-lo, Sr. Rubin. Gosto muito de ler suas histórias de mistério.

– Obrigado, Sr. Manfred – respondeu Rubin, tentando bravamente ser modesto.

– Nas minhas livrarias, seus livros são quase sempre garantia de boa vendagem. O senhor quase empata com Asimov.

Virou-se para cumprimentar James Drake, enquanto Rubin lentamente ia ficando vermelho de raiva, ao mesmo tempo que os outros cinco Viúvos Negros sofriam terríveis dores internas devido aos seus esforços desesperados para não cair na risada.

Henry, o insubstituível garçom dos Viúvos Negros, depois de ter providenciado uma generosa dose de martini seco para o cavalheiro que acabara de chegar, anunciou que o jantar estava servido.

Drake apagou o cigarro e olhou com prazer para a porção de caviar em seu prato. Serviu-se dos condimentos que Henry ofere-

cia a cada um dos integrantes da mesa, a princípio hesitando na cebola picada para depois servir-se com firmeza de duas porções.

– Como é que você pôde se dar ao luxo de oferecer caviar, Mario? – cochichou para Gonzalo.

– O velho Manfred está me pagando muito bem por um retrato que estou fazendo dele – respondeu Mario, também num cochicho. – Foi através desse trabalho que o conheci e achei que devia lhe propiciar alguns momentos de prazer subsidiados por seu próprio dinheiro.

– É interessante saber que as pessoas ainda querem se ver retratadas em quadros.

– Algumas pessoas ainda têm bom gosto – retrucou Gonzalo.

Drake sorriu maliciosamente.

– Você se importaria de repetir isto em alto e bom som pa ra que Manny pudesse ouvir?

– Não, obrigado – disse Gonzalo. – Sou o anfitrião e, portanto, o responsável pelo decoro à mesa.

A propósito, decoro é o que não faltava à mesa. Rubin parecia reprimir-se e perdeu dezenas de oportunidades de dizer a Manfred o que havia de errado com o comércio de livros e como isto contribuía para o empobrecimento de autores jovens e de valor.

Se, por um lado, os Viúvos Negros estavam mais quietos por Rubin ter fugido da raia, por outro mostraram-se bastante satisfeitos e não economizaram elogios eloqüentes aos pratos, à medida que eram servidos: sopa de tartaruga, ganso assado com panqueca de batata e repolho vermelho, carne cozida. Talvez tenham sido pouco diplomáticos ao declarar expressamente sua surpresa diante do fato de um jantar oferecido por Gonzalo apresentar traços tão suntuosos.

Gonzalo enfrentou com bom humor os comentários e, chegada a hora de bater com a colher no copo e pôr fim à conversa, ainda tentou mais uma vez aplacar o desapontamento de Rubin.

– Manny, você é o homem das letras aqui, e o melhor da sua classe, com toda a certeza. Quanto a isto estamos todos de acordo. Assim, você poderia fazer as honras da casa e dirigir as perguntas ao Sr. Manfred?

Rubin respirou ruidosamente e, com sua dose habitual de irritabilidade, respondeu:

– Sim, posso. Mesmo porque duvido que qualquer um de vocês seja suficientemente instruído para isso.

Voltou-se para Manfred e perguntou:

– Sr. Manfred, como o senhor justifica a sua existência?

Manfred não pareceu surpreso com a pergunta:

– Se há uma pessoa para quem justificar sua existência não é problema, é um comerciante de livros. Os livros, senhores, reúnem em si a sabedoria da humanidade, todo o conhecimento dos pensadores universais, o deleite e a exaltação criados pelo espírito inventivo de pessoas brilhantes. O livros contêm humor, beleza, imaginação, emoção, idéias, tudo o que há na vida. A vida sem livros é vazia.

– Hoje em dia existem os filmes e a televisão – murmurou

Manfred ouviu a observação e, sorrindo, comentou:

– Também eu assisto à televisão. E às vezes vou ao cinema. No entanto, o fato de eu gostar de uma refeição como esta que acabamos de fazer não significa que de vez em quando eu não coma um cachorro-quente. O problema é que não confundo essas duas coisas. Não importa o quanto um filme ou a televisão sejam bons, eles não passam de restos de comida para o espírito, de diversão para iletrados, de um pouco de distração para aqueles que, momentaneamente, estão sem ânimo para fazer qualquer outra coisa.

– Infelizmente, é em Hollywood que está o dinheiro – disse Avalon num tom que se pretendia solene.

– Certo – concordou Manfred – mas qual o significado disso? Não há dúvida de que uma cadeia de fabricantes de hambúrgueres pode faturar mais do que um restaurante quatro estrelas. Só que isso não transforma um hambúrguer num Peking Duck.*

---

* Pato à moda de Pequim

– Mas, já que estamos falando em dinheiro – prosseguiu Rubin –, posso perguntar-lhe se o senhor se considera um homem que venceu na vida pelo próprio esforço?

Manfred ergueu as sobrancelhas:

– Esta é uma expressão um tanto fora de moda, não é?

– Correto – disse Rubin, com entusiasmo. – Era exatamente isso o que eu dizia durante os coquetéis. Na minha opinião, atualmente é impossível para qualquer um vencer na vida por esforço próprio. Em geral há muita ajuda do governo.

Uma risada silenciosa fez sacudir o corpo de Manfred:

– Antes do New Deal não era assim. Naquela época, o governo era um árbitro de eminente moral e neutralidade. Quando uma grande empresa tinha um conflito a resolver com um pequeno empregado, o trabalho do governo era cuidar para que ambos os lados tivessem somente a ajuda de que pudessem dispor. O que poderia ser mais justo do que isto? É claro que a parte mais rica vencia sempre, mas isso não passava de uma coincidência. E se o pobre não conseguisse ver que se tratava apenas de uma coincidência, o governo mandava a Guarda Nacional para lhe explicar os fatos. Grandes dias aqueles.

– Mas o senhor era pobre quando jovem, não era?

– Muito pobre. Em 1907, meus pais chegaram aos Estados Unidos vindos da Alemanha e me trouxeram com eles. Eu tinha três anos de idade naquela época. Meu pai conseguiu emprego numa alfaiataria e no início ganhava cinco dólares por semana. Na ocasião eu era o único filho, mas o senhor pode imaginar como a situação econômica dele mudou quando, mais tarde, teve três filhas, uma em seguida da outra. Meu pai era socialista, e dos convictos! Assim que conseguiu a cidadania, votou em Eugene V. Debs. Isto fez com que algumas pessoas, cujas opiniões sobre liberdade de expressão não passavam do plano meramente discursivo, achassem que ele devia ser deportado. Minha mãe ajudava trabalhando em meio-período entre um bebê e outro. A partir dos nove anos, comecei a entregar jornal na parte da manhã, antes de ir para a escola, e depois das aulas fazia um bico ou outro. De algum modo meu pai conseguiu economizar di-

nheiro suficiente para dar de entrada na compra de sua própria alfaiataria. Daquele dia em diante, passei a trabalhar com ele depois do horário escolar. Quando completei dezesseis anos, ninguém mais me obrigou a ir a escola, de modo que parei imediatamente de estudar para trabalhar em período integral na alfaiataria. Nunca terminei o 2? grau.

– Pelo modo como o senhor se expressa, não me parece que seja um homem sem instrução – comentou Rubin.

– Depende do que o senhor entende por instrução. Se está se referindo ao tipo de instrução que se adquire através de livros, então sou uma pessoa instruída, graças ao velho Sr, Lineweaver.

– Este Sr. Lineweaver lhe dava livros?

– Na verdade ele me deu apenas um. Mas conseguiu que eu me interessasse por livros. De fato, devo quase tudo a ele. Não poderia ter deslanchado na vida sem a ajuda dele, de sorte que eu talvez não seja alguém que tenha vencido na vida por seu próprio esforço. Por outro lado, ele não me deu nada. Tive de conseguir tudo sozinho, e desse ponto de vista talvez eu seja mesmo uma pessoa que venceu por conta própria. Para ser honesto, eu mesmo não estou bem certo.

– O senhor me deixou confuso, Sr. Manfred – disse Drake. – O que foi exatamente que o senhor teve que conseguir sozinho? Resolver uma espécie de enigma, por acaso?

– De certa forma.

– Trata-se de algum episódio conhecido da sua vida?

– Os jornais trataram do assunto naquela época – prosseguiu Manfred –, mas isto faz muito tempo e a coisa já caiu no esquecimento. Às vezes, porém, fico pensando se tudo aquilo foi justo. Se tirei algum proveito? Bem, fui acusado de ter sido favorecido ilegalmente numa disputa jurídica e de sabe lá mais o quê. Mas ganhei a causa.

– Receio ter que lhe pedir, Sr. Manfred, que nos conte essa história em detalhes. Tudo o que disser será mantido em sigilo absoluto – disse Rubin.

– O Sr. Gonzalo já medisse isso, Sr. Rubin, e estou de acordo – disse Manfred. Por um momento, porém, seus olhos caíram

sobre Henry, que, com seu costumeiro ar de respeitosa atenção, permanecia em pé ao lado do aparador.

Trumbull percebeu o olhar de relance e disse:

– Nosso garçom, cujo nome é Henry, é membro do clube.

– Nesse caso, contarei a história – disse Manfred. – Mas se a acharem enfadonha, a culpa é toda dos senhores.

– Espere um pouco – interferiu Gonzalo, impaciente. – Se havia alguma espécie de enigma ou mistério envolvido, imagino que o senhor já o tenha solucionado, certo?

– Oh, sim. Não há nenhum enigma a ser resolvido. – E abanou a mão como se para não deixar qualquer dúvida quanto a isso. – Nenhum enigma.

– Neste caso – continuou Gonzalo –, ao contar a história que envolve o Sr. Lineweaver, não nos diga qual a solução para o enigma. Deixe-nos adivinhar.

Manfred não pôde conter um risinho:

– Os senhores não vão adivinhar. Não vão acertar...

– Tudo bem – disse Rubin –, prossiga com a história e tentaremos não interrompê-lo mais.

Manfred continuou:

– A história começa logo depois da guerra, da Primeira Guerra Mundial, pouco antes de eu completar quinze anos. Era sábado, não havia aula, mas eu ainda tinha que entregar os jornais e a última parada no meu roteiro de casas era uma velha mansão. Eu deixava o jornal no pequeno gancho ao lado da porta. Uma vez por semana, tocava a campainha e um criado trazia o dinheiro dos jornais da semana e ainda me dava vinte e cinco cents de gorjeta. A gorjeta normal era de dez cents, de modo que essa casa me agradava em particular.

"Sábado era dia de receber, por isso toquei a campainha e naquele dia, pela primeira vez, que eu me lembre, apareceu o Sr. Lineweaver em pessoa. Talvez ele estivesse próximo da porta quando a campainha tocou. Tinha uns setenta anos e eu pensei que fosse apenas outro criado, pois nunca o tinha visto antes. Fazia um frio tremendo naquele janeiro de 1919, e eu vestia roupas pouco apropriadas. Usava o único casaco que possuía e

que, por sinal, era muito leve. Minhas mãos e meu rosto estavam roxos e eu tremia de frio. Eu mesmo nem ligava para isso, pois já tinha entregado jornais em dias muito frios e era sempre a mesma coisa. O que é que eu podia fazer? Mas o frio que eu estava passando incomodou o Sr. Lineweaver, que disse: 'Entre, menino, eu vou lhe dar o dinheiro aqui dentro, onde está mais quente'. Por seu ar de autoridade, imaginei que fosse o dono da casa e fiquei com medo.

"Quando me pagou, deu-me um dólar de gorjeta. Eu nunca tinha ouvido falar de uma gorjeta nesse valor. Depois levou-me até a biblioteca, uma sala ampla, com estantes de livros do chão até o teto em todas as paredes, além de um balcão com outros livros. Pediu ao criado que me servisse um chocolate quente e me segurou ali por quase uma hora fazendo perguntas. Tentei ser o mais educado possível, mas no fim tive de dizer-lhe que precisava ir embora, ou meus pais poderiam pensar que eu tivesse sido atropelado. Não podia telefonar para avisá-los, pois em 1919 pouquíssimas pessoas tinham telefone. Quando cheguei a casa, meus pais ficaram muito admirados, principalmente com a gorjeta de um dólar, que meu pai pegou e guardou. Não que fizesse isso por maldade; é que em casa havia um cofre comum para o dinheiro da família inteira, e ninguém podia guardar consigo o que ganhava. Minha mesada da semana era exatamente igual a zero.

"No sábado seguinte, lá estava o velho Sr. Lineweaver à minha espera. Não fazia tanto frio como na semana anterior, mas ainda assim ele me convidou para tomar outro chocolate quente. Quando me ofereceu mais um dólar de gorjeta, segui as instruções de meu pai e disse que aquilo era muito dinheiro e que os vinte e cinco cents habituais eram o bastante. Acho que meu pai aprendeu com a vida que quando a esmola é muita o santo desconfia. O Sr. Lineweaver riu, disse que não tinha nada de menor valor e que, portanto, eu devia aceitar. Imagino que ele tenha percebido a maneira curiosa como eu olhava para os livros, pois perguntou-me se eu tinha livros em casa. Disse que meu pai tinha alguns, mas que estavam escritos em alemão. Ele me per-

guntou se eu freqüentava a escola e, claro, respondi que sim, mas que tão logo completasse dezesseis anos teria de abandonar os estudos. Perguntou-me ainda se eu freqüentava a biblioteca pública e eu disse que havia ido até lá algumas vezes, mas que a entrega dos jornais e o trabalho na alfaiataria não me deixavam muito tempo livre.

“Você gostaria de dar uma olhada nesses livros? – perguntou- me, enquanto apontava para as estantes nas paredes.

“Eu iria sujá-los, Sr. Lineweaver – respondi timidamente, olhando para minhas mãos pretas de tinta de jornal. Então ele disse:

“Tenho uma idéia. Aos sábados, como não há aula e a alfaiataria está fechada, você pode vir para cá depois de entregar os jornais, lava as mãos e fica na biblioteca o tempo que quiser lendo alguns desses livros. O que acha?

“Sim, sim – respondi.

“Ótimo! – disse ele. – Então avise aos seus pais que você vai se demorar um pouco mais por aqui.

“E assim fiz. E por dez anos, todos os sábados, religiosamente, lá estava eu. Exceto, é claro, quando ficava doente ou o Sr. Lineweaver não estava. Depois, quando fui ficando mais velho, passei a ir também nos sábados à tarde e mesmo em alguns dias da semana, à noite. Ele colocou à minha disposição uma variedade admiravelmente ampla de livros, cujo forte era a ficção inglesa. Li Thackeray e Trollope e enredei-me pelos enigmas de Tristam Shandy. Lembro-me de que fiquei fascinado com Tem Thousand a Year, de Warren. Era um misto de humor e de política incrivelmente reacionária, O anti-herói era Tittlebat Timouse e havia um vilão verdadeiramente impressionante chamado Oily Gammon. Acabei aprendendo com minha leitura que a palavra ‘gammon’ do nome da personagem, era um termo da gíria da época e que significa ‘balela’, ‘bobagem’.

“Li Pope, Byron, Shelley, Keats, Tennyson, Coleridge. Por alguma razão não gostei nem de Wordsworth, nem de Browning. Naturalmente, havia muita coisa de Shakespeare. Eu não gostava muito do que não fosse ficção, mas lembro-me de que

tentei ler Sobre a Origem das Espécies, de Darwin, se bem que não tenha conseguido avançar muito. Havia um livro recém-publicado na época, Out of History, de H. G. Wells, que me deixou fascinado. Li alguns autores norte-americanos, também, Mark Twain e Hawthorne, mas não suportei Moby Dick. Li alguma coisa de Walter Scott. Tudo isso, é claro, ao longo de muitos anos".

A essa altura, Trumbull parecia estar impaciente em sua cadeira, quando perguntou:

– Sr. Manfred, presumo que esse Lineweaver fosse um homem rico.

– Sim, sim... bastante.

– Tinha filhos?

– Dois filhos e uma filha, todos adultos.

– Netos?

– Vários.

– Por que, então, ele resolveu "adotar" o senhor?

Manfred pensou um pouco.

– Não sei. Fora os criados, aquela casa vivia vazia. Ele era viúvo. Os filhos e os netos raramente vinham visitá-lo. Suponho que se sentisse sozinho e gostasse de ter uma pessoa jovem em casa de vez em quando. Tenho a impressão de que ele me achava um garoto inteligente e estou certo de que ficava satisfeito com o meu interesse pelos livros. As vezes sentava-se comigo e conversávamos sobre os livros. Ele perguntava minha opinião sobre essa ou aquela obra e me sugeria outros títulos.

– Alguma vez ele lhe deu dinheiro? – perguntou Trumbull.

– Apenas aquele dólar por semana, que me dava infalivelmente todos os sábados. Um belo dia, parei de entregar jornais, mas ele jamais soube disso. O dele eu continuei a entregar todos os dias. Eu mesmo o comprava e o levava até sua casa.

– Ele lhe dava de comer?

– O chocolate quente. E quando passava da hora do almoço, um criado me servia um sanduíche de presunto e um copo de leite ou coisa que o valha.

– Ele lhe deu livros?

Manfred balançou a cabeça vagarosamente.

– Não enquanto viveu. Nunca. Não me dava nem me emprestava livros para eu levar para casa. Eu podia ler o que quisesse, mas somente durante o tempo em que estivesse na biblioteca. Tinha de lavar as mãos antes de entrar na biblioteca e recolocar cada livro na estante, no lugar exato de onde o tirara, antes de pegar qualquer outro.

– Penso que os filhos do Sr. Lineweaver se sentiam ressentidos com essa atitude dele em relação ao senhor – comentou Avalon.

– Acho que sim – concordou Manfred. – Mas jamais cheguei a conhecê-los enquanto o Sr. Lineweaver era vivo. Uma ocasião, ele me disse com um risinho nos lábios: “Um dos meus filhos me disse que preciso ficar de olho para você não me roubar alguns livros”. Devo ter feito uma cara de horrorizado com aquele insulto aos meus pais. Seria esse o tipo de filho que tinham criado? Mas o Sr. Lineweaver riu e, desalinhando meus cabelos num gesto carinhoso, continuou: “Disse-lhe que ele não sabia do que estava falando”.

– Os livros que ele tinha eram valiosos? – perguntou Rubin.

– Naquela época, jamais me ocorreu que pudessem ser. Eu não tinha a menor idéia de quanto custavam os livros, ou mesmo de que alguns fossem mais valiosos do que outros. Mais tarde vim a descobrir. Sabem, ele tinha orgulho de seus livros. Disse-me que os havia comprado pessoalmente, um a um. Eu disse que alguns eram tão antigos, que ele talvez os tivesse comprado quando ainda era menino. Ele riu e disse: “Não, não... muitos deles eu comprei de segunda mão. Já eram velhos quando os adquiri, compreende? Quem tem o hábito de fazer isso, às vezes consegue comprar livros muito valiosos por uma bagatela. “Triple Devil” disse ele, e repetiu: “Triple Devil” Pensei que estivesse empregando esta expressão para enaltecer-se a si mesmo, para mostrar o quanto tinha sido esperto em encontrar esses livros tão valiosos. É claro que, a essa altura, eu não sabia quais dos seus livros eram os valiosos.

“Com o passar dos anos, desenvolvi uma ambição: ser dono de uma livraria algum dia. Queria estar rodeado de livros e vendê-los até que tivesse dinheiro suficiente para ter minha própria biblioteca, uma coleção de livros que não precisasse vender. Livros que eu pudesse ler para minha satisfação pessoal. Mencionei este desejo um dia ao Sr. Lineweaver, quando ele me perguntou alguma coisa sobre o futuro. Disse-lhe que iria trabalhar na alfaiataria e economizar cada *cent* até conseguir dinheiro bastante para comprar uma livraria, ou então uma loja vazia para depois enchê-la de livros. Lineweaver sacudiu a cabeça: ‘Isto vai levar muito tempo, Bennie. O problema é que tenho filhos, meus herdeiros naturais, apesar de não passarem de um bando de egoístas. Mas não há por que não ajudar você às escondidas, sem que eles saibam de nada. Por ora lembre-se apenas de que possuo um livro muito valioso’.

“Espero que ele esteja bem escondido, Sr. Lineweaver – comentei.

“No lugar mais seguro do mundo” – ele respondeu. – Você se lembra de Chesterton? Qual é o melhor lugar para se esconder um pedregulho?

“Eu dei uma risada. Os contos de Father Brown eram novidade naquela época, e eu os adorava.

“No meio de outras pedras – respondi – e o melhor lugar para se esconder uma folha é na floresta.

“‘Perfeito’, disse o Sr. Lineweaver. – O meu livro está escondido na minha biblioteca.

“Olhei ao redor, curioso. ‘Qual deles?’, perguntei e imediatamente me arrependi, pois ele poderia pensar que eu queria pegar o livro para mim.

“Ele sacudiu a cabeça: ‘Não vou lhe dizer’, e exclamou: ‘Triple Devil! Triple Devil!” Mais uma vez pensei que estivesse empregando essa expressão para dizer qualquer coisa como ‘Puxa vida, sou mesmo um sujeito esperto em não revelar este segredo!’

“No início de 1929, quase dez anos após nosso primeiro encontro, ele faleceu e eu recebi um telefonema dos seus advogados

para comparecer à leitura do testamento. Fiquei perplexo, mas minha mãe parecia estar nas nuvens de tão contente. Ela achou que eu herdaria uma elevada soma de dinheiro. Meu pai franziu a testa e manifestou sua preocupação dizendo que o dinheiro pertencia à família do Sr. Lineweaver e que eu estaria agindo como um ladrão se o aceitasse. Meu pai era esse tipo de pessoa.

"Trajando minhas melhores roupas, compareci à leitura do testamento e me senti totalmente deslocado, um verdadeiro intruso naquele lugar. Eu estava rodeado pela família, filhos e netos, gente que jamais havia visto. Os olhares que me lançavam caíam sobre mim com o peso de um sentimento que era exatamente o oposto de afeto. Imagino que também eles pensassem que eu receberia uma grande quantia em dinheiro.

"Mas não tiveram motivo para se preocupar. O que me coube foi um livro da biblioteca, só um. Qualquer um que eu quisesse. Um livro da minha livre escolha. No meu íntimo, eu sabia que o desejo do Sr. Lineweaver era que eu escolhesse justamente o seu livro mais valiosos só que ele nunca me havia dito que livro era este.

"Mas a família não ficou satisfeita com aquela doação testamentária. Vocês poderão pensar que para eles não fosse sacrifício nenhum dispor de um livro no meio de mais ou menos dez mil, mas aparentemente ficaram ressentidos pelo simples fato de eu ter sido mencionado no testamento. O advogado informou que eu poderia fazer a minha escolha assim que o testamento fosse homologado. Perguntei se poderia ir até a biblioteca examinar os livros a fim de fazer minha escolha. O advogado pareceu concordar em que aquela seria uma atitude razoável, mas essa possibilidade foi imediatamente rejeitada pela família, sob a alegação de que o testamento não fazia qualquer menção a uma visita à biblioteca.

'Você já passou tempo suficiente nesta biblioteca' disse o filho mais velho. 'Limite-se a escolher um livro, que será seu tão logo o testamento seja homologado'

"O advogado não ficou muito satisfeito com essa atitude e mandou lacrar a biblioteca até a homologação, proibindo, assim, a

entrada de quem quer que fosse. Isto fez com que eu me sentisse melhor, pois achava que os filhos dele talvez soubessem qual seria o livro valioso e o retirassem de lá. Levaria algum tempo até que o testamento fosse homologado, de sorte que me recusei a fazer a escolha imediatamente. Descontente, a família contestou, mas o advogado ficou do meu lado. Passei muito tempo pensando se o Sr. Lineweaver não teria mencionado alguma vez qualquer coisa meio enigmática com a intenção de me sugerir um palpite. Não conseguia pensar em nada, a não ser na bendita expressão 'Triple devil', que ele costumava empregar para enaltecer sua astúcia. Lembrei-me, então, de que ele só a empregara nas vezes em que me falou sobre o seu livro valioso. Seria possível, então, que a expressão se referisse ao livro e não a ele?

"A essa altura eu já estava com vinte e quatro anos, e muito longe da criança inocente que havia sido dez anos antes. Tinha às mãos uma vasta quantidade de informações obtidas graças às minhas leituras, de maneira que não precisei ir até a biblioteca para fazer minha escolha. Citei o nome do livro e indiquei o lugar exato em que ele se encontrava nas prateleiras, pois naturalmente eu já o havia lido, embora nem sonhasse que ele fosse tão valioso.

"O próprio advogado foi à biblioteca e apanhou-o para mim. Era exatamente o livro que eu indicara. Hoje, com a minha experiência no comércio de livros, sei por que aquele livro era tão valioso. Mas isso não importa. O que importa é que o advogado, um homem bom, providenciou para que o livro fosse avaliado e, depois, colocado à venda em leilão público. A operação rendeu-me setenta mil dólares, uma verdadeira fortuna na época. Hoje, se colocado à venda, renderia nada menos do que duzentos e cinqüenta mil dólares, O problema é que eu precisava do dinheiro naquela época.

"É claro que os familiares ficaram furiosos, mas não havia nada que pudessem fazer. Moveram uma ação contra mim, mas o fato de não terem permitido minha entrada na biblioteca para escolher o livro fez com que perdessem a simpatia das pessoas. De qualquer modo, terminada a disputa judicial, tratei de com-

prar uma livraria, que consegui quitar durante o período da Depressão, época em que os livros eram uma forma de entretenimento relativamente barato. A partir de então ampliei os negócios até o ponto em que se encontram hoje. Diante do exposto, senhores, posso ser considerado um homem que venceu pelo próprio esforço?”

– Na minha opinião, o que lhe aconteceu não foi obra da sorte – disse Rubin. – O senhor teve de escolher um livro no meio de dez mil, tendo por base apenas uma pequena e obscura pista. E conseguiu. Foi, portanto, engenhoso e perspicaz, e ganhou o dinheiro. Apenas por curiosidade, qual era o livro?

– Ei, espere aí! – interveio Gonzalo com veemência.

– O Sr. Gonzalo pediu-me que não lhes revelasse a solução, pois os senhores gostariam de descobri-la sozinhos – explicou Manfred.

A fumaça do cigarro de Drake subia em círculos em direção ao teto.

– Um entre dez mil, e a única pista é a expressão “triple devil” – disse, com sua voz levemente rouca. – Nós nunca estivemos na biblioteca e o senhor esteve. O senhor sabia que livros havia por lá, e nós não. Não é um teste justo.

– Concordo. Se quiserem, posso lhes dizer a solução do enigma – disse Manfred.

– Não – interveio Gonzalo. – Nós merecemos uma chance. O livro deve ter a palavra “devil” no título. Poderia ser *The Devil and Daniel Webster*, por exemplo.

– Este é um conto de Stephen Vincent Benét – explicou Manfred – e só foi publicado em 1937.

Halsted pediu a palavra.

– A imagem que normalmente se tem do demônio (devil), uma figura com chifres, patas e rabo, foi extraída de Pã, o deus grego’ Seria um livro sobre Pã, ou trazia a palavra Pã no título?

– Na verdade, não consigo me lembrar de nada nesse sentido – disse Manfred.

– A deusa da magia, Hécate, em geral é associada a uma figura tríplice (“ triple”): donzela, matrona e velha – explicou A-

valon. – E por ser também a divindade lunar, esses três aspectos correspondem às suas três fases, respectivamente quarto crescente, cheia e quarto minguante. Como deusa da magia infernal, ela poderia muito bem ser considerada "três vezes demônio", "ou um demônio tríplice". *Memoirs of Hecate County* não serve como solução, pois foi publicado muito depois do ocorrido. Mas existe alguma obra anterior que traga a palavra Hécate no título?

– Não que eu conheça – respondeu Manfred.

Fez-se silêncio à mesa.

– É que não temos informações suficientes – disse Rubin. – A história em si já é interessante, e acho que o Sr. Manfred pode nos dizer agora qual a solução.

– Henry ainda não teve a sua chance – reclamou Gonzalo. – Henry, você tem alguma idéia de que livro poderia ser?

– Talvez não – respondeu Henry. – Seja como for, em geral as pessoas têm medo de mencionar o demônio pelo nome, com medo de atraí-lo. Por essa razão, chamam-no por vários apelidos, ou então empregam eufemismos. Muitas vezes usam o diminutivo de alguns nomes masculinos comuns como se quisessem apaziguá-lo com este gesto simpático. "Old Nick", em que o adjetivo "old" ("velho") nada tem de pejorativo, é um desses nomes que me vêm à mente.

Manfred quase se levantou de seu assento, mas o gesto passou desapercebido a Henry, que continuou:

– Esta linha de raciocínio nos leva à obra Nicholas Nickleby, cujo nome próprio, que dá título ao livro, pode ser reduzido a dois "Old Njcks", por assim dizer. Temos aí um duplo demônio, um "double devil".

– Mas precisamos é de um "triple devil" – observou Gonzalo.

– Pois bem: o diminutivo de Richard é "dickens", um eufemismo bastante conhecido em inglês para demônio, como na expressão "What the dickens!" ("Que diabos!"). Bem. todos sabemos que o autor de Nicholas Nickleby é Charles Dickens, o que nos leva ao "terceiro demônio" e à solução do enigma do 'triple devil" Estou certo, Sr. Manfred?

– Absolutamente certo, Henry – disse Manfred. – Receio que não tenha sido tão inteligente e perspicaz quanto vinha me considerando nesses últimos 55 anos. Você conseguiu decifrar o enigma em muito menos tempo do que eu, e isto sem sequer ter conhecido a biblioteca.

– Não, Sr. Manfred – completou Henry. – Eu mereço muito menos crédito do que o senhor. Veja, ao narrar os fatos, o senhor mesmo deu a solução do enigma.

– Verdade? Em que momento? – indagou Manfred, franzindo a testa. – Tive o cuidado de não lhes dizer nada que pudesse servir de pista

– Justamente por isto, Sr. Manfred. O senhor mencionou tantos autores e, em momento algum, citou o mais importante romancista inglês do século XIX, ou provavelmente de qualquer outro século, ou mesmo de qualquer outra língua. Seu erro em não mencioná-lo levou-me logo a pensar que poderia haver um significado especial no nome de Charles Dickens. Daí para a solução do mistério de "triple devil" foi fácil.

POSFÁCIO

Vocês devem ter percebido que, nesta história, Isaac Asimov é citado como sendo amigo de Emmanuel Rubin e que este último, por sua vez, não perde tempo em insultar e difamar o pobre Asimov.

Costumo fazer isso a cada dez histórias que escrevo, mais ou menos. E faço-o porque isso me agrada. Só que é com o pobre Rubin que estou sendo injusto, e não comigo.

Na sua encarnação da vida real, Rubin é Lester del Rey, que é e tem sido um grande amigo meu há quase cinqüenta anos. Costumamos trocar ofensas amáveis em público (o que me deu a idéia de fazer Rubin agir como agiu), se bem que, na verdade, nenhum de nós hesitaria em dar ao outro a roupa do corpo, se necessário. Lester é, de fato, absolutamente honesto e absolutamente confiável só que idiossincrásico, como eu.

Lester não se cansa de negar que exista qualquer semelhança entre ele e Rubin, embora eu lhe assegure que pessoas estranhas me param na rua e dizem: "Ei, aquele Rubin das suas histórias.., ele é tremendamente parecido com o Lester del Rey'

Esta história foi publicada pela primeira vez na edição de agosto de 1985 da Eliery Queen's Mystery Magazine.

PÔR-DO-SOL NA ÁGUA

Não levou muito tempo para Emmanuel Rubin se indignar a ponto de sua barba (ou o pouco que havia dela) ficar eriçada. Levou menos tempo ainda para que ficasse furioso, os olhos faiscando por detrás das grossas lentes dos óculos.

Nesse momento ele estava em algum ponto entre a indignação e a ira, e sua voz enchia o salão do andar superior do Milano, onde os Viúvos Negros se reuniam para seu jantar mensal.

– Recebo esta carta de um fã da Califórnia – disse –, e depois da baboseira de sempre sobre a qualidade dos meus livros...

– Baboseira é a palavra certa – disse Mario Gonzalo, fitando com complacência o esboço que fazia do convidado do jantar, um esboço que parecia resumir-se a duas enormes sobrancelhas.

Rubin completou imediatamente sua frase, não se preocupando em parar para contra-atacar o outro, coisa, aliás, bastante fora do comum em se tratando dele e sinal do quanto estava com raiva.

– ...ele me escreve dizendo que, se algum dia eu for à "costa", posso aparecer na sua casa, que ele me hospeda.

– Gentil da parte dele – disse Roger Halsted, beliscando um pãozinho de lingüiça, um dos aperitivos quentes que o inestimável Henry trouxera desta vez para acompanhar os drinques.

– Ninguém pode ser gentil e estúpido ao mesmo tempo – disse Rubin, inventando uma lei cósmica naquele instante. – Escrevi.lhe de volta dizendo "Muito obrigado eu já estou na Costa".

– Deus do céu – disse Thomas Trumbull, que chegara há três minutos e aceitara de Henry um scoth com soda, fingindo, como sempre, que acabara de chegar do Vale da Morte e que tinha um deserto na garganta. – É isto que está deixando você tão furioso assim? E daí que os californianos falam de sua "costa" como se ela fosse a única do mundo? E só força de expressão.

– Aliás – disse James Drake, que tinha nascido no Alasca – os "costeiros" do oeste, com o perdão da expressão, não são os únicos que cometem esse tipo de infração. Depois de passar cin-

co minutos na Califórnia, um cara da costa leste começa a dizer "Aqui na costa..". Do mesmo modo alguém nascido em Ohio e que a vida inteira tenha chamado seu país de "Estados Unidos da América", depois de passar cinco minutos na Europa já começa a falar dos "States".

Geoffrey Avalon, anfitrião do jantar naquela ocasião e famoso por sua notável habilidade em enxergar os dois lados de um problema, disse:

– O provincialismo não é monopólio de ninguém. Há uma anedota sobre duas viúvas de Boston, ex-esposas de homens importantes, que se encontravam em Los Angeles no início de outubro a uma temperatura de mais ou menos 40 graus. Uma diz à outra: "Meu Deus, Prudence, como está quente aqui!" Ao que a amiga responde: "E o que você esperava, Hepzibah? Afinal, estamos a quase dois mil quilômetros do oceano!".

Avalon bebericou seu drinque daquele jeito sério de sempre e disse:

– Tom, você ainda não teve oportunidade de conhecer meu convidado, Chester Dunhill. Chester, este é Tom Trumbull. Tom trabalha numa espécie de serviço secreto do governo, e nunca fala com clareza sobre ele.

– Prazer em conhecê-lo, Sr. Dunhill – disse Trumbull – Se nosso comportamento o está deixando embaraçado, devo dizer que são comuns entre os Viúvos Negros essas calorosas discussões sobre besteiras.

Dunhill era um homem alto, de vasta cabeleira grisalha e sobrancelhas espessas, de um preto brilhante. Com uma voz vibrante de baixo, disse:

– A gente é capaz de sobreviver a catástrofes. Mas são justamente as besteiras que acabam nos matando.

Surpreso, Gonzalo olhou para o convidado e já ia dizer alguma coisa quando Henry, com discrição, anunciou:

– Cavalheiros, o jantar está servido.

Rubin tomou com certa moderação o creme de ervilhas com presunto, atacou com voracidade o linguado grelhado com salada simples, mas se conteve ao encarar as tortas individuais, tra-

zidas em todo o esplendor de suas massas douradas, estalando de tão crocantes.

– Henry, o que há por baixo dessa massa? – perguntou Rubin com sua voz rouca.

– Sr. Rubin, temo que o Sr. Avalon, imbuído do genuíno espírito britânico, tenha pedido que servíssemos filé e torta de rim – respondeu Henry.

– Rim? Rim? – Rubin arregalou os olhos, indignado. – Mas isto é antropofagia! Jeff, jamais pude pensar que você fosse capaz de tamanha falta de gosto.

Avalon olhou, magoado. Depois disse:

– O filé e a torta de rim, desde que preparados corretamente, formam um prato muito refinado...

– Para quem? Para abutres?

– Para cada um de nós nesta mesa. Por que não experimenta, Manny?

– Rim tem gosto de urina – respondeu Rubin, intransigente.

– A sua marca preferida de cerveja também, Manny – interveio Gonzalo. – No entanto você não pensa nisso quando a empurra goela abaixo.

– Pelo amor de Deus – disse Trumbull –, isto lá é conversa para se ter à mesa? Manny, se você não consegue comer o prato que lhe foi servido, estou certo de que Henry poderá providenciar ovos mexidos.

– Vou comer o filé – disse Rubin, sorrindo com desdém. Depois, ficou amuado durante todo o tempo em que comeu o prato principal, os pasteizinhos recheados com molho de melaço, o pospasto de torradas com sardinha e o chá preto. Com isso, o jantar transcorreu silencioso e, conforme Gonzalo pôde salientar por meio de gestos, Rubin conseguiu comer a torta inteira, inclusive o rim.

Num dado momento, Avalon bateu com a colher no copo de água e disse:

– Cavalheiros, peço a Mario que dirija as perguntas ao nosso convidado de honra, meu bom amigo Chester Dunhill. Eu já lhe

expliquei as regras do jogo e ele está pronto a responder a todas as perguntas sem faltar com a verdade em nenhuma.

– Sr. Dunhill, como o senhor justifica a sua existência? – perguntou Gonzalo.

Dunhill fitou um ponto qualquer, piscou os olhos e disse: – Bem, procuro manter o passado vivo para o grande público. Considerando-se o fato de não ser possível pôr ordem no presente, a menos que se tenham aprendido as lições do passado, acho que minha missão na terra está justificada.

– Como o senhor mantém vivo o passado? – perguntou Gonzalo.

– Escrevendo sobre ele. Acho que eu poderia ser classificado como um historiador para o leigo.

– E o senhor consegue ganhar a vida com isso? – perguntou Gonzalo.

– Will Durante conseguia, e Barbara Tuchman ainda consegue – respondeu Dunhill prontamente. Depois, sorriu com um ar de timidez que não lhe caía bem. – Não me coloco exatamente na mesma posição deles, mas ainda assim consigo ganhar a vida.

Avalon pigarreou em alto e bom som.

– Posso interromper? Meu amigo, Charles, está sendo desnecessariamente modesto. Além de escrever sobre história, ele ainda escreve contos históricos para adolescentes, em geral ambientados na Grécia da Guerra do Peloponeso e na Roma da Segunda Guerra Púnica. E essas histórias são sucesso de público e de crítica.

– Por que esses períodos em particular, Sr. Dunhill? – perguntou Gonzalo.

– Ambos foram períodos de conflitos épicos entre duas potências de poderio equivalente: Atenas e Esparta, num caso, Roma e Cartago no outro. Ambas as guerras estão bem documentadas; ambas estão repletas de grandes batalhas, de triunfos e derrotas dramáticos, de generais e políticos, alguns brilhantes, outros idiotas. Para resumir, ambos os períodos são velhos sósias dos tempos em que vivemos hoje. Podemos ver, entender e nos simpatizar com as lições que procuro retratar em minhas

histórias. Mas não podemos sequer tirar uma conclusão geral, porque no primeiro caso o adversário que admiramos vence o outro, Roma derrota Cartago. No segundo, o adversário que admiramos perde: Atenas sucumbe a Esparta. É claro que sempre tive uma queda pessoal pelo general cartaginês Aníbal. Ele é um dos três grandes generais da história que acabaram derrotados sem que isso lhes denegrisse a imagem no mínimo que fosse.

– Napoleão foi o segundo. E quem foi o terceiro? – perguntou Rubin.

– Robert E. Lee, é claro – disse Dunhill no mesmo tom vibrante de antes.

Por um instante Rubin pareceu confuso, mas depois recobrou-se e disse:

– Pensei que o senhor fosse dizer Carlos X da Suécia, o que não estaria certo.

– Não estaria mesmo – disse Dunhill. – A Carlos XII faltava-lhe a prudência.

– E quanto aos generais que nunca perderam? – perguntou Drake.

– Estes são muito poucos – respondeu Dunhill. – Gêngis Khan, Cromwell, Alexandre, o Grande, Júlio César, o Duque de Marlborough e outros. A reputação que possuem está relacionada à maneira como suas vitórias foram conseguidas e à qualidade de seus adversários. Há pelo menos dois generais que me ocorrem, quase sempre derrotados, mas que continuaram grandes, se considerarmos o muito que conseguiram com o pouco de que dispunham. São eles George Washington, naturalmente, e o general Giap, do Vietnã do Norte.

– Suponho que em seus livros e contos sobre história o senhor trate de catástrofes de que as pessoas acabam por se safar. Quais são as besteiras capazes de matá-lo, Sr. Dunhill? – perguntou Gonzalo.

Todos os olhares voltaram-se para Gonzalo, que ficou irrequieto ao se ver no centro das atenções.

– O que há de errado com a pergunta? O Sr. Dunhill disse que podemos escapar de catástrofes, mas que as besteiras são capazes de nos destruir.

– Eu disse isto? – replicou Dunhill franzindo as sobrancelhas.

– Disse, sim. O senhor disse isto a Tom Trumbull – E virando-se para Trumbull que bebia vagarosamente seu brandy:

– Tom, ele não disse isto?

Trumbull concordou com a cabeça.

– O senhor disse isto mesmo, Sr. Dunhill

– Muito bem... e então, Sr. Dunhill que tipo de besteira o senhor tinha em mente?

– Na verdade – interveio Avalon –, toda derrota sofrida por um general competente pode ser atribuída a algum tipo de besteira. De fato, em Guerra e Paz, Tolstoi defendeu a tese de que nenhum general tem controle sobre uma batalha, mas que são as trivialidades que a decidem. Quando li o livro, achei este um detalhe entediante.

– Ora, Jeff, você está querendo livrar seu convidado da obrigatoriedade da resposta, e isto é falta de ética. Não acho que o Sr. Dunhill estivesse pensando em grandes batalhas. Acho que ele tinha em mente alguma coisa muito pessoal. Pelo menos foi assim que me soou e é isto que desejo saber – disse Gonzalo.

Dunhill sacudiu a cabeça:

– Foi só uma observação. Todos nós fazemos observações.

– Mas as observações não saem do nada. O senhor certamente tinha alguma coisa em mente – replicou Gonzalo.

Dunhill balançou a cabeça novamente.

Trumbull suspirou e depois disse:

– A mim também me pareceu, Sr. Dunhill que quando o senhor fez aquela observação alguma coisa o perturbava interiormente. Jeff disse que explicou o jogo ao senhor. O senhor concordou em responder a todos as perguntas e nós estamos de acordo, de nossa parte, em manter sob total sigilo tudo o que o senhor disser aqui. Se o senhor afirma categoricamente que sua observação nada tinha a ver com o senhor em particular, e se a

proferiu despropositadamente, nós teremos de aceitar sua resposta. Mas, por favor, retire o que disse, se isto não for verdade.

– Eu fui muito claro quando disse a você, Chet, que tudo isso seria confidencial – observou Avalon, num tom de profundo desconforto.

– Não há nada nessa observação além de uma profunda decepção pessoal sobre a qual me é penoso pensar, o que dirá discutir – disse Dunhill, um tanto irritado. O problema é que se trata de algo que só a mim diz respeito e os outros vão simplesmente rir de tudo. Trata-se de uma besteira que eu fiz e que, portanto, coloca a culpa de todo o problema diretamente nas minhas costas. E é ai que está a parte insuportável. Se eu pudesse pôr a culpa no governo, no destino, no universo, tudo isso não seria tão... – e parou, absorto em pensamentos.

– Será que o senhor poderia nos contar alguma coisa sobre o assunto? – insistiu Gonzalo teimosamente.

– Eu o advirto... É uma longa história que não interessa a ninguém a não ser a mim mesmo – disse Dunhill.

– Isto não tem importância – disse Gonzalo.

– Muito bem, mas foram vocês que pediram... Durante a Segunda Guerra Mundial, eu era um jovem que não prestou o serviço militar propriamente dito (pelo menos por alguns anos), por que trabalhava para a Marinha como químico. Isto foi em Filadélfia. Naquela época, eu era uma pessoa muito pouco sociável, e meu maior divertimento consistia em ir ao acervo principal da Biblioteca Circulante e ler o que me caísse às mãos. E uma das coisas que me caiu às mãos foi A História Universal Contada pelos Historiadores, em 24 volumes. A obra foi publicada em 1902, teve uma segunda edição em 1907, e depois recebeu dois volumes suplementares com informações sobre a Primeira Guerra Mundial, além de um volume-índice... 27 volumes no total. Algum de vocês já ouviu falar nesta coleção?

Fez-se silêncio. Dunhill prosseguiu:

– Não me admiro. Para a maioria das pessoas, ela seria uma obra totalmente ultrapassada. Na época em que a li, há cerca de

quarenta anos, ela já estava esgotada há muito tempo, e agora então... – Sacudiu os ombros, e depois continuou:

– O conteúdo dos volumes parece uma verdadeira colcha de retalhos. Passagens escritas por historiadores gregos e romanos, assim como de historiadores modernos dos séculos XVIII e XIX, foram incluídas em ordem cronológica numa série de histórias que envolvem as diversas nações separadamente. Os volumes 3 e 4 tratavam da Grécia; os volumes 5 e 6 falavam deRo ma, e assim por diante. É claro que havia muitas áreas de intersecção nessas histórias, mas isto significava apenas que os mesmos eventos eram descritos por historiadores diferentes, possivelmente de diferentes nacionalidades.

"O editor geral, Henry Smith Williams, preencheu alguns hiatos da obra com ensaios de sua própria autoria. Ele era um homem de espírito profundamente humanitário e de idéias liberais, e quase todas as vezes em que eu lia uma passagem que julgava ser particularmente expressiva, acabava descobrindo que era uma das suas. É preciso entender que os volumes foram escritos para ser lidos em conexão uns com os outros. Eventualmente havia apenas uma marca discreta no texto que remetia o leitor ao final do volume, e onde ele podia descobrir que estava lendo Gibbon, ou Prescott, ou Bury, ou Macaulay, ou Tucídi des, ou qualquer outra

"A biblioteca possuía a coleção em tomos que agrupavam dois volumes cada um. Eu os retirava um a um, e não demorou muito para descobrir que não suportaria parar de ler aqueles livros por causa de algo tão banal quanto meu trabalho diário. Levava-os para o laboratório e lia-os no intervalo do almoço, ou então abrindo parcialmente o tampo da minha escrivaninha, para que ninguém percebesse, enquanto algum líquido fervia lentamente no condensador. De todo aquele período, aqueles livros foram o que ficou mais impregnado na minha memória.

"Eu sempre fora interessado por história, mas aqueles livros transformaram meu interesse em obsessão. Naturalmente, todos os volumes já estavam desatualizados, pois antes do século XX a história resumia-se quase que exclusivamente a batalhas e in-

trigas da corte. Mas era exatamente disso que eu gostava, tanto que as histórias que escrevo são de um tipo que se poderia dizer ultrapassado. Não me detenho muito em aspectos sociais e econômicos"

– Os aspectos sociais e econômicos emprestariam maior valor às suas histórias – disse Rubin.

– E mais imbecilidade também – acrescentou Dunhill. – Não que eu deixe totalmente de lado essas coisas, mas é sempre bom lembrar que escrevo para o grande público, não para estudiosos. De qualquer forma, no final dos anos 50, mais ou menos dez anos depois de ter tido aqueles livros da biblioteca em minhas mãos pela última vez, abandonei a química e comecei a me dedicar integralmente a escrever história e contos históricos.

Dunhill fez uma pausa e pareceu meditar um pouco.

Drake esboçou um sorriso enquanto apagava o cigarro e observou:

– A menos que o senhor esteja contando essa história de maneira totalmente desinteressante, o que não acredito seja próprio de um escritor, esta História Universal Contada pelos Historiadores vai reaparecer na sua narração.

De pronto, Dunhill concordou com a cabeça:

– O senhor está absolutamente certo. Há alguns anos, minha esposa e eu fomos conhecer a casa de um novo amigo, onde jantamos na companhia de outros casais. Depois do jantar, fui até suas estantes de livros para examinar o que ele possuía, um péssimo hábito meu que deixa minha esposa furiosa, mas do qual nem ela é capaz de me curar. E lá, preenchendo uma parte inteira da estante, estava a História dos Historiadores. Durante anos eu nem sequer havia pensado nela. Tinha me esquecido completamente. Mas no momento em que a vi, todo o passado voltou. A lembrança de ler aqueles livros num momento terrível da história moderna, uma lembrança que havia ficado mais bela e iluminada com o passar dos anos, era dolorosamente doce e intensa. Há muito eu deixara de ser aquele rapaz pobre. Sou um homem que desfruta de boa condição financeira e posso me dar ao luxo de satisfazer alguns caprichos. Imediatamente procurei meu

anfitrião e me ofereci para comprar sua coleção. Eu não podia acreditar que qualquer outra pessoa além de mim se sentisse atraído por ela e estava disposto a pagar mais do que ela valia. Infelizmente meu anfitrião por alguma razão jamais explicada, não a quis vender. E foi bastante enfático a esse respeito.

“Senhores, posso lhes dizer que se houvesse um milhão de dólares sobre esta mesa, e se eu soubesse que poderia pegá-los sem correr o risco de ser preso, ainda assim não tocaria no dinheiro por uma simples questão de senso de honestidade. Mas eu realmente pensei em roubar aqueles livros que o meu amigo não me quis vender. E foi só a idéia de ser capturado ao tentar arrombar a casa que me deteve. Meu senso de ética simplesmente se despedaçou sob a tensão que sofri, de modo que preferi acabar com a nova amizade a me expor à amargura de ver outra pessoa de posse daqueles livros. Comecei a visitar sebos e a ligar para outros que não me era possível visitar, perguntando se tinham ou se podiam arrumar uma coleção daqueles livros. Cheguei mesmo a anunciar no New York Times Book Review, na seção de generalidades, e em periódicos de interesse dos aficionados por história. Quanto mais eu esperava, tanto mais estava disposto a pagar. E isto nos traz ao momento atual?’

– Espero que o senhor não vá nos dizer que conseguiu uma coleção inteira e que este é o fim da história – disse Halsted.

Dunhill fitou-o com as sobrancelhas arqueadas. Depois, com um tom amargo na voz, disse:

– Como eu gostaria de poder dizer ao senhores exatamente isso! Coloquei um número de caixa postal nos anúncios e dei meu endereço a todos os livreiros, mas nada disso funcionou. Não recebi nada. Nada de nada.

“Uma semana atrás, porém, peguei uma carta que havia sido enviada ao meu editor. Visito-o uma vez por semana e ele costuma guardar as cartas que os leitores endereçam a mim aos cuidados dele. Elas nunca são importantes e geralmente são escritas por pessoas que escolhem alguma opinião minha sobre história e querem ficar discutindo picuinhas. Uma coisa, aliás, que me deprime. Tinha a carta nas mãos quando deixei meu editor e fui

caminhando pela rua até a Estação Central. Sem prestar muita atenção, passei os olhos pelo envelope e notei uma escrita floreada, feita com caneta-tinteiro, o que para mim significou um mau sinal. Na. minha cabeça, decidi que a carta seria de um senhor idoso, que levantaria algum ponto fraco e queixoso concernente a alguma teoria que tivesse formulado e que fosse de sua estimação. Num ímpeto de mau-humor, rasguei o envelope e tirei de dentro dele a folha de papel. Nesse momento, passei por um caminhão de lixo e, como qualquer bom cidadão, atirei o envelope amassado para dentro daquela bocarra que se abria. Foi quando tive de atravessar a rua, o que em Manhattan requer de qualquer um toda a sua atenção, e coloquei o papel de carta no bolso. Só me lembrei dele quando já estava dentro do meu vagão habitual, a caminho de casa. Tirei a carta do bolso, li-a e uma súbita sensação de êxtase tomou conta de mim. Aqui está a carta. Deixem-me lê-la para os senhores."

Dunhill desdobrou o papel e leu em voz alta a escrita complicada do remetente, como se a tivesse memorizado.

"Prezado Sr. Dunhili,

Sou fã inveterado de seus livros. Li o seu anúncio e gostaria de lhe dizer que tenho uma coleção completa de A História Universal Contada por Historiadores, que gostaria imensamente de passar às suas mãos. Meu pai comprou-a para mim quando eu era bem jovem, e eu aproveitei dela tudo o que pude. Ela ainda está muito bem conservada, e se o senhor estiver disposto a me fazer uma oferta razoável, pagando inclusive todas as despesas de correio, eu a enviarei ao senhor por via expressa registrada.

Nunca sequer sonhei em vender essa coleção, mas já estou bastante velho e dentro de pouco tempo estarei me mudando para um lugar sossegado perto da casa da minha filha, onde não haverá espaço para a coleção. Sou viúvo e temo que não conseguirei continuar vivendo sozinho por muito mais tempo. Eu simplesmente não agüento esses invernos tão rigorosos.

Essa mudança significa trocar a vida numa cidade de porte médio pela vida numa cidade pequena. Significa, também, deixar meu apartamento à beira da praia, onde em tardes claras tantas vezes vi o sol se pôr na imensidão infinita das águas. Uma imagem tão real que me parecia ouvir o sibilar das labaredas se apagando ao serem tragadas pela água.

Mas se não tenho outra alternativa senão dispor desses livros, não consigo imaginar outra pessoa além do senhor a quem entregá-los. Espero que eles ainda lhe propiciem muitos anos de prazer. Peço-lhe o obséquio de me responder com a brevidade possível.

Cordialmente,
Ludovic Broadbotton”

– Meus parabéns, Sr. Dunhill – disse Rubin. – Tudo acabou dando certo, ou é exatamente aqui que entra a tal da besteira?

– É exatamente aqui que entra a tal da besteira – respondeu Dunhill sério. – Tome, dê uma olhada na carta e diga-me para onde escrever.

Rubin pegou a carta e passou os olhos pela escrita que preenchia um lado da folha. Virou-a do outro lado e viu uma página totalmente em branco.

– Não há endereço do remetente – disse.

– Não, não há – concordou Dunhill num tom de indignação.– Dá para entender a estupidez das pessoas que não colocam o endereço do remetente em suas cartas e depois esperam uma resposta?

– As pessoas que não colocam endereço do remetente em suas cartas geralmente colocam-no no envelope... Oh! – observou Rubin, lembrando-se de repente do ocorrido.

– Isso mesmo – disse Dunhill. – Joguei fora o maldito envelope. Está aí a grande besteira. Um cara vai e lê um anúncio que traz claramente um número de caixa postal. Em vez de usá-lo, ele decide escrever aos cuidados do meu editor. Isso não apenas significa um atraso de alguns dias, mas também me impede de

reconhecer de imediato que se trata de uma carta importante. Daí eu decido, no meio de tantas coisas, abrir a carta enquanto caminho pela rua e jogar o envelope dentro de um caminhão de lixo, sem ler o que estava escrito nele. Se pelo menos eu tivesse prestado atenção ao nome da cidade e nada mais, eu poderia conseguir o endereço dele na lista telefônica da cidade. Não deve haver mais de um Ludovic Broadbotton em qualquer cidade. E para completar, ele não acrescenta o seu endereço no corpo da carta. E qual o resultado de todas essas besteiras somadas? Consigo uma oferta de A História Universal Contada por Historiadores e não posso chegar até ela.

– Veja a coisa pelo seu lado positivo, Sr. Dunhill – disse Gonzalo. – O senhor pode conseguir outras obras de referência para suas histórias e contos.

– Conseguir outros livros? Eu tenho outros livros – disse Dunhill, verdadeiramente aflito. – Tenho dois cômodos da casa lotados de obras de referência sobre história, todas da melhor qualidade, para não mencionar as fontes da Biblioteca Pública de Nova York e da Universidade de Colúmbia. O senhor não entende. Quero um exemplar da coleção A História Universal Contada por Historiadores por razões sentimentais, pelo que ela significou para mim, pelo que ela fez por mim. E o pior é que a tenho e não posso consegui-la.

Por um momento, sua voz grave foi substituída pelo que se parecia com o som de uma criança fazendo birra. Ele próprio deve ter percebido isso, ainda que um pouco tarde, pois recostou se na cadeira, respirou profundamente e disse:

– Desculpem-me, senhores, não quero ficar aqui reclamando inutilmente da sorte.

– Por que não? – perguntou Avalon. – Todos nós fazemos isso de vez em quando. Mas, veja, em geral a gente vê mais do que pensa. Seus olhos demoraram-se sobre o envelope o suficiente para reconhecer que a carta estava endereçada ao senhor e notar que se tratava da escrita à mão de uma pessoa idosa...

– Sim – concordou Dunhill aflito. – Aí está outra besteira. A escrita à mão também me enganou, colaborando para a minha

impressão de que a carta não tinha a menor importância. Se pelo menos ele tivesse datilografado meu endereço no envelope, eu certamente teria tratado a carta com maior respeito.

– Sim, mas o ponto é que o senhor necessariamente passou os olhos pelo endereço do remetente também – prosseguiu Avalon. – Se o senhor se concentrar, pode ser que consiga se lembrar de alguma coisa.

– Não – respondeu Dunhill, desesperançoso. – Venho tentando isso há dias. Não adianta...

– Por que não especulamos com o que ele diz na carta? Ele mora numa cidade de porte médio, à beira da praia, e vê o pôr-do-sol no oceano. Isto significa que ele está na costa oeste, ou na "costa", só para citar o fã de Manny. Aqui em Nova Iorque, podemos ver o nascer do sol no oceano, mas nunca o pôr-do-sol. Não podemos começar por aí?

Dunhill parecia ter recobrado seu auto-controle. Com a voz tranqüila, disse:

– Senhores, fui químico e sou historiador. Estou habituado aos processos de raciocínio. Observem, porém, que ele fala de invernos rigorosos em sua cidade, que não consegue mais agüentar. Não é possível achar que em Los Angeles ou em San Francisco tais invernos pudessem existir. Aliás, em nenhuma cidade da costa oeste.

– Seattle é uma cidade em que chove a cântaros. Pode acre ditar... estive lá uma vez. Qualquer um lá ficaria doente – disse Gonzalo.

– Nesse caso ele falaria de um clima chuvoso. Ninguém fala de invernos rigorosos a menos que esteja se referindo a gelo e neve. Isso elimina a costa oeste e o Havaí também, mas...

– Espere aí – interveio Rubin. – Como o senhor sabe que ele escreveu de dentro dos Estados Unidos? A carta está escrita em inglês, mas poderia vir do Canadá, da Escócia, da Austrália. Aliás, hoje em dia qualquer não-anglófono com alguma formação pode escrever em inglês.

Dunhill ruborizou.

– Bem, de fato eu percebi alguma coisa no envelope. Ele tinha um selo americano. Sei disso porque guardo selos do exterior para um amigo e, por isso, percebo na hora se o selo dos envelopes é estrangeiro. Se fosse esse o caso, eu certamente o teria destacado do envelope e jogado o resto fora. Acho até que, se se tratasse da marca de uma máquina de franquear estrangeira, eu teria notado. Como disse, portanto, podemos eliminar Califórnia, Oregon, o Estado de Washington e o Havaí. Sobra o Alasca.

– Eu não teria pensado no Alasca – resmungou Gonzalo.

– Eu teria – disse Drake, sorrindo. – Eu nasci lá.

– De qualquer modo, a única cidade do Alasca que até mesmo alguém de lá poderia considerar de médio porte é Anchorage. É uma cidade costeira, mas não de frente ao mar aberto e sim na enseada de Cook. A enseada, porém, fica do lado oeste de Anchorage, de sorte que talvez se possa ver o pôr-do-sol na enseada. Talvez. Eu não me limitei a ficar tecendo hipóteses. Telefonei para a central telefônica e o Correio de Anchorage. Não há nenhum Ludovic Broadbotton na cidade. De fato, só para me certificar bem das coisas, liguei também para Juneau e Sitka. Juneau também fica numa outra enseada, um pouco mais ao sul, e Sitka tem uma população de menos de dez mil habitantes. Liguei para as duas e nada!

– Se o senhor está considerando cidades em enseadas, que tal a costa leste? – perguntou Halsted pensativo. – O oceano pode ser a leste, mas é possível que haja enseadas a oeste.

– Eu sei – disse Dunhill. – A Flórida tem uma longa costa a oeste e alguém que viva à beira-mar em Tampa ou em Key West poderia assistir ao mergulho do sol nas águas do golfo do México. Mas onde entrariam os rigorosos invernos? Há uma extensa península que forma a praia a leste da baía de Chesapeake. A maior cidade na costa oeste daquela península é Cambridge. Ela tem uma população de aproximadamente onze ou doze mil habitantes, e dela é possível ver o pôr-do-sol na água, já que a baía de Chesapeake é de considerável extensão. Assim, telefonei para a cidade e também lá não consegui nada. Ademais, os únicos invernos rigorosos na costa leste ocorrem a partir de Filadélfia pa-

ra o norte, New England, particularmente. Qualquer cidade da costa nordeste, porém, está de frente para o oceano a leste ou a sul. Mesmo Provincetown, no extremo do cabo Cod, que poderia estar de frente para o oceano pelo lado oeste, tem o mar do lado sul. Falmouth tem o oceano a oeste, mas é uma cidade pequena. Nenhuma cidade que se poderia conceber como de tamanho considerável tem o oceano a oeste.

– De Manhattan você pode ver o sol se pôr no Hudson – disse Gonzalo mais para si mesmo do que para que os outros ouvissem.

– Não, não pode – disse Drake. – Ele se põe sobre Nova Jersey.

Halsted coçou a testa alta e meio rosada e disse:

– Você não considerou a hipótese de seu remetente ter-se enganado quanto aos pontos cardeais, não é mesmo? Há não muito tempo, um delegado americano na ONU convidou as pessoas de qualquer nacionalidade, que não estivessem satisfeitas com a hospitalidade americana, a deixar o país. Ele disse que adoraria acenar-lhes um adeus enquanto navegassem para longe dos Estados Unidos rumo ao pôr-do-sol. E não se preocupou em explicar como alguém pode navegar rumo ao pôr-do-sol tendo saído de Nova York.

– Lembro-me desse incidente – exclamou Dunhill. – Ele só estava usando uma metáfora estúpida. Ademais, não estamos falando de nenhum membro da atual administração. Estamos falando de um americano médio de, presumivelmente, inteligência média.

– Além disso, uma pessoa pode se enganar quanto ao leste e o oeste, mas se está descrevendo a trajetória descrita pelo sol, não há como confundir nascer e pôr-do-sol – salientou Avalon.

– Não... precisamos encontrar uma cidade de porte médio, com o oceano a oeste e com um inverno rigoroso. Confesso que não consigo pensar numa única que satisfaça a todas essas condições.

– E quanto às ilhas americanas que não fazem parte dos Estados Unidos? Porto Rico, Guam? – perguntou Gonzalo. – Lá também se usariam selos americanos, não é?

– É, sim – concordou Dunhill. – Mas também são ilhas tropicais. Acreditem-me, senhores, nunca vivi uma situação tão angustiante.

– O senhor não acredita que tudo isso seja enganação, não é? – perguntou Halsted. – Talvez Ludovic Broadbotton não passe de um nome inventado por alguém que deliberadamente enviou ao senhor pistas que não levam a lugar algum. Talvez não houvesse um endereço de remetente no envelope também. Ou então um endereço falso.

– E por que alguém se daria ao trabalho de me incomodar? – disse Dunhill calmamente. – Sou uma pessoa inofensiva, e o que peço tampouco visa a prejudicar alguém. Qual seria o objetivo de uma brincadeira dessa natureza?

– Aquele que realmente se diverte pregando peças nos outros – disse Avalon – não precisa de um objetivo concreto, além da razão que só ele é capaz de ver, é claro.

– O senhor tem amigos que gostam de pregar peças nos outros? – perguntou Halsted.

– Não que eu saiba – disse Dunhill. – Tenho muito cuidado ao selecionar meus amigos.

– Talvez Henry tenha alguma idéia – disse Gonzalo. Virou-se em sua cadeira e, confuso, perguntou: – Onde está Henry? Ele estava aqui há um minuto ouvindo nossa conversa. – Aumentou o tom de voz e chamou: – Henry!

Henry saiu do recinto ao lado, onde estavam guardados os casacos e os chapéus dos membros do clube, e, imperturbável, disse:

– Estou aqui, cavalheiros. Estava empenhado em realizar uma pequena tarefa. Sr. Dunhill, o Sr. Ludovic Broadbotton está ao telefone ansioso por falar com o senhor.

Os olhos de Dunhill pareceram querer saltar fora das órbitas.

– O Sr. Ludovic? Você está falando sério? – perguntou, chocado.

– É claro que sim – respondeu Henry, com um sorriso afá vel. – Talvez fosse melhor o senhor não se demorar em atendê-lo. E devo aconselhá-lo a oferecer-lhe uma quantia generosa. Ele vai se mudar na semana que vem e não haverá tempo para barganhar.

Sem entender o que estava acontecendo, Dunhill levantou-se e desapareceu no outro recinto, onde havia uma cabine telefônica.

Em estado de choque, os Viúvos Negros continuaram calados por mais alguns minutos, até que Rubin perguntou:

– Muito bem, Henry, que tipo de mágica você usou desta vez?

Mágica nenhuma, senhores – respondeu Henry. – Foi o Sr. Rubin, ao iniciar a discussão sobre atitudes provincianas com respeito a costas, que me levou a pensar em como os americanos que vivem numa costa se esquecem, ou ignoram, a outra.

– A mim me parece que os americanos das três costas, a do Pacífico, a do Atlântico e a do Golfo, se quisermos considerá-la separadamente, em geral tendem a ignorar a quarta costa, que também é consideravelmente extensa.

– A quarta costa? – perguntou Avalon, franzindo as sobrancelhas.

– Claro – disse Rubin, desgostoso por só agora ter-lhe ocorrido uma outra possibilidade.

– Sim, Sr. Rubin – prosseguiu Henry. – Estou pensando nos Grandes Lagos. Nós não os incluímos em nossas considerações sobre as costas marítimas, mas o Sr. Broadbotton também não se referiu à costa que descreve como sendo marítima. Ele falou em “praia”, e os Grandes Lagos certamente têm praias. É muito comum as pessoas se referirem às margens dos lagos co mo “praias do lago”. E qualquer um que viva num lugar à beira de qualquer um dos Grandes Lagos experimentaria a mesma sensação de estar olhando para o oceano. São lagos de grande porte, cavalheiros.

– Contudo, todas as cidades de tamanho médio às margens dos lagos estão de frente para eles, seja a leste, ao sul ou ao nor-

te. E se quiserem, podemos incluir nessa lista também as cidades canadenses. Duluth está na margem leste do lago Superior. Milwaukee e Chicago têm o lago Michigan a leste. Gary está na margem norte do lago Michigan. Detroit tem o Lago St. Clair a leste, um lago aliás pequeno para os padrões dos Grandes Lagos, mas ainda assim grande o suficiente para produzir o efeito do pôr-do-sol na água. Toledo tem o Lago Erie a leste. Cleveland e Erie estão na margem norte do Lago Erie, apesar de o observador que está em Erie poder ter alguma vista da margem oeste. Hamilton tem o lago Ontario a leste, ao passo que Toronto está na margem sul e leste do mesmo lago e Rochester na margem norte.

– A única cidade de porte realmente considerável com vista a oeste para um Grande Lago é Buffalo, Nova York, com o lago Erie a oeste. De certos pontos em Buffalo é possível ver o pôr-do-sol no lago Erie, e Buffalo é famosa pela quantidade de neve que cai por lá no inverno. Por isso resolvi checar Buffalo primeiro. Liguei para a cidade, consegui o número do telefone do Sr. Broadbotton, liguei para ele, e ele me respondeu na hora. Aliás, estava muito preocupado por não ter recebido notícias do Sr. Dunhill Ele estava tão ansioso para vender a coleção quanto o Sr. Dunhill estava para...

Neste momento, Dunhill reapareceu com o rosto radiante de alegria.

– Tudo acertado – disse. – Vou pagar quinhentos dólares mais as despesas de correio e espero ter a coleção dentro de alguns dias.

Tirou a carteira do bolso antes que Avalon, aterrorizado, conseguisse detê-lo.

– Henry, você merece uma recompensa de dez por cento pelo que fez – disse Dunhill. – Como você conseguiu?

Gentilmente, Henry recusou a gorjeta com um gesto de mão.

– Sr. Dunhill – disse com segurança –, como membro dos Viúvos Negros, não posso aceitar gorjetas pelo cumprimento dos meus deveres para com o clube.

Dunhill hesitou, mas depois recolocou a carteira no bolso.

– Mas como conseguiu, homem?

– Foi só pensar nos Grande Lagos como pequenos oceanos. Não vale a pena discutir tudo de novo, O importante é que o senhor vai conseguir os livros que deseja – disse Henry.

POSFÁCIO

Vejam que Dunhill desejava ardentemente a The Historians History of the World (A História Universal Contada pelos Historia dores). Pois bem, era *eu* que a desejava. Era *eu* que a havia lido quando jovem, retirando volume por volume da biblioteca pública, e era eu que a havia visto na biblioteca particular de um amigo. E era eu que a teria roubado se tivesse conseguido encontrar uma Forma de fazer isso. Ela foi a única coisa que pensei em roubar em toda a minha vida.

Mas a história que vivi tem um final bastante feliz. Tentei encontrar um exemplar da coleção que pudesse comprar legitimamente, em troca de dinheiro, mas não consegui. Um amigo meu, porém, tinha essa coleção e conseguiu uma outra, que deu de presente para mim. Depois de muito tentar, consegui persuadi-lo a aceitar uma ninharia em troca dos livros. Ainda tenho a coleção, e ela é uma das meninas dos meus olhos.

Por uma questão de consciência, porém, devo confessar- lhes uma coisa. Na coleção do meu amigo estava faltando um volume. E a coleção que ele me deu de presente estava completa. Por algum tempo tentei me convencer a oferecer-lhe o volume que estava faltando na coleção dele, mas simplesmente não consegui convencer-me a fazê-lo. Que sujeitinho mais baixo, não?

Esta história foi publicada originariamente na edição de janeiro de 1986 do Ellery Queen’s Mystery Magazine.

ONDE ESTA ELE?

Quando Roger Halsted apresentou seu convidado como sendo seu corretor de investimentos, os membros dos Viúvos Negros, reunidos para seu jantar mensal, a princípio responderam com um silêncio de espanto.

Halsted ignorou a reação e percorreu o salão apresentando metodicamente cada um dos membros do clube.

– Como disse, este é W. Bradford Hume, colegas. Brad, quero que conheça Emmanuel Rubin, escritor de histórias de mistério; Mario Gonzalo que daqui a pouco estará retratando você; James Drake, que está tossindo com o cigarro na boca e que era químico antes de se aposentar; Geoffrey Avalon, um conceituado procurador, embora eu nunca tenha conseguido descobrir o que fazem os procuradores; e Thomas Trumbull, que trabalha para um departamento secreto do governo. E este é nosso garçom, Henry, também membro do clube e que acaba de lhe trazer um drinque.

Rume retribuiu a todas as apresentações com palavras educadas e um sorriso. Aceitou o martini com um "Obrigado, Henry" e a essa altura os membros do clube já tinham se recobrado do susto que haviam tomada

– Você está querendo nos dizer que ele é seu corretor de investimentos? – perguntou Rubin por detrás das grossas lentes dos óculos.

– Exatamente isso – respondeu Halsted com uma certa arrogância.

– Por acaso lhe deram um aumento de salário e você passou a ganhar cinco vezes mais do que ganhava antes?

– Ninguém precisa pensar que não tenho onde cair morto só porque sou professor de matemática do primeiro grau – disse Halsted. – Tenho adicionais por tempo de serviço, auxílio saúde e um salário razoável. Ademais, a Alice também trabalha e ganha mais do que eu, sem contar um pequeno patrimônio que her-

herdei de minha mãe, que Deus a tenha. Assim, Brad toma conta de alguns dólares para mim, e o faz muito bem.

Hume sorriu, lisonjeado, e comentou:

– Longe de mim insistir neste assunto de negócios, cavalheiros. Compreendo muito bem que esta é uma noite puramente social.

– Puramente! – resmungou Trumbu

– Acredito, Sr. Hume, que a vida de um consultor financeiro nesses tempos tão instáveis não deva ser das mais tranqüilas – disse Avalon, depois de pigarrear.

– E não é mesmo, Sr. Avalon, só que todos os tempos são instáveis, e isso torna as coisas particularmente difíceis para um consultor financeiro, já que o que se espera dele é que leia o futuro, pelo menos o futuro imediato.

– Que ações estão em alta? Quais estão em baixa? – murmurou Gonzalo, enquanto trabalhava na caricatura de Hume. Mario imaginara um emaranhado de cabelos pretos, nos quais pretendia pendurar um rosto de expressão quase querubínica.

– O sobe e desce das ações faz parte do meu trabalho, sem dúvida – disse Hume – mas há um pouco mais do que isso também. É preciso saber avaliar que investimento será rendoso a longo prazo, antever mudanças nas taxas...

Nesse momento, Halsted colocou a mão no braço de Hume.

– Não fale sobre isso agora, Brad. Eles vão bombardeá-lo de perguntas depois do jantar, mas até lá você tem o direito de relaxar.

– Isso é bom – disse Rume. – Qual é o menu desta noite, ou não devo perguntar sobre isto?

– Por que não deveria? – disse Halsted. – Henry, o que temos para esta noite?

A expressão suave, sexagenária do rosto de Henry franziu se levemente.

– Esta noite teremos salmão grelhado, Sr. Halsted, e penso que o senhor não vai achá-lo nada usual. O molho de lagosta é uma receita particular do nosso chef.

– Por acaso vamos servir de cobaia para ele? – perguntou Drake com sua voz rouca.

– O senhor não ficará desapontado, Sr. Drake. O salmão será precedido de uma sopa portuguesa à base de peixe e legumes, que para seu gosto poderá estar um pouco picante.

– O que certamente não me incomoda – comentou Avalon, e suas grossas sobrancelhas arquearam-se, emprestando ao rosto uma aparência amável e satânica ao mesmo tempo.

Conforme ficou provado depois, Henry estava certo. Da sopa ao bolo de chocolate ao rum, tudo o que se ouviu foram palavras de aprovação e elogio. Até mesmo a intrépida afirmação de Rubin, de que ‘o exercício do futurismo, atualmente em moda”, era vazio de conteúdo, não levantou manifestações calorosas da oposição.

– Tudo o que você precisa fazer – disse Rubin – é retroceder no tempo e ler as previsões para o nosso tempo feitas pelos charlatães de cinqüenta anos atrás. Você verá que eles previram um montão de coisas que não estão acontecendo e que não previram quase tudo o que realmente está acontecendo.

Hume ouviu com atenção e seriedade a discussão que se seguiu, mas não disse palavra.

– O seu velho amigo Asimov é um futurólogo, não é? – perguntou Gonzalo, com um brilho de evidente malícia no olhar.

– Ele? – continuou Rubin, e cada pêlo de sua escassa barba parecia eriçar-se. – Ele descreve o futuro no que ele chama de ficção científica, mas os únicos pontos em que acerta são aqueles absolutamente óbvios para qualquer um. Além disso, eu não o chamaria de amigo. Apenas o ajudo de vez em quando com o enredo de uma história, quando ele empaca e não consegue ir adiante.

Halsted deu um tapinha no estômago com um sorriso de quem estava bem satisfeito e bateu com a colher no copo d’água para pedir a atenção dos outros.

– Cavalheiros, é chegada a hora de Brad pagar pela excelente refeição submetendo-se a uma sessão de perguntas. Manny, já que tem uma opinião tão negativa sobre a arte de ver o futuro, poderia ser você o inquiridor oficial? E, por favor, não se esque-

ça de manter um nível mínimo de cortesia para com nosso honorável convidado.

Rubin deu uma risada.

– O dia em que eu precisar de aulas de boas maneiras eu lhe aviso, Roger. Sr. Hume, como o senhor justifica a sua existência?

– Se o senhor espera que eu responda que a justifico enriquecendo as pessoas com formas inteligentes de investimento – disse Hume –, vai se desapontar. A justificativa para a minha existência está na minha habilidade de discursar.

– É mesmo? Suponho que o senhor se considera bom nisso...

– Sim, sim. Faço isso há quinze anos e estou cobrando atualmente uma taxa de setenta e cinco dólares por hora de palestra, o que pode fornecer um bom parâmetro da minha habilidade.

– Huh... – exclamou Rubin, não vendo como replicar de imediato. – Por que o senhor se dá ao trabalho de fazer uma outra coisa?

Hume sacudiu os ombros.

– Veja, não gosto muito de viajar. Por isso quero poder escolher cuidadosamente as propostas que recebo, recusar uma palestra, se for o caso, a despeito do que poderia ganhar com ela. Posso fazer isso tranqüilamente se tiver um emprego estável como consultor financeiro. E essa é a razão pela qual não tenho um empresário. Eles vivem nos pressionando, além de levar trinta por cento.

– Se o senhor não tem um empresário, como consegue os contatos para dar palestras? – perguntou Rubin.

– No grito, por assim dizer. Se a gente sabe dar o recado, as pessoas acabam encontrando um jeito de vir bater à sua porta.

– Qual o seu tema?

– Futurismo, Sr. Rubin. Um tema que o senhor não parece considerar muito. Mas, apesar do que o senhor comentou, atualmente todo mundo parece estar interessado no que o futuro lhes reserva. Qual o futuro da educação? Dos robôs? Das relações internacionais? Das viagens espaciais? Não importa qual o tema, sempre há interesse.

– E o senhor fala sobre tudo isso?

– Falo.

– Quantas palestras diferentes o senhor tem preparadas?

– Nenhuma. Preparar minhas palestras seria negar meu trabalho como agente financeiro, e isso é uma coisa que não posso fazer. Falo de improviso e não preciso de preparação. O senhor escolhe o tema e eu me levanto e falo durante uma hora sobre ele, só que o senhor terá de pagar o que eu cobro.

– Escutem, eu já tive a oportunidade de ouvi-lo. Ele é bom mesmo – disse Halsted.

– O senhor já teve alguma experiência curiosa em sua carreira, Sr. Hume? – perguntou Gonzalo.

– Curiosa? – disse Hume, recostando-se em sua cadeira e parecendo absolutamente à vontade. – Já fui apresentado algumas vezes de forma curiosa. Quer dizer, eu mesmo não achei tais apresentações curiosas, mas elas fizeram os outros rirem. Certa vez alguém me escreveu uma carta dizendo que a taxa que eu cobrava era quatro vezes maior do que todas as outras que eles estavam habituados a pagar. Respondi-lhe dizendo que eu era quatro vezes melhor do que os outros, no mínimo. Ao me apresentar à audiência, ele leu a carta à platéia, formada por membros de uma organização de engenheiros profissionais. Na mesma hora o público achou que estava sendo explorado quatro vezes mais do que o habitual por um sujeitinho arrogante. Ao me levantar pude sentir o clima de insatisfação reinante e levei a metade do tempo da palestra para reconquistar a audiência. De uma outra vez, uma senhora me apresentou, de forma corriqueira, algo com que estou perfeitamente habituado. Ouviram-se alguns aplausos e eu me levantei para poder começar logo em seguida, com a platéia auto-hiptonizada a meu favor. Mas o que eu não contava era que a senhora que havia me apresentado – e espero que ela tenha um lugar bem quentinho no inferno algum dia – começou a dizer aos retardatários que havia lugares vagos nas laterais. E continuou a fazê-lo até que os aplausos pararam e eu precisei me dirigir a uma audiência morta. E não consegui mais fazê-la reviver como queria.

"Depois teve o caso daquele sujeito engraçado. Ele levou quinze minutos para me apresentar. Quinze minutos marcados no relógio! E ele era engraçado, realmente engraçado. O público rolava de rir com ele, que nem sequer cobrava para fazer aquilo. Eu tinha que falar depois dele e sabia que o público ia me achar muito menos engraçado do que ele e, o que é pior, tendo pago para me ouvir. E muito bem. Já estava pensando em perder aquele dinheiro e sair, quando o meu apresentador concluiu dizendo 'Mas não quero dar a vocês a impressão de que o Sr. Hume seja capaz de fazer qualquer coisa. Que eu saiba ele nunca cantou o papel do Duque em *Rigoletto*' E sentou-se, deixando a platéia rindo às gargalhadas.

"O que ele não sabia é que tinha me dado a deixa de bandeja. Levantei-me, esperei até que cessasse o último aplauso e, em meio a um silêncio mortal, procurei a melhor impostação para minha voz de tenor e cantei Belia figlia dell atnore, a primeira frase cantada pelo Duque no famoso quarteto. Houve uma explosão de risadas, a mais alta da noite, e é claro que dali para a frente o público era *meu*.

"Tive de fazer uma palestra doze horas antes de ter um enfarte e outras doze depois do enfarte. Por sorte, naquela altura eu não sabia que se tratava de um enfarte. A segunda palestra era para um grupo de cardiologistas, e nenhum deles..."

– Espere um minutinho. Espere! – exclamou Gonzalo.

Hume viu-se forçado a parar e parecia surpreso.

– Desculpem-me...

– *Acredito* no senhor quando diz que pode falar de improviso por uma hora sem ao menos perceber – disse Gonzalo. – Mas o senhor não entendeu minha pergunta.

– O senhor não me perguntou se eu tinha tido alguma experiência curiosa?

– Sim, mas não curiosa no sentido de engraçada. Curiosa no sentido de enigmática, de estranha. Nesse sentido. Hume coçou o nariz e perguntou:

– O senhor poderia explicar melhor o que quer dizer, Sr. Gonzalo?

– Refiro-me a alguma coisa para a qual o senhor não tenha uma explicação. Um enigma, compreende? Um mistério.

Avalon bateu com a palma da mão na mesa:

– Mario, vou propor a sua eliminação do quadro de membros do clube.

– Você não pode fazer isso – replicou Mano. – Não há restrições às perguntas que fazemos aqui.

– Respeite pelo menos os cânones do bom gosto, pelo amor de Deus.

– O que há de mau gosto em se pedir um pouco de mistério? Eu gosto de mistérios. Se ele não conhecer algum, pode dizer não. – Voltou-se para Hume, franziu as sobrancelhas e, num tom absolutamente farisaico, disse:

– Muito bem, o senhor teve a oportunidade de viver alguma situação misteriosa relacionada aos seus compromissos de palestras? – Depois bateu com a mão nas mangas da jaqueta de veludo vermelho, como se removesse toda e qualquer objeção mesquinha à sua pergunta.

Hume sorriu com gosto.

– Muito bem, sim! Para dizer a verdade, vivi sim. E uma situação tão estranha quanto o senhor está pedindo. Foi há alguns anos, é claro, e trata-se de um verdadeiro mistério. Não tínhamos a menor idéia de onde o camarada havia se metido. Vocês querem ouvir a história?

– Eu gostaria, mas antes queria pôr o assunto em discussão – disse Gonzalo, levantando-se de sua cadeira. – Há alguém que não queira ouvi-la?

Ninguém disse nada,

– Muito bem, Mario, vamos ouvi-la – disse Avalon depois de alguns instantes.

Gonzalo sacudiu a cabeça enfaticamente

– Certo. Sr. Hume, por favor, a palavra é toda sua.

– É um prazer – disse Hume com delicadeza. – Mas vocês vão me interromper no meio do caminho, ou vou poder falar livremente?

– Garanto-lhe, Sr. Hume, que deixaremos o senhor falar – disse Avalon. – Na condição de anfitrião, Roger terá o controle absoluto da conversação. Quando ele disser “falem”, nós falaremos; quando disser ‘não falem”, ficaremos calados. Certo, Roger?

– Certo – concordou Halsted.

– Vou começar e seja o que Deus quiser – disse Hume.

“A história começa alguns anos atrás, quando fui convidado para dar uma palestra em Seattle. Isto significava, obviamente, que teria de ir de avião, e andar de avião não está entre as minhas paixões. Nunca o faço por iniciativa própria, muito menos em janeiro. E mais: os honorários oferecidos estavam bem abaixo do que eu queria. Assim, para encurtar a história, recusei a proposta.

“E foi muito bom ter dito não, pois aconteceu que a região noroeste foi coberta por um denso nevoeiro bem no dia em que eu deveria chegar. Mesmo supondo que meu avião conseguisse pousar em segurança, de nada adiantaria, pois muito poucos aviões conseguiram sair de Seattle na semana que se seguiu, o que me deixaria nervoso e em apuros, pois tinha trabalho a fazer por aqui. Também teria deixado nervoso o meu patrão. A firma não se importa que eu faça minhas palestras, já que em geral não fico afastado mais do que um ou dois dias. Até acham bom ver um funcionário preocupado e envolvido com o futuro. Contudo, ausentar-me por uma semana seria exigir demais deles.

“Mas tudo isso é irrelevante. O que realmente importa é que o cavalheiro lá do outro lado não aceitou o meu não. Junto com seus associados, aproveitou-se dos milagres da comunicação moderna, entrou em contato comigo novamente e sugeriu que eu concedesse uma entrevista de cerca de vinte minutos à televisão, aqui mesmo em Nova York. A entrevista seria gravada e eventualmente retransmitida para um público provavelmente ávido por ela em Seattle.

“A remuneração continuava abaixo do que eu pretendia, mas senti-me lisonjeado com a insistência deles. Além disso não precisaria viajar. A entrevista seria gravada num local situado no

centro da cidade, aonde podia ir a pé do meu apartamento. Isto se o tempo estivesse razoavelmente bom, o que de modo algum se pode prever em dezembro. De qualquer forma, aceitei.

"O cavalheiro que me convidou – esqueci-me do seu nome, mas como isso não tem a menor importância, vou chamá-lo de Smith – percebeu em mim um certo vestígio de desestímulo e tentou garantir-me que faria tudo seria para que as coisas transcorressem da forma mais simples para mim. Disse que me apanharia em casa, de táxi, às nove da manhã, para que pudéssemos chegar ao local combinado às nove e meia. O cameraman, escalado para chegar ao local pouco depois das nove, já teria deixado tudo pronto para quando eu chegasse.

"Isso foi um ponto importante para mim. Já tinha presenciado o pessoal da televisão trabalhando, instalando câmeras para uma entrevista num quarto de hotel, por exemplo, e posso lhes garantir que não há maneira mais simples de se enlouquecer. A televisão já existe há mais de quarenta anos, e os cameramen ainda não descobriram um modo de dispor as luzes de forma a que o sujeito fique bem iluminado e sejam eliminadas sombras confusas.

"Além disso, todos eles se consideram artistas, e, ao que tudo indica, há alguma espécie de lei que compele os artistas a nunca estarem satisfeitos com nada. Um pequeno ajuste aqui provoca alguma distorção ali. Eles levam horas até chegar a um ponto de quase satisfação e então, quando você se senta diante das câmeras, eles se dão conta de que você usa óculos, que as lentes provocam um reflexo indesejável e que todo aquele fatigante trabalho deve ser refeito do começo".

"– O senhor tem certeza de que o cameraman estará a postos e de que tudo o que eu tenho a fazer é sentar e dar a entrevista? – perguntei.

– Positivo – respondeu ele, embora sua resposta não tivesse soado com a devida firmeza.

"Chegou o dia. Smith passou para me apanhar de táxi exatamente na hora. Dez minutos depois, chegamos ao lugar marcado, e, enquanto subíamos, Smith me disse:

"– Estará tudo pronto à nossa espera.

"Eu tentava esconder minha desconfiança, convencido que estava de que os cameramen nunca estão prontos para nada, em tempo algum, para ninguém.

"– Certo – disse.

"Subimos até um dos andares e entramos no escritório pouco antes das nove e meia da manhã. Era um grande escritório de advocacia, do qual era sócio um velho companheiro de Smith, dos tempos da marinha. Chamemo-lo de Jones, porque também não me lembro do seu nome. O escritório havia cedido a sala de conferências pan a gravação.

"– Bom dia, meu nome é Smith e este é o Sr. Hume – disse ele à recepcionista num tom jovial. – Viemos gravar a entrevista para a televisão. Suponho que o cameraman já tenha chegado e que tudo esteja preparado.

"– Não vi nenhum cameraman, senhor – respondeu ela com indiferença.

"– Como assim, nenhum cameraman?

"– Exatamente, senhor, nenhum carne rarnan.

"Smith franziu as sobrancelhas, mas parecia decidido a não perder o otimismo.

"– Não pode ser – disse. – Ele deve estar esperando por nós. Mas não estava. Entramos na sala de conferências e ela estava tão vazia quanto um palco shakespeariano.

"– Onde está ele? – perguntei.

"– Não sei – respondeu Smith.

"Então o amigo de Smith, Jones, desceu, trocou comigo um aperto de mão e disse:

"– Muito bem, onde está ele?

"– Não sei – respondeu Smith novamente.

"– É melhor ligar para a firma onde ele trabalha – sugeri.

"– A firma dele fica em Indianópolis – disse Smith.

"– E não existem cameramen em Nova Iorque? – perguntei imediatamente, de tão perplexo que estava. – Para que mandar vir um de Indianópolis?

"Smith sacudiu os ombros.

“– É uma empresa com a qual estamos acostumados a trabalhar.

“Jones mostrou um telefone que havia num canto.

“– Aperte qualquer botão que não estiver aceso na parte de cima, depois aperte 8 e espere o sinal de linha, em seguida aperte o 1, depois disque o código do DDD e só depois o número – explicou a Smith.

“Eu esperava pacientemente. É uma coisa incrível! Em geral, a única coisa capaz de despertar uma verdadeira fúria em mim é ter que esperar. Pode dar tudo errado, que eu continuo paciente. Todo mundo diz que sou uma pessoa muito calma. Mas se alguém não aparece exatamente no momento combinado, minhas sobrancelhas já ficam arqueadas. Cinco minutos depois já estou soltando fumaça pelas orelhas. Naquele dia, porém, o tempo passava, já estava quase chegando a hora em que eu contava estar terminando a entrevista, e o cameraman ainda não tinha aparecido. E nem por isso sentia-me perturbado. Havia um toque de mistério na coisa, e eu estava interessado.

“Smith havia retornado do telefonema.

“– Ele saiu ontem – contou , e o gerente disse que ele trouxe o nome e o endereço certos e que tudo correu conforme o combinado. E mais: o gerente disse que o cameraman destacado pa ra trabalhar conosco é conhecido como ‘Sr. Pontual’. Já trabalhou no mundo inteiro e nunca perde um compromisso.

“– Pois perdeu este – eu disse. – Onde ele estaria hoje, já que saiu de lá ontem?

“– No hotel – disse Smith.

“– E ele chegou ao hotel? – perguntei.

“Smith voltou ao telefone e, depois de algum tempo, disse:

“– Ele se registrou no hotel ontem à noite.

“– Muito bem – disse Jones. – Na certa tomou um táxi e o motorista, vendo que ele era de fora, resolveu explorá-lo fazendo um tour pela cidade até chegar aqui. Os motoristas de táxi são famosos por fazer isso.

“– Não é possível – disse Smith, muito irritado. – Ele está hospedado no Hilton. Esse hotel não fica nas imediações?

“– O Hilton de Nova York? – perguntou Jones, perplexo. – Fica, sim. Aliás, é só atravessar a rua. Tudo o que ele tem a fazer é atravessar a 54t Street.

“– Certo. Então ele não tomaria um táxi, não é?

“– Acho que não. O hotel fica no número 1335 da Sixth Avenue, e estamos no número 1345 da mesma Sixth Avenue. Mesmo a pessoa mais idiota do mundo não tomaria um táxi para descer dez números na mesma rua. E este cara, além de ser conhecido como ‘Sr. Pontual’, já viajou pelo mundo inteiro.

“Senti uma onda de cinismo subir-me à cabeça:

“– Então ‘Sr. Pontual’ está aqui, na big city. Saiu para dar uma volta, pegou uma garota, trouxe-a para o hotel e perdeu a hora hoje.

“Smith parecia indignado.

“– Ora, mas o que é isto... o gerente me disse que o cameraman tem 48 anos. Não é mais um garoto impetuoso.

“– Mas também não está morto – completei. – Sou mais velho do que ele e poderia facilmente fazer o que disse. Ouer dizer, não faço, mas poderia, se quisesse.

“– Bem, ele não faria se tivesse um compromisso logo pela manhã. É um profissional.

“– Tudo bem – eu disse. – Então começo a imaginar se ele não teve um enfarte durante a noite e se não está estendido na cama do hotel agora mesmo, morrendo, ou, quem sabe, já morto.

“Smith e Jones pareceram ficar apreensivos.

“– O senhor acha que deveríamos chamar a polícia? – perguntou Smith, sem saber o que fazer.

“– Não antes de pedirmos para alguém dar uma olhada no quarto dele – respondeu Jones.

Dessa vez foi Jones que se dirigiu ao telefone. Falou energicamente e depois bateu com o fone no gancho. Smith e eu ficamos em silêncio, preocupados.

“– O senhor acha que ele veio para este prédio e não conseguiu entrar? – perguntou Smith. – Imagino que a segurança seja bastante rígida, e pode ser que ele esteja passeando lá no térreo agora mesmo.

“– A segurança é rígida, sim – disse Jones. – Mas ele recebeu uma credencial ontem à noite e não teria qualquer problema para entrar.

“– Talvez não a tenha recebido – disse eu, o eterno pessimista – e não tenha conseguido passar da recepção.

“– Vou mandar alguém verificar – disse Jones.

“Nesse momento tocou o telefone. Jones respondeu e falou durante algum tempo. Depois veio até nós e disse:

“– O segurança do hotel entrou no quarto dele. Sua bagagem está lá, mas ele não. E não há câmeras ou equipamentos de filmagem. O que significa que ele saiu levando suas câmeras.

“– Então onde está ele? – perguntei.

“Não obtive resposta, é claro. Jones pensou um pouco e disse:

“– Espero que tenham olhado dentro do banheiro.

“Smith sacudiu os ombros.

“– Presumo que o pessoal da segurança conheça o seu trabalho.

“A essa altura eu já estava ali havia quase uma hora. Alguém subiu dizendo que não havia nem sinal de cameraman andando de lá para cá na recepção. Obviamente ele devia estar carregando seu equipamento de filmagem, e seria facilmente notado. Ademais, o segurança do térreo não tinha visto ninguém carregando câmeras ou similares, com ou sem credencial.

“– Por acaso verificaram se ao entrar ele deixou um documento na portaria? – perguntei.

“Jones sacudiu a cabeça.

“– Ele não precisaria deixar nada se tivesse uma credencial. O pessoal simplesmente iria deixá-lo passar.

“– O senhor não acredita que ele tenha descido do elevador num andar errado, acredita? – perguntou Smith. – Talvez esteja perdido por aí sem saber para onde ir.

“Jones olhou para o relógio de pulso.

“– Ele deveria estar aqui há uma hora e meia. Como poderia estar perdido num outro andar por todo esse tempo? Neste prédio não há um único andar em que não haja um segurança. Nin-

guém poderia ficar andando por aí sem mais nem menos. Além de tudo, acho que ele não faria isso. Na certa teria perguntado. Afinal de contas, se ele sabia o nome desta firma, suponho que também soubesse o andar certo.

"Fez-se um silêncio pesado. Um de cada vez, nós três olhávamos a toda hora para o relógio. Finalmente, Jones murmurou um 'Desculpem-me' e saiu. Três minutos depois voltou e disse:

"– Chame a polícia – disse Smith. – Eles devem ter um registro de ocorrência.

"Jones não parecia querer fazer aquilo, mas fez. Desta vez levou um pouco mais de tempo, mas o resultado foi o mesmo.

"– A polícia diz que não há qualquer registro de acidente esta manhã na esquina da 54 com a Sixth Avenue.

"– Então, onde está ele? – repetiu Smith.

"Levantei-me.

"– Senhores, não sei onde ele está, mas não posso esperar mais. Tenho outros compromissos e muito trabalho a fazer. Sinto imensamente, mas tenho que ir embora. Não obstante, gostaria de saber a resposta para o que está acontecendo. Quando e se os senhores descobrirem, por favor, liguem para mim. Se os senhores forem gentis e fizerem isto, poderemos combinar um segundo encontro para gravar a entrevista.

"E saí. Uma hora depois, Smith ligou para mim e me explicou toda a situação. Uma semana depois, voltei ao lugar e grava mos a entrevista. Pronto, está aí o mistério que os senhores queriam."

Os Viúvos Negros fitavam, desconfiados, o seu convidado. Falando por todos, Halsted perguntou:

– Isto tudo aconteceu mesmo, Brad? Ou você está se divertindo conosco? -

– Não, não – disse Hume. – É tudo verdade. Tudo mesmo. Palavra de escoteiro. Tudo aconteceu exatamente como estou contando.

– Muito bem, então conte-nos o que aconteceu com o came raman.

Hume negou com a cabeça, sem tirar o sorriso dos lábios.

– Os senhores é que devem me dizer o que aconteceu. Descrevi-lhes todos os fatos e vou lhes dar duas pistas. Ninguém estava mentindo e também não era uma brincadeira. A segunda pista é que não há qualquer tragédia envolvida na história. O cameraman não sofreu absolutamente nada. Pois bem, onde es tava ele?

– Por acaso ele sofreu uma crise de amnésia temporária e ficou errando pela cidade? – perguntou Gonzalo.

– Não, ele não sofreu absolutamente nada, nem física e nem mentalmente – disse Hume.

– Veja bem – começou Avalon num tom grave –, o senhor não sabe de fato se ele estava no hotel, ou mesmo em Nova York.

– Ninguém lá embaixo sabe de coisa alguma sobre um acidente. Ninguém o viu por lá naquela manhã. A credencial fora enviada na noite anterior, mas aposto que só foi deixada no balcão no nome dele. Só Deus sabe quem poderia ter estado no quarto.

– Alguém que assinou o nome do cameraman no livro de registros de hóspedes – disse Hume.

– Qualquer um poderia fazer isso, se soubesse o nome – disse Avalon. – O cameraman tinha uma reserva no hotel e alguém sabia disso. Este alguém conseguiu de alguma forma que o cameranan se atrasasse, registrou-se no nome dele e passou uma noite num hotel cinco estrelas às custas de alguém. O serviço do hotel encontrou uma bagagem no quarto naquela manhã, enquanto nosso impostor tinha saído para resolver seus problemas, mas não encontrou câmera nenhuma. Isto poderia muito bem significar que não havia qualquer equipamento de filmagem no quarto.

– Por que alguém faria isso? – perguntou Hume.

– Não sei – respondeu Avalon. – Eu poderia inventar quantos motivos quisesse, mas não poderia provar nenhum deles.

– Alguém que estivesse fugindo e precisasse de um nome falso e de um quarto seguro por uma noite. Um espião... – disse Trumbull.

– Ou então um terrorista que precisasse de um quarto onde instalar uma bomba – disse Drake num tom obviamente de brincadeira.

– Cavalheiros – disse Hume, empurrando para trás uma mecha da sua densa cabeleira. – Os senhores estão inventando coisas. Para dizer a verdade, não nos ocorreu contatar o mensageiro do hotel que carregou a bagagem do cameraman até o seu quarto. Se o tivéssemos feito, porém, esse mensageiro nos teria dito que levara alguns itens que se pareciam com câmeras e equipamentos de filmar. Não, não... não há dúvida nenhuma de que o homem certo se registrou naquele hotel.

– Nesse caso – disse Rubin –, ele estava mesmo era a fim de se divertir. Tinha uma garota para encontrar, algum compromisso a que comparecer, ou alguma outra coisa que desejasse fazer na cidade grande. Quando desceu à recepção do hotel, checou seu equipamento, pegou um táxi e se mandou. Talvez tenha pensado que estivesse de volta em meia hora e que vocês poderiam esperar esse tempo por ele sem maiores problemas. Mas pode ser que a coisa tenha levado duas horas, isso porque ele subestimou o trânsito de Nova York, ou então que se tenha metido em algum tipo de complicação que o fez atrasar-se.

– Não acredito que tivesse feito isso – disse Hume. – Na certa, o trabalho viria em primeiro lugar para o “Sr. Pontual”.

Fez-se um longo e desagradável silêncio. Cada rosto tinha a fronte franzida e os lábios cerrados. Pelo menos era esta a impressão de Hume, até que seus olhos caíram sobre Henry.

– Henry é o único que está sorrindo. Posso saber o motivo, Henry? – perguntou.

– Peço que me perdoe, senhor – disse Henry. – Não quero parecer desrespeitoso, mas o senhor mesmo disse que não se tratava de uma tragédia, e penso que tudo pode não ter passado de um mal-entendida Assim, não posso conter um sorriso.

– Você tem uma solução para o caso, Henry? – perguntou Avalon, com seu timbre de barítono. – Se tem, ponha-a para fora!

– Posso fazê-lo, cavalheiros? – perguntou Henry.

O coro de vozes em concordância foi imediato e unânime.

– O Sr. Hume deixou claro que o cameraman era um profissional veterano, confiável, que percorrera o mundo todo a trabalho e que, presumivelmente, nunca havia desapontado ninguém com seu trabalho. Bem, já que ele não foi encontrado morto em seu quarto, e já que a polícia não registrara qualquer acidente, só podemos presumir que naquela manhã ele tenha se aprontado para fazer seu trabalho, tenha atravessado a rua em direção ao prédio de escritórios, exatamente conforme as instruções que recebera, e, tendo chegado ao lugar certo, instalou seu equipamento de televisão.

– Não – disse Avalon. – A recepcionista jura que ele jamais entrou no edifício e o Sr. Hume nos disse que ela não mentia. Isto significa que... Sr. Hume, perdoe-me a pergunta que sou forçado a fazer. Trata-se simplesmente de procurar uma resposta. Quando o senhor nos disse que a recepcionista não mentia, posso presumir que o senhor não estava mentindo?

– Eu não estava mentindo – disse Hume serenamente.

– Neste caso, Henry – disse Avalon –, sua suposição está errada.

– Talvez não, Sr. Avalon – disse Henry. – O Sr. Hume deveria chegar às nove e meia, e o cameraman por volta das nove, para estar pronto e a postos às nove e meia. Não é isso mesmo, Sr. Hume?

– É.

– E a recepcionista seria no mínimo uma recepcionista muito diferente de todas as outras, se tivesse chegado muito antes das nove, horário em que geralmente começa o dia útil. Mas o cameraman era tão confiável, eficiente e profissional, que é muito provável que tenha chegado às oito e meia. Isto poderia explicar por que a recepcionista nunca o viu. Mais do que isto: suponho que tenha havido mudança de turno de segurança na recepção às nove e isso explica por que ninguém do turno seguinte o viu entrar.

– Mas a porta estaria trancada – disse Avalon. – E ele teria de ter esperado por ela.

– Teria mesmo, senhor? Era um escritório de advocacia muito grande, conforme o Sr. Hume mesmo nos disse. Assim, devia haver muitos advogados trabalhando por lá, e pelo menos um deles estaria a trabalho pela manhã bem cedo. Ele poderia ter respondido à campainha da porta, visto o cameraman, tê-lo deixado entrar, voltado ao seu trabalho e depois esquecido de todo o resto.

– E o que aconteceu ao cameraman depois disso? – perguntou Avalon. – Será que ele teria sido engolido por um buraco no chão? Onde estava ele? Ninguém o viu.

– Sr. Hume – disse Henry –, posso fazer-lhe mais uma pergunta?

– Vamos lá, Henry.

– Considerando-se o fato de se tratar de um escritório de advocacia tão grande, havia no prédio mais de uma sala de reuniões?

Hume inclinou a cabeça para trás e riu de satisfação.

– Duas, Henry, conforme fiquei sabendo depois. Duas!

– Foi o que pensei – disse Henry. – O advogado que o deixou entrar levou-o à sala de reuniões errada. Durante toda a manhã, o cameraman esperou numa sala e vocês esperaram em outra. E nenhum sabia onde o outro estava.

– Não – disse Avalon. – Como isso seria possível? Será que o cameraman não sairia da sala para perguntar onde estavam os outros?

– E ele o fez, de certa forma – disse Hume, procurando conter um sorriso. – Ele usou o telefone da sala em que estava para chamar Jones. A secretária de Jones atendeu e disse que Jones tinha saído, e ele de fato tinha descido para a outra sala de reuniões onde, junto conosco, tentava descobrir onde o cameraman podia estar. O cameraman explicou que tinha que gravar a entrevista de alguém e a secretária respondeu que daria o recado a Jones, assim que ele voltasse. Só que ele só voltou para seu escritório depois de eu ter saído do prédio. Como você conseguiu descobrir, Henry?

– Foi muito simples – disse Henry. – Depois de o senhor e os outros dois cavalheiros na sala de reuniões terem eliminado várias possibilidades, e depois de os meus companheiros, os membros dos Viúvos Negros, terem contribuído para eliminar toda a complexidade do problema, só me restou evidenciar a simplicidade da solução.

POSFÁCIO

De todas as histórias dos Viúvos Negros que escrevi, esta foi a que exigiu menor empenho da minha imaginação. Ela aconteceu na realidade. E aconteceu exatamente como a descrevi nesta história. Devo admitir que ela me fez pensar no quanto sou menos inteligente do que Henry. Eu não tinha a menor idéia de como resolver o enigma na ocasião em que tudo se passou comigo.

A propósito, muito me surpreendeu o fato de esta história ter recebido mais críticas de leitores do que todas as outras que escrevi sobre os Viúvos Negros. Um número surpreendente de pessoas escreveu para fazer alguma objeção sobre esta ou aquela faceta da história que consideravam improvável. Alguns chegaram mesmo a criticar as ruas e avenidas menciona das, embora eu tenha dado os endereços que os prédios tinham na realidade.

A conclusão é que, na ficção que escrevo, procuro cuidar para tornar tudo provável e não deixar nada desconectado. Só que na vida real essas preocupações não existem-

Esta história foi publicada pela primeira vez na edição de outubro de 1986 do Ellery Queen’s Mystery Magazine.

A BOLSA VELHA

– Senhores, Guilherme Teller! – disse Thomas Trumbull ao anunciar, como anfitrião da noite, o seu convidado para o jantar daquele mês dos Viúvos Negros. Não foi sem um certo receio, porém, que o fez. Sob as sobrancelhas arqueadas, seu olhar fixou-se particularmente em Mario Gonzalo.

Gonzalo, muito bem-vestido como sempre, desta vez trajando sua jaqueta de veludo marrom, ignorou o olhar de Trumbull.

– Guilherme Teller – repetiu, achando o nome divertido. – Por acaso o senhor é descendente de Guilherme Tell?

– De jeito nenhum – respondeu Teller educadamente. Homem de tez azeitonada, Teller tinha uma densa cabeleira preta e um bigode igualmente denso e preto. – De fato, Guilherme Tell não passa de uma lenda e provavelmente nunca existiu na realidade. Entretanto, sou de descendência suíça, e é provável que o meu primeiro nome circule na família em homenagem a este velho impostor. Quanto ao sobrenome Teller, trata-se de uma palavra alemã bastante comum, que significa "prato".

– Em geral os pais são um tanto insensíveis às situações angustiantes por que passam os filhos quando herdam os seus nomes – disse Geoffrey Avalon, do alto dos seus quase 1,90 metro. – O que me poupou de ser um tremendo bode expiatório foi o fato de eu sempre ter usado Jeff como primeiro nome e de assinar o meu sobrenome ora como Avalon, ora como Broderick. Quem acabou herdando o problema de carregar o nome do pai foi o meu filho mais velho. Felizmente, ele sempre foi um rapaz forte, de grande resistência física, coisa que nunca fui.

– Mas os nomes também podem ser uma fonte de inspiração – disse Tel – Quando eu era jovem, sonhava em ser o melhor arqueiro do mundo. Queria que as pessoas dissessem: "O Guilherme Tell era bom, mas o Guilherme Teller é melhor ainda". No verão, quando íamos acampar com o pessoal da escola, eu me dedicava de corpo e alma aos treinamentos de arco e flecha.

– E o senhor conseguiu o que queria? – quis saber James Drake, acendendo o inevitável cigarro.

– Não. Não tinha o menor talento para a coisa. A única vez em que acertei o alvo, e ainda assim não foi na mosca, foi quando deliberadamente fiz pontaria para um outro objeto. Que fazer? Se eu tivesse ganho o concurso nacional de arco e flecha, tendo o nome que tenho, eu seria manchete de todos os jornais dos Estados Unidos da América. Sairia até nas colunas de “Acredite se Quiser”, se é que ainda existem.

– E o senhor faria mais sucesso ainda se se chamasse Robin Hood – ponderou Emmanuel Rubin.

– Um grande número das assim chamadas coincidências é fabricado dessa maneira – disse Roger Halsted, ansioso por manifestar sua opinião. – Vejam, uma pessoa com o nome de Robin Hood seria naturalmente impelida a testar suas habilidades com o arco e a flecha, e se por acaso fosse boa nisso, é claro que a expressão “acredite se quiser” não teria nenhuma razão de ser. Tudo não passaria de uma conseqüência natural. De fato, creio que as coisas estranhas que acontecem com todo mundo não têm um fundo místico, mas são a decorrência natural de alguma outra coisa. Por exemplo...

Ninguémjamais chegou a ouvir o exemplo que Halsted estava prestes a dar, pois Henry, o rei dos garçons, escolheu aquele momento para anunciar, com sua voz suave mas perfeitamente audível, que o jantar estava servido.

Todos sentaram-se para saborear a *tripe tnadeleine* seguida de pato assado ao molho de cherry brandy com arroz integral e trufas, algo que efetivamente abafou o som das conversas. De fato, o jantar transcorreu num clima de silenciosa satisfação, den tro do qual até mesmo os comentários ocasionais de Rubin foram feitos com serenidade e em voz baixa. Mais tarde, enquanto bebia o café, Trumbull bateu no copo de água e apontou Avalon como o inquiridor oficial da noite.

– Sr. Teller – perguntou Avalon – como o senhor justifica a sua existência?

Teller não pareceu ter ficado perturbado com a pergunta. – Fazendo as pessoas pensarem – respondeu.

– E como o senhor faz isto?

– Tenho uma coluna no jornal intitulada “Pelo contrário”. Ela não sai em nenhum jornal de Nova York, mas é publicada em cento e dois outros jornais de médio alcance em outros pontos do país. Na minha coluna, apresento o lado impopular de um assunto controvertido qualquer, não necessariamente porque eu seja um partidário caloroso do lado impopular das coisas, mas porque acho que, em geral, a tendência é apresentá-lo inadequadamente ao público. Afinal, a opinião das pessoas pode ser manipulada, até mesmo perigosamente manipulada, quando lhes é apresentado apenas um lado de um problema. Muitos talvez nem saibam que existe um outro lado.

– O senhor poderia nos dar um exemplo do que está dizendo? – perguntou Avalon.

– Certamente. Há pouco tempo apresentei na minha coluna a opinião que os assim chamados terroristas têm de si mesmos.

– Assim chamados? – indagou Drake gentilmente.

– Isso mesmo, assim chamados – repetiu Teller. – Eles não se consideram terroristas, assim como também nós não os consideramos, quando estão do nosso lado. Se aprovamos seus objetivos, referimo-nos a eles como guardiões da liberdade e os comparamos favoravelmente com George Washington.

– Quer dizer, então, que o senhor defende o terrorismo? – indagou Avalon.

– Não necessariamente. Apenas procuro penetrar no raciocínio que possibilita a sua defesa. Por exemplo, os Estados Unidos acham que todos os conflitos devem ser resolvidos ou por meio de mísseis, aviões, tanques e toda a parafernália bélica, ou por votos, resoluções, argumentos, debates e toda a parafernália política. Mas e quanto às pessoas que sentem que têm uma causa justa a defender, mas que não têm a seu dispor a parafernália de guerra e lhes é negada a parafernália da política? O que lhes resta fazer, nesse caso? E claro que têm de lutar com as armas de que dispõem. E então as criticamos, acusando-lhes de covardes

que atacam sem avisar e matam a esmo civis inocentes. Mas será que podemos falar de uma “luta justa” contra forças que são infinitamente inferiores às nossas?

– Entendo o que o senhor quer dizer – disse Rubin –, mas o terrorismo pode ser criticado por razões puramente pragmáticas, mesmo se deixarmos de lado todo e qualquer padrão superior de moral. Ele simplesmente não funciona. A explosão de bombas a esmo dá manchetes de jornal, leva a dor e o sofrimento a vários indivíduos, provoca a frustração pública, mas não atinge os seus objetivos.

– Em certas ocasiões atinge, sim – disse Teller. – A invasão da Embaixada Americana no Irã ridicularizou os Estados Unidos frente ao mundo inteiro, transformou Khomeiny no herói dos radicais árabes por todo o Islã e destruiu o governo Carter. E eles não chegaram sequer a matar alguém.

– Sim – concordou Rubin –, só que tudo aquilo acabou sendo uma atitude autodestrutiva, pois desembocou no governo Reagan, que adotou uma linha antiterrorista muito mais dura e empreendeu o bombardeio da Líbia, por exemplo, como punição por aquele país financiar ações terroristas.

– Concordo, mas precisamos ver as conseqüências disso do outro lado. Seguindo minha linha de argumentação, em tempos de guerra os terroristas são chamados de guerrilheiros ou forças da resistência, ou ainda de comandos de ataque. São chamados, enfim, de qualquer outra coisa, menos de terroristas. Durante a Segunda Guerra Mundial, tais forças irregulares, surgidas em todas as nações supostamente conquistadas, e principalmente na Iugoslávia, contribuíram decisivamente para a derrota do nazismo. Da mesma forma, as guerrilhas na Espanha foram muito importantes para a derrota de Napoleão.

– Talvez o senhor não analisasse a questão com tanta frieza, se tivesse sofrido na pele as conseqüências de ações terroristas – disse Avalon.

– Imagino que não, mas essa linha argumentativa continuaria a existir ainda que eu, por ressentimentos pessoais, me recusasse a desenvolvê-la.

Drake esboçou um risinho.

– Sabe de uma coisa, Tom? Presumo que o Sr. Teller seja seu amigo, já que você o convidou para esta noite. Em vista das opiniões de nosso convidado, porém, não seria perigoso ter um amigo como ele, já que você trabalha junto ao governo?

– De forma alguma – disse Trumbull. – Ele é apenas um advogado do diabo profissional. Freqüentemente chega mesmo a ajudar muito o governo, principalmente quando este último se vê na obrigação de adotar medidas impopulares.

– É verdade – disse Teller. Parou por um momento e franziu as sobrancelhas, como se subitamente um pensamento o tivesse perturbado. Depois, completou com vagar: – Sabem, estou pensando numa coisa que não me teria passado pela cabeça, se não tivéssemos tido aquela conversa antes do jantar sobre as estranhas relações que podem existir entre coisas e pessoas. Por exemplo, a relação entre mim e o arco e flecha. Só que o que estou pensando agora é numa relação entre mim e o terrorismo.

– Posso perguntar que relação é essa, Sr. Teller? – disse Avalon.

– O Sr. Rubin observou que eu talvez tivesse outra opinião sobre o terrorismo, se fosse ou tivesse sido vítima dele. Para ser sincero, pessoalmente nunca fui vítima, mas minha esposa foi, e isso pode ser considerado um fato próximo o bastante para me afetar. No mesmo dia em que minha coluna sobre terrorismo foi publicada, no mesmo dia, notem bem, minha esposa foi vítima de um tipo mais brando de terrorismo. Roubaram sua bolsa. É claro que tudo não passou da mais pura coincidência. Contudo... – E parou novamente.

– Prossiga, Sr. Teller – disse Avalon.

– Não é nada. Só estava pensando no desfecho do incidente, que foi no mínimo curioso, para não dizer intrigante. Mas não é nada importante. Vamos voltar à nossa discussão sobre o modo como justifico minha existência. Na época da nossa malograda aventura no Líbano...

– Espere, espere – disse Gonzalo, batendo com sua colher no copo de água. – Vamos voltar um pouco, Sr. Teller. Eu gos-

taria de ouvir um pouco mais sobre o desfecho curioso e intrigante do roubo da bolsa.

Teller pareceu surpreso e virou-se automaticamente para Trumbull.

– Tom...

Trumbull sacudiu os ombros.

– Vamos lá, conte-nos sobre o intrigante desfecho. Se você não o fizer, Mario vai transformar a vida de todos nós num inferno.

– Espere – disse Gonzalo. – Espere um minuto. Henry não está aqui.

– Henry? – indagou Teller.

– Nosso garçom. – E Gonzalo subiu o tom de voz: – Henry!

Henry entrou na sala de jantar.

– Sim, Sr. Gonzalo.

– Não desapareça desse jeito – disse Gonzalo, mal-humorado. – Onde você estava?

– Ajeitando pratos e talheres, Sr. Gonzalo, mas agora estou ao seu inteiro dispor.

– Muito bem. Quero que ouça isto. Sr. Teller, por favor, comece do princípio.

Teller parecia não entender o que se passava.

– Na verdade não há muito a dizer. Minha esposa estava na estação central e sua bolsa desapareceu numa escada rolante apinhada de gente. Alguém puxou a bolsa por cima do ombro esquerdo dela, que estava com ambas as mãos ocupadas. Achamos que alguém que estava atrás dela cortou cuidadosamente a alça da bolsa, segurou-a firmemente enquanto desciam a escada rolante e, quando chegaram ao fim, puxou a bolsa e saiu rapidamente do local levando a bolsa embaixo do braço. Minha esposa não viu e nem sentiu nada. Só sabe que a bolsa estava com ela quando pisou na escada rolante, pois empurrou-a para trás para sua maior conveniência, e que já estava sem ela quando chegou lá embaixo. Esta é a história toda. Minha esposa não foi machucada, nem empurrada e nem ameaçada. Foi trabalho de gente profissional.

– O senhor não parece aborrecido com o que aconteceu – disse Gonzalo.

– Bem, fiquei aborrecido, é claro, e minha esposa também. Uma coisa dessas é sempre muito inconveniente. Ela não tinha muito dinheiro na bolsa, só alguns dólares, mas tinha vários cartões de crédito, a carta de motorista, os documentos do carro, documentos pessoais, fotografias, etc. Quer dizer, ela teria de notificar a perda dos cartões de crédito, aceitar a idéia de fazer todas as suas coisas sem eles por algumas semanas, ou então usando os meus, pedir segunda via de todos os documentos, inclusive os do carro, e aparentemente dizer adeus a todas as quinquilharias que tinha dentro da bolsa. Mais do que isto, porém, foi o seu orgulho que ficou ferido. Era uma bolsa velha, bem usada, na última lona. E minha esposa usava essa bolsa de propósito. Ela tem uma variedade de bolsas novas e bonitas, que usa em ocasiões mais formais, mas esta era a bolsa velha e gasta que usava para fazer compras, quando tinha que andar no meio de muita gente. Vivia dizendo que nenhum ladrão que se prezasse iria sequer sonhar em roubar uma bolsa tão batida, pois ele logo veria que dentro dela não poderia haver nada de valor. Muito bem, roubaram a bolsa, e, embora eu tenha sido discreto o suficiente para não fazer qualquer referência a tudo o que ela vivia dizendo, pois sempre se orgulhara muito de ser tão esperta, ela me olhou dentro dos olhos e provavelmente leu meus pensamentos.

– E qual foi o desfecho misterioso? – perguntou Gonzalo.

– Muito bem, ontem, dois dias depois do furto, cumprindo um dos meus afazeres domésticos, abri a porta do meu apartamento para levar o lixo até a lixeira e literalmente tropecei num pacote que tinha o nome de minha esposa escrito em letras grandes e distanciadas umas das outras. A princípio achei que fosse alguma coisa que o carteiro tivesse deixado, embora ele soubesse perfeitamente que não deveria fazer isso sem tocar a campainha. Mas quando peguei o embrulho, vi que não tinha qualquer endereço ou selo. Assim, só poderia ter sido entregue em mãos, o que me deixou mais furioso ainda. Afinal, nossos prédios de

apartamento deveriam ter um rígido sistema de segurança, que impedisse alguém de entrar no elevador sem passar por uma inspeção do porteiro e sem que este nos tivesse pedido permissão pelo interfone para deixá-lo, ou deixá-la, subir. É claro que tudo isso nem sempre funciona. A pessoa pode entrar bem na hora em que o porteiro está ocupado com alguma outra coisa, ou então entrar bem atrás de alguém que mora no prédio, de modo a se passar por um convidado. Mesmo fazendo todas essas ponderações, ainda assim fiquei furioso.

"E, furioso que estava, saí inspecionando toda a extensão do corredor, o hall das duas escadas, o compartimento da lixei. ra, o que não foi exatamente inteligente da minha parte, diga-se de passagem, e não encontrei ninguém. Então chamei minha esposa, mostrei-lhe o pacote e perguntei-lhe se ela sabia o que poderia ser. Ela respondeu de imediato e com grande convicção: 'É uma bomba!' É claro que ri ao ouvir isso. Essa paranóia de terrorismo já está virando uma coisa ridícula. O pacote pareceu-me pequeno demais para conter uma bomba, mas ainda assim faltou-me coragem para tentar abri-lo. Depois de muito hesitar, de procurar ouvir algum tique-taque, embora eu não esteja bem certo se hoje em dia as bombas fazem tique-taque, de cheirar o pacote e de não reunir coragem de chacoalhá-lo, chamei a polícia. Eles nos disseram para colocar o pacote no meio do maior cômodo do apartamento e deixar o local. Quase na mesma hora chegou um grupo de peritos em explosivos, que trouxeram inclusive uma unidade portátil de raio-X, e, bem... não era uma bomba.

"Os peritos abriram o pacote e, quando nos chamaram de volta ao apartamento, mostraram-nos o seu conteúdo. Quero ser um mico de circo se aquelas não eram as coisas que tinham sido roubadas da minha esposa dois dias antes! Tudinho O pacote continha todos os documentos, inclusive os cartões de crédito, além de toda a quinquilharia que a minha esposa carregava. Nele estava também todo o pouco dinheiro que ela possuía, até as moedas que carrega para facilitar o troco nos transportes coletivos, e até mesmo umas moedinhas de pouquíssimo valor. Sur-

presa, ela teve a pachorra de contar o dinheiro e estava tudo ali, cent por cent. Não tinham levado nada. Os senhores já ouviram uma coisa dessas? Para mim, pelo menos, aquilo tudo era muito misterioso. Provavelmente o ladrão teve uma crise de consciência?”

– E a coisa acaba aí? – perguntou Gonzalo, desapontado, depois de ter ouvido tudo com muita atenção.

– Acaba exatamente aí – respondeu Teller. – Mas não se aborreçam comigo. Eu bem que lhes avisei de que não havia nada de muito especial nessa história.

Gonzalo sacudiu a cabeça, nitidamente desconcertado.

– Perdão, Sr. Teller, o senhor me permitiria fazer uma pergunta? – disse Henry educadamente. –

É claro, se o senhor quiser, se bem que eu não veja o que possa ser perguntado sobre o que acabei de contar.

– Acontece que o senhor mencionou tudo o que estava dentro da bolsa, mas não mencionou a bolsa propriamente dita. Ela também foi devolvida?

Tel pareceu surpreso com a pergunta.

– Não, não foi. Obrigado por ter perguntado. Foi a única coisa que não voltou. De fato, minha esposa ficou aborrecida com isto. Disse que a bolsa tinha um valor sentimental para ela, e que eles deveriam tê-la devolvido também. Quanto a mim, achei que a bolsa seria volumosa demais para caber num pacote pequeno como aquele. Naturalmente observei que, uma vez fracassado o plano de levar uma bolsa velha para não atrair atenção, a perda da bolsa em si não significava muita coisa. Naturalmente, também, ela me lançou aquele olhar encolerizado que as esposas lançam aos seus maridos quando eles reduzem tudo à simples lógica. De qualquer forma, foi assim que aconteceu. Devolveram tudo, menos a bolsa.

– Isto é misterioso – disse Halsted. – Eles poderiam simplesmente ter feito um pacote maior. Se o ladrão estava corroído pelo remorso a ponto de devolver até o último penny, certamente o seu remorso o teria feito devolver a bolsa também.

– Talvez ela tenha se rasgado e ele tenha achado inútil devolver os pedaços – disse Rubin.

– Não, não, não – interveio Teller. – Era uma bolsa de couro muito resistente. Era velha, batida, parecia que tinha ido à guerra, mas não ia cair aos pedaços.

– O senhor acha que o ladrão teria algum propósito em mantê-la consigo? – perguntou Trumbull – Quero dizer, talvez a bolsa fosse justamente o que ele quisesse, e por isso devolveu tudo menos ela.

– Isto é ridículo – disse Rubin. – Se ele quisesse a bolsa, poderia simplesmente ter jogado fora tudo o que havia dentro dela, ou pelo menos aquilo que não fosse usar.

– Não se pode ter duas coisas ao mesmo tempo, Manny – disse Drake, com sua voz levemente rouca, enquanto apagava um cigarro. – Ou o ladrão não estava com a consciência pesada, e nesse caso não devolveria nada, jogando fora apenas o que não quisesse, como você sugere, ou ficou com a consciência pesada e devolveu tudo, exceto o que realmente precisava. Na minha opinião, ele relutou em roubar algo de que precisava desesperadamente, e não tinha a intenção de roubar nenhuma outra coisa.

– Você quer dizer – disse Avalon – que ele era um homem honesto, que não teve escolha senão roubar alguma coisa de que precisava, mas que não queria que nenhuma outra coisa roubada, além da necessária, maculasse sua alma boa e distinta.

– Isso mesmo – confirmou Drake. – Muito bem, se foi isso o que aconteceu, vamos pensar um pouco mais sobre o assunto. Alguém quer roubar uma bolsa para pegar um objeto específico que está dentro dela. Mas ele só vê a bolsa, nada mais. Não vê o que está dentro dela. Se quer algo que está dentro de uma bolsa, não pode ter certeza de que o objeto desejado está dentro de uma bolsa em particular. Nesse caso, terá de roubar uma meia dúzia de bolsas, examinar cada uma e se não conseguir encontrar o que deseja, devolver tudo, desapontado, aos seus proprietários. Ou então, quando finalmente encontrar uma bolsa que contenha o que deseja, poderá retirar dela o objeto desejado e devolver todo o resto.

– Não creio que um homem honesto, pelo menos um homem honesto a ponto de ser levado a fazer um pacote contendo as coisas que roubara e a correr o risco de devolvê-lo pessoalmente, roubaria de forma tão indiscriminada e leviana. Se admitimos isso...

– Espere – disse Rubin. – Não estamos necessariamente admitindo isso. Ele deveria estar atrás do que se imagina que qualquer bolsa contenha: dinheiro, cartões de crédito...

– Ou então – disse Trumbull – ele pode ter visto a Sra. Teller abrir sua bolsa, espiou alguma coisa lá dentro que desejava possuir, depois seguiu-a a fim de aproveitar a primeira chance que tivesse de roubá-la.

– Ou então, por alguma razão, tudo o que ele queria era a carteira de identidade dela – disse Gonzalo. – Ele só queria saber o seu nome e endereço.

Enquanto ouvia a tudo com atenção, Drake cantarolava baixinho. Ponderou as opiniões e disse:

– Não acho. Se ele quisesse dinheiro ou cartões de crédito, teria ficado com eles. Mas ele os devolveu. Se tivesse espiado alguma coisa que desejasse possuir, algum objeto sem um valor intrínseco, ele também não o teria devolvido. Mas devolveu.

– Espere – interferiu Gonzalo. – Como poderemos ter certeza de que ele devolveu tudo? Pode ser que a Sra. Teller não tenha dado pela falta de algum pequeno item. Talvez houvesse alguma coisa na bolsa que nem a própria Sra. Teller sabia que estava lá, ou tinha se esquecido de que estava.

– Não creio – disse Teller, duvidando do que ouvira. – Não posso falar pela minha esposa, mas ela é uma pessoa muito metódica e tem a cabeça bem no lugar. Se diz que tudo foi devolvido, posso apostar como foi.

Avalon pigarreou e disse:

– Entenda bem, Sr. Teller, o que estamos fazendo aqui não passa de um jogo. Estamos tentando desvendar as implicações desse estranho acontecimento. Assim, peço-lhe que não se ofenda se eu sugerir, apenas como uma possibilidade remota, que, a sua esposa tivesse, digamos, uma carta em sua bolsa que não

quisesse que ninguém lesse. Se esta carta agora está nas mãos de um ladrão e se sua esposa não ousa admitir que a carta foi roubada...

– O senhor está sugerindo que o ladrão pretenda agora chantagear minha esposa – disse Teller severamente. – Senhores, vocês terão de aceitar como consumado o fato de que conheço minha esposa. Ela preferiria mil vezes ver o chantagista, e ela própria, no meio do inferno do que pagar um penny que fosse. Por favor, podem tirar essa história de chantagem da cabeça.

– Ele pode ter devolvido os cartões de crédito mas ter gravado os números para falsificar outros mais tarde. Ou pode ter feito o mesmo com os documentos do carro.

– Inútil – disse Teller. – Minha esposa já cancelou todas essas coisas e daqui a algum tempo vai ter tudo novo. As falsificações seriam absolutamente inúteis.

– E a carteira de identidade? – insistiu Gonzalo. – Depois de conseguir o nome e o endereço dela, ele não precisava mais dos objetos concretos que lhe haviam fornecido tais informações.

– Mas meu Deus do céu, Mario – disse Trumbull –, me dê um só motivo pelo qual ele iria correr o risco de roubar uma bolsa por causa disso! Ele poderia simplesmente tê-la seguido até em casa. Poderia, também, ter feito amizade com ela de alguma forma. E por que desejaria saber o nome e o endereço de uma mulher que não conhecia? Você me perdoaria, Guilherme, se eu dissesse que sua esposa não é nenhum exemplo de beleza?

Teller sorriu.

– É bonita para mim, mas para qualquer outro não passa de uma mulher de meia-idade de aparência absolutamente comum, eu diria.

Drake olhava para cada um que falava, até que finalmente comentou:

– Se eliminamos todas as várias razões pelas quais alguém roubaria uma bolsa e devolveria tudo o que estava dentro dela, posso terminar a minha linha de raciocínio?

– É claro que pode, Jim – disse Avalon.

– Muito bem. Vocês todos ficaram tecendo conjecturas com coisas muito complexas. E eu, como Henry, vou optar pela simplicidade, O ladrão devolveu tudo menos a bolsa. Mais: tudo o que podia ver no momento em que decidiu roubar alguma coisa da Sra. Tel era a bolsa, não o que havia dentro dela. Conclusão: ele estava atrás da bolsa em si, nada mais, por isso devolveu os objetos que estavam dentro dela.

– Mas isto só substitui um problema pelo outro – disse Rubin. – Por que razão o ladrão desejaria a bolsa? Sr. Teller, o senhor tem certeza de que a bolsa não tinha nenhum valor intrínseco?

– Nenhum – disse Teller enfaticamente.

– Não era uma espécie de antiguidade, era?

Teller pensou um momento.

– Não sou nenhum expert em antiguidades. Minha esposa comprou essa bolsa há pelo menos vinte anos, mas acho que a comprou num desses grandes magazines que têm filiais espalhadas por todo o canto. Será que algum artigo de um grande magazine viraria antiguidade depois de algum tempo?

– Os reloginhos do Mickey, vendidos a um dólar cada quando foram lançados, hoje são antiguidades – disse Gonzalo.

– Sim – disse Avalon –, mas se o homem era um colecionador de antiguidades e reconhecesse que um objeto valia, digamos, dez mil dólares, será que ele não teria dito “Perdão, senhora, mas sua bolsa me faz lembrar de uma bolsa da minha finada esposa, coitada, que Deus a tenha. A senhora não estaria interessada em vendê-la para mim por dez dólares para que eu possa guardá-la por razões sentimentais?” Ainda que se sentisse tentado a roubar, primeiramente ele tentaria consegui-la por meios legais.

– Parece que estamos sendo levados à conclusão de que ele queria mesmo era uma bolsa velha e gasta.

– Mas por quê? – perguntou Avalon.

– Porque não poderia comprar uma. Todas as que via em liquidações eram novinhas em folha. Mesmo se fosse a uma loja de segunda mão, encontraria bolsas que foram reformadas de

modo a parecer tão novas quanto possível. Ele tinha que encontrar uma que já estivesse bem velha e gasta. E encontrou.

– Será que ele não tentaria comprá-la primeiro? – perguntou Gonzalo, – "Ei, dona, a senhora não me venderia esta bolsa velha, gasta e sem valor por dez dólares, hein?'

– Ademais – comentou Trumbull –, por que alguém desejaria uma bolsa velha e gasta?

– Na história de Aladim – disse Halsted –, o feiticeiro malvado oferece lâmpadas novas em troca de lâmpadas velhas, por que quer a lâmpada mágica de Aladim.

Avalon fitou Halsted com arrogância.

– Creio que podemos eliminar a hipótese de que a Sra. Teller possuía uma bolsa mágica.

– Só estava brincando – disse Halsted.

– Talvez o ladrão fosse um diretor de teatro que precisasse de uma bolsa velha para uma peça que estava montando – disse Gonzalo.

– Loucura – disse Rubin com desdém. – Ele compraria uma bolsa nova e a desgastaria até que parecesse velha.

– Isto elimina toda essa história de ele precisar de uma bolas velha e gasta – disse Trumbull – Qualquer que fosse a finalidade para a qual quisesse a bolsa, não seria possível comprar uma nova, ou uma de segunda mão parecendo nova, e depois esfregá-la no chão, pisar nela até desgastá-la? Por que roubar?

E a conversa morreu sem chegar a lugar algum. Por fim, Avalon disse:

– Acho que discutimos o assunto à exaustão. Não há uma explicação lógica e acho que podemos simplesmente admitir que as pessoas ás vezes fazem coisas que não têm lógica, e pronto.

– Não, não – disse Gonzalo –, não até ouvirmos o que Henry tem a dizer. Henry, o que você pensa de tudo isso?

Henry sorriu gentilmente e disse:

– Como o Sr. Avalon, também penso que às vezes as pessoas fazem coisas que não têm lógica. Mas se queremos continuar a jogar o jogo, há pelo menos uma situação em que roubar uma

bolsa velha é melhor do que comprar uma nova e desgastá-la até parecer velha.

– Em que situação, Henry? – perguntou Teller.

– Quando o ladrão quer ter a certeza de que não será identificado. Se a bolsa for comprada, podemos imaginar que alguma característica sua possa levar os investigadores ao local em que foi comprada, e o vendedor poderá, eventualmente, identificar a pessoa que a comprou. No caso do roubo, o ladrão não foi visto e não poderá ser identificado. Mesmo que a bolsa seja devolvida à Sra. Teller, ela não poderá fazer a identificação. O ladrão, por sua vez, pode ser um homem honesto a ponto de assumir o risco de devolver tudo. Mas, se ao fazer o embrulho tiver o cuidado de usar uma caixa e um tipo de papel cuja origem não se possa precisar, se usar luvas para fazê-lo, se rabiscar um simples nome no pacote e se o entregar silenciosamente sem ser visto, são quase nulas as chances de ser identificado.

– Mas nesse caso ele estaria querendo a bolsa para um propósito criminoso – disse Teller.

– Poderíamos supor que sim – disse Henry.

– Como o quê?

– Ainda no espírito de jogar o jogo – continuou Henry –, posso inventar um propósito... forçado, mas que faz um estranho sentido. A bolsa foi roubada na estação central, e todo mundo sabe que muitos desabrigados escolhem a estação para sua moradia Em geral são pessoas abandonadas à sua própria sorte por uma sociedade insensível demais para cumprir sua obrigação de ampará-las, mas não tão insensível a ponto de expulsá-las de um lugar aquecido e seguro. De fato, ninguém presta muita atenção a esses sem-teto, O cidadão médio tende a desviar os olhos desses pobres coitados, pois com sua aparência suja e miserável eles provocam no observador uma sensação de desconforto, seja pela simples repulsa, seja pela crise de consciência que desencadeiam. Para não ser molestada, ou mesmo notada, uma pessoa poderia facilmente pensar em se fazer passar por um desabrigado, um sem-teto que usa roupas velhas, de aparência suja, deprimente, enfim. Vamos supor, então, que uma mulher vestida

do que geralmente se chama de “velha do saco” precise de uma bolsa para levar a cabo com êxito a sua farsa...

– Espere um pouco – interrompeu Gonzalo –, você chama essas mulheres de “velhas do saco” porque elas carregam suas coisas em sacos, não é?

– Certamente é esta a origem do termo, Sr. Gonzalo – disse Henry –, embora a expressão tenha tido seu sentido ampliado para designar os sem-teto a que me refiro. Continuando, estou certo de que uma mulher assim disfarçada, ainda que usasse uma bolsa, continuaria a ser chamada de “velha do saco”. Só que dificilmente a bolsa poderia ser nova. Uma desabrigada que carregasse uma bolsa nova certamente chamaria a atenção. Portanto, teria de ser uma bolsa velha, bem gasta, para combinar com o resto da vestimenta.

Teller riu.

– Você é muito bom na arte de inventar histórias, Henry, mas não acho que minha esposa iria gostar da idéia de que carregava uma bolsa apropriada a um desses desabrigados. Além do mais, para que essa mulher disfarçada de sem-teto precisaria de uma bolsa? Por que não um saco de supermercado?

– Talvez – continuou Henry – porque um saco de papel não fosse resistente o suficiente para conter o que a mulher estava carregando, o que talvez somente uma bolsa forte, mas velha, pudesse. Por exemplo, e esta idéia me ocorre a propósito da discussão anterior sobre terrorismo, e se esta pretensa desabrigada carregasse um artefato explosivo que pretendesse colocar na estação para provocar muito estrago? Conforme o Sr. Teler salientou, os terroristas podem se considerar nobres e sublimes patriotas. Eles poderiam roubar uma bolsa que seria absolutamente necessária para seus propósitos, se é que o roubo fosse o meio mais seguro de obtê-la, mas não se dignariam a ficar com o conteúdo da bolsa. Pois não são ladrões, mas patriotas. A seus próprios olhos, pelo menos.

– Deus meu, Henry, você faz tudo se encaixar perfeitamente – disse Gonzalo, admirado.

– É simplesmente um jogo, Sr. Gonzalo. O Dr. Drake é que o verdadeiro trabalho.

– Você faz as coisas se encaixarem bem demais, Henry – disse Trumbull com as sobrancelhas bem arqueadas, enquanto passava a mão nos cabelos grisalhos e ondulados. – Há alguma possibilidade de a coisa realmente ter acontecido?

– Dificilmente, Sr. Trumbull – disse Henry. – Não houve qualquer notícia sobre uma explosão em algum ponto da cidade.

– Faz apenas três dias que a bolsa foi roubada – disse Trumbull. E, virando-se para Teller, perguntou: – Suponho que sua esposa não tenha dado queixa à polícia, não é mesmo?

– Não, é claro que não. Ela não seria capaz de fazer qualquer tipo de identificação, por menor que fosse. Tudo o que poderia dizer é que a bolsa desapareceu como num passe de mágica.

– E mesmo que ela tivesse dado queixa, Tom – disse Avalon –, o que a polícia poderia ter feito? E por que eles pensariam em alguma coisa parecida com a história que Henry inventou? Isto só foi possível a partir do fato inusitado, e só ocorrido ontem, de que tudo o que havia dentro da bolsa foi devolvido.

– Suponho que você também não tenha dado queixa, não é mesmo, Guilherme? – perguntou Trumbull

– Não, claro que não dei – respondeu Tel

– Muito bem – disse Trumbull, erguendo-se pesadamente. – Isto pode parecer loucura, mas vou telefonar para alguém que conheço. E se... – olhou para o relógio de pulso – se eu o pegar assistindo televisão ou se preparando para ir dormir, será um verdadeiro desastre.

– Ele pode não estar em casa – disse Avalon.

– Eu encontrarei alguém – disse Trumbull parecendo muito sério.

Dirigiu-se, então, à saleta ao lado, onde havia um telefone, deixando os outros Viúvos Negros e seu convidado imersos num desconcertante silêncio. Só Henry parecia impassível.

– Você realmente acha que pode haver algum fundamento em tudo o que disse, Henry? – perguntou Gonzalo.

– Acho que o melhor é esperarmos até que o Sr. Trumbull retorne – respondeu Henry.

Pouco depois, Trumbull estava de volta. Sentou-se e, por cerca de quinze segundos, não fez outra coisa a não ser fitar Henry.

– E então, Tom? – perguntou Avalon.

– Muito bem, se as paredes tivessem ouvido o que dissemos aqui, Henry provavelmente seria indiciado por bruxaria – disse Tom.

As sobrancelhas de Henry ergueram-se levemente.

– Se o senhor está querendo dizer com isso que realmente havia uma bomba, acho que seria mais apropriado dar o crédito da descoberta às mentes lógicas dos Viúvos Negros.

– A você, Henry – disse Trumbull. – De fato, havia uma bomba. Ela foi colocada num lugar em que talvez não provocasse muitas vítimas, mas certamente o serviço de trens ficaria interrompido por semanas. E, o que é pior, ela estava dentro de uma velha bolsa de couro.

– Mas não houve nenhuma explosão, pelo que posso supor – disse Henry.

– Não porque a bolsa foi encontrada por acaso e porque a pessoa que a encontrou ficou desconfiada do peso da bolsa. Depois, como decorrência do que vemos todos os dias nesses tempos turbulentos, ocorreu-lhe fazer exatamente a coisa certa. Quer dizer, chamar a polícia especializada em explosivos. Exatamente como você fez, Guilherme.

– Que sorte – disse Gonzalo. – Se ela não tivesse sido encontrada, a análise de Henry teria chegado tarde demais.

– Nunca é tarde demais para nada. Acho que contei aos meus informantes coisas demais sobre o que dissemos aqui, de modo que sua esposa terá de ir até lá para identificar sua bolsa. Se for a bolsa dela, e estou disposto a apostar tudo o que ganhei no ano passado como é, eles ficarão sabendo de uma coisa importante, e os terroristas não saberão que eles agora têm essa informação. Vão começar a vigiar os sem-teto que moram na esta-

ção e há grandes chances de descobrirem alguma coisa. Muito obrigado, Henry.

Tel parecia perturbado.

– Não acho que Jenny vá gostar da idéia de se envolver nisso tudo.

– Ela não tem escolha – disse Trumbull – Diga-lhe apenas que ela precisa ir.

– Para você é fácil falar – disse Teller, preocupado.

– Coragem, Sr. Teller – disse Henry. – Estou certo de que sua habilidade profissional em defender pontos de vista impopulares de maneira convincente lhe possibilitará realizar essa tarefa com facilidade.

POSFÁCIO

As pessoas me perguntam de onde tiro minhas idéias. E a resposta é: de qualquer lugar.

Na maioria das vezes tenho que pensar muito antes que me ocorra alguma coisa. E isso é um trabalho duro. (Tentem, se não acreditam no que digo.) Assim, quando me deparo com alguma coisa e vejo que ela pode ser transformada numa história sem que eu precise rachar a cabeça de pensar, não hesito em me apossar dela.

Uma mulher me contou um dia que sua bolsa havia sido roubada e depois devolvida, mais ou menos do jeito como narrei nesta história. Perguntei-lhe por que havia sido devolvida e ela respondeu: Não sei”.

Ao ouvir esse “não sei”, imediatamente fiquei de antenas ligadas. Afinal de contas, Henry saberia o porquê. Em casos como este, tudo o que tenho a fazer é inventar uma história em torno do incidente. E foi exatamente isso o que fiz.

A história foi publicada pela primeira vez na edição de março de 1987 do Ellery Queen’s Mystery Magazine.

O LUGAR SILENCIOSO

Emmanuel Rubin, anfitrião do jantar dos Viúvos Negros naquela noite, parecia ter acordado com o pé esquerdo e dando pontapés até na sombra.

Insistiu na insignificância da álgebra com Roger Halsted, professor de matemática numa escola do primeiro grau; denunciou o sistema de patentes a Geoffrey Avalon, advogado de patentes; negou a validade da aplicação da teoria quântica à estrutura molecular a James Drake, o químico; salientou a inutilidade da espionagem nas modernas operações de guerra a Thomas Trumbull o experto em códigos secretos; e, por fim, enquanto colocava umas cerejas no sundae e observava Mario Gonzalo, que, com facilidade e perfeita habilidade, esboçava uma caricatura do convidado da noite, disse-lhe que ele não entendia nada de caricaturas.

Trumbull, o que tinha menos paciência, dentre todos os Viúvos Negros, para agüentar Rubin nos seus piores momentos, não se conteve e disse:

– Mas que diabos está acontecendo com você, Manny? Todos estamos acostumados a ouvi-lo berrar aos quatro ventos suas opiniões sempre contrárias, ou então a pegar para cristo um ou outro de nós na tentativa de defender algum ponto de vista indefensável. Mas hoje você está aporrinhando todo mundo!

Foi o convidado de Rubin que respondeu a Trumbull em voz baixa. Aliás, esta foi praticamente a primeira vez em que ele abriu a boca para falar alguma coisa. Era um homem jovem, ao que parecia de uns trinta e poucos anos, cabelos lisos, loiros, olhos azul-claros, as maçãs do rosto salientes e um sorriso que parecia se esboçar com facilidade, mas que tinha qualquer coisa de triste. Seu nome era Theodore Jarvik.

– Senhores, temo que a culpa seja minha, se é que se pode culpar alguém por tomar uma atitude profissional. Há pouco

tempo passei a ser o editor de Manny e fui forçado a lhe devolver para revisão o manuscrito de seu trabalho mais recente.

– Para uma revisão criteriosa – resmungou Rubin.

– Cheguei a sugerir que ele cancelasse o convite para esta noite – disse Jarvik com seu sorriso triste –, supondo que Manny não fosse querer olhar na minha cara tão cedo.

Gonzalo ergueu as sobrancelhas e disse:

– Manny não se incomoda com essas coisas. Todos nós já o ouvimos dizer mais de mil vezes que o escritor verdadeiramente profissional deve enfrentar com calma e segurança o fato de ter de rever sua obra, ou mesmo de tê-la rejeitada por um editor. Ele diz que uma forma de você identificar um escritor amador ou iniciante é observar que, para ele, cada palavra é sagrad...

– Ora, cale a boca, Mano – disse Rubin, visivelmente irritado. – Você não sabe dos detalhes.

– É verdade... podem deixar que Manny e eu vamos acabar resolvendo o problema – disse Jarvik.

Avalon, do alto de seus quase 1,90 metro, comentou com sua voz de barítono-baixo:

– Uma curiosidade, Manny... por acaso você já chamou o Sr. Jarvik de “garoto pretensioso”?

– Ah, pelo amor de Deus – disse Rubin, enrubescendo.

– Não, não chamou, Sr. Avalon, mas pensou bem alto – disse Jarvik.

– Isto não é verdade – exclamou Rubin com a voz no ponto máximo da sua considerável escala de decibéis.

– Vamos acabar estragando esta noite – disse Drake num tom de resignação. – Você vai ficar o tempo todo com esse humor tão desagradável, Manny, que...

– O dia em que eu for uma pessoa desagradável... – começou Rubin, mas foi interrompido por Henry, aquela pérola inestimável de garçom.

– Cavalheiros, por favor, tomem os seus lugares. O jantar está servido.

Justiça seja feita: Rubin fez o possível para se controlar durante todo o jantar. Seus olhos faiscavam por detrás das grossas lentes dos óculos; sua escassa barba estava eriçada e ele

lentes dos óculos; sua escassa barba estava eriçada e ele resmungava sem parar. Mas conseguiu falar pouco e deixar a palavra aos outros.

Gonzalo, sentado ao lado de Jarvik, disse ao convidado:

– Perdão, mas o senhor está cantarolando sem parar.

Jarvik enrubesceu novamente, o que não era muito difícil de acontecer, já que tinha a pele bem clara.

– Desculpe-me, não tive a intenção de perturbá-lo.

– Não que isto me perturbe. É que não consigo reconhecer que melodia o senhor está cantarolando.

– Também não sei que melodia é esta. Acho que só estou improvisando.

– É mesmo? – E Gonzalo ficou quieto pelo resto do jantar até que o tilintar de uma colher batendo num copo d'água marcou o início da sessão de perguntas ao convidado.

– Posso me oferecer voluntariamente para inquiridor da noite? – perguntou Gonzalo.

– Por mim, pode – resmungou Rubin, que, como anfitrião, tinha a incumbência de apontar um inquiridor. – Só não lhe pergunte como ele justifica a sua existência. Não há no mundo um único editor capaz de fazê-lo.

– Pelo contrário – disse Gonzalo –, qualquer editor que tenha devolvido um manuscrito seu para revisão já justificou sua existência pelo menos uma centena de vezes.

– Posso sugerir que continuemos com a sessão de perguntas, em vez de ficarmos dando alfinetadas uns nos outros? – perguntou Halsted.

Gonzalo bateu com a mão na manga da jaqueta desta vez de um tecido de xadrez espalhafatoso como se para afastar uma poeira que existia mais na sua imaginação do que na realidade. Depois disse:

– Muito bem. Sr. jarvik, ao longo do jantar perguntei-lhe que melodia o senhor estava cantarolando e o senhor respondeu que estava improvisando. Não creio que sua resposta estivesse de todo correta. Depois que lhe fiz a pergunta ouvi-o cantarolando por duas ou três outras vezes, e sempre a mesma melodia

Agora que o senhor está na berlinda, seu dever dar respostas completas e honestas. Espero que Manny tenha lhe explicado as regras do jogo. Portanto, repito minha pergunta: qual era a melodia que o senhor estava cantarolando?

– Que pergunta estúpida é esta? – interveio Trumbuill.

Gonzalo voltou-se para Trumbull e fitou-o com arrogância:

– Como inquiridor acho que posso perguntar o que julgar condizente com a dignidade humana. O anfitrião é quem decide-

– Prossiga, Mario – disse Rubin, que fora chamado a opinar.
– Prossiga com as perguntas. E deixe-o em paz, Tom.

– Responda à pergunta Sr. jarvik – disse Mano. E quando viu que jarvik ainda hesitava, Gonzalo completou: – Vou ajudá-lo. A melodia é esta. – E cantarolou alguns compassos.

Imediatamente, Avalon disse:

– Conheço isto. É The Lost Chord, uma música de Arthur Sullivan dos musicais de Gilbert e Sullivan. Fora esses musicais, Sullivan é conhecido apenas por duas outras canções. Uma é Onward, Christian Soldiers e a outra é a que acabei de mencionar, The Lost Chord.

– Era ela que você estava cantarolando, Jarvik?

– Acho que sim. Nunca aconteceu de os senhores levantarem com uma música na cabeça e de ela os acompanhar o dia inteiro?

Todos os presentes concordaram em coro.

– É um problema universal – sentenciou Avalon.

– Bem, toda vez em que me vejo no meio de muito barulho, essa canção me vem à cabeça e parece não querer mais sair – disse Jarvik.

Drake deu uma risadinha.

– Se o senhor for tratar de negócios com Manny, terá de cantarolar esta melodia até que um dos dois morra.

– A canção tem alguma coisa a ver com esse problema de barulho? – quis saber Gonzalo. – Como é a letra?

– Na verdade, só sei alguns trechos.

– Pois eu sei a letra – disse Avalon.

– Por favor, não tente cantar nada – exclamou Trumbull, subitamente alarmado.

Avalon, cuja voz todos sabiam que se parecia com o lamento de um jacaré ao sol, respondeu com dignidade:

– Vou recitar a letra, de autoria de uma senhora chamada Adelaide Anne Procter, a respeito de quem não sei absolutamente nada. É assim: (Ele pigarreou.)

Sentei-me ao órgão um dia; eu estava cansado, inquieto,
E meus dedos erraram preguiçosamente por sobre as teclas sonoras.
Não sei o que toquei, ou o que sonhei naquele dia
Só sei que toquei um acorde, cujo som era o de um
grande Amém
Ele inundou o entardecer carmim, como o acorde final de um salmo de anjos,
E aplacou o tormento do meu espírito com um toque
de infinita calma.
Calou a dor do meu peito, como o amor que supera a ri-
validade.
Parecia o eco distante da harmonia que nossas vidas dis- sonantes tiveram um dia.
Reuniu os sentidos confusos numa única e perfeita paz,
E, vibrando, desfez-se em silêncio, como se não quisesse cessar.
Procurei, mas em vão, aquele acorde divino perdido,
Que veio da alma do órgão e na minha entrou.
Pode ser que na morte eu o ouça de novo nas palavras
do glorioso anjo,
Pode ser que só no céu volte a escutar aquele imenso
Amém.

Fez-se um breve silêncio.

– Sabem, estou pensando numa coisa – disse Halsted. – Não sei quantos acordes diferentes podemos tirar de um órgão grande, considerando-se todos os diversos registros que podemos puxar ou empurrar e todas as outras combinações de pedais. Suponho que realmente seja um número bastante grande de combinações e acho que dificilmente conseguiríamos encontrar um acorde em particular procurando a esmo no instrumento.

– Deixemos para a sua inclinação pela matemática o cálculo do número exato de acordes – disse Rubin, impaciente. – Quanto a você, Ted Jarvik, pelo menos dá para ver por que cantarola

essa canção toda vez que está no meio do barulho. Todo aquele palavreado sobre calma infinita, paz interior, vibração que se desfaz em silêncio... é claro que é a sua mente que pede esta canção.

– Não, não é isso – disse Jarvik em voz baixa, enquanto balançava a cabeça.

– Ahá! – exclamou Gonzalo, triunfante. – Eu sabia. Eu sabia! Tenho um sexto sentido para essas coisas. O que é? O que a canção significa para o senhor?

– Quieto, Mario – disse Avalon. – Bem, Sr. Jarvik, se Mario conseguiu tocar numa ferida, em alguma coisa sobre a qual o senhor não gosta de falar, peço-lhe que o faça assim mesmo. Asseguro-lhe que nada sairá de entre essas quatro paredes.

Confuso, Jarvik olhou ao redor para os Viúvos Negros.

– Por que isto tinha de vir à baila? E uma pequena ferida, sim, mas posso falar sobre ela sem problemas. Só que se trata de uma coisa que interessa única e exclusivamente a mim.

– Isto o senhor não pode afirmar com tanta segurança – disse Gonzalo com um sorriso nos lábios.

Henry encheu novamente os cálices de brandy. Jarvik suspirou e começou:

– Sou um homem tranqüilo, conforme os senhores mesmos podem ver. Todo mundo vive me dizendo que transmito esta sensação de tranqüilidade. E é uma ironia que uma pessoa como eu tenha que morar e trabalhar em Manhattan, mas a gente precisa ganhar a vida de alguma forma, não é mesmo?

“Sou solteiro. Não tenho mulher nem filhos para sustentar, pelo menos não ainda, e posso me dar a alguns luxos de vez em quando. Assim, duas ou três vezes por ano tiro uma semana de férias e vou para uma estância ao norte do rio Hudson. É uma propriedade muito grande, com uma mansão que guarda a atmosfera vitoriana e muito espaço para passeios a pé. As pessoas que freqüentam o lugar são, na sua maioria, de meia-idade, ou até mesmo velhas, e tudo por lá é muito sóbrio e respeitável. Até os jovens que às vezes aparecem por lá são pressionados, ou sentem-se oprimidos pela atmosfera do lugar, a se comportar.

“Isto significa que, de um modo geral, o lugar é bastante silencioso; e à noite particularmente, muito silencioso. Uma verdadeira calmaria. Quanto a mim, adoro esta quietude, e é claro que tento escapar até mesmo do pouco barulho que ouço por lá. Afinal, as pessoas acabam conversando entre si, e como há centenas delas na casa, o tom das conversas acaba assumindo proporções bastante consideráveis. Isto sem contar os veículos que circulam pelo local: caminhões, máquinas de aparar grama, entre outros.

“Mas a propriedade tem milhares de acres de colinas cobertas de bosques entrecortados por caminhos e trilhas, algumas das quais bastante precárias. Para mim é sempre um prazer todo especial percorrer essas trilhas à procura de algum lugar onde só veja árvores e rochas imensas do período glacial; um lugar onde eu possa me sentar num dos mirantes que marcam certos pontos das trilhas e ficar admirando aquele cenário intocado pelo homem, ouvindo o som do silêncio. E claro que há o canto dos pássaros, o farfalhar das folhas, mas isso não me incomoda. Esses sons naturais só fazem aumentar a sensação de silêncio.

“Aonde quer que eu vá, porém, aonde quer que me sente, mais cedo ou mais tarde, e infelizmente sempre mais cedo do que esperava, ouço vozes humanas. São grupos de pessoas caminhando por trilhas paralelas, ou então seguindo justamente por aquela que eu tinha escolhido. E essa invasão da minha privacidade sempre me irritou muito. É tolice, eu sei. Afinal, eu era apenas uma das centenas de pessoas que lá estavam, mas achava que não podia ser perturbado. E quando isto acontecia, levantava-me e continuava a caminhar, procurando sempre por um lugar silencioso, um lugar realmente silencioso. E nunca o encontrei.

“Um dia, quando estava sentado num dos meus mirantes, um homem passou, olhou para mim, hesitou um momento e disse, quase que num sussurro:

“– Posso lhe fazer companhia?

“Concordei com a cabeça. Não poderia recusar, apesar de aquilo me aborrecer de imediato. E eu não poderia me levantar e

sair na mesma hora, sem com isto parecer extremamente descortês.

"Passados cerca de cinco minutos em que permanecemos ali sem dizer palavra, ouvimos o inevitável som de gente conversando na estrada. E em seguida uma explosão de risos femininos. Meu novo conhecido fez uma careta e disse:

"– Isso não é realmente perturbador?

"Imediatamente mudei minha opinião sobre ele. Concordei com a cabeça e disse:

"– Está aí uma coisa da qual não se pode escapar.

"– Existe um lugar em que isto é possível – disse ele. – Depois parou por um instante, como se tivesse chegado à conclusão de que falara demais. Mas eu fiquei esperando com um olhar de interrogação sem dizer nada, até que ele continuou: – É um lugar que descobri há três ou quatro anos. O senhor gostaria de conhecê-lo?

"– É silencioso?

"– Oh, sim.

"– Seria muito bom.

"– Venha comigo – disse. Levantou-se e olhou ao redor, co mo se quisesse buscar um ponto de orientação. O dia estava lin do: ensolarado, o céu azul, nenhuma nuvem. Não fazia muito calor, e senti-me muito bem quando partimos.

"Eu não gostava muito de falar, mas não consegui conter uma observação:

"– Não me lembro de tê-lo visto antes.

"– É que geralmente estou caminhando por alguma trilha.

"– Eu também – comentei, já começando a gostar do meu novo colega. – Meu nome é Ted Jarvik – disse, e estendi-lhe a mão.

"Ele retribuiu com um caloroso aperto de mão.

"– O senhor pode me chamar de Dark Horse* – disse.

"E nesse exato momento, sem que eu esperasse, ele entrou bosque adentro, ora abrindo caminho com as mãos pela densa vegetação, ora contornando tufos de plantas rasteiras. Pensei no quanto tinha sido bom ter colocado calças compridas. Se esti-

vesse fazendo um pouco mais de calor, eu teria vindo de shorts e ficaria com as pernas arranhadas pelas plantas e com picadas de insetos. Como este não era o caso, não tive problemas para a-companhá-lo.

“Não conseguia saber para onde ele estava indo. Não havia qualquer trilha, e nós escalávamos pedras enormes como se fôssemos alpinistas. Apesar da temperatura agradável do dia, eu es tava ofegante, sentia calor e não demorou muito para eu começar a transpirar. Finalmente, paramos por alguns instantes sob uma cicuta.

“– Geralmente paro aqui para tomar fôlego – disse o meu colega. – Hoje em dia levo mais tempo para chegar até lá.

“Ainda ofegante, aceitei de bom grado a sugestão de fazer uma pausa.

“– Como o senhor sabe para onde está indo? – perguntei.

“– Pelas marcas naturais do terreno. Uma árvore com este formato, uma pedra com musgos formando determinado desenho. Percebo essas coisas automaticamente e não me esqueço mais delas. Tenho um dom especial de observação, e por causa dele nunca me perco.

“– O senhor tem sorte – lamentei. – Eu não tenho qualquer senso de direção. Chego a ficar irremediavelmente perdido nos corredores de um hotel. As camareiras têm de me pegar pela mão e me conduzir até o meu quarto.

“Meu companheiro riu e observou:

“– Estou certo de que o senhor tem muitos outros dons. Minha habilidade de nunca me perder é a única que tenho.

“– O senhor disse que se chamava Dark Horse. O senhor não é índio, é? Um americano nativo? – perguntei-lhe, enquanto o fitava. E ele se parecia tão pouco com um índio quanto eu.

“– Não, de jeito nenhum. Só disse que o senhor podia me chamar de Dark Horse. Sabe, acho que, se a gente deseja efetivamente sair de férias, deve abandonar toda a parafernália da vida de todo dia. Preciso dar meu nome verdadeiro ao hotel por causa da reserva e do pagamento com cartão de crédito. Mas enquanto estou aqui, não quero nem ser chamado pelo meu nome.

E nem falar sobre meus negócios. Simplesmente quero me esquecer completamente da minha vida de todo dia. O que quer que eu seja oficialmente, esse alguém ficou lá em Manhattan. Aqui sou outra pessoa.

"Fiquei espantado com o que ouvi.

"– Que idéia interessante! Eu devia fazer o mesmo. Não que eu seja dos mais sociáveis quando estou aqui...

"– Descansou um pouco? – perguntou-me. – Então vamos. Não estamos muito longe.

"Tentei gravar o local em que ele virou e observar marcas do terreno, mas foi inútil. Não sou uma pessoa com senso de observação. Para mim, uma árvore é uma árvore e uma rocha é uma rocha. Foi então que praticamente escorregamos para dentro de um buraco e Dark Horse sussurrou:

"– É aqui.

"Olhei ao redor. As rochas formavam uma parede que nos circundava por quase todos os lados. Aqui e ali, árvores haviam crescido entre as pedras. Samambaias vicejavam. Ali a temperatura era agradável, muito agradável e reconfortante.

"Acima de tudo, porém, aquele lugar era silencioso. Não se ouvia um único som. Um ruído de folhas balançando ao vento de vez em quando, talvez. Ou então a fraca estridulação de um inseto. Ou ainda o suave canto de um pássaro. De resto o lugar era absolutamente silencioso, de um silêncio benéfico num mun do em que impera uma grande, longa e interminável cacofonia de ruídos.

"Sem dizer palavra, meu colega apontou para uma saliência de rocha, perfeitamente adequada para alguém se sentar. Sentamo-nos e deixei que o silêncio tomasse conta de todo o meu interior. Como é que dizia o poema? "E aplacou o tormento do meu espírito com um toque de infinita calma."

"Ficamos sentados ali por cerca de meia hora, e durante to do esse tempo eu não disse rigorosamente nada, meu colega também não disse absolutamente nada e não se ouviu um único som humano de espécie alguma. Nem risos à distância, nem o som longínquo de uma conversa, nem a vibração de algum mo-

tor de combustão interna. Nada. Eu jamais havia experimentado sensação igual em toda a minha vida.

"Finalmente, meu colega levantou-se e, sem dizer nada, foi como se perguntasse se não estava na hora de voltarmos. Relutante, e também sem verbalizar palavra alguma, respondi que sim.

"Saímos do lugar. E já tínhamos andado cerca de 750 metros, quando ousei perguntar:

"– Como o senhor encontrou aquele lugar tão silencioso?

"– Da primeira vez foi por acaso. Desde então, já voltei até lá cerca de seis vezes. Adoro aquele lugar. Ele fica completamente fora do alcance de qualquer trilha e, pelo que sei, não consta dos mapas do hotel. É um esconderijo secreto que só eu conheço... e agora o senhor também.

"– Muito obrigado por tê-lo mostrado a mim. De coração – agradeci com sinceridade. – Eu jamais poderia imaginar que, num lugar como este, ainda pudesse haver um recanto que não tivesse sido pisado por pés humanos.

"– Por que não? – perguntou Dark Horse. – Acho que por todo o mundo existem pequenas áreas que ainda não foram perturbadas pela humanidade. E esses lugares às vezes estão localizados em áreas densamente povoadas. Estou certo de que há bem menos lugares como este hoje do que havia há algum tempo, e que um dia eles talvez não existam mais. Mas ainda existem. Ainda existem.

"Sem hesitar quanto à direção a seguir, meu colega conduziu me de volta a uma das trilhas principais. Abrimos caminho por entre rochas, raízes e vegetação rasteira novamente. A sensação de subida que eu tivera na ida era a mesma que eu sentia agora, na volta. Mas é claro que isso não era possível, pois logo depois chegamos ao local em que nos tínhamos conhecido. Despedimo-nos, agradeci-lhe e trocamos um aperto de mãos. Voltei para o meu quarto, tomei um banho e pouco depois estava pronto para o jantar.

“Não o vi no jantar, embora o tenha procurado. De fato, não voltei a vê-lo por todos os outros dias que passei ali. Para encurtar a história, nunca mais o vi desde aquele dia.

“No dia seguinte àquele em que ele tinha me levado ao lugar silencioso, tentei voltar lá sozinho. Peguei um livro, alguns sanduíches que havia pedido na cozinha, e era minha intenção passar boa parte do dia por lá, se o tempo continuasse bom. Mas é claro que não consegui o que queria. Não tive a sorte de reencontrar o lugar. Acho que comecei errando na primeira virada.

“Mas não desisti. Depois de voltar à cidade, continuei sonhando com aquele lugar silencioso, e na primeira oportunidade voltei à estância de férias, estudei o mapa e marquei a área em que achava que pudesse estar escondido aquele lugar. Consegui chegar o mesmo mirante em que encontrei Dark Horse aquele dia e, de lá, comecei uma exploração sistemática.

“Não adiantou nada. Nunca consegui encontrar o lugar. Por mais que tentasse me lembrar das voltas e reviravoltas do caminho, por mais que me iludisse achando que reconheceria uma daquelas malditas árvores ou pedras, por mais que me atolasse em pântanos ou escorregasse de rochedos, a coisa sempre terminava em lugar algum. Levei picadas, arranhões, sofri ferimentos, tive contusões e torsões. O que não consegui foi chegar ao lugar.

“Parece que isso se transformou numa obsessão para mim. Por acaso eu sabia aquela passagem de The Lost Chord e acho que comecei a ouvi-la com algumas alterações na letra: “Procurei, mas em vão, aquele divino lugar perdido, de onde saiu o espinto do silêncio que penetrou em mim..:’

– E acho que cantarolo esta passagem toda vez que o ambiente vai ficando barulhento e caótico...

Fez-se uma demorada pausa quando Jarvik concluiu.

– Então o senhor só precisa encontrar esse cara que o levou até lá para levá-lo outra vez – disse Halsted. – Tudo o que o senhor terá de fazer, então, é ir marcando num mapa, com a maior precisão possível, cada volta e reviravolta do caminho.

– Suponho que esse cara tenha realmente existido – disse Gonzalo, hesitante. – O senhor não teria sonhado tudo isso, não é?

Jarvik franziu as sobrancelhas.

– Acreditem-me, não foi sonho. E aquela pessoa também não era um elfo que me levou para um mundo encantado. Tudo aconteceu exatamente como lhes contei. O problema é que ele tinha um senso de direção infalível, e eu não tenho nenhum.

– Então você precisa encontrá-lo, se quiser sair do ponto em que empacou – disse Rubin, categoricamente.

– Muito bem – concordou Jarvik. – Preciso encontrá-lo. Mas diga-me de que forma. Eu não sabia o número do quarto dele, não sabia o seu nome, e não me ocorreu tentar identificá-lo na recepção naquela noite ou mesmo no dia seguinte.

Sacudiu a cabeça parecendo ter dúvidas sobre se valia a pena continuar ou parar por ali. Então meneou os ombros e disse:

– Não posso omitir dos senhores o quanto fiquei obcecado pela idéia de reencontrar aquele lugar. Na última vez em que estive na estância, passei meio dia conversando com os vários funcionários da recepção. Queria conseguir uma lista de todas as pessoas que tinham estado no hotel no dia em que fui levado para aquele lugar silencioso.

– Foi preciso negociar muito, examinar cuidadosamente vários registros, e eles foram gentis a ponto de fazer uma lista em ordem alfabética contendo duzentos e quarenta e nove nomes. E fizeram isso para mim porque sou um hóspede regular e também porque deixei uma caixinha de cinqüenta dólares para eles dividirem entre si. Não incluíram na lista os endereços, porque disseram que aquilo era contra a ética, e que se fossem pegos fazendo uma coisa dessas seriam despedidos, colocados numa lista negra, e sabe lá mais o quê. No dia seguinte, num último esforço, tentei encontrar o lugar mais uma vez.., e fracassei, é claro. Passei todo o resto da minha estada estudando a lista de nomes. E sabem de uma coisa? Cheguei a decorar todos eles. Não porque quisesse isto, é claro. Sou capaz de arrolá-los na ordem alfabética, em que foram relacionados. Por acaso tenho uma memória capaz de coisas como essa. – Parou e refletiu um pouco. – Se o meu senso de direção fosse tão bom quanto minha capacidade de memorizar itens banais de uma lista, quer dizer, se o

meu senso de observação fosse capaz de me fornecer indícios de pequenas variações, eu poderia me lembrar e não estaria no dilema em que me encontro agora.

– De que forma a lista de nomes poderia ajudá-lo? – perguntou Drake, com as sobrancelhas arqueadas por detrás da nuvem de fumaça do cigarro.

– A primeira coisa que me ocorreu foi que o nome falso que ele.usava poderia ter alguma razão de ser – disse Jarvik. – Por que alguém adotaria o nome de Dark Horse? Talvez porque as iniciais coincidissem com as de seu nome verdadeiro. Percorri a lista e encontrei apenas um D. H. e o nome era Dora Harboard. Bem, o que quer que o meu colega fosse, certamente não era uma mulher. Essa possibilidade ficou excluída, portanto. Depois pensei que as iniciais talvez estivessem invertidas. Procurei um H. D e não encontrei nenhum. Depois procurei por nomes de pessoas do sexo masculino, que não tinham se registrado na companhia de alguém. Havia um grande número de pessoas relacionadas aos pares; por exemplo, Ira e Hortense Abel, só para citar os primeiros nomes da lista. Achei por bem eliminá-los, especialmente se tivessem crianças com eles. Feita esta seleção, sobraram dezessete nomes de homens, todos possivelmente solteiros. A princípio achei que tinha feito um enorme progresso. Mas depois lembrei-me de que Dark Horse não me havia dado qualquer indicação de que fosse solteiro. Ele poderia muito bem ter deixado sua esposa e filhos no quarto do hotel, ou então assistindo ao mab-jong, que era jogado no saguão do hotel naquela tarde.

– O senhor poderia tentar alguma coisa mais radical – disse Trumbull – Por exemplo, seguir cada um dos homens listados e ver qual deles era Dark Horse. Com um pouco de sorte, Dark Horse poderia ser justamente o primeiro da lista. E o senhor sabe que ele mora em Manhattan. Ele mesmo disse isso. Para começar, tente a lista telefônica.

– Uma das pessoas relacionadas chama-se S. Smith – disse Jarvik. – Tremo só em pensar em quantos Smiths existem na lista telefônica só com a inicial S no primeiro nome. Ademais, se

bem me lembro, ele disse que sua identidade oficial, fosse ela qual fosse, tinha ficado para trás, em Manhattan. Pareceu-me que ele queria dizer que trabalhava em Manhattan, mas não necessariamente que morava lá. Ele poderia morar em qualquer um dos cinco distritos administrativos, ou em Nova Jersey, ou em Connecticut ou em Westchester. Pensei em várias soluções radicais. Só para citar um exemplo, cheguei a considerar a possibilidade de pagar a um piloto de um desses aeroclubes da região para voar comigo sobre a propriedade. Minha idéia era a de ver o lugar de cima. Mas sei que não seria capaz de reconhecê-lo, pelo menos não de cima e passando rapidamente por ele. E mesmo que o reconhecesse, eu teria que voltar ao aeroporto para o piloto pousar o avião, e depois, quando tentasse chegar ao lugar silencioso por terra, estou certo de que fracassaria novamente. Então pensei que talvez pudesse alugar um helicóptero,e, caso reconhecesse o lugar do alto, o helicóptero poderia ficar em "vôo parado" sobre o lugar e eu desceria por um cabo, uma corda ou coisa parecida. Mas isso é ridículo. Eu não teria coragem de descer do helicóptero com a ajuda de um cabo, mesmo que reconhecesse o lugar. E ainda que tivesse, o que aconteceria se não conseguisse achar o caminho de volta? Não poderia me dar ao luxo de usar um helicóptero todas as vezes para ir e voltar, não é mesmo?

– Dark Horse! Isto não é um termo do turfe? – perguntou Gonzalo.

– Originariamente sim – respondeu Avalon. – Ele se refere a um cavalo de potencial desconhecido, com boas chances de vencer, sobretudo se entrar num páreo em que todos os outros cavalos são conhecidos.

– Então por que dark horse, ou cavalo escuro? – perguntou Halsted.

– Presumo que em decorrência da pouca informação que se tem sobre ele – respondeu Avalon. – Não poderia ser pela cor, pois a maioria dos cavalos de corrida é de cor escura. Além disso, o adjetivo "escuro" pode evocar também a impressão de mistério, de desconhecida

– Muito bem – disse Gonzalo – pode ser que esse cara tenha algo a ver com o turfe.

– Vamos supor que sim. Em que isso me ajuda a encontrá-lo? – perguntou Jarvik, num tom amargurado.

– Ademais – completou Trumbull –, parece-me que a expressão inglesa dark horse teve seu sentido ampliado para designar qualquer pessoa que entre numa competição sem ser um elemento conhecido: no boxe, no tênis e até mesmo na política.

– E em que isso me ajuda a encontrá-lo? – insistiu Jarvik.

Avalon suspirou profundamente e disse:

– Sr. Jarvik, por que não consideramos a canção The Lost Chord de um outro ângulo? Roger Halsted observou que de um órgão complexo se poderiam tirar inúmeras variedades de acordes, e que um acorde poderia facilmente se perder no meio de tantos outros. Sem dúvida, esta é uma forma de considerar o problema. E uma forma simplista demais, diga-se de passagem. Veja bem... qualquer sensação consiste de duas partes: uma parte objetiva, que é a sensação em si, e uma parte subjetiva, que é a pessoa que experimenta essa sensação. Um mesmo acorde será sempre um mesmo acorde, se for medido por um instrumento que o considere a partir das ondas sonoras que emite. Entretanto, o acorde que alguém ouve pode muito bem variar de acordo como estado de espírito e as circunstâncias de momento do ouvinte. Aquele que tocava órgão no poema estava ‘cansado e inquieto”. Por esta razão, o acorde teve um efeito particular sobre ele. “Calou a dor do peito” que ele talvez estivesse sentindo. Daquele momento em diante, quando passou a procurar o acorde, seu estado de espírito mudou para o da ansiedade e atenção. Ainda que ouvisse o mesmo acorde novamente, precisamente o mesmo, o som não teria sobre ele o mesmo efeito já que seu estado de espírito era outro, e o ouvinte talvez não o considerasse o mesmo acorde que ouvira anteriormente. Não é de se admirar, portanto, que a busca desse ouvinte hipotético tenha sido em vão. Ele estava tentando achar uma réplica não apenas do acorde que tocara acidentalmente, mas também de si mesmo, quer di-

zer, da pessoa que tinha sido no momento em que tocou o acorde.

– O que o senhor está tentando dizer? – perguntou Jarvik.

– Estou tentando dizer, Sr. Jarvik – prosseguiu Avalon – que o senhor talvez devesse dar menos importância a este lugar. O senhor o encontrou num dia perfeito e pelas mãos de uma outra pessoa, de sorte que, num certo sentido, o senhor não estava preocupado em achar nada. Se voltar a encontrá-lo um dia, pode ser que isso ocorra sob condições não muito propícias: poderá estar fazendo mais calor, ou mais frio ou o céu poderá estar nublado. O senhor estará num clima de ansiedade, de busca, e não à vontade, O resultado é que o lugar poderá não ser aquele que o senhor traz na lembrança. E isso poderá deixá-lo profundamente desapontado. Não seria melhor ficar com a lembrança e parar por aí?

Jarvik baixou a cabeça e por alguns instantes pareceu perdido em pensamentos. Depois disse:

– Obrigado, Sr. Avalon. Acho que o senhor tem toda a razão. Se eu não conseguir encontrar o lugar, seguirei o seu conselho e tentarei me consolar. Entretanto... gostaria de encontrá-lo uma vez mais, se pudesse, só para me certificar. Afinal, Dark Horse conseguiu encontrá-lo diversas vezes, e se deleitou com ele cada vez em que o encontrou.

– Dark Horse sabia como chegar lá – disse Avalon. – Seu estado de espírito nesse sentido, era absolutamente constante e pode ser que ele escolhesse muito bem os dias de tempo particularmente favorável para ir até lá.

– Ainda assim – teimou Jarvik –, gostaria de encontrá-lo mais uma vez, se pelo menos houvesse um jeito para isso.

– Ao que tudo indica, porém, não há – disse Avalon. – O senhor precisa admitir isso.

– Não sei, não – disse Mario. – Ninguém perguntou nada a Henry.

– Neste caso nem Henry pode fazer alguma coisa – insistiu Avalon. – Não há nenhum mistério a ser desvendado.

– E o que temos a perder? – perguntou Mano. – Henry, o que você tem a nos dizer?

Jarvik, que até então vinha ouvindo com surpresa o desenrolar da conversa, voltou-se para Rubin e, batendo com o polegar no ombro do amigo, perguntou baixinho:

– O garçom?

Com um gesto, Rubin pediu a Jarvik que não dissesse nada e prestasse atenção.

Henry, que até aquele ponto ouvira a tudo com muita atenção, disse:

– Primeiramente devo dizer que concordo plenamente com o Sr. Avalon no que respeita à natureza subjetiva do encanto que os lugares têm sobre as pessoas. Eu detestaria ver o Sr. Jarvik destruir uma lembrança idílica. Contudo...

– Ahá! – disse Gonzalo. – Prossiga, Henry.

Henry sorriu daquele seu jeito bonachão e retomou o que dizia:

– Contudo, a única coisa concreta de que dispomos é a expressão dark horse, a que todos os senhores vêm se atendo ao longo de suas considerações. Posso perguntar-lhe, Sr. Jarvik, se por acaso havia alguém naquela lista de sobrenome Polk... um nome não muito comum. Um James Polk, talvez.

Os olhos de Jarvik se arregalaram.

– Você está brincando

– Não estou, não. Pela sua expressão de surpresa, posso entender que havia este nome?

– Há um J. Polk na lista, com toda a certeza. Poderia ser James.

– Então talvez seja este o homem que o senhor está procurando.

– Mas por quê?

– Creio ter ouvido o Sr. Trumbull mencionar que a expressão dark horse é usada na política. Penso que este seja o seu emprego mais comum hoje em dia. Um dark horse é um político que ninguém imaginaria indicado como candidato por um partido majoritário, mas que acaba sendo como forma de se quebrar

o que, de outra forma, seria um impasse. Nos dias de hoje, os-dark horses são raros, pois as candidaturas são decididas nas e-leições primárias. Entretanto, em tempos relativamente recentes, 1940 para ser mais exato, Wendell Willkie foi um dark horse nomeado pelo partido republicano. Mas na história dos Estados Unidos da América, a expressão é geralmente empregada para designar a primeira pessoa indicada como dark horse para uma candidatura. Em 1844, os democratas estavam dispostos a lançar a candidatura do ex-presidente Martin Van Buren, mas ele pre-cisava de uma maioria de dois terços, e a intransigente oposição do sul não permitiu que isso ocorresse. Vencida pelo cansaço, a convenção mudou sua orientação para James Knox Polk, sena-dor pelo estado do Tennessee, que ninguém tinha imaginado que pudesse ser lançado candidato à presidência. Ele foi o primeiro candidato dark horse, chegou a ganhar as eleições, fez um bom governo, mas não foi reeleito.

– Ele está certo. Você sabe tudo mesmo, Henry – disse Ru-bin.

– Não, Sr. Rubin – disse Henry –, mas eu tinha uma vaga lembrança do caso, e enquanto a discussão se desenrolava, fui consultar nossas obras de referência. Pode ser que o J. Polk que consta da lista do Sr. Jarvik seja um descendente direto, ou cola-teral, de James Knox Polk, o que pode explicar a origem da al-cunha de “Dark Horse”.

– É impressionante... – murmurou Jarvik.

– Mas pode ser que o senhor continue tendo problemas para encontrá-lo, Sr. Jarvik – prosseguiu Henry. – E mesmo que o senhor o encontre, pode ser que ele não seja a pessoa certa, e a-inda que seja a pessoa certa, o senhor poderá acabar se desapon-tando com o lugar silencioso. Contudo, desejo-lhe muito boa sorte.

POSFÁCIO

Minha querida esposa, Janet, e eu elegemos nossa estância de férias preferida a Mohonk Mountain House, localizada a cerca de 148 quilômetros de nossa casa em New Paltz, Nova Iorque. A

propriedade é cercada por vastos campos, pelos quais podemos dar longos passeios a pé. Janet aprecia os passeios a pé, porque gosta do contato com a natureza, e eu aprecio os passeios a pé porque gosto de estar com Janet.

Um dia encontramos um lugar onde nos sentimos total mente isolados. Pelo menos por alguns mágicos instantes, pareceu-nos ali que a humanidade ainda não tinha sido inventada.

Mas ai é que está a diferença entre mim e Janet. Janet curtiu aquele lugar e aqueles momentos, sem pensar em nenhuma outra coisa a não ser na experiência que vivia. Quanto a mim, pensei o seguinte: “Aposto como posso transformar isto numa história dos Viúvos Negros”! E o fiz, e vocês acabaram de lê-la.

Esta história foi publicada pela primeira vez na edição de março de 1988 do Ellery Queen’s Mystery Magazine.

O TREVO DE QUATRO FOLHAS

Em vista das circunstâncias, era de se prever que quando os Viúvos Negros se reunissem no restaurante Milano para seu jantar mensal, o assunto a dominar as conversas fosse o escândalo Irã-Contras.

Cada um dos Viúvos Negros tinha alguma coisa a dizer: alguns comentavam sobre a carinha de menino magoado de Oliver North e da atração que exercia sobre as mulheres de meia-idade; outros sobre a memória seletiva de John Poindexter. James Drake, anfitrião do jantar daquela noite, observou que, sozinhos, North e Poindexter tinham aberto feridas profundas no governo Reagan, ao contrário de todos os democratas que, juntos, não tinham ido além de apenas alguns arranhões. E por que, então, quis saber Drake, o republicano teria razão em querer transformar em heróis aquela dupla à la gordo e magro?

Foi Emmanuel Rubin quem, como já era de se esperar, trouxe a discussão para a questão de reféns e princípios.

– O problema é o seguinte – disse Rubin –, como lidar com a questão de perda de vidas, ou da potencial perda de vidas, ou mesmo do simples aprisionamento? Será que o interesse nacional deve vir em segundo lugar, depois do resgate dos reféns? Se é esse o caso, como poderíamos ousar empreender qualquer ação armada? Em qualquer um desses atos, seja ele tão simples e seguro quanto o ataque ao poderoso exército de Granada, ou o bombardeio à poderosa fortaleza de Tripoli, sofremos retaliações e corremos o risco de cidadãos americanos serem feitos prisionei ros.

Geoffrey Avalon, olhando do alto do seu 1,90 metro para os poucos 1,65 metro de Rubin, disse:

– Você está falando de ação militar. Os reféns são civis, pessoas que levam uma vida pacífica e são feitas prisioneiras semmotivo por marginais e assassinos. Você não pagaria qualquer preço e deixaria de lado qualquer princípio para conseguir

a libertação de alguém que amasse? Não pagaria um resgate aos seqüestradores, se isso pudesse evitar que eles matassem sua esposa?

– Sim, é claro que eu pagaria – respondeu Rubin com os olhos faiscando por detrás das grossas lentes dos óculos. – Eu pagaria, eu enquanto indivíduo. Mas será que eu poderia esperar que duzentos e trinta milhões de americanos deixassem de lado o interesse nacional só porque eu estou sofrendo? Nem mesmo um presidente americano tem o direito de fazer isso, e foi este o erro de Reagan. E não pense que o ato de tomar pessoas como reféns seja uma aberração da paz. Não é. Estamos em guerra com os terroristas e os reféns são prisioneiros de guerra. Não pensaríamos em dar armas ao inimigo para comprar de volta nossos prisioneiros de guerra. Isso teria sido considerado traição em qualquer outra guerra que estivéssemos lutando.

– O terrorismo não é como uma guerra qualquer – resmungou Thomas Trumbull – e você não pode traçar uma analogia perfeita entre as duas coisas.

– De fato – completou Roger Halsted –, toda essa conversa sobre interesse nacional é irrelevante, O terrorismo é, sem dúvida, um problema global que só irá se render a uma ação global.

– Global, pois sim! – interveio Mano Gonzalo. – E como chegar a uma solução global, se cada nação está disposta a fazer um acordo com os terroristas na esperança de se verem livres deles, pouco se importando com o que acontece a seus vizinhos?

– É isso que precisa acabar – disse Halsted, sério.

– A tentativa de comprar os terroristas só faz reforçar-lhes a convicção do quanto de proveito podem tirar de suas ações. Se os reféns podem ser trocados por uma recompensa, é claro que os terroristas farão mais e mais reféns todas as vezes em que suas reservas estiverem se esgotando.

– É claro, e nossa resposta mais adequada à tomada de reféns é agir de modo a fazer com que eles também paguem um alto preço, com que também eles sofram perdas – disse Gonzalo.

– Desde que saibamos quem é o inimigo – interveio Avalon. – Não podemos simplesmente sair matando as pessoas a esmo.

– Por que não? Fazemos isso em todas as guerras. Quando bombardeamos as cidades alemãs e japonesas durante a Segunda Guerra Mundial, será que não sabíamos que centenas de milhares de pessoas absolutamente inocentes seriam mortas, inclusive bebês? Será que achávamos que nossas bombas fossem capazes de selecionar e matar apenas os vilões?

– Todo o povo alemão e japonês estava contra nós, ainda que apenas passivamente, isto é, ainda que apenas apoiando os seus governos – disse Avalon.

– E você acha que o terrorismo é capaz de sobreviver sem ao menos a aprovação e o consentimento passivos da sociedade dentro da qual existem? – perguntou Rubin.

Naquele momento, James Drake, que até então vinha ouvindo à conversa com um nítido desconforto. disse:

– Cavalheiros, meu convidado está subindo as escadas. Será que vocês poderiam parar de discutir este assunto? Peço-lhes também o obséquio de não retomá-lo depois. Por favor! – E virando-se para Henry, acrescentou, apressado: – Henry, meu convidado não toma bebida alcoólica. Será que você poderia providenciar uma Coca diet bem grande para ele? E com pouco gelo.

Henry, o eterno garçom dos banquetes dos Viúvos Negros, concordou com um leve aceno de cabeça, bem no momento em que o convidado entrou no salão de refeições.

Era um homem alto, de pele bem morena, o nariz grande e recurvado, e olhos azuis que se destacavam de forma surpreendente, emoldurados que eram pela tez morena. O cabelo, ainda bastante abundante, começava a ficar grisalho, o que dava àquele senhor a aparência de estar na casa dos cinqüenta.

– Desculpe o atraso, Jim – disse ele enquanto trocava um aperto de mãos com Drake. – O trem não estava nem um pouco disposto a respeitar os horários previstos.

– Não é tanto atraso assim, Sandy – disse Drake. – Deixe-me apresentá-lo aos Viúvos Negros. Cavalheiros, este é Alexander Mountjoy.

Um a um, todos os Viúvos Negros se aproximaram do convidado para lhe apertar a mão. Henry, trazendo um drinque num

copo grande, foi o último da fila. Mountjoy cheirou o conteúdo do copo e depois sorriu.

– Vejo que você preveniu o garçom.

Drake concordou com a cabeça. b

– E devo acrescentar que nosso garçom chama-se Henry e é um membro particularmente valioso dos Viúvos Negros.

O jantar foi muito apetitoso. De entrada, melão, seguido de uma reforçada sopa de legumes, costela assada com jacked potatoes e brócolis e, de sobremesa, torta de maçã com queijo.

Rubin, tendo deixado de lado o assunto da discussão precedente, escolheu como tema de sua conversa a contribuição de Charles Dickens para a evolução do moderno conto policial, dissertando com toda a seriedade sobre Bleak House, que só ele, de todos os que estavam à mesa, tinha lido. Drake, visivelmente mais aliviado com este novo rumo que a conversa tinha tomado, observou que o conto policial de Dickens surgira uma geração depois de Edgar Alan Poe e que, se as considerações de Rubin estivessem certas, Dickens não teria se beneficiado em nada da obra de Poe.

Tal afirmação não conseguiu arrancar de Rubin mais do que um resmungo de contentamento. Ele passou então a discorrer sobre Wilkie Collins e Emile Gaboriau. Num momento crucial, Drake mencionou Arthur Conan Doyle, e esta parecia ser a deixa que Mountjoy estava esperando para mergulhar de cabeça na conversa, que contagiou a todos.

Durante o café, ouviu-se o tilintar ritual de uma colherinha batendo num copo de água. Era Drake, que dava início à sessão de perguntas ao convidado.

– Manny já deu todo o seu quinhão de conversa por esta noite falando até agora, de forma que, se você não se importar, Mario, poderia assumir o posto de inquiridor oficial? Estou certo de que conseguirá manter Manny calado.

Gonzalo ajeitou a jaqueta, desta vez de um tecido com listras em tons suaves de verde, certificou-se de que a gravata estava no lugar certo recostou-se na cadeira e perguntou:

– Sr. Mountjoy, como o senhor justifica a sua existência?

Mountjoy observava Henry servir o brandy e parecia plenamente satisfeito com o jantar.

– Sou um grande admirador de Sherlock Holmes e membro das Tropas Irregulares de Baker Street, o que já é uma boa justificativa para esse pessoal aqui presente, não?

– Não sei – respondeu Gonzalo. – Na verdade, Manny é o único realmente interessado em mistérios. Isso porque ele os escreve, ou faz alguma coisa que chama de escrever, e tira disso o sustento de uma vida medíocre. – Ergueu imperiosamente a mão na direção de Rubin, que não conseguia parar quieto na cadeira e dava todos os sinais de querer explodir numa boa resposta. – Tente alguma outra coisa.

– Nesse caso – disse Mountjoy –, devo dizer que sou reitor de uma universidade, mas não sei se qualquer fração perceptível da população mundial consideraria isso uma atividade capaz de justificar a existência de alguém.

– Somos todos personalidades acadêmicas, de uma forma ou de outra – disse Avalon –, e penso que todos julgamos ser o assunto passível de discussão.

Mountjoy deu uma risada.

– Se foi a universidade que ensinou o senhor a falar desse jeito pomposo, isso é um ponto negativo contra mim.

– Um reitor de universidade? E isso é tudo? – perguntou Gonzalo, visivelmente desapontado.

Mountjoy ergueu as sobrancelhas.

– Bem, pode ser que a posição que ocupo não justifique minha existência, mas eu não a consideraria nem um pouco trivial. Lidar com estudantes, faculdades, membros do conselho diretor, doadores potenciais e com o grande público é bem mais do que o suficiente para uma pessoa. O que o senhor quer dizer com "isso é tudo"?

– Quero dizer, o senhor faz algum tipo de trabalho para o governo? – disse Gonzalo.

– Não, dessa eu estou livre.

– O senhor não esteve envolvido em algum tipo de investigação do governo?

– Não, é claro que não.

– Então por que Drake nos pediu para não tocar no assunto de reféns na sua frente? – perguntou Gonzalo.

– Ah, pelo amor de Deus – explodiu Drake. – Se eu pedi para vocês não falarem nisso, por que você traz esse assunto à tona?

Mountjoy não conseguiu evitar que seu rosto ficasse pálido. No mesmo instante, porém, sua expressão se endureceu e, alterado, ele disse:

– Jim!

Drake balançou a cabeça.

– Desculpe-me, Sandy. Antes de você chegar, a conversa era sobre reféns. E não poderia ser diferente, considerando-se o momento que a nação está atravessando. Mas eu pedi a eles que não tocassem mais nesse assunto.

– E eu quero saber por quê – insistiu Gonzalo.

– Não posso dizer porquê – disse Drake. – E quero tirar este assunto da pauta. Como anfitrião...

– Mesmo como anfitrião você não pode fazer isso – disse Gonzalo. – A marca característica desses jantares do clube é o fato de que não há barreiras para as perguntas. Nem mesmo o anfitrião pode limitar o assunto. E... é inconstitucional!

– Mario tem uma certa razão – disse Avalon, pensativo, enquanto girava o cálice de brandy com a mão. – Sr. Mountjoy, posso lhe assegurar que nada do que for dito entre essas quatro paredes sairá daqui. Esses encontros são absolutamente confidenciais, e isto inclui a total discrição de nosso inestimável garçom, Henry. Será que isso ajuda em alguma coisa?

– Não, não ajuda – disse Mountjoy. – Eu mesmo não tenho segredos, mas o governo tem. Sinto-me plenamente satisfeito com a honra e a honestidade de cada um aqui presente, mas o governo não se satisfaz tão facilmente quanto eu.

– O senhor disse que não trabalha para o governo – lembrou Gonzalo.

– E não trabalho mesmo. O problema é que acabei me envolvendo com ele sem que o quisesse deliberadamente.

– Bem, eu sou empregado do governo, e como tal, também a mim são confiados alguns segredos – disse Thomas Trumbull, gentilmente. – Mas posso dar um testemunho da confiabilidade desses cavalheiros. Teria sido muito melhor se tivéssemos evitado esse assunto, mas num jogo de perguntas e respostas em que vale tudo, ele teria aparecido mais cedo ou mais tarde. Talvez tivesse sido melhor que Jim tivesse convidado o senhor numa outra oportunidade. Fato é, porém, que o senhor está aqui, e a pergunta de Mario nos coloca a todos diante do problema. Se o senhor acha que não pode discutir o assunto, então, pelas regras do clube, o jantar acaba por aqui, o que todos nós vamos lamentar. Existe por acaso alguma coisa que o senhor possa nos dizer? Se decidirmos que sua resposta pode ser considerada satisfatória para a pergunta, podemos deixar o assunto de lado e partir para outras coisas.

– A pergunta é a seguinte – disse Gonzalo –, por que não podemos discutir o assunto de reféns na frente do senhor? Isso é só para lembrá-lo.

Cabisbaixo. o queixo apoiado sobre o peito, Mountjoy pensou por um momento. Quando ergueu a cabeça, tinha uma expressão amigável nos olhos e sua aparência parecia normal.

– Vou lhes contar algumas coisas, se os senhores forem discretos o suficiente para não me perguntarem nomes, lugares e outros detalhes, que não estou autorizado a fornecer em hipótese alguma. Disse-lhes que era reitor de uma universidade. Pois bem, alguns membros do corpo docente da faculdade foram seqüestrados há alguns meses por terroristas.

– Mas não há segredo algum quanto a isso – interveio Rubin. – Saiu em todos os jornais. Obviamente o senhor é reitor da...

– Por favor! – disse Mountjoy. – Não me importa até que ponto vocês acham que conhecem os detalhes do caso. Pensem somente que não conhecem todos e que não posso confirmar ou negar nada. Apenas ouçam o que tenho a dizer. Alguns membros da faculdade foram seqüestrados. Eles são mantidos como reféns. Um dos reféns, e em hipótese alguma posso revelar se

ele era ou não membro da faculdade, foi morto. Ao que tudo indica, foi torturado antes. Bem, para mim, esse assunto de reféns é duplamente inconveniente: do ponto de vista pessoal, pois os reféns são meus conhecidos, e do ponto de vista oficial, pois tenho sido extensivamente interrogado pelas autoridades governamentais sobre vários aspectos do caso. Os senhores estão satisfeitos com a resposta? Podemos passar para outros assuntos?

– Não – disse Gonzalo. – Por que o senhor tem sido extensivamente interrogado? O que o senhor teve a ver com tudo? Com a tomada dos reféns? Absolutamente nada!

– Com qualquer outro aspecto. O senhor mesmo disse que vem sendo extensivamente interrogado sobre vários aspectos do caso. Que aspectos? Por que limitar a coisa à tomada dos reféns?

– Não estou entendendo o que o senhor quer dizer.

– Será que minha pergunta é tão obscura assim? Quero dizer, por que o senhor vem sendo tão extensivamente interrogado? Se não é sobre a tomada dos reféns em si, por que é, então?

– Não posso responder a essa pergunta.

– Então não estou satisfeito com a sua resposta.

– Vamos lá, Mario, não seja cabeça-dura – disse Drake

– Não estou sendo cabeça-dura. É que estou certo de que há alguma outra coisa envolvida nisto além da tomada dos reféns. Mountjoy disse que os interrogatórios das autoridades não têm nada a ver com isso, mas envolviam outros aspectos do caso. Quer dizer, aspectos outros que não a tomada dos reféns propriamente dita. Acho que existe alguma coisa a ser resolvida nisso tudo, senão não ia ser essa correria para acabar logo com o assunto. Aposto que há algum problema não resolvido, um enigma, um mistério, O que o senhor me diz disso, Sr. Mountjoy?

– Não tenho nada a dizer sobre o assunto – insistiu Mountjoy, secamente.

– Acontece – prosseguiu Gonzalo – que em outras ocasiões este clube já solucionou um bom número de enigmas. Poderíamos ajudá-lo agora.

Mountjoy olhou para Drake, como se perguntasse alguma coisa com os olhos.

Drake amassou o cigarro no cinzeiro e disse:

– E verdade, mas não é garantido que possamos solucionar todo e qualquer mistério.

– Gostaria que vocês pudessem resolver este – murmurou Mountjoy.

– Ahá – exclamou Gonzalo. – Então existe um problema. Ei, Tom, diga-lhe que talvez possamos mesmo ajudá-lo e que ele pode confiar em nós de olhos fechados.

– Já lhe disse que ele pode confiar em todos nós – disse Trumbuli. – Se há algum problema, Mountjoy, e se ele está complicando a sua vida, Mario tem razão. Compartilhe-o conosco! Talvez possamos ajudá-lo.

– Bem, vejamos o que posso dizer a vocês – disse Mountjoy.

Olhou para os Viúvos Negros que, à sua volta, permaneciam em silêncio e quase imóveis.

– O refém que foi morto não era propriamente inocente, pelo menos aos olhos dos terroristas – começou Mountjoy. – Em geral, os reféns são jornalistas, ou empresários, ou professores, pessoas que só têm valor para os terroristas na medida em que podem funcionar como uma espécie de garantia para o atendimento de suas reivindicações. Os terroristas conseguiram seu intento, e agora o povo e o governo americanos querem os reféns de volta. Os terroristas se aproveitam disso e querem fazer um acordo em torno de alguns pontos. O refém assassinado, sobre quem nada posso revelar, nem mesmo o nome, trabalhava para o governo, o que significa que para os terroristas ele poderia ser considerado um espião, ou um agente secreto, ou qualquer coisa do gênero. Eles o mataram ou porque acharam que assim procedendo poderiam puni-lo pelo seu crime de estar do outro lado, ou fizeram-no acidentalmente, durante o processo de tortura a que o submeteram para arrancar dele informações. A pergunta que se coloca é a seguinte: como sabiam que valia a pena torturá-lo? Em geral, os terroristas não torturam todos os seus reféns. De fato, tratam-nos razoavelmente bem, pois para eles um refém morto não tem qualquer valor. Ademais, os reféns maltratados simplesmente inflamam a opinião pública norte-americana e po-

dem encorajar os Estados Unidos a adotar represálias ainda mais violentas, coisa que, obviamente, os terroristas não desejam. Desconfia-se que alguém o tenha delatado. Para resumir, há uma espécie de traidor envolvido na história. O refém morto deve ter confiado sua verdadeira missão a alguém, por alguma razão, ou então pode ter deixado escapar alguma coisa neste sentido inadvertidamente, e essa pessoa o traiu. Naturalmente, a questão é saber quem teria feito isso. É claro que o governo quer saber, não apenas para poder vingar a morte do refém ao punir o traidor, mas também porque, se o traidor ficar em liberdade, poderá continuar praticando suas traições. Vocês compreendem, não? E eu entro nesta história porque as circunstâncias do seqüestro dos membros do corpo docente, deles em particular e de nenhum outro, deixa claro o fato de que o traidor também é um membro do corpo docente. Há uma boa razão para se acreditar nisso, mas eu não posso explicá-la a vocês. Posso dizer simplesmente que a conclusão é a seguinte: temos um traidor no corpo docente da faculdade. Fui interrogado extensivamente sobre o assunto, e o mesmo aconteceu aos outros. Ao que tudo indica, a conclusão a que se chegou foi a de que o traidor é um dos quatro membros do corpo docente. O problema é saber qual deles.

– A coisa mais segura a fazer é destituir todos os quatro de seus postos, colocá-los em algum lugar em que não possam prejudicar ninguém e mantê-los sob vigilância enquanto prosseguem as investigações – disse Rubin.

– Isso já foi feito – disse Mountjoy. – Mas o senhor não acha que assim procedendo estamos prejudicando injustamente três pessoas inocentes, três cidadãos americanos leais que não merecem um tratamento como esse?

– Coisas da guerra – disse Rubin.

– Você está sendo muito insensível esta noite, Manny – disse Halsted. – Por acaso tem tido problemas com o conto que está escrevendo?

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra – disse Rubin. – Apenas digo o que penso.

– Bem, e o que eu penso – prosseguiu Mountjoy – é que é muito mais importante absolver três inocentes do que apanhar o culpado. E há uma forma de se fazer isto, se pelo menos fôssemos inteligentes o bastante. Acreditamos, por exemplo, que o refém assassinado sabia quem era o traidor. Afinal, ele saberia a quem tinha confiado, ou deixado escapar acidentalmente, seu segredo. Muito bem, ele foi forçado a escrever uma carta, liberada mais tarde pelos seqüestradores. Sabem que tipo de carta era, não?

Os Viúvos Negros concordaram com a cabeça e Halsted disse:

– Uma carta em que o refém admite que é agente da CIA e que espionava aqueles pobres e maltratados grupos a que pertencem os seqüestradores. Depois confessa que cometeu toda sorte de contravenções e denuncia o governo americano por não ceder às reivindicações mais simples dos seqüestradores para que possa ser libertado.

– Exatamente – disse Mountjoy. – Exatamente. Naquela altura, sem dúvida ele já tinha sido submetido a algum tipo de tortura, pois os seqüestradores não divulgaram sua fotografia, como fizeram no caso de outros reféns. Mesmo torturado, ele não teria consentido em assinar aquela carta – e a assinatura que a carta traz é sem dúvida a sua – se não tivesse a intenção de nos passar alguma informação bem debaixo do nariz de seus seqüestradores. No final da carta, depois de dizer que esperava ter sorte o suficiente para que o governo conseguisse sua libertação, ele desenhou com todo o cuidado um trevo de quatro folhas. Pouco tempo depois disso foi morto.

– O senhor acha que esse trevo de quatro folhas tem algum significado, Sr. Mountjoy? – perguntou Avalon.

– As autoridades do governo acham que sim. Ele tinha que escolher algum sinal que apontasse para o traidor, ao mesmo tempo que fosse sutil o bastante para passar despercebido aos seqüestradores. Infelizmente, o sinal foi tão sutil, que escapou inclusive à nossa percepção. O governo ainda não conseguiu desvendar o significado do trevo de quatro folhas. Contudo, po-

de ser que o traidor tenha entendido a mensagem. Pode ser que, ao ver a carta transmitida pela televisão, ele tenha entendido que o trevo de quatro folhas apontava diretamente para ele. Assim, conseguiu fazer chegar uma mensagem às mãos dos seqüestradores, que continuaram a torturar sua vítima até a morte.

– Muito bem – disse Avalon –, o trevo de quatro folhas é muito conhecido como símbolo de boa sorte. Não poderia ser que o pobre refém quisesse realmente ter a boa sorte de ser libertado e tivesse desenhado um trevo de quatro folhas como uma espécie de simpatia para atraí-la?

– É possível – disse Mountjoy. – Qualquer coisa é possível. Mas o governo não acredita nessa versão, O refém era uma pessoa absolutamente racionalista e totalmente avessa a qualquer coisa que cheirasse a misticismo ou a superstição. As pessoas que o conheceram bem dizem que não poderiam imaginá-lo desenhando um trevo de quatro folhas na esperança de que isso lhe trouxesse boa sorte.

– O desespero faz as pessoas apelarem para qualquer coisa – murmurou Avalon.

– É o símbolo da Irlanda. Seria um dos quatro suspeitos irlandês, ou descendente de irlandês? – perguntou Trumbull. – O traidor poderia ser um membro do IRA, o exército republicano irlandês, e simpatizar com outros grupos de guerrilheiros que vivem na clandestinidade.

Mountjoy sacudiu a cabeça violentamente.

– Em primeiro lugar, o trevo de quatro folhas não é o símbolo da Irlanda. O trevo de três folhas é que é. Diz a lenda que ele foi colhido por São Patrício para explicar a um rei irlandês o mistério da Divina Trindade, isto é, três personificações de um mesmo Deus. O rei irlandês foi convertido e o trevo de três folhas transformou-se em símbolo nacional da Irlanda. Seja como for, nenhum dos quatro suspeitos tem sangue irlandês.

– O que você pode nos dizer, então, dos quatro suspeitos? perguntou Trumbull. – Não podemos imaginar a quem o trevo de quatro folhas esteja relacionado se não soubermos alguma coisa sobre eles.

– Sinto não poder ajudá-los nesse sentido – lamentou Mountjoy. – Não lhes posso fornecer os nomes e nem lhes dizer quem são.

– O senhor poderia nos falar de suas áreas de especialidade? – perguntou Avalon.

– Não estou bem certa.. talvez eu possa arriscar. – Mountjoy estalou os dedos um a um e continuou: – Um é historiador, outro é entomologista, o outro é astrônomo e o último matemático. Isso ajuda? A nós não ajudou.

– O senhor tem certeza de que a figura desenhada é um trevo de quatro folhas? – perguntou Halsted.

– Bem, é claro que sim. O que mais poderia ser?

Halsted meneou os ombros.

– Não sei. Eu não a vi. Mas era alguma coisa com quatro partes se projetando a partir de um núcleo, certo?

– Certo.

– Então ele não poderia estar tentando desenhar uma estrela? Um ponto de onde partem raios de luz? Isso poderia indicar o astrônomo.

Mountjoy negou com a cabeça.

– Poderia ser o astrônomo, por qualquer outro motivo, menos por este. O refém não desenhou linhas que se irradiam de um ponto. Ele desenhou folhas de um trevo, perfeitamente reconhecíveis como tal. O desenho também trazia uma haste. E as estrelas não têm hastes.

– Que tipo de matemático é o matemático? – perguntou Drake.

– Eu não poderia lhe dizer – disse Mountjoy. – Sou especialista em ciência política, e tudo o que sei de matemática mal dá para controlar o saldo no meu talão de cheques.

– Ele teria publicado alguma coisa sobre probabilidade?

– Acho que posso descobrir isso, mas assim de improviso não sei responder.

– Pergunto porque uma das características do trevo de quatro folhas é a sua raridade. Não sei quais são as chances de se encontrar um trevo de quatro folhas procurando-se a esmo num

canteiro, mas acho que são muito pequenas. Quando eu era jovem, lembro-me de ficar agachado horas num campo de trevos olhando um por um. Nunca encontrei um trevo de quatro folhas. Portanto, encontrar um deles é uma coisa muito rara, o tipo de coisa que poderia interessar a um matemático especialista em probabilidades.

Halsted, que era matemático, disse:

– Isto não me parece nem um pouco provável. Que tipo de historiador era o historiador?

– Ah, isso eu posso lhes dizer – disse Mountjoy. – Ele escreveu um livro bastante conhecido intitulado... bem, não, é claro que não posso lhes dizer isso. O nome do livro iria identificá-lo. – E acrescentou em voz baixa: – Digamos que ele seja um medievalista.

– Um especialista em história medieval?

– Sim. Império Bizantino. Fatimidas. Coisas assim.

– Alguma coisa a ver com trevos de quatro folhas?

– Não que eu saiba.

– E o entomologista, que obviamente estuda insetos?

– Sim?

– Que tipo de insetos ele estuda? Abelhas?

– Por que abelhas, Roger? – perguntou Gonzalo.

– Por que não? As abelhas voam de florzinha de trevo em florzinha de trevo colhendo mel e espalhando pólen. Você não conhece aquela quadrinha de Emily Dickinson: "The pedigree of honey / Does not concern the bee. /A clover any time to him/ Is aristocracy[*]. Pois bem, um trevo de quatro folhas poderia facilmente se referir a uma abelha, o que apontaria para o nosso entomologista.

– Por que justamente um trevo de quatro folhas? – perguntou Avalon. – Um de três faria a mesma coisa e seria bem mais fácil de desenhar.

---

[*] Literalmente "A linhagem do mel/ Não importa à abelha/ Para ela, um simples trevinho/ É membro da aristocracia?'

– Não importa qual seja – interveio Mountjoy. – O entomologista não trabalha com abelhas. Trabalha com umas moscas miudinhas que não sei que nome têm. Ele me disse uma vez e achei que o nome soava como se fosse tirado diretamente de A Comédia dos Erros, de Shakespeare. Mas não consegui repeti-lo.

– Muito bem – disse Rubin. – A que tudo isso nos leva? O trevo de quatro folhas não aponta para ninguém em especial. Francamente, começo a achar que Jeff tinha razão com aquela sua primeira idéia de que o trevo não passava de um símbolo de boa sorte. O pobre coitado precisava de sorte e não teve.

– Pobre coitado? – exclamou Halsted. – Ora, Manny, é só mais uma dessas “coisas da guerra”...

Rubin pareceu ofendido.

– Eu estava falando teoricamente. Quando consideramos exemplos concretos, não sou assim tão insensível quanto o resto de vocês. E você sabe disso.

– Bem, nós amolamos o pobre do Sandy até ele nos dizer mais do que provavelmente estava autorizado a fazer, deixamos o coitado sob tensão, receando que o governo venha a descobrir tudo o que disse, e não conseguimos ajudá-la Sinto muito, Sandy – disse Drake.

– Espere um pouco – disse Gonzalo, empurrando sua cadeira para trás até ficar apenas sobre duas pernas. – Vejo que Henry está bisbilhotando alguma coisa na nossa estante de livros.

– É mesmo – disse Trumbull. – Vamos perguntar-lhe o que estava procurando assim que ele retornar.

– De quem vocês estão falando? – perguntou Mountjoy, franzindo as sobrancelhas. – Do garçom?

– Estamos falando de Henry, o melhor dos Viúvos Negros.

Henry voltou e assumiu seu lugar habitual ao lado do aparador.

– Muito bem, Henry, você pode nos ajudar em alguma coisa? – perguntou Gonzalo

– Estive pensando sobre os trevos de quatro folhas, Sr. Gonzalo.

– Sim?

– Os trevos quase sempre têm três folhas. Às vezes, um trevo cresce de uma semente levemente anormal e, em conseqüência disso, desenvolve quatro folhas. A essa mudança súbita entre o que seria esperado da semente e o rebento que dela nasceu dá-se o nome de mutação – disse Henry educadamente.

– Certo – concordou Halsted.

– As mutações ocorrem de vez em quando em todas as espécies. Podemos ter um pássaro preto de cor branca, um bezerro de duas cabeças ou um bebê com seis dedos nas mãos. Atrevo me a dizer que a lista é infinita.

– Provavelmente – murmurou Avalwn.

– Na maioria das vezes, as mutações são desfavoráveis e são vistas como deformidades e distorções monstruosas. Mas o trevo de quatro folhas é um exemplo de mutação que não apenas não choca as pessoas como uma deformidade, mas é bem-quista e muito apreciada por quase todas elas como algo muito desejado, como um símbolo e um atrativo de boa sorte. Isso faz dele uma mutação bastante incomum; uma mutação que pode ser facilmente desenhada sem causar repulsa nas pessoas e de modo a parecer nada mais do que um jeito natural de atrair boa sorte. Não obstante, o trevo de quatro folhas pode simbolizar indubitavelmente a idéia de mutação, sem que isso seja percebido por pessoas sem um certo grau de instrução. Mas aqueles que conhecem a forte racionalidade do refém poderiam, ou deveriam, desconsiderar o símbolo de boa sorte e se apegar ao simbolismo da mutação.

– E aonde tudo isso nos leva, Henry? – perguntou Trumbull.

– Para mudar levemente de assunto, o Sr. Mountjoy mencionou A Comédia dos Erros, de Shakespeare. Na peça há dois personagens que têm o nome de Antífolo. São irmãos gêmeos, um da cidade de Siracusa, na Sicília, e outro de Éfeso, na Ásia Menor. O nome Antífolo o faz lembrar de alguma coisa, Sr. Mountjoy?

– Sim – respondeu Mountjoy. – Os insetos que o entomologista estava pesquisando. Mas ainda não consigo me lembrar do nome exato.

– Seria drosófila?

– Sim! Deus meu, sim!

– Elas são mais conhecidas por moscas-do-vinagre e são os insetos usados tradicionalmente para o estudo das mutações. Parece-me, então, que o trevo de quatro folhas foi desenhado para significar mutações e que isso foi feito para indicar precisamente o entomologista como traidor. Pelo menos é o que me parece.

– Por Deus do céu! – exclamou Mountjoy. – É o que me parece, também. A primeira coisa que vou fazer amanhã é entrar em contato com o... com algumas pessoas em Washington e sugerir esta solução. Drosófila. Drosófila. Não posso esquecer este nome.

– Mosca-do-vinagre será suficiente, senhor – disse Henry. – E se a solução proposta for aceita, sugiro-lhe que diga que chegou a essa conclusão sozinho. Não é preciso dizer que conversou sobre o assunto com os Viúvos Negros.

POSFÁCIO

Às vezes, quando estou com muita preguiça, penso numa coisa e vejo se consigo inventar uma história sobre ela. Certa vez, quando passeava num campo em Mohonk (vide o posfácio anterior), notei que a grama do solo estava repleta de trevos de três folhas. Como é meu costume, olhei ao redor para ver se havia um trevo de quatro folhas e depois de uns dois segundos e meio decidi que não havia. (Nunca encontrei um trevo de quatro folhas em toda a minha vida, mas até que tenho tido bastante sorte mesmo sem ele.)

Então pensei:”Vou escrever uma história sobre um trevo de quatro folhas:’ E escrevi.

Desta vez, porém, Eleanor Sullivan, a bela editora do Ellery Queen’s Mystery Magazine, não aceitou a história. Ela achou que a idéia central era muito obscura, e que não seria justo apresentá-la aos leitores. Não concordei (aliás, nunca concordo com uma rejeição), mas a palavra do editor é lei, e apresento a história aqui como a segunda, nesta coleção, a fazer sua première.

O ENVELOPE

Emmanuel Rubin chegou ao jantar dos Viúvos Negros terrivelmente mal-humorado. Não que um tal estado de ânimo fosse muito diferente de seu humor habitual, mas seus olhos, exageradamente aumentados por detrás das grossas lentas dos óculos, faiscavam perigosamente.

– Oh-oh! – exclamou Mano Gonzalo anfitrião daquela noite. – Alguém deve ter recebido um grande e merecido ‘não” de algum editor.

– Não recebi “não” nenhum – revidou Rubin, asperamente – merecido ou não. É muito pior do que isso.

Geoffrey Avalon, do alto dos seus quase 1,90 metro, olhou para o diminuto Rubin e, com sua imponente voz de barítono, disse:

– Pior do que receber um “não” de algum editor? E pode haver algo pior do que isso para um escritor free-lance como você, Manny?

– Escutem essa – disse Rubin, furioso. – Fui até a agência local dos correios hoje e pedi uma cartela de selos de vinte e cinco cents. E a coisa já começa a me aborrecer daí, pois lembro-me muito bem de quando um selo de carta custava dois cents. Agora o preço não pára de subir e os aumentos parecem nunca dar conta de suprir as eternas deficiências...

– Pelo menos a qualidade do serviço é inversamente proporcional ao aumento de taxas – disse Roger Halsted.

– Você diz isso porque acha engraçado, Roger – disse Rubin. – Mas o problema é que infelizmente você está certo. Obrigado, Henry.

Henry, o insuperável garçom dos jantares dos Viúvos Negros, tendo reconhecido o quanto devia ser desgastante para Rubin seu estado emocional, trouxe-lhe um novo drinque.

– Também me lembro de quando os selos custavam dois cents – disse James Drake, acendendo o eterno e inevitável ci-

garro – e o jornal custava dois cents e um maço de cigarros trinta cents. Só que nessa época eu ganhava quinze dólares por semana. Tudo é proporcional...

– Ainda não terminei – disse Rubin. – Aí eu pedi uma cartela de selos de vinte e cinco cents e o idiota que estava por trás do guichê olhou bem na minha cara e disse “Não temos cartelas de vinte e cinto” Fiquei pasmo. Diabos, eu estava dentro de uma agência do correio! “Como não tem?”, perguntei. E ele simplesmente sacudiu os ombros e gritou “O próximo!’ Quer dizer, nem sequer demonstrou estar embaraçado ou sentir muito por não ter que eu pedia. Eles pelo menos poderiam ter colocado um aviso de que aquela cartela de selos estava temporariamente esgotada. Tive de esperar meia hora na fila para depois ele me dizer que não tinha.

– Deixe-me ver se consigo acalmar você, Manny. Quem sabe, se você voltar ao seu estado de semi-sanidade, posso lhe apresentar o meu convidado Francis MacShannon, um grande amiga

Altivo, Rubin trocou um aperto de mãos com o convidado.

– Qualquer grande amigo de Mario é altamente suspeito para mim, Sr. MacShannon.

– O que seria de se esperar de alguém que faz todo esse escarcéu só por causa de uma cartela de selos de vinte e cinco cents – disse Gonzalo. – Vou arrumar alguns selos para você ir quebrando o galho, Manny. E sem cobrar nada.

– Muito obrigado – disse Rubin – voltei ao correio mais tarde e comprei minha cartela. Era uma questão de princípios.

– Peço desculpas pelos princípios duvidosos de Manny, Frank – disse Gonzalo. – Ele sempre inventa um toda vez que não consegue o que quer.

Francis MacShannon deu uma risada. Ele aparentava estar na casa dos sessenta anos, tinha o rosto gorducho e alegre encimando um corpo pequeno e pesado, a pele corada e um cavanhaque grisalho, o que lhe dava a aparência de um Papai Noel semi-barbeado.

– Estou com o senhor, Sr. Rubin – disse ele numa vozinha de registro bastante agudo, o que destruiu na mesma hora a imagem do Papai Noel. – Também eu tenho muitas queixas a fazer sobre os correios.

– Todo mundo tem – resmungou Thomas Trumbull, que chegara momentos antes e aceitara de bom grado o scotch com soda que Henry lhe trouxera.

Fez-se uma pausa enquanto MacShannon era apresentado ao Viúvo Negro que chegara por último.

– De minha parte – disse MacShannon, terminada a apresentação –, o que tenho a reclamar dos correios diz respeito aos carimbos postais das correspondências. Hoje em dia eles não passam de um borrão de tinta, mas no meu tempo eram bem legíveis, a escrita nítida, bonita. Eram verdadeiras lições de geografia. Para dizer a verdade, cheguei a formar uma enorme coleção de carimbos postais.

As sobrancelhas espessas de Avalon ergueram-se.

– E como se consegue fazer isso, Sr. MacShannon?

– Para começar, meus pais me davam todos os envelopes da correspondência que recebiam. E o mesmo passaram a fazer os vizinhos da rua inteira, logo que viram que eu levava a coisa realmente a sério. Mas o melhor de tudo mesmo era achar envelopes que as pessoas jogavam fora na rua, nos jardins, no meio de touceiras de plantas. Vocês se surpreenderiam com o número de envelopes que existem jogados por aí. Eu comemorava cada novo carimbo de correio que achava como se tivesse descoberto um tesouro, e ia logo olhar no Atlas para saber de onde ele vinha. Cheguei a fazer listas inteiras de Estados e países, colei os envelopes em cadernos, tudo isso de forma muito bem organizada. Os senhores não podem imaginar como me tornei um aficionado por envelopes. De fato, foi o meu interesse por envelopes que me levou à minha...

Foi nesse momento que a voz suavemente autoritária de Henry se fez ouvir.

– Cavalheiros, o jantar está servido.

Sentaram-se para saborear o melão com presunto seguido de creme de aspargos e salada mista. A conversa começou em torno da nova sonda russa projetada para estudar Phobos, o satélite de Marte, e quando chegou a hora do frango assado, a discussão sobre a conveniência ou não de se organizar uma expedição conjunta russo-americana a Marte inflamou os ânimos. O assunto correio e todas as suas inúmeras falhas foi perdendo terreno paulatinamente até desaparecer, consumido pelas chamas da nova controvérsia. Depois da torta de chocolate com amêndoas e do café, quando os cavalheiros à mesa tomavam seu brandy, Gonzalo deu início à sessão de perguntas.

– Manny – disse ele –, você será o inquiridor oficial. Na condição de anfitrião, porém, invoco meus poderes para determinar que o assunto correio não pode mais ser mencionado.

Rubin fez uma cara feia e disse:

– Sr. MacShannon, como o senhor justifica a sua existência?

– Sou designer e programador de computadores – disse MacShannon, amavelmente. – Em nossos dias, acho que isto, por si só, já diz tudo.

– Pode ser – disse Rubin. – Voltaremos a esse ponto mais tarde. Obviamente, seu trabalho atual nada tem a ver com as atividades que o senhor desenvolvia quando criança. Refiro-me à sua coleção de carimbos de correio. O senhor disse que...

– Manny – interveio Gonzalo –, eu excluí o assunto correio.

– Com mil demônios! – explodiu Rubin. – E quem está falando em correio? Estou falando sobre uma coleção de carimbos postais. Vou apelar para os demais membros do clube...

– Certo, certo... prossiga – disse Gonzalo, resignado.

– Muito bem – disse Rubin, depois de fitar Mario por um tempo desnecessariamente longo. – O senhor disse que tinha sido o seu interesse por envelopes que o tinha levado a... E antes que pudesse completar a sentença, o senhor foi interrompido pelo anúncio de que o jantar estava servido. Pois bem, gostaria agora que o senhor completasse a sentença. A que levou o seu interesse por envelopes?

Pensativo, MacShannon franziu as sobrancelhas.

– Eu disse isso? – Então a expressão tensa do seu rosto se desfez e foi substituída por um lampejo de auto-satisfação.

– Ah, sim, é claro. Foi em 1953... através do meu interesse por envelopes, consegui apanhar um espião. E dos vermelhos!

– Em 1953? – indagou Avalon, parecendo subitamente preocupado. – Não me diga que o senhor era um dos jovens que trabalhavam para o senador Joseph MacCarthy.

– Quem? Eu? – exclamou MacShannon, nitidamente surpreso com a sugestão. – Nunca! Nunca trabalhei para McCarthy. É claro que... – ponderou o que ia dizer, e continuou: – é claro que ele conscientizou a nação sobre a presença de espiões e de traidores e que eu não poderia deixar de ter sido afetado por esse tipo de idéia. Não dava para deixar de pensar nesse sentido, mesmo se a gente desaprovasse os métodos de McCarthy, como era o meu caso.

– Para mim, aquilo foi paranóia nacional – disse Rubin seriamente.

– Pode ser – continuou MacShannon. – Mas seja qual for o nome que se dê ao que aconteceu naquela época, deve ter sido por causa disso que inventei todo aquele melodrama. Numa época mais tranqüila, menos frenética, eu teria visto aquele envelope, mas não teria inventado toda uma história em torno dele.

– Fale.nos um pouco mais a respeito disso – pediu Rubin.

– É claro, se os senhores desejam. Depois de trinta e seis anos, este não é mais um assunto delicado. Ademais, não me lembro dos detalhes, só das linhas gerais. Eu estava começando a ver o mundo com meus próprios olhos, tinha terminado meu curso de engenharia, conseguira um pequeno emprego e estava vivendo sozinho pela primeira vez. Mas eu só tinha vinte e quatro anos e não sabia muito bem o que queria da vida.

‘Havia uma outra pessoa, que morava no apartamento bem em frente ao meu. Seu sobrenome era Benham. Não me lembro do primeiro nome. Acho que tinha uns trinta anos, mais ou menos, e eu ocasionalmente o via entrar ou sair. Era o tipo do casca-grossa, se entendem o que quero dizer. Não era nem um pouco amigável e nunca me dirigia a palavra. Cumprimentei-o uma

ou duas vezes, mas ele não me respondeu sequer com um leve aceno de cabeça. Aliás, limitou-se a me lançar um olhar tão severo, que me congelou. Resultado: desenvolvi uma enorme antipatia por ele, é claro, e como naquela época eu era um leitor inveterado de histórias de suspense, criei a fantasia de que ele era uma espécie de vilão: um criminoso, um marginal ou, o que era ainda melhor, um espião.

"Foi então que um dia, enquanto esperávamos o elevador que nos levaria aos nossos apartamentos no oitavo andar, ele abriu o envelope de uma carta que estava carregando e que, presumi, tinha acabado de tirar da sua caixa de correspondências. Eu tinha verificado a minha pouco antes e ela estava vazia, como acontecia quase sempre naqueles dias, exceto quando a minha mãe me escrevia. Fiquei observando meu vizinho de soslaio, em parte porque naturalmente observaria alguém que suspeitasse ser um misterioso vilão, em parte porque invejava todo mundo que recebia uma carta, e em parte porque nunca consegui me livrar totalmente da fascinação por envelopes, que tive quando menino.

"Depois de abrir o envelope, ele tirou a carta, desdobrou-a, leu-a e, com a expressão impassível, amassou-a e jogou-a no cestinho de lixo que havia no hall, ao lado dos elevadores. Depois, ainda sem alterar sua expressão, colocou o envelope vazio no bolso de dentro de sua jaqueta. E o fez com muito cuidado, completando a operação com um tapinha na parte de fora da jaqueta, como se quisesse ter certeza de que o envelope estava bem alojado lá dentro."

– Como o senhor sabe que o envelope estava vazio? – interrompeu Trumbull. – Podia haver alguma coisa anexada à carta. Um cheque, por exemplo.

Educadamente, MacShannon negou com a cabeça.

– Eu já lhes disse que era um especialista em envelopes. Tratava-se de um envelope de papel bem fino, semitransparente. Ele o tinha segurado na mão bem perto de mim enquanto corria os olhos sobre a carta. Posso dizer com toda a certeza que estava vazio. Não há a menor chance de eu ter me enganado.

– Coisa estranha... – disse Halsted.

– Mais estranho é o fato de que, a princípio, eu não pensei que aquilo tudo era muito estranho – disse MacShannon. – Afinal de contas, geralmente as pessoas jogam fora os envelopes e ficam com as cartas. Eu nunca tinha visto alguém jogar fora a carta e ficar com o envelope vazio, e ainda assim não achei nada de estranho naquilo. Pensei com meus botões “Olha só, ele coleciona carimbos postais”, e por um momento voltei a ser aquele garotinho de dez anos e me lembrei da emoção de sair à caça de envelopes. Para dizer a verdade, naquele momento eu vi em Benham um colega colecionador de carimbos postais e senti nascer em mim uma simpatia por ele. E talvez tenha sido por todas essas idéias que gravei a cena na cabeça, pois, se eu não tivesse pensado no carimbo postal, teria me esquecido do envelope. Mas o fato é que fiquei com o envelope na cabeça e quando cheguei ao oitavo andar já tinha outros pensamentos. Como de costume, meu vizinho não me tinha endereçado uma palavra sequer, ou mesmo trocado um olhar, e meu coração de novo se tornou empedernido em relação a ele. Não poderia ser um colecionador de carimbos postais, concluí, pois os carimbos postais já tinham perdido muito de sua qualidade naqueles dias, há muito deixando de ser algo digno de se colecionar. Já não se podia distinguir claramente um carimbo postal de outro, exceto em alguns casos, como nos envelopes comemorativos, por exemplo.

“Por que, então, ele teria guardado o envelope? E não levei mais do que dez segundos para transformar o episódio num suspense de espionagem. Na certa a carta continha apenas uma mensagem comum e sem sentido algum que qualquer um pudesse ler e desconsiderar, mas a verdadeira mensagem estava no envelope, onde ninguém pensaria em procurá-la. E o envelope ele o guardara para examinar mais tarde.

“Quando tudo isto me ocorreu, eu estava no meu apartamento. Esperei lá dentro por cerca de meio minuto, depois dei uma olhada no corredor para ver se o meu vizinho ainda não estava por lá. Como ele não estivesse, voltei para o elevador, desci até o térreo e peguei do lixo a carta amassada?’

– A qual, suponho, revelou-se totalmente desinteressante – disse Rubin.

–Bem – continuou MacShannon – pelo menos ela parecia mostrar um lado mais humano de Benham. A carta trazia uma caligrafia feminina, mas que de modo algum parecia vir de uma pessoa refinada. Para dizer a verdade, eram uns garranchos parcialmente legíveis.

– E dá para se esperar algo melhor do que isso hoje em dia? – suspirou Avalon.

MacShannon sorriu.

– Suponho que não. De qualquer modo li tantas vezes aquela carta pelos dias que se seguiram, que ainda me lembro dela trinta e seis anos depois. Também não havia tanta coisa assim para se lembrar. Não estava datada e ia direto ao assunto: 'Caro Sr. Benham, foi tudo muito agradável e o senhor foi muito gentil em prometer ver aquele emprego para mim. Qualquer coisa, entre em contato comigo e muito obrigada".

– Entendo o que o senhor quer dizer – disse Halsted. – O seu vizinho podia tratar o senhor com frieza, mas sua correspondente o considerava um homem gentil.

– Muitos sujeitos rabugentos mostram-se simpáticos às jovens para conseguir exatamente aquilo que todo mundo já sabe – disse Trumbuli.

– Não pensei em nada dessas coisas – disse MacShannon. – A impressão que tive foi de que a carta parecia totalmente inócua, exatamente como achei que seria. Toda aquela história de oportunidade de emprego e gentileza devia ser apenas para encher lingüiça, por assim dizer. Para mim, o envelope era a peça mais importante de todo aquele jogo. A questão era saber o que fazer quanto a isso. Refleti durante alguns dias, até que finalmente resolvi tomar uma atitude. Lembrem-se, por favor, de que naquela época eu era jovem e ingênuo. Digo isto porque acabei indo parar no escritório local do FBI.

Drake sorriu e tamborilou os dedos no cinzeiro à sua frente.

– O senhor correu o risco de fazer o papel de idiota.

– Eu sabia disso – continuou MacShannon. – De fato, lembro-me de que, à medida em que contava minha história ao funcionário, que educadamente fazia de tudo para não deixar transparecer o seu tédio, eu me sentia cada vez mais tolo, e minhas palavras soavam cada vez menos convincentes aos meus próprios ouvidos. Mas eu tinha muita coisa do meu lado. As atitudes do senador McCarthy tinham deixado bem claro que os agentes deviam estar dispostos a ouvir toda e qualquer história que envolvesse o tema espionagem. Afinal, seria o pescoço do agente que estaria em jogo, caso deixasse passar alguma coisa que não pudesse passar.

– Entendo – disse Halsted. – Um agente que errasse ao desconsiderar alguma coisa que não pudesse ser desconsiderada provavelmente seria ele próprio acusado de espião, ou então de membro do partido comunista, com cédula de filiação e tudo.

– Isso mesmo – confirmou MacShannon. – O FBI tem a obrigação de investigar toda informação que lhe é trazida, mesmo em tempos de calmaria, o que dirá no auge da mania McCarthy! Muito bem, descobriu-se, então que este Benham, meu vizinho, trabalhava na indústria de computadores, que naquela época dava seus primeiros passos, e tinha acesso a algumas informações que para o Pentágono eram absolutamente sigilosas. De fato, foi daí que surgiu o meu interesse por computadores, de modo que, num certo sentido, devo minha carreira a Benham. De qualquer modo, eu conseguira ser ouvido e eles tinham ficado com a carta. Deram-me um recibo, muito embora a carta não fosse minha.

– O senhor estava de posse da carta – disse Rubin – e ela lhe pertencia, já que seu dono anterior a havia jogado fora, fazendo dela propriedade de qualquer um que a encontrasse.

– De uma certa forma – prosseguiu MacShannon –, comecei uma espécie de parceria distante com o FBI, pois pediram-me que não tirasse os olhos de Benham e relatasse qualquer coisa que julgasse incomum ou suspeita. Acabei me transformando numa espécie de espião, o que, quando revejo o passado, me traz um ligeiro embaraço, mas eu pensava honestamente que estava

lidando com um agente inimigo, e eu era um tremendo romântico naquela época.

– E o senhor deve ter sido contaminado pelo espírito da época – disse Avalon.

– Pode perfeitamente ter sido isso – concordou MacShannon. – Naquela época, é claro que eu não sabia exatamente o que o FBI estava fazendo, mas com o passar do tempo fiquei amigo do agente com quem conversara primeiramente. E ele passou a me considerar cada vez mais especialmente depois que aos poucos se foi percebendo que Benham era de fato mais do que parecia.

– Então acabaram descobrindo alguma coisa de importante com o envelope oculto, suponho – disse Rubin.

– Deixem-me contar como as coisas aconteceram e na ordem em que aconteceram – disse MacShannon. – Eles investigaram a carta que lhes entreguei, procurando nela alguma espécie de código. Afinal, uma coisa que para mim não signifique nada pode ter um sentido oculto. Não conseguiram encontrar nada. Também não encontraram uma escrita oculta, ou qualquer coisa que fosse tecnicamente avançada, o que só fez tornar minha história mais e mais persuasiva, já que eu enfatizara desde o início a importância do envelope, é claro. Passaram, então, a interceptar a correspondência de Benham. Abriam as cartas, liam-nas, fechavam-nas novamente e as enviavam. Certa vez tive a oportunidade de ver como faziam, e aquilo me causou uma sensação horrível. Parecia uma coisa tão contrária à índole americana... Não há meios de se perceber que a carta foi aberta, ou alterada de alguma forma, e desde então nunca mais pude confiar inteiramente na privacidade da minha própria correspondência. Quem sabe se não há alguém fuçando nas minhas cartas sem o meu conhecimento?

– Se formos falar nisso, os telefones podem ser grampeados, microfones podem ser instalados dentro de qualquer recinto, e as conversas ao ar livre ouvidas à distância – disse Rubin secamente. – Vivemos num mundo onde não existe mais a privacidade.

– O senhor tem toda a razão – concordou MacShannon. – De qualquer forma, eles estavam interessados em toda a correspondência que Benham recebesse, em especial da jovem cuja carta eu me imcumbira de levar até eles. Tais cartas eram particularmente interessantes aos olhos curiosos do FBI, pois, como fui informado mais tarde pelo meu amigo, o agente, estava claro de que se tratava ali de um impetuoso caso de amor. As cartas foram ficando cada vez mais apaixonadas, mais devotadas, se bem que as cartas da mulher, pelo menos, continuavam breves, escritas com verdadeiros garranchos, e ainda mostravam uma enorme incapacidade intelectual.

Drake deu uma gargalhada.

– Um homem não precisa estar necessariamente atrás de capacidade intelectual.

– Quanto tempo durou a investigação? – perguntou Halsted.

– Meses – respondeu MacShannon. – Foi um processo intermitente.

– Bem, se se tratava de um caso de amor – disse Gonzalo –, é claro que a carta em si não tinha mesmo nenhum significado. Os agentes espiões em missão de coletar e transmitir informações não vão cair na besteira de se apaixonar.

– Por que não? – indagou Avalon num tom solene. – O amor não escolhe nem hora nem lugar, e chega para as pessoas menos prováveis nos momentos menos prováveis. Esta é a razão pela qual Eros, o deus do amor, freqüentemente é retratado como cego.

– Não é isso que quero dizer – disse Gonzalo. – É claro que os espiões podem se apaixonar, mas não usariam suas comunicações oficiais, se posso chamá-las assim, como veículos. Eles fariam amor a seu tempo, por assim dizer, a seu modo, e não misturariam isso com mensagens importantes.

– Não se as verdadeiras mensagens estivessem no envelope – disse MacShannon. – Quanto mais absurda a carta, tanto melhor. Por que não usar a carta para levar adiante um caso de amor, um caso de amor que poderia até mesmo ser sincero? Quem pensaria em prestar atenção nos envelopes quando a carta

em si parece ser de grande importância para remetente e destinatário? Se eu não o tivesse visto guardar o primeiro envelope...

– Muito bem, continue – disse Trumbull, um tanto impaciente. – Tenho alguma ligação com a contra-espionagem e estou certo de que investigaram os envelopes.

– É verdade. Investigaram – disse MacShannon. – Cada um deles, fossem da jovem ou não. Pelo menos o agente me disse que investigaram, e não há por que acreditar que ele estivesse mentindo. É claro que eu me perguntava se o que faziam era legal. Como já disse, tudo aquilo me parecia totalmente contrário à índole americana.

– Sem dúvida era ilegal – disse Trumbull. – Eles não tinham qualquer evidência de que a correspondência encobria um ato ilícito. O fato de alguém guardar um envelope pode ser intrigante, mas não é um crime. Em nome da segurança nacional, porém, absolve-se uma multiplicidade de pecados e fecham-se os olhos a um ou outro pequeno ato de ilegalidade.

– Algo ruim em princípio – resmungou Rubin. – Um pequeno ato ilegal leva a uma série deles, o que poderia significar que em pouco tempo teríamos chegado ao nível da Gestapo.

– Não chegamos ainda – disse Trumbull –, e há um rígido controle interno nessas organizações.

– Sim, quando essas coisas são percebidas – disse Rubin.

– E elas são percebidas com uma freqüência que permite mantê-las sob controle. Escute, Manny, vamos deixar o Sr. MacShannon continuar. Sr. MacShannon, o senhor nos dizia que investigaram os envelopes.

– Sim, investigaram. Os agentes removiam os selos para ver se havia alguma coisa sob eles, estudavam cada letra da escrita no envelope, nos mínimos detalhes, e submetiam o papel a todos os tipos de testes conhecidos. Chegavam mesmo a substituir os envelopes por novos, quase iguais aos antigos, exceto que traziam alterações imperceptíveis. Eles queriam ver se, distorcendo alguma coisa no novo envelope, a mensagem ficaria reduzida a alguma coisa ininteligível.

– É difícil levar em devida conta uma história tão inconsistente quanto esta que o senhor está nos contando – disse Drake.

– Agradeça a McCarthy por isto – disse MacShannon brevemente. – Para resumir, eles nunca chegaram a encontrar coisa alguma, tanto nas cartas quanto nos envelopes.

– Espere um pouco, Sr. MacShannon – interrompeu Rubin. – Quando começou sua história, o senhor disse que seu interesse por envelopes o tinha levado a apanhar um espião dos vermelhos. O senhor chegou a apanhá-lo, ou não?

– Cheguei, sim – respondeu MacShannon na mesma hora. – Com certeza.

– E o senhor vai nos dizer – continuou Rubin – que a investigação acabou resultando na captura de uma pessoa completamente diferente?

– Não, não. Foi Benham. *Benham.*

– Mas o senhor disse que as cartas e os envelopes nada revelaram. O senhor disse isso, não disse?

– Eu não disse que eles não revelaram nada, mas que o FBI não encontrou nada na correspondência. Contudo, os agentes não se limitaram a investigar apenas a correspondência de Benham. Investigaram também a outra ponta: seu emprego. Verificaram sua ficha, mantiveram-no sob vigilância secreta, até que mais tarde descobriram o que ele estava fazendo e com quem. Suponho que conseguiram desbaratar uma conexão de espionagem relativamente importante, pois recebi palavras de elogio do escritório local do FBI. Nada de oficial, é claro, mas este foi o fato mais excitante da minha vida. E, de certa forma, devo tudo à coleção de carimbos postais que tive quando criança.

Nos rostos dos Viúvos Negros ali reunidos havia menos satisfação do que na expressão de MacShannon.

– E o que aconteceu à jovem? – perguntou Avalon. – O que terá acontecido com o grande amor de Benham? Ela foi capturada também?

Por um momento, MacShannon pareceu indeciso.

– Não estou bem certo – disse. – Nunca me disseram nada. A impressão que tive, na época, foi de que as evidências que ha-

via no caso dela eram insuficientes, já que tanto as cartas quanto os envelopes nada tinham revelado. Mas é isso que me incomoda. Consegui pegar Benham porque ele guardou aquele envelope. E por que não conseguiram encontrar nada nos envelopes? Se Benham e sua parceira tinham um código secreto que o FBI não conseguiu descobrir, imaginem quanto estrago ele já deve ter provocado desde então.

– Talvez o FBI não tenha encontrado nada nos envelopes porque não havia nada para ser encontrado – disse Halsted. – Até os espiões não conseguem ser espiões vinte e quatro horas por dia. Talvez o caso de amor fosse apenas um caso de amor.

O bom humor de MacShannon, até então infalível, começou a se evaporar. Ele parecia ter a expressão um tanto carregada quando disse:

– Mas então por que ele teria guardado o envelope? É esse o ponto crucial. Não estamos falando de uma pessoa comum. Estamos falando de um espião, de um espião de verdade. Por que ele jogaria fora uma carta tão levianamente, de sorte que qual quer um pudesse pegá-la, e guardaria o envelope vazio? Tem que haver um motivo. E se é um motivo inocente, que nada tem a ver com sua profissão, qual é ele, então?

– Presumo que o senhor nunca tenha conseguido encontrar um motivo inocente para explicar tudo isso, não é, Sr. MacShannon? – perguntou Avalon gentilmente.

– Não... exceto que o envelope ocultava algum tipo de mensagem – respondeu MacShannon.

– Acho que o senhor não tem pensado no que vimos chamando de um motivo inocente, Sr. MacShannon – disse Rubin – talvez porque esteja plenamente satisfeito com sua teoria sobre a mensagem secreta.

– Neste caso, o senhor poderia me apresentar um outro motivo, Sr. Rubin? – indagou MacShannon num tom desafiador.

– Espere um pouco – disse Halsted. – Toda essa história de espião não era a suposição original do Sr. MacShannon. A princípio ele pensou que Benham colecionasse carimbos postais, ou

possivelmente selos, quem sabe. Vamos supor que a primeira suposição estivesse correta.

– Não subestime o FBI – disse MacShannon. – Certa vez mencionei minha primeira suposição e eles chegaram a revistar o apartamento do cara. Não havia qualquer sinal de que ele colecionasse alguma coisa, envelopes ou o que quer que fosse. Disseram-me isso textualmente.

– O senhor deveria ter-nos dito isso – disse Rubin.

– Acabei de fazê-lo – disse MacShannon –, mas esta é uma informação de pouca importância. A probabilidade de ele ter guardado o envelope para fins de colecionar era tão pequena, que não fazia sentido perder muito tempo com ela. Muito bem... o senhor chegou a alguma outra explicação para o fato de ele ter guardado o envelope, Sr. Rubin? Ou algum dos senhores?

– Pode ter sido um ato impensado – disse Drake. – As pessoas fazem coisas que simplesmente não têm explicação: coisas as mais tolas, O Sr. Benham poderia ter querido guardar a carta e jogar fora o envelope e, sem pensar, fez o contrário.

– Não acredito nisso – disse MacShannon.

– Por que não? Isto se chama distração – disse Drake. – Mais tarde, ao descobrir que tinha guardado o envelope, ele deve ter descido à procura da carta e não a encontrou mais.

– Um espião profissional certamente não é uma pessoa distraída – disse MacShannon. – Não viveria muito tempo se fosse. Ademais, ele sabia o que estava fazendo. Leu a carta, amassou-a na mesma hora e jogou-a fora. Depois olhou pensativamente para o envelope e guardou-o com todo o cuidado. Ele sabia o que estava fazendo.

– O senhor tem certeza? – perguntou Drake. – Tudo isso aconteceu há trinta e seis anos. Com todo o respeito, o senhor deve estar se lembrando apenas do que quer se lembrar.

– De jeito nenhum – retrucou MacShannon friamente. – Foi o fato mais excitante de toda a minha vida, e perdi muito tempo pensando nele. Tenho uma memória excelente.

Drake meneou os ombros.

– Se o senhor insiste, não é possível discutir, é claro.

Mac olhou para os rostos de todos os que estavam à mesa, um a um.

– Muito bem, quem tem uma outra explicação? Nada de coleção. Nada de distração. O que mais? E nada de ligação sentimental com quem mandava a carta. Pode ser que tenha havido um caso amoroso mais tarde, mas aquela carta que Benham jogou fora era nitidamente a primeira que ele tinha recebido da mulher. Ele acabara de conhecê-la. E mesmo que tivesse sido amor à primeira vista, e ele não me parecia ser do tipo que se apaixonasse à primeira vista, ainda assim ele teria guardado a carta, e não o envelope.

Fez-se silêncio à mesa, até que MacShannon continuou:

– Aí está! É isso que tem me importunado todos esses anos. O que havia naquele envelope que frustrou os esforços do FBI? Acho que, se quiser descobrir, vou ter que quebrar a cabeça pelo resto da minha vida.

– Espere um pouco – disse Avalon. – A comunicação, se é que de fato houve uma comunicação, deve ter sido colocada apenas no primeiro envelope, aquele que ele guardou e que nunca chegou às mãos do FUI. Todos os outros não continham nada de oculto e eram totalmente irrelevantes.

O cavanhaque do Sr. MacShannon ficou eriçado.

– Vou deixar essa resposta para o Sr. Trumbull – disse. Ele disse que tinha relações no serviço de contra-espionagem. Será que um conspirador abandona um método de comunicação, se ele se mostrou eficiente?

– Não é uma lei cósmica, mas a verdade é que um jogador dificilmente abandona um gambito bem sucedido – respondeu Trumbull. – Pode ser, porém, que aquele método não mais se tenha provado particularmente eficiente, O envelope que ficou com ele pode ter sido o último de uma cadeia de mensagens, para cuja elaboração se empregava uma técnica que se tornou de alto risco. Pode ser, então, que o tenham abandonado.

– Talvez! Pode ser! Pode ser que tenha sido! – disse MacShannon com a voz cada vez mais aguda, quase a ponto de se tornar um guincho. – Temos dois fatos concretos. O homem era

um espião. E ele guardou um envelope vazio. Vamos tentar encontrar uma explicação para o fato de um espião guardar um envelope vazio, uma explicação que não seja mera especulação.

De novo fez-se silêncio à mesa. MacShannon sorriu com desdém e disse:

– Não existe tal explicação, a não ser a de que o envelope ocultava uma mensagem.

Nesse momento, Henry, do seu posto ao lado do aparador, perguntou educadamente:

– Posso fazer uma sugestão?

MacShannon voltou-se rapidamente para esse novo participante da conversa e, como se tivesse sido molestado, perguntou:

– O que você quer, garçom?

Gonzalo imediatamente fez um sinal para MacShannon e disse:

Henry é membro do clube, Frank. Ele também deve dar a sua contribuição.

– Compreendo – disse MacShannon, sem apresentar qualquer mudança significativa em seus modos. – O que o senhor deseja acrescentar, então?

– Só queria dizer, senhor, que guardar um envelope vazio é algo tão razoável, que qualquer um de nós é capaz de fazê-lo, se é que de fato já não o fizemos um dia.

– Não aceito isto – disse MacShannon.

– Suponha, senhor – continuou Henry, calmamente – que a carta que o senhor tirou do lixo fosse de fato a primeira entre eles. Tinham saído juntos, ou então se encontrado por acaso. Conversaram. Ela lhe falou de suas dificuldades em encontrar um bom emprego e ele se ofereceu para ajudá-la. Como ele não era do tipo sociável, conforme o senhor mesmo nos disse, deve ter-se sentido atraído por ela e tentou ser agradável, contrariando sua tendência natural. Não sabemos se ela era jovem e bonita, mas é razoável supor que sim. Por sua vez, ela também deve terse sentido atraída por ele. Na carta, ela expressava sua gratidão e encorajava a continuação da correspondência: ‘Por favor, entre em contato comigo”, dizia. De fato, houve a continuação da cor-

respondência, e, ao que tudo indica, ninguém duvida que tenha havido um romance entre eles. O senhor julgaria minhas considerações corretas até este ponto?

– Sim – concordou MacShannon. – Mas e daí?

– Prosseguindo com nosso raciocínio – continuou Henry –, o Sr. Benham deve ter querido continuar a se corresponder com uma mulher que devia ser jovem e bonita, que lhe era grata e que incentivava a continuação da relação. Bem, o senhor nos re velou o conteúdo da carta, Sr. MacShannon, e disse que se lembrava de cada palavra. Não era uma carta longa, e eu aceito como verdadeiras as palavras de que o senhor diz se lembrar. Era a carta de uma mulher jovem, amável, mas um tanto desorganizada, pois, como o senhor mesmo disse, a carta não estava datada. E qualquer pessoa com o mínimo senso de ordem colocaria a data numa carta.

– Sim – disse MacShannon. – A carta não estava datada, mas ainda não consigo entender aonde o senhor quer chegar.

– Alguém que seja distraído o suficiente para deixar uma carta sem data pode muito bem ter-se esquecido de outros detalhes – prosseguiu Henry. – O senhor disse que ela começava, sem nenhum preâmbulo, com “Caro Sr. Benham”. Deduzo, então, que não havia um endereço de remetente na mesma folha de papel em que a carta tinha sido escrita.

A expressão tensa de MacShannon relaxou um pouco. Com um tom de surpresa na voz, ele concordou:

– Não, não havia.

– Pois bem – concluiu Henry –, como não se tratava de uma carta de amor e como Benham talvez não fosse do tipo que se sensibilizasse com nada, nem mesmo com uma carta de amor, amassou-a e jogou-a fora. Mas pode ser que ele quisesse responder à carta, pensando com isto em investir numa relação que, aparentemente, seria muito satisfatória do ponto de vista sexual. As pessoas que não colocam o endereço do remetente na carta em si, em geral o colocam no envelope. Assim, o Sr. Benham olhou o envelope, viu que ele trazia o endereço da remetente e

naturalmente o guardou para que pudesse responder à jovem senhora. Esta é, sem dúvida, uma explicação racional.

Uma breve salva de palmas encheu o salão de refeições.

– Obrigado, cavalheiros – disse Henry, com o rosto levemente ruborizado.

– Mas neste caso o envelope nada tem a ver com as atividades de espionagem que Benham exercia – comentou MacShan non, nitidamente confuso.

– Conforme o Sr. Halsted observou anteriormente – disse Henry –, um espião não precisa ser um espião vinte e quatro horas por dia. E muito provável que ele esteja sujeito a períodos de normalidade. Entretanto, acho que ele efetivamente quebrou uma regra fundamental de sua profissão.

– E que regra é essa, Henry? – perguntou Trumbul

– Parece-me que qualquer pessoa engajada na difícil profissão da espionagem deve ter o cuidado de, sobretudo, não atrair para si nenhum tipo de atenção. O envelope não deveria ter sido guardado e a carta jogada fora em frente de uma testemunha. Aliás, a carta não deveria mesmo ter sido lida na presença de uma testemunha. E é claro que o Sr. Benham não tinha meios de saber que o jovem que ele sistematicamente ignorava tinha sido colecionador de carimbos postais e que, portanto, desenvolvera uma sensibilidade toda especial para assuntos relacionados a envelopes.

POSFÁCIO

O meu período favorito para escrever histórias dos Viúvos Negros é o período de férias. De vez em quando, Janet e eu fazemos um cruzeiro às Bermudas. Durante sete dias, fico longe da minha máquina de escrever, do meu processador de textos e da minha biblioteca. E sob condições tão anormais, o que faço é levar escondido na bagagem um bloco de notas e algumas esferográficas. E então escrevo minhas histórias de ficção. Esta história, e também a que se segue, foi escrita numa viagem às Bermudas em julho de 1988, juntamente com uma terceira história que não

pertence à série dos Viúvos Negros. Isto fez com que minhas férias não se transformassem numa total perda de tempo.

Mas não foi senão quando estava compilando as histórias para esta coletânea que percebi que o ponto central de “O envelope” fora usado subsidiariamente em “Pôr-do-sol na água”. Esse tipo de coisa costuma ocorrer de vez em quando, principalmente com alguém que, como eu, se dedica de forma tão assídua ao ofício de escrever. Mesmo assim não pude deixar de ficar chateado.

Esta história foi publicada pela primeira vez na edição de abril de 1989 do Ellery Queen’s Mystery Magazine.

O ÁLIBI

Emmanuel Rubin estava num estado de humor inusitadamente ameno durante o coquetel que precedia ao jantar dos Viúvos Negros. E inusitadamente pensativo, também, ainda que didático, como de costume.

Dizia a Geoffrey Avalon (embora num tom de voz alto o suficiente para se fazer ouvir em todos os cantos da sala):

– Não sei quantas histórias de mistério, ou de suspense, como querem chamá-las atualmente, foram escritas, mas o número deve estar beirando uma grandeza astronômica, e eu na certa não li todas.

– É claro que o conto de mistério à moda antiga está *passé*, embora de vez em quando eu goste de escrever um só para lembrar os velhos tempos. Mas nada impede que o conto psicológico moderno, em que o crime é mencionado apenas de passagem e a retratação dos tormentos interiores da alma do criminoso requer milhares de palavras de sentido duvidoso, possa perfeitamente preservar alguns aspectos enigmáticos. Para resumir, estou tentando inventar um novo tipo de álibi a ser desvendado de um jeito novo, e fico pensando em qual seria a vantagem de inventar um que não tenha sido usado antes. Sabe, por maior que seja a minha inventividade, como poderei saber se há muito tempo, num obscuro livro que jamais li, alguém não inventou exatamente a mesma coisa? Invejo os que foram pioneiros nesse gênero. Quase tudo que inventaram não tinha sido empregado antes.

– Que diferença faz isso, Manny? – disse Avalon. – Se você não leu todas as histórias de suspense já escritas, tampouco os leitores foram capazes de fazê-lo. Invente qualquer coisa e pronto. Afinal, quem irá saber se ela apenas repete alguma coisa inventada numa história publicada há cinqüenta e dois anos?

– Em algum lugar alguém terá lido aquele antigo conto e irá escrever para mim, muito provavelmente num tom bastante sarcástico – disse Rubin amargamente.

Mario Gonzalo, do outro lado da sala, gritou:

– No seu caso, Manny, isso não terá importância. Há tantas outras coisas para se criticar nas suas histórias, que provavelmente ninguém irá se dar ao trabalho de dizer que os macetes que você usa são mais velhos do que andar para a frente.

– Vocês acabaram de ouvir um homem que, tendo dedicado uma vida inteira a pintar retratos, não conseguiu mais do que caricaturas – disse Rubin.

– A caricatura é uma arte difícil – disse Gonzalo –, conforme você deveria saber se entendesse alguma coisa de arte.

Gonzalo esboçava o retrato do convidado da noite para que, depois de pronto, ele se juntasse aos outros na pequena galeria que adornava a parede do salão do restaurante Milano, onde se realizavam os jantares.

Ao que tudo indicava, sua tarefa de retratar não era das mais difíceis desta vez, pois o convidado trazido por Avalon, anfitrião da noite, possuía uma magnífica cabeleira branca, densa e levemente ondulada, que brilhava como fios de prata à luz. Seus traços suaves e o sorriso espontâneo, que revelava dentes perfeitos, não deixavam dúvida de que se tratava de um desses homens que ficam mais belos e imponentes com o avançar da idade. Seu nome era Leonard Koenig, e Avalon o apresentara apenas como ‘meu amigo’.

– O senhor está me fazendo parecer um astro de cinema aposentado, Sr. Gonzalo

– Não se pode enganar os olhos de um artista, Sr. Koenig – disse Gonzalo. – Por acaso o senhor é um astro de cinema aposentado?

– Não – limitou-se Koenig a responder.

Rubin riu:

– Os olhos de um *artista* não dá mesmo para enganar – disse.

A partir daí a conversa enveredou para temas mais gerais e só parou temporariamente quando a voz suave de Henry, aquele garçom sem igual, anunciou:

– Tomem os seus lugares, cavalheiros. O jantar está ser servido.

E eles sentaram-se para saborear a sopa de tartaruga que Roger Halsted, o gourmet do clube, experimentou com cuidado antes de abençoá-la com um largo sorriso.

Enquanto tomavam brandy, Thomas Trumbull cujos cabelos grisalhos e ondulados de alguma forma haviam perdido prestígio no confronto com o brilho e a aparente maciez dos cabelos do convidado, assumiu a tarefa de fazer as perguntas.

– Sr. Koenig, como o senhor justifica a sua existência? – perguntou.

O rosto de Koenig iluminou-se num largo sorriso.

– Diante dos problemas que o Sr. Rubin disse ter para inventar álibis, suponho que posso facilmente justificar minha existência dizendo que, nos meus bons tempos, fui um desvendador de álibis.

– Jeff não mencionou a sua profissão – disse Trumbull. – Posso supor, então, que o senhor faz parte da força policial?

– Não exatamente. Não da força policial comum. Atuo na contra-espionagem, ou, para ser mais preciso, atuei. Aposentei-me cedo e parti para o direito, através do qual fiquei conhecendo Jeff Avalon.

Trumbuil ergueu as sobrancelhas.

– Contra-espionagem?

Koenig sorriu novamente.

– Posso ler seus pensamentos Sr. Trumbull. Sei da sua relação com o governo e acho que o senhor está se perguntando por que o meu nome não lhe é conhecido. Posso garantir-lhe que fui um agente sem muita importância e que, exceto por um único caso, nunca fiz nada digno de nota. Ademais, como o senhor sabe, não faz parte da ética do departamento tornar público o nome de seus membros. O melhor meio de realizarmos nosso tra-

balho é na obscuridade. E, como disse, aposentei-me cedo e acabei sendo esquecido.

– Mas um álibi o senhor conseguiu desvendar – disse Gonzalo, impaciente. – Como foi?

– É uma longa história – disse Koenig. – Além do mais, é um assunto de que não posso tratar em detalhes.

– O senhor pode confiar em nós – disse Gonzalo. – Nada do que é dito em qualquer reunião dos Viúvos Negros sai dessas quatro paredes. E isto inclui a discrição do nosso garçom, Henry, também um membro do clube. Diga a ele, Tom.

– Bem, é verdade – disse Trumbull, um tanto relutante. – Somos todos exemplos de discrição. Mas ainda assim não posso insistir em que o senhor fale sobre coisas que não podem ser reveladas.

Avalon franziu os lábios e ponderou:

– Não tenho certeza de que podemos agir dessa maneira, Tom. As regras dos nossos encontros são claras: o convidado deve responder a todas as perguntas e confiar na nossa discrição.

– Bem, olhe, Sr. Koenig, o senhor pode omitir algum detalhe que julgar demasiado delicado – disse Gonzalo. – Só descreva o álibi e não nos diga como o desvendou. Nós é que vamos desvendá-lo.

James Drake deu um risinho.

– Não faça promessas apressadas, Mario

– Bom, de qualquer modo a gente pode tentar – disse Mario.

– O senhor está sugerindo transformar isto num jogo? – indagou Koenig, pensativo.

– Por que não, Sr. Koenig? – disse Gonzalo. – E Tom Trumbull poderá se desqualificar como participante, se vier a se lembrar do caso.

– Duvido que venha a lembrar – disse Koenig. – A coisa toda ficou restrita a umas poucas pessoas diretamente envolvidas no caso, e o Sr. Trumbull não fazia parte da mesma organização em que eu estava. – Fez uma pausa e pensou por um momento. – Acho que é possível fazer disso um jogo. Só que tudo aconteceu

há trinta anos, e espero me lembrar de todos os detalhes. – Pigarreou e começou a falar.

– É interessante que o Sr. Rubin tenha mencionado os contos que falam do aspecto psicológico do criminoso, pois na minha antiga profissão muita coisa dependia da psicologia do espião. Havia pessoas que traíam seu país por dinheiro, ou por rancor, ou ainda por uma obsessão sexual. De certa forma, esses são fáceis de se lidar porque suas ações não se fundamentam sobre bases muito sólidas e, se apanhados, cedem com facilidade.

– A cobiça é o mal maior – disse Halsted com um tom de comoção na voz. – E não é preciso ser espião para se cair vítima dela. O policial corrupto, o homem de negócios que burla o imposto de renda, o industrial que defrauda as forças armadas cobrando preços exorbitantes por um trabalho de qualidade inferior, todos eles conseguem prejudicar o país tanto ou mais do que qualquer espião.

– Sim – concordou Rubin –, mas esses caras vivem berrando seu patriotismo pelos quatro cantos do país. Eles podem roubar do governo e se aproveitar da cegueira do povo, mas enquanto hastearem a bandeira no Dia do Soldado Desconhecido e hostilizarem os estrangeiros de um jeito que até Genghis Khan ficaria acanhado, serão considerados grandes sujeitos.

– Foi por isso que Samuel Johnson afirmou que o patriotismo é o derradeiro refúgio do canalha – disse Avalon.

– Sem dúvida – concordou Koenig –, mas estamos nos afastando do assunto. Eu ia dizer que existem espiões que fundamentam seu trabalho num forte sentimento ideológico. Seja por admiração aos ideais de um outro país, seja por acharem que estão servindo à causa da paz mundial, ou ainda por julgarem nobre o seu comportamento, se por alguma razão ele assim lhes parecer. E nesse sentido não podemos sentar no próprio rabo para falar dos outros, pois temos pessoas em países estrangeiros trabalhando para nós pelos mesmos ideais. De fato, temos mais pessoas desse tipo do nosso lado do que nossos inimigos. De qualquer forma, esses idealistas são os espiões realmente perigosos, pois planejam suas ações mais cuidadosamente, estão dis-

postos a correr maiores riscos, e são muito mais difíceis de se dobrar quando apanhados. Stephen era um desses. Vejam que estou usando apenas o primeiro nome, e é claro que Stephen também não é seu verdadeiro nome.

"Stephen levava uma vida muito tranqüila, sem chamar atenção sobre si. Não cometeu o erro de tentar encobrir seus verdadeiros objetivos por uma falsa profissão de fé patriótica. O problema é que ele tinha acesso, através de seu trabalho e graças a certas circunstâncias, a uma série de coisas que o governo americano preferia que não caíssem nas mãos do inimigo. Até aí nada de estranho, pois há muitas pessoas que conhecem certos assuntos sigilosos, e a grande maioria delas é totalmente confiável. Não havia qualquer razão para se supor, portanto, que Stephen não fosse tão digno de confiança quanto qualquer uma delas.

"Contudo, havia certos dados que eram do particular interesse do inimigo. Dados a que só Stephen tinha acesso. E ele poderia passá-los com facilidade ao inimigo, só que, se o fizesse, as circunstâncias fariam com que todas as suspeitas recaíssem sobre ele. De fato, as evidências não deixariam dúvida de que seria ele o culpado. Mas as informações eram de tamanha importância, que ele tinha de obtê-las e passá-las para o outro lado.

"A propósito, vejam que não estou lhes fornecendo qualquer informação mais detalhada sobre os dados em questão, nem sobre a maneira através da qual ele tinha acesso a eles, e nem sobre o modo como ele faria tais dados chegarem às mãos do inimigo. Tudo isto é irrelevante para o pequeno jogo que estamos jogando. Agora deixem-me tentar me colocar na mente de Stephen...

"Ele sabia que tinha de realizar essa tarefa e sabia que na mesma hora iriam suspeitar dele, suspeitar seriamente. Era preciso, portanto, proteger–se de alguma forma. Não que ele temesse ser preso, pois é muito provável que fosse trocado por algum dos nossos em poder deles. Também não acho que tivesse medo de morrer, pois as circunstâncias de sua vida já lhe deviam ter ensinado a conviver diariamente com a possibilidade de morreri; e de morrer de forma violenta.

“Não obstante, sendo um patriota – e acho que ele poderia ser considerado um patriota, pelo menos aos seus próprios olhos – não queria ser apanhado, pois sabia que não ia ser fácil substituí-lo. Ademais, se ele conseguisse ser absolvido das suspeitas, nosso departamento teria de procurar em algum outro lugar. Isso esgotaria nossas energias e colocaria sob suspeita um bom número de pessoas inocentes, que passariam a trabalhar contra nós.

“Mas como evitar ser apanhado, se era ele quem, necessariamente, seria apontado como o criminoso? Naturalmente ele teria de estar em dois lugares: na cidade, onde pudesse realizar sua missão, e, ao mesmo tempo, num lugar distante, de modo a dar a impressão de que não teria sido possível que ele tivesse alguma coisa a ver com o fato. E a única forma de conseguir isso seria sendo duas pessoas.

“E foi da forma como vou narrar que ele conseguiu o que queria, conforme pudemos descobrir mais tarde. O país para o qual Stephen trabalhava arrumou um sósia, uma pessoa que vamos chamar de Stephen Dois. Suponho que, se Stephen e Stephen Dois ficassem lado a lado, seria fácil distinguir entre os dois; mas se alguém visse Stephen Dois e, poucos dias depois, o verdadeiro Stephen, teria a impressão de ter visto a mesma pessoa.

“Também parece lógico supor que a semelhança de Stephen Dois com Stephen foi reforçada. Stephen Dois deve ter passado a usar o mesmo corte de cabelo de Stephen, deve ter deixado crescer o mesmo bigode ralo, treinado o mesmo tom de voz de Stephen com a ajuda de fitas gravadas e uma assinatura bem parecida, tal como a registrada em documentos. Ë provável até que tenha aprendido a empregar algumas das expressões favoritas de Stephen. E é claro que teria de ser alguém que falasse inglês e conhecesse a cultura americana tão bem quanto Stephen.

“Tudo isso deve ter tomado um tempo e um esforço consideráveis, mas serve para dar uma medida da importância das informações de que o país inimigo estava atrás.

“Eventualmente conseguimos juntar as peças que Stephen espalhou e o resultado final até que não foi dos piores. À medida que chegava o momento de agir, Stephen contou aos colegas, de

uma maneira tão casual quanto lhe parecia necessário, que sairia de férias por uma semana num cruzeiro às Bermudas. Chegada a hora, escondeu-se e mudou levemente de aparência, de modo a não ser reconhecido enquanto roubasse os dados e os passasse calmamente ao inimigo sem que ninguém percebesse. Nem é preciso dizer que foi Stephen Dois quem embarcou para as Bermudas.

"Mas o verdadeiro Stephen nunca tinha estado nas Bermudas, o que em si é uma coisa absolutamente natural. Para todos os efeitos, tendo estado lá apenas uma vez, não precisaria justificar o fato de não conhecer detalhes do lugar. Mas ele tinha de saber o que tinha feito na ilha, e para essa finalidade havia pedido a Stephen Dois que lhe mandasse, através de um código simples para um endereço seguro onde se hospedara, um relato condensado e ao mesmo tempo detalhado do que tinha visto e feito nas Bermudas. Particularmente, Stephen Dois tinha de fazer uma série de coisas sem importância e depois contá-las em detalhes, para que Stephen pudesse usá-las como prova de ter estado nas Bermudas. A referência casual a coisas sem importância poderia ser usada como uma evidência convincente.

"Estamos quase certos de que Stephen ordenou a Stephen Dois que fizesse amizade no navio com alguma mulher razoavelmente atraente e que se relacionasse com ela de uma forma agradável o suficiente para que depois ela se lembrasse dele, mas não tão agradável a ponto de ela ser capaz de detectar alguma diferença entre os dois Stephens.

"Para ser mais preciso, ele não queria que Stephen Dois se tornasse íntimo dessa possível mulher, nem começasse um romance com ela. Acho que Stephen não queria se ver na situação constrangedora de não poder negar a existência de um romance a uma mulher que acreditasse ter tido um caso com ele.

"A semana que Stephen Dois passou nas Bermudas deve ter sido um período de muita tensão para Stephen. Ele conseguiu realizar sua missão, mas e se o navio afundasse, ou se Stephen Dois caísse ao mar, ou se sofresse um acidente nas Bermudas que o levasse a um hospital, ou o deixasse paralítico ou mesmo

o matasse? Ou então suponham que Stephen Dois, por alguma razão, tivesse que tirar suas impressões digitais, ou se tornasse um traidor (ou seja, passasse para o nosso lado). Qualquer uma dessas coisas teria destruído o álibi de Stephen e o teria jogado atrás das grades.

"É claro que, na realidade, nada disso aconteceu. Stephen Dois mandou fielmente todas as suas cartas, numerando cada uma para que Stephen tivesse certeza de que nenhuma delas tinha se extraviado. E Stephen decorou cada uma tão bem quanto pôde.

"Mais tarde, Stephen Dois voltou das Bermudas, desapareceu sem deixar vestígio e retornou ao seu país, enquanto Stephen reassumiu sua identidade.

"Duas semanas depois do fim da viagem às Bermudas, tivemos razão para crer que os dados que Stephen queria tinham sido adulterados. Uma rápida investigação confirmou a violação, e o dedo da suspeita apontou forçosa e indiscutivelmente para Stephen.

"Um grupo de agentes caiu na cola dele.

"E ele foi um ator e tanto. Sua aflição ao saber da violação de informações sigilosas parecia absolutamente sincera. Chegou mesmo a admitir, pesaroso, que era lógico que suspeitassem dele e que era, de fato, o único suspeito.

"– Mas – disse calmamente – estive viajando a bordo do Island Duchess do dia 9 ao dia 16 e fiquei nas Bermudas de 11 a 14. Se o roubo de informações ocorreu nesse período, simplesmente não podia ter sido eu o autor.

"Ele nos forneceu detalhes completos e, é claro, tinha farto material que comprovava a compra de bilhetes, o embarque, o desembarque, o pagamento da conta do bar e de outras despesas, entre outras coisas. Tudo parecia em ordem. E nem mesmo pareceu suspeito o fato de ele ter tudo aquilo à mão, prontinho para ser apresentado.

"– Vou pedir reembolso de parte dessas despesas, por isso preciso dos comprovantes para apresentar à contabilidade – disse.

"Meus colegas pareciam estar propensos a aceitar aquilo e a pensar se por acaso não haveria mesmo outros suspeitos. Eu estava com um pé atrás. Por alguma razão, Stephen me pareceu solícito demais e eu insisti em continuar fazendo perguntas a ele, enquanto os outros atacaram outros ângulos do caso. E é claro que foi esta a minha grande conquista como caçador de espiões. Se eu tivesse tido uma ou duas outras vitórias como esta, o departamento não teria se mostrado tão disposto a me liberar quando solicitei meu afastamento. Mas não tive. Esse caso foi o primeiro e único.

"Num segundo encontro, eu lhe disse:

"– O senhor esteve no navio ou nas Bermudas todo o tempo entre o embarque e o desembarque?

"– É claro que sim – respondeu. – Eu estava inteiramente a mercê do navio.

"– Não inteiramente, senhor.

"Ele franziu as sobrancelhas, como se tentasse entender o que eu queria dizer.

"– O senhor está querendo dizer que eu poderia ter voado do navio até aqui, feito o serviço, e depois voltado ao navio para poder ter um álibi?

"– Mais ou menos isso – respondi com uma expressão bem séria.

"– Eu não poderia ter pego um avião ou um helicóptero sem me identificar.

"– O senhor ficaria espantado de ver quantas pessoas usam falsos documentos de identidade deliberadamente.

"– Compreendo – disse ele – mas suponho que o senhor pode verificar se algum helicóptero encontrou o navio em algum momento. Suponho, também, que o senhor pode checar cada passageiro de cada vôo de e para as Bermudas durante o período em que estive na ilha e ver se algum passageiro aparece inexplicavelmente em algum vôo. E, em caso afirmativo, o senhor verá que se trata de uma outra pessoa.

"Não me incomodei em dizer a Stephen que tais investigações já estavam sendo feitas. No final, não chegaram a nada.

"Nossos encontros eram gravados, naturalmente, com a permissão de Stephen. Havíamos lido para ele os direitos que a Constituição lhe garante, mas ele disse que estava plenamente disposto a falar e não pediu nenhum advogado. Ele era o modelo do cidadão inocente absolutamente seguro de sua inocência, e isto de alguma forma levantou minhas suspeitas. Ele parecia bom demais, confiante demais. Foi mais ou menos por essa época que comecei a achar que ele talvez tivesse um irmão gêmeo, o que lhe possibilitaria estar aparentemente nas Bermudas, quando na realidade não tinha saído de casa. Verificamos essa hipótese também, e chegamos à conclusão de que ele não tinha irmão gêmeo e era filho único. Mas a idéia de uma outra pessoa parecida com ele continuou na minha cabeça.

"– Enquanto esteve nas Bermudas, o senhor se hospedou num hotel ou ficou no navio? – perguntei-lhe num outro encontro.

"– Fiquei hospedado no próprio navio.

"– O senhor já tinha estado nas Bermudas? Por alguma razão as pessoas conhecem o senhor por lá?

"–Foi minha primeira viagem às Bermudas.

"– Existe alguém que possa testemunhar que o senhor esteve no navio todos os dias? Há alguém que possa testemunhar que o senhor esteve mesmo nas Bermudas todas as vezes em que deixou o navio?

"Ele hesitou.

" Fiz aquele cruzeiro sozinho. Não fui com nenhum amigo. Afinal, eu não tinha a menor idéia de que... bem, nem me passava pela cabeça... e como poderia imaginar que um dia eu tivesse que provar que estava no navio?

"Um meio-sorriso se desenhou sobre o meu rosto. Afinal, aquilo também parecia engenhoso demais.

"– O senhor não vai me dizer que se enclausurou o tempo todo e que, quando saía, andava sorrateiramente pelos cantos sem falar com ninguém – eu disse.

"– Não, não – respondeu ele, parecendo desconcertado. – Para ser franco, até que eu fui bastante solícito com meus companheiros de viagem, mas não posso garantir que alguma das

pessoas com quem me relacionei casualmente se lembraria de mil . A não ser...

“– Continue! A não ser quem?

“– Havia uma jovem com quem fiz amizade bem no começo da viagem. Ela acabou se transformando na minha companheira oficial, por assim dizer. Tomávamos juntos as refeições do navio e fizemos juntos muitos passeios nas Bermudas. Não me entenda mal, Sr. Koenig. Não havia nada de impróprio na nossa amizade. Não sou casado, mas ainda assim tudo não passou de uma simples amizade. Acho que ela poderia se lembrar de mim. Dançamos a bordo do navio, e nas Bermudas visitamos o aquário, fizemos juntos o passeio no barco de fundo de vidro, saímos em tours e almoçamos no Hotel Princess. Essas coisas que todo mundo faz. Só que ela ia à praia sozinha. É que eu preferi evitar o sol.

“– O senhor a via todos os dias?

“Ele pensou por um momento.

“– Sim, todos os dias. Não o dia inteiro, é claro. E também não à noite. Ela nunca esteve no meu quarto, nem eu no dela.

“– Não estamos preocupados com os seus padrões de moral, senhor.

“– Tenho certeza de que não estão mesmo, mas eu não gostaria de dizer alguma coisa que pudesse ter algum reflexo negativo nos padrões de moral dela.

“– É muita consideração de sua parte. Como ela se chamava?

“– Artemis.

“– Artemis? – perguntei, custando a acreditar.

“– Pelo menos foi assim que ela me disse se chamar. E também era assim que os outros a chamavam. Era uma mulher muito bonita, de uns trinta e poucos anos, eu diria, cabelos loiro-escuro, olhos azuis, mais ou menos um metro e setenta de altura.

“– E qual era o seu sobrenome?

“Ele hesitou.

“– Não me lembro. Pode ser até que ela não tenha chegado a mencioná-lo. Nós nos conhecemos a bordo de um navio, o se-

nhor sabe, num clima de muita informalidade. Ela me chamava de Stephen. Acho que também nunca cheguei a lhe dizer o meu sobrenome.

"– E o endereço dela?

"– Não sei. Pelo jeito de falar parecia ser de Nova York, mas não tenho certeza. O senhor poderá verificar a lista dos passageiros do navio naquela semana. Certamente ela estará na lista e eu diria que as chances de haver duas Artemis são virtualmente nulas. Com certeza eles devem ter seu nome completo e endereço.

"Desliguei o gravador naquele momento e o adverti de que, conforme tinha sido estabelecido, ele continuaria confinado em seu apartamento durante a fase de interrogatório, mas que qualquer coisa de que precisasse seria providenciada e que arranjaríamos alguém para realizar, no lugar dele, algumas tarefas e compromissos rotineiros.

"Eu estava decidido a provar que a pessoa que estivera nas Bermudas, fosse ela quem fosse, não tinha sido Stephen. E para isso, é claro, precisava encontrar a mulher.

"Levei três dias para conseguir as coisas, e cada dia foi um aborrecimento. Obviamente, eu não podia manter Stephen incomunicável indefinidamente, e, se ele começasse a reclamar mesmo, teríamos de arranjar alguma coisa de definitivo, ou então liberá-lo.

"Mas ele não reclamava. Continuava a ser um modelo de cidadão. Quando consegui localizar Artemis, arranjei um jeito de ela o ver sem que ele soubesse que estava sendo observado.

"– Ele certamente se parece com Stephen – disse ela.

"– Então vamos ao encontro dele. Aja naturalmente, mas mantenha os olhos bem abertos, por favor, e se, por alguma razão, a senhora achar que ele não é o homem que conheceu no navio, diga-me.

"Levei-a para dentro do quarto. Quando a viu, Stephen sorriu e, sem hesitar, disse:

"– Olá, Artemis.

"– Oi, Stephen – respondeu ela, um tanto hesitante.

“Ela não era atriz. Olhava para ele com muita ansiedade, e Stephen teria de ser muito menos inteligente do que era para não perceber que ela estava instruída para detectar nele qualquer coisa que o identificasse como um impostor.

“– Ele certamente se parece com Stephen – disse ela finalmente –, exceto que Stephen possuía pequenos tufos de pêlo nos dedos da mão. Achei aquilo muito viril, mas não os vejo agora.

Stephen não parecia se incomodar com o fato de ser tratado em terceira pessoa. Tampouco parecia ofendido em ver Artemis olhando-o de cima a baixo à procura de uma diferença. Limitando-se a sorrir, ergueu as mãos.

“– Os tufos de pêlo estão aqui.

“– Eram mais escuros – disse ela, mas não parecia ter muita certeza.

“– Você se lembra de um dia, quando estávamos dançando – começou ele, e eu tropecei no meu pé esquerdo? Minha mão soltou-se da sua e você disse que era porque eu tinha as mãos muito macias, lembra-se? Isto não parece uma observação própria de quem tinha ficado tão impressionada com os pêlos dessas mesmas mãos, não é mesmo?

“O rosto de Artemis pareceu acender-se. Ela voltou-se para mim e disse:

“– Sim, isso realmente aconteceu.

“– E você se lembra de que eu me desculpei por ser um dançarino desajeitado, e você insistiu em que eu dançava muito bem? Só que eu sabia que você só estava sendo gentil e não queria que eu me sentisse mal. Lembra-se, Artemis?

“– Sim, eu me lembro – respondeu ela, aliviada. – Como vai, Stephen? Fico feliz por ser você mesmo.

“– Obrigado por me reconhecer, Artemis – disse ele. – Eu estaria numa grande encrenca se você não me tivesse reconhecido.

“– Espere um pouco! – interrompi um tanto irritado. – Srta. Cataldo, não tire conclusões precipitadas.

“– É este o seu sobrenome, Artemis? Eles me perguntaram, mas eu não sabia.. Você nunca me disse.

“Fiz-lhe um sinal para que ficasse quieto.

“– Faça-lhe algumas perguntas, srta. Cataldo. Coisas pequenas, detalhes que ele deve saber responder.

“Artemis ruborizou.

“– Stephen, alguma vez você me beijou?

“A pergunta pareceu deixar Stephen um tanto embaraçado.

“– Uma vez... só uma vez. Foi no táxi, Artemis, lembra-se?

“Não deixei que ela respondesse.

“– Os detalhes, Stephen. E nada de gaguejar – disse asperamente.

“Ele balançou os ombros.

“– Estávamos num táxi a caminho do lago Spittal, um refúgio de pássaros que Artemis queria ver. Artemis caçoou de mim porque eu disse que era muito agradável estar saindo com uma moça que achava mais interessante ir a um santuário ecológico do que a uma danceteria. Ela me disse que na semana seguinte eu já teria me esquecido dela, e que não me lembraria sequer do seu nome. Ao que eu repliquei: ‘O quê? Esquecer Artemis, a virgem caçadora?’ Estendi a mão para alcançar o vidro do lado esquerdo do carro, onde ela estava sentada, e nele escrevi o seu nome. O dia estava muito úmido, e a umidade depositada sobre o vidro formara uma fina película.

“– E o beijo? – perguntei.

“– Bem, eu estava sentado à direita de Artemis – disse Stephen – e passei o braço pela frente dela para alcançar o vidro onde queria escrever o seu nome. Meu braço esquerdo estava apoiado na parte de trás, sobre o encosto do banco do carro. – Mostrou-me o que queria dizer esticando o braço por detrás de uma acompanhante imaginária e depois esticando a mão direita pela frente dela, de modo que, no fim, parecia tê-la abraçado.

“– Eu tinha acabado de escrever o nome quando, não sei por que motivo, o motorista do táxi fez uma manobra brusca. Meu cotovelo quase bateu na cabeça dele, e, para evitar que isto acontecesse, apoiei-me com firmeza nos ombros de Artemis. Foi puro reflexo, mas quando dei por mim eu a tinha nos braços. – E continuava a demonstrar. – Naquela posição irresistível, não pu-

de me controlar e a beijei. Mas sinto dizer que o beijo foi no rosto.

"Olhei para a mulher.

"– E então?

Os olhos dela faiscavam.

"– Foi exatamente assim que aconteceu, Sr. Koenig. Este é Stephen, sem dúvida nenhuma. Tenho certeza absoluta. – E acrescentou num tom solene: – Identifico este homem como o que esteve comigo a bordo do navio e também nas Bermudas.

"Stephen sorriu, e tive a impressão de ver um leve toque de triunfo em seus lábios.

"– Muito bem, se a senhora quiser, pode ir, Srta. Cataldo – eu disse".

– E é esta a história.

Koenig parou de falar e olhou para os Viúvos Negros com as sobrancelhas arqueadas.

– E esta a história? – explodiu Gonzalo. – Pensei ouvir o senhor dizer que havia desmascarado o álibi.

– E desmascarei mesmo. Só que vocês me pediram para descrever o álibi e disseram que vocês mesmos iriam desvendar o mistério.

– E o senhor não omitiu nada?

– Nada de essencial – respondeu Koenig.

Avalon pigarreou e disse:

– Presumo que o senhor tenha encontrado Stephen Dois. Isto quebraria o álibi.

– Sem dúvida – concordou Koenig. – Mas sinto dizer que Stephen Dois jamais foi encontrado.

– Seria possível que esta senhorita não-sei-o-quê tivesse sido paga para representar esse papel? – perguntou Halsted. – Por acaso ela estava mentindo?

– Se estava – disse Koenig –, não encontramos nenhuma evidência para refutar o que ela nos disse. De qualquer modo, o álibi foi quebrado por um motivo que não tinha nada a ver com o que ela disse ou deixou de dizer. Algum dos senhores já esteve nas Bermudas?

Fez-se um silêncio geral. Finalmente, Gonzalo disse:

– Levaram-me para lá quando eu tinha mais ou menos uns quatro anos de idade. Não me lembro de nada.

– O senhor está sugerindo que Stephen errou na descrição de algum dos lugares onde disse que esteve? – perguntou Trumbull – Por acaso não existia esse tal refúgio de pássaros que ele mencionou, ou o Hotel Princess, ou algo assim?

– Não, ele descreveu corretamente todos os lugares. Não conseguimos encontrar erro nenhum, pelo menos no que respeita à geografia e aos pontos turísticos.

De novo fez-se silêncio, desta vez quebrado por Drake:

– Henry, há alguma coisa nessa história que faça algum sentido para você?

Henry, que acabara de voltar da estante onde ficavam as obras de consulta do clube, disse, pensativo:

– Não posso falar com conhecimento de causa, pois também nunca estive pessoalmente nas Bermudas. Mas é possível que aquilo que o Sr. Stephen disse tenha provado que também ele jamais esteve por lá.

Surpreso, Drake perguntou.

– Por quê? O que foi que ele disse de errado?

– O Sr. Koenig concluiu sua narrativa com o episódio do beijo no táxi – começou –, e então comecei a achar que alguma coisa relacionada a esse episódio tinha quebrado o álibi. Muito bem, as Bermudas são uma colônia inglesa, e é natural que tenha adotado hábitos britânicos, inclusive no que se refere ao trânsito. Acabei de verificar a Enciclopédia Columbia na nossa estante de obras de referência, mas não encontrei nada a este respeito. Portanto, é só uma possibilidade. Muito bem, se nas Bermudas o tráfego é orientado sempre para a esquerda, como é na Grã-Bretanha, os carros têm que ter a direção e, portanto, o motorista, do lado direito do assento dianteiro, como na Grã-Bretanha. Nos Estados Unidos, com o tráfego todo orientado pela direita, tanto a direção quanto o motorista ficam do lado esquerdo. Ora, se o Sr. Stephen estava sentado à direita da jovem e estendeu o braço pela frente dela para alcançar o vidro da janela do lado es-

querdo, onde queria escrever o nome dela, dificilmente ele quase bateria com o cotovelo na cabeça do motorista, quando este fez uma manobra brusca. O motorista estaria do outro lado.

– Presumo que Stephen Dois tenha contado ao Sr. Stephen o incidente do beijo, mas não mencionou nada sobre a posição da direção do carro e do motorista, achando que isto fosse do conhecimento do Sr. Stephen. O Sr. Stephen acrescentou o detalhe do motorista para dar maior verossimilhança à narrativa, e foi aí que cometeu seu grande erro, pois é claro que o Sr. Koenig percebeu tudo na mesma hora.

Koenig recostou-se em sua cadeira e sorriu, admirada

– Muito bem, Henry.

– Ora, não é nada – disse Henry. – O mérito é todo seu, Sr. Koenig. Eu sabia que o senhor tinha desmascarado o álibi; sabia que o tinha feito por uma questão de lógica; e sabia que esta lógica devia ser deduzida dos fatos que o senhor nos relatou. Porém o senhor, ao quebrar o álibi, não contava com a vantagem de todas essas informações especiais.

POSFÁCIO

A influência de minha viagem de férias às Bermudas (vide o Posfácio precedente) mostra-se claramente nesta história, publicada pela primeira vez na edição de setembro de 1989 do Ellery Queen’s Mystery Magazine.

A RECEITA

Roger Halsted sussurrou a Geoffrey Avalon:

– Ele é o meu encanador.

Avalon fitou-o por um momento, mais por não estar acreditando do que por querer externar algum tipo de reprovação:

– Seu encanador?

– Era, na verdade. Ele se aposentou e mudou-se para um bairro afastado, nos subúrbios da cidade. É um cara muito legal, e se o seu julgamento se pautar pelo critério usual do sucesso americano, saiba que ele sempre ganhou muito mais dinheiro do que eu.

– Não fico nem um pouco surpreso com isso – disse Avalon. – Tanto mais se ele for um mestre em matéria de encanamentos...

– E era. Quanto a mim, não passo de um simples professor de álgebra de uma escola do primeiro grau. Não há termo de comparação. Mas sabe, Jeff, a gente sempre recebe profissionais que trabalham com a cabeça nos jantares dos Viúvos Negros, e achei que a vinda de alguém que trabalha com as mãos poderia significar ventos novos soprando por aqui.

Avalon não soou de todo convincente ao comentar:

– Longe de mim querer parecer esnobe com aquela velha história de diferença social. Mas, Roger, pode ser que ele nos ache uns chatos.

– Não sabemos. Ademais, essa conversa poderá nos ensinar alguma coisa sobre encanamentos.

Do outro lado da sala, Thomas Trumbull, que bebericava seu uísque com soda, disse:

– Jim, acabei de ler The Third Bullet (A Terceira Bala), de John Dickson Carr.

James Drake olhou de soslaio para Trumbull e disse:

– Esse é velho.

– Tem mais ou menos meio século de idade, de acordo com a data do copyright. Para dizer a verdade, li-o há décadas, e o pouco de que me lembrava não deu para estragar o prazer de ler de novo. É um desses “mistérios a portas fechadas”, você sabe, uma história de mistério em que tudo acontece dentro de um lugar fechado.

– Sei. Essa é a especialidade de Carr. Ninguém escreveu histórias desse tipo mais consistentes ou melhores do que as dele.

– E não obstante... – Trumbull sacudiu a cabeça. – Alguma coisa me deixou incomodado.

À primeira menção da palavra “mistério”, Emmanuel Rubin fora atraído para perto da dupla que conversava:

– Deixe-me adivinhar o que o está incomodando, Tom. Carr é incrível, mas também comete seus erros. Primeiro, suas histórias tendem a ser exageradamente dramáticas, o que deixa o leitor o tempo todo com a desagradável certeza de que está lendo uma obra de ficção. Segundo, quando Carr finalmente chega à solução do mistério, a solução que ele arquitetou toma no mínimo vinte páginas. E, o que é pior, é tão complicada, que o leitor não consegue entender nada antes de ler várias vezes, o que nunca faz. E isso significa que a coisa não convence.

– E isso mesmo – concordou Trumbull. – Não convence. Esses “mistérios a portas fechadas” em geral têm uma estrutura e um desfecho tão condicionados pelo fato de nada poder acontecer fora de um determinado lugar, que simplesmente não dá para aceitar. Quero dizer, será que na vida real houve algum dia um “mistério a portas fechadas”? Devo confessar que duvido.

– Seria melhor consultarmos alguém que fosse um profundo conhecedor dos mistérios da vida real disse Drake. – Manny?

– Não olhe para mim. Limito-me exclusivamente à variedade ficcional. Nunca tentei escrever um “mistério a portas fechadas” como se costuma dizer, porque francamente acho que Carr explorou o gênero até as últimas conseqüências. Não consigo me ver tentando inventar uma nova variante.

Nesse momento, Mario Gonzalo juntou-se ao grupo.

– Isto me faz lembrar um jogo que pode ser bem interessante às vezes. Ele se chama “Qual o/a maior não escrito/a por”.

– Que significa isto? – perguntou Rubin, achando o nome muito estranho. – Suponho que você saiba, não?

– É fácil. E só tem que fazer uma pergunta do tipo “Qual a maior tragédia elisabetana não escrita por Shakespeare?”

– Em geral a resposta é A Duquesa de Amalfi, de Webster, embora eu nunca tenha gostado dessa obra.

– Certo. E qual a melhor valsa não escrita por Johann S-trauss?

– A valsa de A Viúva Alegre, de Franz Lehár, eu diria – respondeu Rubin.

– Que tal a Valsa dos Patinadores? – perguntou Gonzalo.

– Questão de gosto – replicou Rubin.

– Qual a maior opereta não composta por Gilbert e Suilivan?

– Que tal O Morcego, de Strauss? – disse Rubin.

– Ou alguma coisa de Offenbach? – sugeriu Drake.

– E agora – disse Gonzalo , qual o maior “mistério a portas fechadas” não escrito por John Dickson Carr?

Fez-se um enorme silêncio, quebrado por três vozes que começaram a falar ao mesmo tempo, às quais foram se juntando todas as outras. E no meio da crescente algazarra, Henry, o imperturbável garçom, anunciou que o jantar estava servido.

O encanador, convidado de Halsted, era Myron Dynast. O avançar da idade não tinha sido muito condescendente para com ele: perdera quase todo o cabelo, tinha bolsas sob os olhos, o pescoço enrugado e uma barriga bastante saliente. Os olhos, porém, eram muito vivos, a voz não era áspera e seu vocabulário era razoavelmente bom Por isso, Avalon sussurrou a Halsted:

– Quem o ouve não diz que é um encanador.

– O que você quer dizer, Jeff – replicou Halsted – é que ele não soa como o estereótipo do encanador que você tem dentro da cabeça.

Avalon ergueu o corpo ao máximo, arqueou bem as magníficas sobrancelhas e quis fulminar Halsted com um olhar de o-fendido. Mas refletiu melhor e, sereno, disse:

– Talvez você esteja certo, Roger.

Dynast, contudo, não era de falar muito, Fosse porque se sentisse intimidado na companhia de intelectuais, fosse porque es tivesse simplesmente interessado nos assuntos da conversa que animou o jantar, o fato é que passou a maior parte do tempo em silêncio, prestando muita atenção a tudo o que diziam, os olhos ágeis saltando de um a outro dos oradores que se revezavam.

Mais tarde, enquanto tomavam brandy, Halsted bateu com uma colherinha no copo d’água e disse:

– Jeff, faça as honras da casa ao nosso convidado.

– Com prazer – respondeu Avalon. – E numa atitude exageradamente cortês, voltou-se para Dynast e disse: – E de praxe em nossos jantares começarmos a sessão de perguntas solicitando do convidado que justifique a sua existência. Sr. Dynast, como o senhor justifica a sua existência, ou, em outras palavras...

– Pode poupar suas outras palavras, Sr. Avalon – replicou Dynast. – O simples fato de eu ser um encanador é mais do que suficiente para justificar a minha existência. Será que alguém já acordou no meio da noite precisando urgentemente de um ousado físico nuclear? Pense em todas as situações de emergência nas quais o senhor se sentiria muito mais feliz de ser vizinho de um encanador do que de um professor como... como...

– Como qualquer um de nós – disse Avalon e pigarreou. – O senhor está absolutamente certo, Sr. Dynast. Aceito sua resposta. Diga-me, há quanto tempo o senhor é encanador?

De repente, Dynast pareceu muito ansioso.

– E assim que vai ser? Vocês vão ficar me perguntando o tempo inteiro sobre encanamento?

– É possível, Sr. Dynast, é bem possível.

Com sua voz calma, Halsted interveio:

– Eu disse a você, Mike, que a condição do jantar era de que você teria necessariamente de responder a todas as nossas perguntas.

– E vou responder, Rog, mas tenho uma coisa muito mais interessante a dizer. Isto é, se vocês me deixarem.

Pensativo, Avalon parou por um momento. Depois disse:

– Não é nossa intenção impedir que o senhor se expresse, Sr. Dynast. Pode nos dizer o que quiser, mas se o assunto encanamento voltar à baila o senhor não deverá se opor. Isto é...

– Entendi perfeitamente o que o senhor disse, Sr. Avalon, e estou de acordo – disse Dynast. – O que gostaria de dizer é que antes do jantar vocês estavam falando de "mistérios a por tas fechadas". Ouvi-os dizer que não sabiam se esses mistérios podiam acontecer na vida real. E acontece que podem.

As palavras de Dynast como que imobilizaram os que estavam à mesa. Até Henry, que silenciosa e eficazmente limpava os últimos resquícios do jantar, olhou surpreso para Dynast.

Finalmente, num tom baixo que mais parecia um sussurro, Trumbull perguntou:

– O senhor está querendo dizer que ouviu falar de um desses mistérios ou que efetivamente viveu um deles? O senhor está dizendo que esteve pessoalmente envolvido num caso de mistério como esse?

– Eu não. Minha esposa. Ela esteve.

Do outro lado da mesa, Mario Gonzalo inclinou-se para a frente com sua cadeira e, num tom sarcástico, perguntou:

– Espere um pouco, Sr. Dynast, o senhor está querendo nos dizer que alguém foi assassinado dentro de um recinto trancado à chave, que não foi suicídio, que não havia nenhum assassino lá dentro, mas que sua esposa estava lá e vivenciou tudo?

Horrorizado, Dynast fitou Mano:

– Assassinato? E quem está falando de assassinato? Pelo amor de Deus, não houve nenhum assassinato. Nem nada comparado a isto.

– Então, do que o senhor está falando? – perguntou Gonzalo, visivelmente desapontado.

– Havia este recinto fechado – disse Dynast –, e aconteceu alguma coisa que não podia acontecer, é tudo. E a coisa envolvia minha esposa. Não é preciso que se trate de um assassinato para que se tenha um "mistério a portas fechadas", não é mesmo?

Avalon ergueu a mão e, usando o registro mais grave da sua voz de barítono, disse:

– Eu é que estou fazendo as perguntas, cavalheiros. Vamos colocar ordem nisso aqui. Tudo isto pode ser muito interessante e pode até adiar o pouco que iríamos aprender sobre a profissão de um encanador, pelo menos temporariamente. Mas, por favor, vamos agir com a cabeça.

Com as sobrancelhas arqueadas, esperou até que se fizesse silêncio.

– Sr. Dynast, o que aconteceu exatamente naquele recinto fechado que não poderia ter acontecido?

– Roubaram uma coisa.

– Alguma coisa de valor? -

– Para minha esposa tinha muito valor. Posso explicar? É que não dá para falar sobre o assunto sem explicar algumas coisas antes.

Avalon olhou para os outros à mesa.

– Alguém tem alguma objeção quanto a ouvirmos o que o Sr. Dynast tem a nos dizer?

– Eu teria uma objeção contra o fato de *não* o ouvirmos – disse Gonzalo.

– Sim, Mario, bem que achei que você tivesse mesmo. Muito bem, Sr. Dynast, mas procure entender se o interrompermos toda vez que tivermos alguma coisa para perguntar.

– Claro, podem interromper – disse Dynast e, virando-se para Henry que já tomara seu lugar habitual ao lado do aparador:

– Garçom, você poderia me trazer mais um pouco de café?

Henry concordou com a cabeça e Dynast disse:

– Senhores, minha esposa nasceu numa cidadezinha do interior. Casou-se comigo aos trinta e três anos e não tivemos filhos. Passamos cerca de vinte anos na cidade grande, mas ela nunca deixou de ser aquela garotinha de cidade pequena do interior. Ademais, é uma mulher à moda antiga, também, se entendem o que quero dizer.

– Não estou bem certo quanto a isso – disse Avalon. – O que o senhor realmente quer dizer?

– Quero dizer, é o tipo de mulher que colabora para as obras sociais da igreja, que sai para fazer piqueniques e que promove

uma série de atividades na vizinhança. Na cidade grande, muitas dessas coisas não são mais possíveis, o senhor sabe. Por isso, quando me aposentei, mudamo-nos para fora da cidade, compramos uma casinha com um quintal grande e ela imediatamente se sentiu reintegrada no seu meio ambiente. Era como se voltasse a ser aquela garotinha que tinha sido um dia. Sem filhos e sem problemas financeiros, ela podia passar todo o tempo se dedicando a esse tipo de coisa. E eu nunca me incomodei, desde que ela não quisesse me arrastar junto, bem entendido...

– Presumo, então, que o senhor não foi um garoto de cidade pequena.– disse Rubin.

– Definitivamente não – respondeu Dynast. – Sou filho da selva de concreto armado.

– E não acha a vida no subúrbio pacata demais?

– É claro que acho. Só que, em primeiro lugar, não estou tão afastado assim da cidade grande, a ponto de não poder dar um pulinho aqui de vez em quando só para encher os pulmões de ar poluído. Ginny, é este o nome da minha esposa, não se incomoda que eu venha. Em segundo lugar, também não estou inteiramente aposentado. Quando alguém precisa, pego uns serviços de encanador, e isto preenche o meu tempo livre. O senhor sabe, cada serviço de encanamento é diferente do outro, cada um é um novo desafio, especialmente se a gente quer fazer um serviço direito. E o encanamento nos subúrbios é bem diferente deste da cidade, o que deixa a coisa ainda mais interessante. Além disso...

Fez uma pausa e ruborizou um pouco:

– Além disso, Ginny tem sido uma boa esposa. Quando as coisas não iam muito bem aqui na cidade grande, ela procurava dar o melhor de si e não reclamava muito. Agora é a vez dela e ela está feliz, ou estava feliz, e não seria eu que estragaria a sua felicidade. Ela vive ocupada. Não tendo filhos, faz de conta que tem, pois está sempre disposta a ser baby-sitter dos filhos dos outros. Boa parte do tempo nossa casa fica cheia de crianças correndo de um lado para o outro e fazendo barulho. Minha esposa adora isso.

– O senhor gosta disso? – perguntou Trumbull, fazendo uma cara feia.

– Não, não gosto, mas este é o trabalho *dela*. Ela não me pede para ajudar. Não entendo nada de crianças.

– E ela entende? Se não teve filhos... – disse Avalon.

– Deus do céu! Ela só não teve filhos que fossem... digamos, que não fossem biologicamente seus. Era a filha mais velha de seis irmãos e passou praticamente toda a sua vida, até nos casarmos, sendo uma espécie de mãe-assistente. Quanto a mim, tive apenas um irmão mais velho e nunca nos demos muito bem. Essa história de filhos é um mistério para mim, mas não sinto falta deles. Uma vez falamos sobre adoção, mas eu não era muito a favor e ela não quis me forçar a nada.

– Estamos chegando ao recinto fechado? – perguntou Gonzalo com um tom de impaciência na voz.

– Há só mais um ponto que gostaria de explicar. A popularidade da minha esposa nesses eventos sociais da igreja se deve ao fato de ela ser uma excelente cozinheira. Não posso explicar bem por quê. Comer é comigo mesmo, sou bom garfo, mas não saberia dizer o que torna uma comida especial. Só sei que a dela é especial, tanto que passei minha vida toda de casado tentando não engordar. – Ao dizer isto, olhou desolado para a enorme barriga. – Sabem de uma coisa? Se ela não fosse uma boa esposa, eu ficaria com ela só por causa da sua comida. Mas acontece que ela é uma boa esposa. Não digo que sua comida seja refinada. Ela não sabe fazer essas coisas sofisticadas que a gente come em restaurantes finos. Faz o trivial, mas um trivial que derrete na boca. Só para dar um exemplo, sua especialidade é torta de cerejas selvagens. O exemplo não parece muito bom, por que a gente pode comprar dessas tortas em qualquer lugar. Só que depois de provar a torta que a Ginny faz, ninguém quer mais saber de comprar pronta. Comparadas com as dela, essas tortas compradas são um lixo. Há uma série de coisas que ela faz melhor do que ninguém. Não sei como. Acho que são os temperos, ou o modo como combina as ervas aromáticas, ou o tempo em que a comida fica no fogo, sei lá... Ela simplesmente é um gênio na

cozinha, assim como sou um ótimo encanador, modéstia à parte. Quando ela leva uma de suas criações a um desses eventos sociais, ou mesmo a um piquenique, todo mundo fica em volta dela com a língua de fora esperando para provar. E ela adora isso. É o seu passaporte para a fama e o sucesso. Mas a coisa de que ela mais se orgulha, a coisa de que mais gosta, é a torta de cerejas selvagens. Ninguém consegue arrancar uma receita dela. Tem todas as receitas na cabeça, e é lá que as guarda bem escondidas. São o seu grande segredo, suas jóias. Ela nunca deixa ninguém entrar na cozinha enquanto está cozinhando, só eu, e isto porque sabe que eu não entendo bulhufas de nada.

– Lembro-me de que minha mãe era um pouco como a sua esposa – disse Drake. – Nenhum cozinheiro gosta de entregar de mão beijada a um concorrente as coisas que ele demorou a descobrir.

– É isso mesmo – disse Dynast. – Mas, sabem, as pessoas viviam falando para ela escrever um livro com todas as suas receitas. Uma das senhoras da igreja chegou a trazer um amigo que trabalhava numa editora e disse a Ginny que os livros de receita vendem bastante e que um bom livro de receitas triviais poderia ser uma mina de ouro. Disse também que um belo dia Ginny iria morrer e que não era justo que seus segredos culinários fossem junto com ela. E ela tanto elogiou e encorajou Ginny, que pela primeira vez percebi que minha esposa começava a pensar seriamente na possibilidade de escrever o livro. Para ser franco, eu também era a favor. Gostaria de vê-la famosa por seus pratos. Isto me deixaria orgulhoso. Assim, incentivei-a a escrever e ela começou a considerar cada vez mais seriamente a hipótese.

"Não que isto fosse ser fácil. Sabem, quando ela falava sobre o assunto, dizia: 'Eu simplesmente cozinho. Faço as coisas sem pensar. Acrescento e misturo os ingredientes, as medidas estão todas nas pontas dos dedos e não na cabeça. Se eu sentar para escrever uma receita, terei de pensar em cada coisa antes de colocar no papel'.

“Mas faça isto assim mesmo’ eu dizia. ‘Mesmo se for difícil, faça. Escrever qualquer livro é difícil. Por que seria diferente com um livro de receitas?”

“Assim, ela começou a trabalhar no livro. Escrevia um pouco todo dia. Guardava todas as receitas que escrevia numa caixa à prova de fogo, que trancava com uma chave. Ela sempre me dizia ‘Eu simplesmente não consigo escrever a receita da torta de cerejas selvagens. Ela é o meu grande segredo’. E eu dizia ‘Ora, Ginny, deixe para lá essa história de segredo’. Só que eu sabia o quanto aquilo significava para ela. Aquela torta de cerejas selvagens era a única coisa que despertava sentimentos hostis com relação a Ginny. A torta era tão gostosa, e todos os maridos das vizinhas gostavam tanto dela, que suas esposas ficavam de nariz torcido. Os outros pratos elas conseguiam fazer quase tão bem, mas a torta de cerejas selvagens da Ginny era insuperável. Todo mundo vivia dizendo que ela deveria afixar a receita no mural de avisos da igreja e que era uma falta de caridade cristã querer ficar com o segredo só para ela. Mas Ginny nem ligava para esses comentários. De qualquer forma, agora vocês já têm todas as explicações. Um dia, havia um encontro qualquer lá na igreja e, por um milagre, Ginny achou que não precisava ir. Disse que gostaria de ficar em casa escrevendo seu livro de receitas e que, para compensar sua ausência, tomaria conta de algumas crianças daqueles que fossem ao encontro. Ela acabou ficando com cinco crianças dentro de casa por três horas. Nessas três horas, a casa esteve fechada, inclusive as janelas, porque o ar-condicionado estava ligado. Não havia ninguém mais em casa, a não ser Ginny e as cinco crianças. E é isto”

– Onde o senhor estava, Sr. Dynast? – perguntou Avalon.

– Na cidade. Para dizer a verdade, sempre procuro estar em algum outro lugar quando as crianças começam a fazer muita algazarra. Ginny não se incomoda. Acho que ela fica feliz por eu não ficar atrapalhando.

– É esse o recinto fechado a que o senhor se referia, Sr. Dynast? – perguntou Gonzalo. – Sua casa toda fechada, só com sua esposa e cinco crianças?

– Exatamente.

– Acho que, com cinco crianças dentro de casa, a Sra. Dynast pôde trabalhar muito pouco, não? – disse Avalon.

– Até que não foi tão ruim assim – explicou Dynast. – Quatro das crianças eram veteranas, por assim dizer. Isto é, minha esposa já tinha tomado conta delas muitas vezes. Elas conheciam Ginny e Ginny as conhecia. Todas estavam na faixa dos três ou quatro anos, e para elas havia biscoitos, leite, brinquedos e jogos. Uma das crianças estava em casa pela primeira vez, mas era a melhor. Era filho da prima de uma das vizinhas, que sempre deixava os filhos com Ginny. A prima e o marido tinham ido ao encontro com a mãe de uma das crianças pequenas, e Ginny não reclamou de ficar com aquela outra criança. Seu nome era Harold e ele devia ter uns cinco anos. Era um menino muito bem-comportado e de boa índole, segundo Ginny mesma falou. De fato, ele ajudou a tomar conta das outras crianças. E era muito bonzinho com elas. Assim, Ginny continuou a escrever suas receitas, e pela primeira vez ela realmente escreveu a receita da torta de cerejas selvagens. Disse que não queria fazer aquilo de Jeito nenhum, e que por isso mesmo escreveu a lápis, bem fraquinho, como se aquilo não valesse. Mesmo assim, arrependeu-se e, antes de as crianças irem embora, rasgou o papel em mil pedacinhos. E é isto que é impossível explicar. Ela havia escrito a receita logo depois de as crianças chegarem e rasgou-a pouco antes de elas irem embora. A receita existiu por umas duas horas e meia, talvez, dentro daquela casa fechada, com ninguém mais lá dentro a não ser minha esposa e as cinco crianças. E durante esse período de duas horas e meia a receita foi roubada. Vocês não chamariam isto de um "mistério a por tas fechadas"?

– A receita foi roubada? – perguntou Trumbull. – Pensei ter ouvido o senhor dizer que sua esposa a havia rasgado.

– Não disse que roubaram a folha de papel. Roubaram, sim, a receita que estava escrita nela. No dia seguinte a receita estava afixada no mural de avisos da igreja, palavra por palavra, exatamente como Ginny tinha redigido. Pobre Ginny! Ficou desolada. Desde

então, nunca mais foi a mesma. Não quer mais escrever o livro e não quer mais nem saber da igreja, nem de ninguém de lá.

– Ela ficou zangada com a igreja inteira? – perguntou Gonzalo. – Afinal, quem foi o autor do roubo?

– Ela não sabe, e eu também não sei. Não sabemos quem roubou a receita e não sabemos como ela foi roubada. Se soubéssemos, ela talvez superasse toda essa raiva, pois teria alguém em particular com quem se aborrecer. Veria que a coisa teria acontecido por descuido seu mesmo. Mas assim como tudo aconteceu... – Balançou a cabeça. – Por isso é que eu fiquei tão interessado quando ouvi alguém perguntar se na vida real havia desses casos de "mistério a portas fechadas". Como vocês chamariam um caso como este que acabei de contar?

Fez-se silêncio.

– O senhor esteve fora o tempo todo? Não presenciou nada disso? – perguntou Rubin.

– Quase o tempo todo, Sr. Rubin. Cheguei em casa bem na hora em que tudo estava terminando. As pessoas estavam na porta pegando as crianças e agradecendo a Ginny. Estavam lá a prima da vizinha com o marido, os pais do pequeno Harold. Os dois eram bem baixinhos, deviam ter pouco mais de um metro e meio cada um, mas eram simpáticos e gentis. Conheci o filho deles muito rapidamente. Ele me foi apresentado e trocou comigo um aperto de mãos. Parecia gente grande. O clima reinante ali não podia ser mais agradável, mas àquela altura Ginny já havia rasgado a folha de papel com a receita e, de alguma forma, ela já tinha sido roubada.

Halsted reclinou-se em sua cadeira, com as mãos entrecruzadas sobre a barriga.

– Como você pode ter certeza, Mike, de que a casa era de fato o equivalente a um recinto trancado à chave, que não havia nenhuma janela aberta ou nenhum jeito de alguém entrar na casa?

Dynast sacudiu a cabeça.

– Isso realmente não faz muita diferença, não é mesmo? Todas as portas e janelas estavam fechadas, porque Ginny é muito cuidadosa. E enquanto as crianças estão dentro de casa sob seus

cuidados, ela não quer que nenhuma caia de uma janela ou saia para a rua. Mas vamos deixar isso de lado. O fato é que ela e a receita estavam num recinto específico da casa e que ninguém entrou ali durante todo o tempo em que a receita existiu. Simplesmente não é possível que alguém tenha conseguido entrar sem que ela não percebesse.

– Mesmo que estivesse totalmente absorvida pela tarefa de redigir as receitas? – perguntou Rubin.

– Ela não conseguiria ficar absorvida a esse ponto. As crianças vinham em primeiro lugar. Ela estaria em estado de alerta o tempo todo.

– E ela não deixou o quarto por nenhum momento? – perguntou Gonzalo. – Não foi ao banheiro?

– Escute – disse Dynast. – Estivemos conversando sobre o assunto e eu lhe fiz exatamente esta pergunta. Não, ela não foi ao banheiro, mas saiu do quarto, sim. De fato, saiu de casa.

– Ah... por quê? – perguntou Gonzalo.

– Ela se lembrou de que tinha prometido entregar alguma coisa aos vizinhos que moram do outro lado da rua e ficou com medo de esquecer outra vez se não entregasse naquele exato momento.Era coisa de uns quinze metros e não demoraria mais do que um minuto. Então ela atravessou a rua e tocou a campainha. O dono da casa apareceu, pois sua esposa tinha ido ao encontro na igreja, e Ginny pôs o que tinha de entregar nas mãos dele, deu uma explicação qualquer, trocou duas palavras e correu de volta para casa. E tudo não durou mais do que dois minutos, no máximo.

– O senhor não estava lá, Sr. Dynast – comentou Gonzalo. – Uma mulher pode achar que levou apenas dois minutos para fazer alguma coisa, e na verdade levou mais de vinte.

– Nunca – retrucou Dynast, um tanto indignado. – Ela estava com a casa cheia de crianças sob sua responsabilidade. Não demoraria mais do que dois minutos. Aliás, não tinha razão nenhuma para demorar mais do que isso.

– Ela trancou a porta quando saiu? – perguntou Gonzalo.

– Não, ela não gostava de trancar a porta quando saía de casa, pois tinha medo de que alguma coisa pudesse lhe acontecer e, se houvesse algum acidente com as crianças dentro de casa, a porta trancada só dificultaria a entrada das pessoas. Bem, mas isto não vem ao casa Ela não tirou os olhos da porta da frente o tempo todo em que esteve fora. E ninguém se aproximou da casa. Ninguém chegou nem perto. Quando ela voltou, e trancou a porta novamente, perguntou ao pequeno Harold se alguma coisa tinha acontecido na sua ausência e ele respondeu que não. Tudo parecia perfeitamente em ordem e as crianças contentes.

– Não importa – disse Gonzalo. – Deixou de ser um "mistério a portas fechadas" desde o momento em que foi aberto.

– Não vamos levar a coisa assim a ferro e fogo, Mario – disse Avalon. – Se a história está bem contada, então podemos continuar a considerar a casa como um recinto trancado à chave. Devo admitir, porém, que a história nos chega por via indireta. Eu teria preferido entrevistar diretamente a Sra. Dynast.

– Bem, não podemos – disse Rubin.

– Esperem um pouco – disse Trumbull. – Se estivéssemos falando do roubo de alguma coisa material, então a casa poderia ser considerada um recinto fechado à chave. Contudo, nada de material foi roubado. A folha de papel na qual a receita estava escrita foi destruída pela própria Sra. Dynast. Tudo o que foi roubado foi a informação que estava no papel, e isto modifica as coisas. Sr. Dynast, creio que na sua narrativa estava implícito o fato de que os amigos da Sra. Dynast, seus colegas de igreja, sabiam que ela estava escrevendo suas receitas.

– Oh, sim, não se falava de outra coisa.

– E será que eles sabiam que ela estava trabalhando no livro de receitas exatamente naquela hora em que os outros estavam na igreja?

– Sim, creio ter mencionado que ela disse exatamente isso para se desculpar por não ir ao encontro.

– E ao preparar as receitas ela daria um título a cada uma para identificá-las, certo?

– Certo. De fato, a receita da torta de cerejas selvagens seria chamada de “Torta da Vovó”, pois era sempre assim que Ginny se referia a ela. Parece que tinha aprendido a receita com sua avó e nesse meio tempo conseguira aperfeiçoá-la ainda mais.

– E presumo que havia janelas no quarto em que ela trabalhava.

– Sim, é claro.

– Neste caso – continuou Trumbull – certamente não se tratava de um recinto absolutamente isolado. Pode ser que as pessoas não tenham conseguido entrar fisicamente para roubar a folha com a receita, mas na certa poderiam ter espiado pela janela e lido o que estava escrito na folha, não?

– Não, não creio, Sr. Trumbul – disse Dynast. – A fachada de nossa casa fica no nível da rua, mas o terreno tem um declive no sentido da rua para os fundos. Isto permitiu a construção de um porão habitado e de uma garagem com portas para o nível do quintal dos fundos e uma entrada de carro que vai da frente da casa até os fundos. Mas os cômodos dos fundos, onde Ginny estava trabalhando na companhia das crianças, fica um andar acima do nível do terreno. Ninguém com menos de três metros de altura conseguiria olhar direito pela janela. Ou então teria de usar uma escada. E acho que em qualquer um dos casos, Ginny teria percebido.

Trumbull não desistia da idéia.

– Ele poderia estar em cima de uma árvore, se o cômodo dava para o quintal dos fundos.

– Pode ser que ele, ou ela, estivesse em cima de uma árvore, mas não há nenhuma árvore a menos de seis metros daquelas janelas – disse Dynast. – Além disso, como eu disse, Ginny não queria escrever a receita e só a escreveu a lápis, bem de levinho. Não creio que alguém pudesse ler o que estava escrito naquele papel, ainda que tivesse o nariz achatado contra o vidro da janela. E mais: para ter mais segurança ainda, Ginny colocara a receita debaixo de um livro depois de escrevê-la. E a receita ainda estava debaixo do livro quando ela se arrependeu de escrevê-la e pegou o papel para rasgar.

– Aquela foi a primeira vez em que a receita foi escrita? – perguntou Drake.

–A primeira e a única.

– E a receita apareceu exatamente como a Sra. Dynast tinha escrito? Não poderia simplesmente ser uma receita parecida, que uma outra pessoa tivesse inventado sozinha? Afinal, devo dizer que até as descobertas científicas mais importantes algumas vezes são feitas por dois cientistas em lugares diferentes, mais ou menos ao mesmo tempo. Essas coisas acontecem.

– Mas eram as mesmas palavras – insistiu Dynast. – Ginny jura que eram as mesmas, e eu acredito nela. Num determinado ponto ela dizia "Bata a massa com força até sentir que a mão vai se descolar do braço. Depois conte rapidamente até dez e..:' Tudo isso estava escrito exatamente desse jeito na receita afixada no mural. E é assim que Ginny fala de cozinha quando está conversando comigo. Ninguém mais seria capaz de falar dessa maneira.

Fez-se silêncio à mesa.

– Sinto dizer-lhe, Sr. Dynast, que não sei como isto pôde ter acontecido – disse Avalon. – O senhor não estaria brincando, estaria?

Dynast negou com a cabeça.

– Quem me dera estivesse, Sr. Avalon. Mas o caso é que isto não é brincadeira nenhuma para Ginny, e se não descobrirmos como tudo aconteceu, não me admiraria que, no fim, tivéssemos de vender nossa casa e mudar para bem longe. Ginny não suporta a idéia de morar perto das pessoas que fizeram isso com ela.

– O senhor acha que sua esposa disse toda a verdade? – perguntou Drake.

– Eu apostaria minha vida – disse Dynast.

– Então, numa casa fechada onde estão uma mulher e cinco crianças, temos de concluir que a mulher roubou sua própria receita. O senhor acha possível que a Sra. Dynast tenha inventado toda essa história só para conseguir se mudar do lugar?

– Se ela quisesse se mudar de lá – disse Dynast –, só precisaria dizer que queria. Não precisaria arranjar toda essa grande

farsa. E se o senhor conhecesse Ginny, saberia que ela jamais montaria uma farsa envolvendo sua torta de cerejas selvagens. O senhor não pode imaginar o que essa torta significa para ela.

– Bem, é o "mistério a portas fechadas" mais intrincado que eu já ouvi – disse Rubin. – Não há solução.

Nesse momento, num tom quase escusatório, Henry disse:

– Cavalheiros?

Rubin ergueu o olhar.

– Ora, Henry, você está tentando nos dizer que existe uma solução?

– Não posso garantir, mas gostaria de fazer uma pergunta ao Sr. Dynast.

– O senhor estaria de acordo, Sr. Dynast? – perguntou Avalon. – Saiba que Henry é um valoroso membro de nossa organização.

– Acho que sim – respondeu Dynast. – Claro!

– Nesse caso, a criança mais velha... Harold.

– Sim?

– Quantos anos o senhor disse que Harold tinha?

– Cinco, no máximo.

– Como o senhor pode saber, Sr. Dynast?

– Ginny me disse.

– E como ela sabia, Sr. Dynast?

– Presumo que tenha perguntado a ele.

– Ela disse que perguntou a ele?

– N-não. Mas eu o vi quando cheguei. Eu lhes disse isso, não? Era um garotinho de cinco anos, no máximo.

– Mas, Sr. Dynast, o senhor também disse que viu os pais de Harold e que cada um não devia ter mais do que um metro e meio de altura. E o senhor não diria que eram adolescentes só porque tinham pouco mais de um metro e meio, diria?

– Não. Eram de estatura baixa.

– Exatamente. E pais de baixa estatura podem perfeitamente ter filhos de baixa estatura. E possível que Harold pareça ter cinco anos, a julgar pela sua altura e constituição física, mas que na verdade já tenha uns oito. E, por tudo o que sabemos dele, é

perfeitamente possível que ele tenha uma inteligência fora do comum para a sua idade.

– Meu Deus, você realmente acha que seja isto, Henry? – perguntou Avalon.

– Considere as conseqüências do que vou dizer, Sr. Avalon, se é que isto realmente aconteceu. Uma das vizinhas daria tudo para conseguir aquela receita. Ela tem uma prima baixinha, casada com um homem também baixinho, e o casal possui um filho de estatura abaixo da normal e que, por acaso, é um garoto prodígio. É um menino de oito anos, muito inteligente, que pode tranqüilamente se fazer passar por um garoto de cinco absolutamente normal. Este garoto inteligente é colocado dentro da sua casa, Sr. Dynast, e é instruído a procurar por alguma coisa específica. A sra. Dynast não acharia estranho se esse garotinho ficasse olhando para ela, ou então demonstrasse curiosidade pelo que ela estivesse escrevendo. Afinal de contas, para todos os efeitos, é um garoto em idade pré-escolar, que não sabe ler. Ele vê a Sra. Dynast escrever a receita da "Torta da Vovó" e colocá-la debaixo de um livro. Então quando ela sai para entregar ao vizinho o que queria, mesmo que seja apenas por dois minutos, o garoto tira a receita de sob o livro, lê o que está escrito, decora tudo e coloca o papel no mesmo lugar. Certamente não era uma coisa muito grande para se memorizar, e a mente das crianças superdotadas funciona como um mata-borrão para essas coisas. Sei disso porque me lembro da minha infância.

– Isto explica tudo! – disse Gonzalo, triunfante. – Não há outra explicação possível.

– E só uma possibilidade – disse Henry. – Se o senhor conseguir descobrir o nome da prima de sua vizinha e de seu marido, será relativamente simples descobrir a idade do garoto, que escola ele freqüenta, em que ano está e como é o seu desempenho na classe. Se a mulher se recusar a dar qualquer informação sobre sua prima e o filho dela, isto só já seria um forte indicativo de que nossa teoria está correta.

– Quem teria pensado nisso? – comentou Dynast, um tanto transtornado.

– Sempre há uma explicação racional para tudo, senhor – murmurou Henry. – E, como de costume, os Viúvos Negros eliminaram cuidadosamente todas as explicações possíveis, restando a mim apenas a tarefa de apontar a hipótese restante.

POSFÁCIO

Eu estava lendo The Third Buflet, de John Dickson Carr, exatamente como Trumbull fez na história, e ocorreu-me que nunca havia escrito uma história dos Viúvos Negros que envolvesse um “mistério a portas fechadas’

É claro que na mesma hora fui possuído por um desejo incontrolável de escrever, mas não me pareceu possível inventar um enredo novo para esse tipo de mistério. John Dickson Carr simplesmente explorou todas as possibilidades, e outros autores se incumbiram de completar algumas poucas lacunas.

Mas como detesto desistir de alguma coisa, fiquei pensando se por acaso não conseguiria inventar um novo desfecho para um “mistério a portas fechadas”. E para minha própria surpresa, achei que sim,

Muito animado, escrevi “A receita” numa sentada. Acho que nunca curti tanto escrever uma história.

E agora que esta coletânea está pronta, quero dizer-lhes que ainda estou razoavelmente bem de saúde e que não tenho intenção de parar. Os Viúvos Negros, posso lhes garantir, continuarão a existir enquanto eu viver.